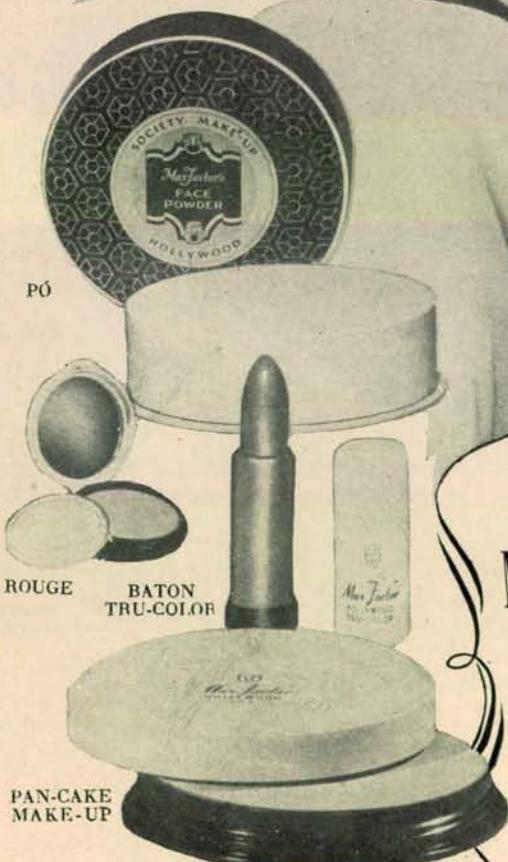


Flterosa





EVELYN KEYES
Columbia



Aproveite da experiência das
estréias da tela, use também o

Make-up em Harmonia de Cores

criado por

Max Factor HOLLYWOOD

o make-up favorito das estréias de Hollywood

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

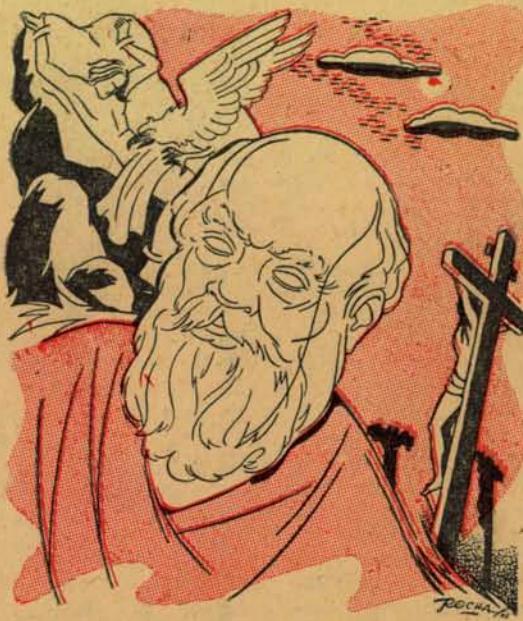
Representantes exclusivos para o Brasil — CHARLTON AMES & CIA. LTDA. — Caixa Postal 2775 — RIO

CAPÁ

A capa desta edição apresenta uma fotografia de Janis Carter, linda estrela da Colúmbia, em tricromia executada pelo gravador Gervásio Pinto Araujo.

CONTOS

O Filho	José Lara	2
O Inventor do Moto-Continuo	Almeida Fischer	6
Maria Sem Tempo	Domicio da Gama	10
Delírio	Leonor Teles	14
O Amor Significa Muito Mais	Maria Howard	18
Amor Fulminante	Albert Jean	24
A Voz do Mar	Blanca Petersen	26
A Semana Zero-Horas	Robert Sarlat	34



ROCHA

LITERATURA

Canção do Deserto	Alberto Renart	17
O Consul Eça de Queiroz	Alberto Olavo	37
Vitrine Literária	Cristiano Linhares	38
Trocando de Gente Sória	Oscar Mendes	52

Aos Que Sonham

Não se pode sonhar impunemente
um grande sonho pelo mundo a fora,
porque o veneno humano não demora
em corrompê-lo na íntima semente.

Olhando no alto a árvore excelente,
que os frutos de ouro esplêndidos enflora,
o Sonhador não vê e até ignora
a cilada rasteira da serpente.

Queres sonhar? defende-te em segredo
e lembra, a cada instante e a cada dia,
o que sempre acontece e aconteceu:

Prometeu e o abutre no rochedo,
o Calvário do Filho de Maria
e a cicuta que Sócrates bebeu!

Raul de Leoni



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editora Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr \$40,00 para 1 ano e Cr \$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

O Filho

Conto de José Lara

Ilustrações de Rodolfo



José Lara, jovem escritor mineiro, apresenta-nos este admirável conto em que o estilo simples e agradável se ilumina à emoção de uma história comovente.

Embora desconhecido ainda em nossos meios literários, o autor revela-se, com este trabalho, um narrador de fortes qualidades.

Premiando este conto expressivo, que revela um contista de futuro, prestamos merecida homenagem ao seu autor.

DARA OS ALUNOS do velho professor Malaquias, o pomar de dona Quitéria constituía uma tentação irresistível demais. Ficava bem próximo à escola, à margem do caminho. De maneira que tínhamos pela frente, enquanto estávamos, a visão constante, polícromica, de uma variedade infinita de frutas.

Contra a sedução, porém, antepunha-se o muro, muito alto e liso, a extremidade eriçada de cacos de vidro, espetados no reboco. Uma ameaça muda às nossas mãos. Muda, mas capaz de arrefecer os nossos impetos rocambolescos.

— Escuta, pessoal — disse um dia Zé Vicente, filho de um padeiro. — O pai tem uma escada baita. Se a gente arranja uma desculpa para tirar a bicha de casa, tá tudo feito.

— Isto não é nada difícil — acudiu Antenor, negrinho vivo como o diabo. — A gente joga um bocado de lama no muro e diz que foi o Zé. O pai déle, então, traz a escada, p'ra dar outra caiação'. A gente fica na tocaia, e, quando ele fôr almoçar, é só subir e saltar o muro.

— E... mas, antes de fazer a limpeza, o velho me pega de chicote, “seu” moleque! — retrucou Zé Vicente, não achando graça no alvitre do negrinho.

— Bem... então tá sem jeito mesmo. A gente tem é que ficar espiando as “fruitas” e fazendo cruz na bôca...

Mas chegou novembro. Na chácara de dona Quitéria, as jaboticabeiras negrejavam. Zé Vicente era louco por jaboticabas. Para consegui-las, não havia obstáculo que o detivesse. Resolveu, portanto, jogar com a sorte e tentar a solução sugerida pelo Antenor. E foi feliz,

porque seu Onofre apenas lhe puxou as orelhas, embora o muro ficasse bem enlameado. Levou, pois, a escada, e deu inicio à limpeza. Antes que dona Quitéria tivesse conhecimento da maroteira. Se a velha visse aquilo, poria a bôca no mundo: que estavam furtando o ganha-pão de uma pobre viúva desamparada. Moleques mal educados. Cachorros sem dono. E lá vai praga. O pai do Zé Vicente tinha um mês danoado de pragas. “Praga de padre e de viúva — repetia sempre — faz parar até a chuva”.

A hora do almôço, rumou para casa, deixando a escada encostada ao muro. Saimos então do esconderijo, olhando para todos os lados. Eu estava assustado, apreensivo. Tremendo, como se fosse praticar um crime monstruoso. Parecia-me que havia olhos por todos os lados, espiando-nos. E, assim que galgássemos o muro, gritariam de todos os cantos: “Ladrões! Ladrões! Pega!

Como me parecia difícil! Era a primeira vez que entrava num quintal alheio. E havia gente que roubava com tanto sangue-frio!... E até matava para roubar... E, depois de tudo acabado, saia como se nada houvesse acontecido. Com a maior tranquilidade. Lembrei-me do João Grande, que assassinou seu Ambrósio, compadre de meu pai, por causa de cem mil réis. Enterrou a “piaba”, friamente, nas costas do velho. Pegou onze anos de cadeia.

— Andai! — gritou Zé Vicente, chainando-me, imperioso.

Obedeci sem vontade. Subi ao muro, pisando, indeciso, os degraus da escada de “seu” Onofre. Cai no chão fôfo do pomar. Tudo como previra o negrinho. Diabo de moleque!

— Será que aqui não tem cachorro? — perguntou Antenor, os olhos medrosos passeando em derredor.

Só então nos ocorreu que poderia haver um cão-de-guarda. Sim, devia haver um daqueles dogues terríveis. Um tesouro como aquele devia ser muito bem guardado. Dona Quitéria já era bem velha, vivendo apenas com uma preta, mais velha ainda. Não havia homem na casa. Teria, portanto, um cão, para lhe guardar aquela imensidão de frutas. Podia ter até mais de um. E' mesmo: talvez dois. Um não bastaria. O pomar perdia de vista. Quem sabe se não estariam os dois agora rondando o quintal, e não tardassem em passar por onde estávamos? E aquele muro tão alto! Do lado de dentro, parecia ainda mais alto, por causa da terra macia, que parecia afundar. Como haveríamos de voltar? Nem havíamos pensado nisso. A gente nunca pensa na volta. Zé Vicente nem se preocupava. Lá estava ele, bem na grimpá de uma jaboticabeira, engolido, engolido. Sem tomar fôlego. Depois, desceria, os bolsos cheios. E o chapéu também. Chapéu curioso aquêle. Sem fita nem carneira, parecia uma cuia. Quando conheci Zé Vicente (havia dois anos) seu chapéu já era aquilo mesmo. Nem tinha mais côr. Também, servia para tudo. Era pau para tôda obra, como se diz. Quando Zé tinha sêde, mergulhava o chapéu no córrego, como se fosse caçamba. Uma vez, brigou por causa dele. Estava deitado na grama no adro, o chapéu ao lado, redondinho. Um moleque passou e teve vontade de chutá-lo. Chutou. Zé Vicente deitou-lhe o braço. Depois, apanhou a cuia, bateu-a no joelho, para limpar, e enterrou-a na cabeça, cobrindo as orelhas enormes e moles como asa de morcego. Agora mesmo, estaria cheio de jaboticabas, algumas manchas a mais.

Procurei Antenor. O negrinho se confundira com as jaboticabeiras. Só pelos dentes muito brancos, era possível distinguí-lo. Resolvi também trepar numa jaboticabeira. Mas



descobri uns pêssegos tão bonitos, que optei por êstes. Apaixonei um. Nunca vira coisa igual. Rosado e liso como assento de menino novo. Dei uma dentada. Nem mel. Não trocaria um por tôdas as jaboticabeiras do mundo. Zé e Antenor não sabiam o que estavam perdendo. Que ficassem com as jaboticabas. Melhor para mim. Eu ficaria com os pêssegos todos só para mim. Levaria dois para minha mãe. Ela gostava tanto. Mas... haveria de perguntar-me onde os fôrria buscar. Diabo! Que haveria de responder? Que dona Quitéria me dera? Não acreditaria. Ninguém acreditaria. Dona Quitéria tinha fama de sovina. Chegavam a chamar-lhe mãe de São Pedro. "Aquilo é sovina como a mãe de São Pedro" — diziam, com desprezo. Com desprezo ou inveja, não sei. Dona Quitéria era incapaz de dar uma laranja daquelas "rabo-de-gato", quanto mais um pêssego daqueles.

De repente, ouvi um baque no chão. Antenor saltara da jaboticabeira, os bolsos cheios.

— Gente, não deve tá longe de "seu" Onofre voltar do almoço. "Vamo" dar o fora?

— De veras — apoiou Zé Vicente, do alto. O velho não deve tardar. Se volta antes da gente sair, vai ser o diaeho...

Desceu, com pesar, os bolsos estufados. E o chapéu também.

— Eu queria saber é como vamos pular o muro, sem escada — eu disse.

**O FORNO
NÃO FAZ
MILAGRES...**

diz a
BENEDITA



COMPOSTO

A Patrôa

PRODUTO DA Swift do Brasil

**...só massas finas e
delicadas assam por
igual!**

Para tornar os seus quitutes mais crescidos, macios e saborosos, use o Composto "A Patrôa". De textura delicadíssima, já vem batido 2 vezes, assim a Sra. não precisa fazer força para misturar os ingredientes, obtendo massas que assam rapidamente e por igual. Além de seu emprego em bolos, roscas, biscoitos, bolachas, sonhos, pasteis, etc., é muito usado para frituras leves e digeríveis. Mas não aceite similares. Exija o Composto "A Patrôa" — garantido pelo tradicional bom nome Swift!

TORTA DE BANANAS

1 chicara de gordura - 1/2 chicara de água fervendo, salgada - 3 chicaras de farinha de trigo - 1 colherinha de fermento - Derrete-se a gordura na água - Põe-se numa tigela e junta-se a farinha de trigo peneirada com o fermento (de um só vez), mistura-se com uma colher até ficar bem ligada e estende-se no marmore. Em seguida coloca-se na forma e leva-se ao forno. Cortam-se, então, algumas bananas em fatias de 1/2 centímetro. Fritam-se com um pouco de canela, arrumando-as em seguida sobre a massa já assada e polvilhando-as com açúcar e canela.

Que bom!

que bom!

que bom!

que é...

— Verdade — segundo Zé Vicente. Como há de ser?

Olhamos, aflitos, para Antenor, como a pedir auxílio à sua sagacidade. O negrinho estava silencioso, os olhos espertos procurando alguma coisa, sem saber bem o que fosse. Eu já me sentia nervoso. Se Antenor não descobrisse uma saída para aquela situação aflitiva, não sei o que poderia suceder. Dentro em pouco, "seu" Onofre estaria de volta. Treparia na escada, para continuar a caiação. Olharia para o pomar e daria com a gente. Haveria de nos ajudar a sair dali, não havia dúvida. Mas, depois... nos pegaria pela mão e levaria cada um para a sua casa. Contaria tudo. Eu entraria na vara. Antenor também. Zé Vicente ficaria sem o couro. Se ficaria! "Seu" Onofre costumava dar-lhe surras de tirar bicho. Depois, um banho de água com sal. Coitado do Zé. Mas de nada adiantava, porque ele não se emendava. Siá Rita, sua mãe é que sofria, coitada. Estimava muito o filho. Cada lambada que ele levava doia-lhe fundo no coração. Saia para o quintal, chorando abafado, para o marido não ouvir. Se ouvisse, descomunha-a: "Por sua causa mesmo é que este pestinha está dêste jeito". Mas Zé sabia agradecer. Adorava a velha. Não entrava em casa com as mãos abanando. Sempre com uma coisa qualquer para a mãe. Um dia, o farmacêutico pediu a Zé Vicente que lhe lavasse uns vidros. Deu-lhe oitocentos réis. Zé comprou um lenço de chita, vistoso, e levou para siá Rita. A velha punha o lenço na cabeça, aos domingos, para a missa. Se alguém o achava bonito, dizia, orgulhosa: "Foi presente do meu Zé".

De repente, os olhos de Antenor brilharam de alegria.

— Ei, pessoal, olha lá naquele canto! — gritou, apontando numa direção.

Olhamos, e descobrimos, num canto, um monte de pedras e tijolos, mais ou menos encoberto pelo musgo.

— Nem de encomenda — comentou Zé Vicente, alegre.

E começamos a transportar os tijolos para o ponto onde se achava a escada, cuja ponta emergia de fora. Em pouco, havíamos construído um pedestal que atingia quase o meio do muro. Mais alguns momentos, e estariamos do lado de fora.

— Pronto! — exclamou Zé Vicente, dando por terminada

a obra. "Vamo" experimentar a escadinha?

E subiu logo. Em um segundo estava no alto do muro, acenando-nos para que o seguissemos. Logo depois, ouvimos-lhe os passos rápidos, já do lado de fora, no chão duro da rua. Desejei ser Zé Vicente. Já livre e sem receios, na rua, chupando, tranquilo, as últimas jaboticabas. Antenor segui-o logo.

— Adeus! — gritou o pretinho para mim, despedindo-se, com malícia. E pulou na rua. Ouví-lhe os passos apressados, afastando-se.

Iniciei, sem demora, a escadaria, não inteiramente conveniente de que pudéssemos invadir o pomar de dona Quitéria e roubar-lhe, impunemente, as frutas. E eu pensando que aquilo fosse talvez mais bem guardado do que o "Velocino de Ouro"! E nem um cachorro. Nem mesmo um miserável víra-lata. Sorri, com desprezo, vencendo mais um degrau da escada improvisada. Mas parei, aterrado. Ouvira, distintamente, um rosnar surdo, acompanhado de pisadas mansas nas folhas secas. Olhei para trás, o coração aos pulos. Nada vi. Enganara-me, com certeza. O nervosismo faz a gente ver fantasmas por todos os lados. Outra vez o rosnar, mais próximo. Fiquei pregado onde estava, perscrutando o quintal em todas as direções. Com medo de continuar a subir. Se virasse as costas, o animal me cairia de dente em cima. Mas não via coisa nenhuma, por mais que procurasse. De repente, as folhas estalaram a cinco passos. E vi, sem querer acreditar... dona Quitéria! Surgira, de inopinado, de entre a folhagem, como cameleão, puxando, por uma grossa corrente, um enorme dogue côr de azeitona. Senti-me perdido. A velha ia soltá-lo sobre mim. Em dois tempos, estaria devorado. Sim, um cão daquele tamanho comeria até um boi. Pensei em minha mãe. (sempre pensava em minha mãe). Coitada! Estava longe de imaginar que o filho, seu único e querido filho estava tão próximo da morte. E que morte! Devorado por aquélle terrível cachorro. Espiei-o de soslaio, com medo de encará-lo. Que olhar feroz! Desviei depressa os olhos. Lembrei-me de Zé Vicente e Antenor. Patifes! Abandonarem-me daquela maneira! Tomara que "seu" Onofre desse uma surra daquelas no Zé. De tirar bicho. Mas vi siá Rita

saindo para o quintal, chorando manso, coitada. Desejei que "seu" Onofre não desse a surra.

— Desça daí — intimou dona Quitéria, apontando o degrau onde me encontrava.

Quis obedecer, mas o cão ameaçava-me com o olhar. Dona Quitéria compreendeu, felizmente, o meu susto. Afastou-se alguns metros e amarrou o molosso em uma goiabeira. Voltou e repedi a ordem. Desci, mais aliviado.

Aproxime-se — ordenou, energica.

Aproximei-me da velha, sem poder esconder de todo o meu medo. "Vai dar-me uma surra", pensei. Sim, vai bater-me. Apanhará uma vara daquele marmeleiro e me dará uma so-

va. Preferi isso, a ser devorado por aquélle cão do diabo.

— Quantos anos tem? — perguntou-me dona Quitéria, beliscando-me de leve o queixo, a voz quase doce.

Olhei-a admirado. Seu olhar era manso, quase terno mesmo. E de seus lábios parecia querer aflorar um sorriso bom. Não compreendia. Então, depois de apanhar-me no pomar, roubando os seus melhores pêssegos, aquela mulher ainda podia ser tão compassiva? Devia ser uma cilada. Queria conquistar-me, iludir-me. Depois, me desceria a vara-de-marmelo no lombo, com vontade.

— Doze anos — respondi, sorrindo sem graça.

— Doze anos! — repetiu,

(Conclui na página 8)



TINHA A MANIA de inventar o moto-contínuo. Chamava-se Odorico Polidoro e pertencia a uma família mais ou menos distinta, da minha província. Não me recordo de que maneira o conheci. Lembro-me apenas de que ele apareceu em minha casa numa tarde qualquer, com enorme rôlo de papel milimetrado em baixo do braço. Logo que me viu, foi desenrolando o cartucho sem mais aquela, para me mostrar um projeto complicadíssimo, cheio de transformadores, de fios em espiral, de manômetros e de uma porção de outras coisas igualmente esquisitas para o meu insignificante conhecimento daquela época. Era o projeto do moto-contínuo. Foi-me explicando, minuciosamente, o funcionamento do famigerado instrumento, uma infinidade de termos técnicos absolutamente inúteis, pois eu não os entendia, insistindo nos detalhes que lhe pareciam mais importantes, repetindo muitas vezes as mesmas considerações para a minha mais perfeita compreensão. Sei apenas que esse prodígio aparelho, com o emprêgo de uma energia inicial, funcionaria sózinho eternamente, sem nunca parar e moveria, sem despesa nenhuma, muitas fábricas e indústrias.

Satisfeito com a atenção dispensada à sua exposição, ou irritado com a minha incomensurável burrice, não me lembro bem, foi ao encontro do meu meio-irmão Maneco, rapaz que, em criança, com a morte do pai, ficara aos cuidados do pessoal de casa e que era torneiro-mecânico da "Grande Oficina Universal". Já se conheciam há algum tempo e nem o "inventor" era homem que se acanhasse de mostrar os seus prodígios a uma pessoa apenas conhecida no momento. De maneira que o canudo foi de novo desenrolado e o meu mano examinou com grande interesse o complicado projeto, fazendo, em seguida, algumas observações, não sei se inteligentes ou descabidas. Depois, foram trocando idéias, para o quarto do meu mano, onde havia um volumoso tratado de física. Quando saiu, à noite, com destino ao cinema do bairro, onde se levava um bom filme, ainda os deixei

trancados no quarto, em altas confabulações científicas muito além dos meus conhecimentos.

O meu meio-irmão Maneco era um rapaz de bons princípios, excessivamente religioso (Secretário da Congregação Mariana, tesoureiro da Sociedade São Vicente de Paula, etc.) bom e tolerante ao extremo e que se gabava ao mesmo tempo de possuir alguns conhecimentos práticos de mecânica e eletricidade. Vivia lidando com rádios, montando pequenos aparelhos receptores com auxílio de um manual, sempre às voltas com fios e válvulas.

Devido a essa inclinação por coisas de eletricidade e mecânica, não sei dizer se ele tolerava bondosamente o "inventor" Odorico Polidoro ou também estava seriamente interessado na importante descoberta. A verdade é que Polidoro voltou muitas vezes a nossa casa, com diversos outros projetos sobre o tal moto-contínuo e os dois perderam mais algumas noites em cima do respeitável tratado de física, procurando sanar pequenissimas falhas da invenção... Muitas vezes foram os dois à casa do velho professor Matias Campo Grande, verdadeiro cientista perdido na província, consultar os seus profundos conhecimentos sobre eletricidade, termo-dinâmica e assuntos correlatos. O velho mestre, uma esplêndida pessoa, os atendia com a cordialidade costumeira e embora ciente da impossibilidade do invento, não os desanimava. Achava que, com essa grande preocupação de inventores, os dois rapazes se iriam aprofundando, sem perceber, nos segredos das ciências matemáticas.

Odorico Polidoro era um rapaz de seus vinte anos, com pequeno conhecimento de humanidades, pouco mais velho que eu, de família de alguns recursos. Vivia únicamente para as suas hipotéticas invenções, sem se preocupar com o ganha-pão. Andava sempre bem vestido, pois a família não se descuidava da sua indumentária, zelosa que era do seu bom nome e da sua bela posição na melhor sociedade do lugar. Passava o dia inteiro consultando livros e rabiscando papel, esboçando projetos, lidando com pilhas

elétricas, bobinas, válvulas e fios. Tinha sempre o seu dinheirinho no bolso para uma cerveja ou um cinema, apesar de nunca praticar essas violências.

Fora dos assuntos científicos de que eu pouco ou quase nada entendia, era até bom companheiro. Ótimo conversador, alegre e jovial, mais ou menos inteligente nos seus trocadilhos, humorista regular. Polidoro era uma companhia agradável.

Muitas vezes, nos dias em que ele não estava inspirado, aliás, disposto a inventar o moto-contínuo, saímos a dar voltas pelo bairro, ver as moças que passeavam pelas calçadas. Andávamos fazendo a corte às duas filhas de "seu" Acácio, velho boticário do nosso bairro. Chamavam-se Neusa e Altair. Altair, a mais nova, morena de lábios sensuais e olhos de vigília, provocantemente feminina nos gestos e atitudes, era a minha namorada. Neusa, um pouco menos bela e muito menos mulher, era a dele. Encontrávamo-nos com elas dois quarteões além da "Farmácia Confiança" e desapareciamos



Moto-Contínuo

★ Ilustração de Rocha

pelas ruelas menos iluminadas que topássemos. Mais tarde, depois de se terem recolhido, voltávamos para casa, comentando as novidades da noite. Polidoro não contava nada de interessante.

O "inventor" não tinha muita prática em lidar com moças. Era meio desajeitado, perdia a sua naturalidade em presença de mulheres. Durante uns dois meses, tratou Neusa de "senhorita"... Mais tarde, eu soube que o assunto forçado das suas palestras com a namorada, era, invariavelmente, ciência matemática.

*

Um dia, logo de manhã, Polidoro apareceu em minha casa, como quem tem muito que fazer, com uma pressa enorme.

— Vim me despedir.

— Ah?! Para onde você vai?

— A minha família segue para Bragança, com o trem da tarde. Vamos morar lá. As minhas manas vão lecionar no Grupo Escolar dessa cidade e como nada nos prende aqui...

Estava um pouco nervoso. Esforçava-se por manter a naturalidade e chegou mesmo a sorrir sem vontade. Percebi nesse momento que Polidoro gostava muito da minha terra e estava preso a ela por invi-

siveis laços afetivos, coisa de que eu nunca havia suspeitado.

— Vou-me despedir ainda do professor Campo Grande.

Abraçou-me fortemente e saiu apressado. Na porta da rua, voltou-se:

— Adeus. Escreverei a você e ao Maneco. Apresente as minhas despedidas a Neusa... Escreverei a ela também...

Não me escreveu. Ao Maneco também não. Escreveu a Neusa, depois de um mês, mais ou menos. Li a carta. Falava entusiasmaticamente da sua invenção. Junto à carta, veio um esboço do moto-contínuo. Estava trabalhando para registrar o moto-contínuo, segundo as leis do país. Depois, venderia a patente do seu "invento" a uma grande firma. Despedia-se dela como de um conhecido importante, "apresentando os protestos da mais alta estima e consideração"...

Nunca mais tive notícias dele e nem do seu fantástico instrumento. Neusa respondeu-lhe a primeira e única carta, mas não recebeu outras. Não deu mais notícias. Chegou a esque-

cer-me por completo do "inventor".

*

Uns oito anos depois, na Capital paulista, estava eu palestrando com um poeta amigo, à mesa de um barzinho do Largo do Café, sobre literatura e subliteratura, quando um indivíduo me bate amigavelmente nas costas.

— Como vai você, Fabiano? Lembra-se de mim?

Fiz um esforço e me lembrei. Era o "inventor" em carne e osso, apenas mais magro e menos bem trajado, sem os dentes da frente, em franca decadência física e econômica.

— Como está passando, Polidoro? Sente-se aqui para conversarmos.

Sentou-se ao nosso lado. Fiz a apresentação do jovem poeta, meu amigo, um dos reais valores da "novíssima". Não deu muita importância ao poeta.

— Como vai o Maneco? Sempre carola?

Contei-lhe que o Maneco ia muito bem, tinha-se casado e já era pai duas vezes.

Perguntei-lhe da sua vida, se estava trabalhando em São Paulo, se a sua família tinha vindo residir na Capital. Esteve me contando a sua vida. A família ainda estava em Bragança. Tinha brigado com as irmãs e agora estava morando com um tio, embora continuasse recebendo algum dinheiro que a mãe não se esquecia de enviar pelo correio, todos os meses. Não estava trabalhando. Dedicava-se com entusiasmo ao estudo de línguas, principalmente a chinês, na qual já estava bem adiantado.

Alegrei-me bastante em saber que o "inventor" agora se preocupava com o estudo de línguas e, naturalmente, tinha abandonado a mania do moto-contínuo. Afinal de contas, estudar línguas era muito mais útil do que perder tempo com o sonho maluco de inventar um troço impossível. Naturalmente, estudava o chinês, visando boa colocação, talvez como tradutor, ou mesmo, como intérprete, adido de embaixada ou qualquer coisa semelhante.

Estivemos conversando longamente, enquanto tomávamos algumas cervejas geladinhos. O meu amigo poeta fez várias considerações sobre a língua chi-



AMORES HISTÓRICOS



CONHECERAM-SE Paulina de Beaumont e René de Chateaubriand em 1801, na casa onde Paulina se havia refugiado após a tormenta revolucionária que lhe arrebatara toda a família.

Recebia em seu salão muitas pessoas distintas, escritores, poetas e artistas que, certa vez, durante animada tertúlia, a cognominaram de *Andorinha Romântica*. Não muito bela mas com grandes olhos escuros, emanava de Paulina irresistível encanto.

Nascidos com vinte dias de diferença, Paulina e René tinham trinta e dois anos de idade. Poucas semanas após o encontro, refugiaram-se num recanto paradisíaco, longe de Paris, esquecendo-se René de madame Chateaubriand que, solitária na Inglaterra, não o esquecia...

Na embriaguez de sua felicidade, René concluiu "Gênio do Cristianismo", lhe refêz algumas partes, aconselhado por Fantanes e Joubert. Todos os dias, ia para Paulina as páginas e pedia-lhe depois que as copiasse com a sua letra admirável. E' possível que o livro deva a Paulina a melancólica poesia que lhe impregna tantas páginas. Nunca o amor profano trabalhou mais habilmente em exaltar o amor divino e jamais um restaurador da religião católica escreveu em condições tão pouco ortodoxas...

Mas a história é sempre a mesma. René cansa-se da ternura algo monótona de Paulina eolve os olhos para a formosa Delfina de Custine, cujas tranças doirdas o envolveram... amarrando-o. E quando no meado secretário da embaixada junto ao Vaticano, escreve à Delfina:

"A idéia de te deixar, mata-me. Promete que vais ter a Roma!"

Em maio de 1903, René saiu sózinho de Paris, insensível à dor de Paulina, cuja enfermidade ia se agravando. Não resistindo mais, partiu para Florença, onde René a aguardava, surpreendendo-se ao vé-la tão fraca. A pobre *Andorinha romântica* inspirava compaixão. René alugou para a enferma uma casa solitária no Pincio, perto da praça de Espanha e lá passava os dias na *chaise-longue*, levando-a René de vez em vez a passear de carro nos arredores de Roma. Mas a enfermidade se agravou, irremediavelmente. Chateaubriand escreveu sobre essa agonia páginas comovedoras.

— Sustinhamo-la — escreveu René — nós três: o médico, a enfermeira e eu. Uma das minhas mãos apoiada sobre o seu coração, que palpítava rapidamente, como um relógio a que soltassem a corda. Ah! Que instante doloroso aquél em que o senti parar! Pusemos sobre as almofadas aquél corpo que havia deixado de sofrer e a cabeça se lhe pendeu. Madeixas caíam-lhe sobre a fronte marmórea. A sombra eterna descerá-lhe nos olhos.

Na dor de René Chateaubriand havia também remorso, pois o abandono em que deixara Paulina agravou-lhe o estado.

Como homenagem à criatura amada, dedicou-lhe em suas "memórias", páginas magníficas que a imortalizaram. Antes, porém, ergueu à sua memória um monumento para cuja despesa de nove mil francos vendeu tudo o que possuía.

O monumento ergueu-se na igreja de São Luis dos Francês, na primeira capela da esquerda. E' de mármore branco e tem a seguinte inscrição:

"Depois de haver visto morrer toda a sua família, pais e irmãos, Paulina de Moutmorin veio exalar seu último suspiro em terra estranha. F. R. A. de Chateaubriand fez erguer este monumento à sua memória."

Da efêmera felicidade daquél amor, restava, para René Chateaubriand, a melancólica saudade com que soube impregnar algumas de suas páginas imortais...

nésa, falou abundantemente a respeito da cultura chinesa, dos costumes, das religiões da velha China. Polidoro ouvia apenas, sem interesse nenhum.

Afinal, o "inventor" resolveu se despedir. Antes, porém, de se retirar animei-me a perguntar-lhe com que fim estudava a língua chinesa, pois já estava bastante curioso. Então, deu-se a revelação do mistério. Ficou muito contente com a minha pergunta, e não demorou em esclarecê-la. Estava estudando o chinês, para poder consultar um magnífico tratado científico de um grande sábio da velha e eterna China, que trazia ótimos esclarecimentos sobre a transformação e aproveitamento de energias. E era justamente esse ponto, o único que faltava resolver, para completar a invenção do seu moto-continuo... Disse mais uma porção de coisas sobre o prodigioso aparêlho e se retirou. Da outra calçada ainda gritou para mim:

— Mandarei um moto-continuo em miniatura, de presente para você...

O FILHO

(CONCLUSÃO)

olhando para o céu, como se fasse sózinha. — Doze anos! Estaria com esta idade... E devia ser assim mesmo, gordinho e corado, os cabelos louros em desalinho...

Vi duas lágrimas escorrerem pela face enrugada de dona Quitéria. Ela enxugou-as, rápida, com a manga comprida do vestido de algodão azul.

— Quando quiser mais péssegos — disse-me, conduzindo-me pela mão ao portão largo — entre por aqui. E repetiu a carícia no meu queixo.

Atravessei, sem nada compreender, o portão aberto de par em par. Na rua, voltei-me e espiei. Dona Quitéria enxugava cutras lágrimas que escorriam pela sua face magra e enrugada...

Tirei um pêssego do bolso e dei-lhe uma dentada, com gosto.



SERÃO PARENTES?

O EXÉRCITO Norte Americano tem agora 72.000 Smiths, 48.500 Johnson, 39.000 Browns, 36.600 Millers, 31.000 Davises, 29.000 Wilsons, 24.500 Andresons, 24.300 Martins, 22.000 Taylors, 15.170 Halls, e finalmente 15.000 Lewises. E o Serviço Postal dos Estados Unidos tem dor de cabeça diariamente...

— Parecia escovar-me com um
ESCOVÃO...



...mas, essa extrema impressão de debilidade passou assim que adotei, às refeições, Vinho Reconstituente Silva Araujo!

Um estado extremo de abatimento faz crer que o mais simples objeto possa pesar tal como se fôsse dez, cem vezes maior... Tudo pode ser devido a sangue pobre, fraco, desnutrido. Recorra, enquanto é tempo, ao Vinho Reconstituente Silva Araujo, feito à base de peptona, cálcio, quina e fósforo. Com Vinho Reconstituente Silva Araujo opera-se um reerguimento geral das energias e é devolvida ao organismo a vitalidade de que ele se vê privado.



O professor Mauricio de Medeiros está entre os grandes médicos que testemunham. Eis sua palavra:

"Atesto que tenho empregado, com os melhores resultados, o Vinho Reconstituente Silva Araujo, em casos de astenia, nos quais se torna mister despertar as energias adormecidas".

Assim testemunham muitos dos mais eminentes médicos brasileiros, comprovando a fama e eficácia do Vinho Reconstituente Silva Araujo.

Vinho Reconstituente **SILVA ARAUJO**

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE



Maria Sem Tempo

Conto de Domicio da Gama

Ilustração de Rodolfo



Domicio da Gama nasceu em Maricá, Estado do Rio de Janeiro, a 23 de outubro de 1862, e faleceu no Distrito Federal a 8 de novembro de 1925.

Figura insigne da diplomacia brasileira e escritor de elevada projeção, pertenceu à Academia Brasileira de Letras

Sua bagagem literária compreende: Contos da Meia-Noite e Histórias Curtas, além de numerosos artigos e contos publicados na imprensa, de que foi um grande vulto.

FRA magra, pequena, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos anos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir à sorte, com a passividade de inerte da fôlha que o vento rola pelos caminhos. Era assim mirrada e seca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrelas o negrume cada vez mais denso. Era lomca, porque só tinha uma idéia, e a criatura humana pode não ter idéias, mas não pode ter só uma. A sua era o angustioso desassossego das maternidades malogradas. Perdera um filho e o procurava. Andava pelos caminhos para buscá-lo e só levantava a voz para chamá-lo ansiosamente, carinhosamente: "Luciano! Meu filho!... E escutava longo tempo por trás das cérceas, no acréscimo dos matos. A entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquela figura miserável, tóda feita num gesto indagador, com a mão abrigando os olhos, à espreita ou levantando o chapele que lhe encobria a cabeça de cabelos hirtos para ouvir melhor a resposta ideal, aquela encarnação de um desejo sempre iludido, enturvava o esplendor do mais radioso meiodia.

Gente compassiva, donas de casa a quem se apertava o coração ouvindo ecoar pelas estradas o seu reclamo desolador, quiseram retê-la, dar-lhe amparo e agasalho:

"Aonde vai, sinhá Maria? Fique com a gente, mulher! Por estes sóis que matam, assim ao desabrido do tempo, o que faz uma criatura de Deus? Descanse uns dias e vá então..."

Mas a louca escusava-se resolutamente:

— Não tenho tempo, minha senhora, vou ao encontro do meu Luciano, que me disse que havia de voltar. Como não tenho mais casa, preciso de estar no caminho. Não vá ele passar enquanto aqui estou...

E se precipitava para fora alando o seu grito:

— Luciano! Meu filho Luciano!

E Maria Sem Tempo não era uma lição, nem um castigo, nem um exemplo. Se alguma coisa ela provava, era que há sofrimentos que nada provam e que nada justifica, que são pela razão obscura daquilo que tem de ser. A sua miséria nem mesmo era trágica, porque não exclamava,

não lutava não indagava. O céu rigoroso era-lhe como um senhor cruel, que a pobre escrava não entendia e sob cujos golpes encolia-se apenas. Vivera para ser mãe: sofria disso, como disso outras jubilam.

Quem a encontrava pelos desertos, longe de todo o amparo, às horas tristes do dia, pensava logo com piedade na solidão da sua alma. Mas se iam falar-lhe ela não se mostrava agradecida à sociedade que lhe queriam dar; recaia logo no seu silêncio absorto, tão ocupado pelo seu sentimento.

"O meu Luciano!" dizer estas palavras era para ela o mesmo que se sentir viva! Dizia-as alto, gritando, clamando, enchendo as grotas e os recantos das florestas com o seu alarido de araponga louca; dizia-as baixinho, suspirando, fundindo o coração num ajoelhamento de prece na prostração suprema do supremo amor. E às vezes caminhando horas ao longo da praia, com os cabelos sacudidos pelo vento do largo, vacilando sobre a areia branca e inférme que entontece ela cantava ao mar em fúria a canção monotonamente sublime da sua pena sem fim.

*

Eles eram dois humildes e mansos e os soberbos e violentos lá de longe fizeram uma guerra para mal díles, uma guerra de tantos anos durando já, que os cabelos da mulata tiveram tempo de embranquecer. E o seu Luciano sempre por lá longe da sua velha, que só tinha a ele no mundo e que não pudera opôr-se a que partisse, porque com o poder de homens que o vieram buscar naquela noite, tinha-se juntado todo o poder

celeste estrondando numa trovada de arrazar o mundo. Quando chegaram os homens malditos, ela estava com o filho rezando a "Magnificat", à claridade da vela benta acesa em frente ao registro da advogada contra o raio. A voz dèle tinha uma toada grave e cheia de fervor que lhe quebrava a ela a friura do medo no coração. Ai! não era dos raios e coriscos do céu que a pobre mulata devia receiar! Num silêncio entre dois refegões de vento bateram de repente à porta, Luciano foi abrir e logo um homem entrando, antes de dizer uma palavra lhe foi detando a mão. O rapaz deu um pulo esquivando-se, mas o outro gritou e a casa se encheu de gente armada, soldados, que subjugaram seu filho e o amarraram. Ela conhecia um dos homens, o que tinha entrado primeiro: de joelhos, como tinha ficado diante da santa, arrastou-se aos pés dèle.

— Seu capitão, não me tire o meu filho, que não cometeu crime. Tenha piedade de uma pobre mãe...

O capitão, meio embarrado, sem convicção, resmungou umas frases, falou em defesa da pátria, em honra nacional ofendida, dever de todo brasileiro, e não sei que mais. Mas a mulher não lhe deu ouvidos; viu que lhe tiravam o filho para a matança nos campos do Sul e desatinou de todo a pedir, a suplicar, de rastos pelo chão, beijando os pés e abraçando pelos joelhos os seus carrascos, sem poder mais chegar ao filho das suas entranhas. O capitão começou a se incomodar com a sua cena e deu ordem de partir, apesar da tempestade no seu auge. Então, Maria se endireitou arquejante sobre os joelhos e viu, enquadrado pela porta aberta sobre a noite negra cortada de relâmpagos, o seu belo rapaz, que, sem chapéu, de roupas rótulas, mostrando o peito nu, levantava para ela as mãos algemadas, num gesto de adeus e lhe dizia com voz trêmula e sentida:

— Não se desconsole, Mãe, que ainda hei de voltar...

Neste instante, um fuzil cegou-a e o estampido imediato de um trovão derribou-a por terra.

Quando tornou a si, estava sózinha, no meio da noite escura. Parece que esta lhe entrou déveras pela mente e lhe apagou as últimas claridades que lá luziam. Ela se desinteressou de tudo o que ocupa as vidas mais humildes, desprendeu-se por uma intenção absoluta, dos fatos que podem servir de marca aos dias, perdeu a noção do tempo, perdeu as suas afetividades menores, enciassurou-se, absorveu-se no seu único sentimento, transformado em culto, endoideceu.

Como sempre fôra uma pobre integüe, a sua loucura não se caracterizou sinônimo por uma teimosia especial, passiva, mas inflexível, uma rejeição absoluta a ceder aos argumentos dos que queriam convencê-la de que o filho não andava por aquelas bandas e que não era gritando pelos caminhos que ela havia de recuperar. Ele lhe disse que havia de voltar... Essa promessa lhe não deixava lugar no espírito nem para a idéia da mor-



te. Quando lhe disseram que Luciano morrera num combate, que um voluntário, que voltava ferido, o tinha visto cair ao seu lado no campo, e ao seu lado morrer no hospital de sangue, ela sacudiu a cabeça, incrédula. A força da idéia fixa venceu-lhe a timidez natural e lhe tirou todos os escrúpulos e receios que a pudesssem deter no cumprimento do seu fadário. Na abstração poética é assim um caráter heróico. Os sinais físicos de loucura estavam nos seus olhos perdidos como os de um cão de caça, desatentos ou muito atentos, mas sem simpatia, e nos cabelos hirtos, eriçados, como num perene arrepiamento de pavor. O resto, mãos e pés de nômade selvagem, miséria profunda, do corpo desprezado, fizera-o o ascetismo inconsciente da sua existência errante. A voz cantante, plangente antes, arrastava-se, apoiando demais em certas silabas, como quem chama. E, falando baixo, tinha umas inflexões escuras vindas mais de dentro, o tom reflexivo de quem pensa em voz alta.

Sonhava muito quando dormia, e prolongava o seu sonho, sempre o mesmo, pela vigília. Era com o dia da volta d'ele que sonhava, com a hora em que, avistando-o, lhe dissesse: "Bendito seja Deus, meu filho, que te torno a ver!" Ele abaixaria os olhos diante do seu olhar carinhoso, com os seus modos tão bonitos de bom filho e depois lhe contaria o que tinha visto pelas terras longes, a história da sua ausência, as grandezas do mundo, as lindezas das outras gentes, tudo o que ela nem podia imaginar que fosse, tudo evocaria o som da sua voz, cuja lembrança bastava para lhe encher a ela os olhos de lágrimas. E voltariam a levantar a casa arruinada, o ninho velho donde a má sorte os exilotara, a refazer a vida antiga, humilde e pobre, que ela não trocaria pela de uma rainha, com Luciano... Sonhava e procurava o seu sonho, correndo as estradas. Mas não se afastava dos sítios familiares, al-

gumas léguas do circuito, três municípios, a pátria. Mais longe já parecia que a língua mudava ou pelo menos mudavam os costumes. Eram mais duros para a pobre mãe, como se ela pudesse fazer mal, ou não a entendiam e desconfiavam. Um dia chegou ao pé de uma cidade muito bonita: as casas tinham vidros, que fiscavam ao sol; nas ruas passava muita gente, toda calçada de hotinhas, os homens de gravata no pescoço, as mulheres de chapéus com flores, todos muito soberbos; carros e cavaleiros passavam a toda pressa, fazendo muito barulho nas pedras da calçada. Apareceram uns soldados e a pobre Maria fugiu espavorida. Era ali, sem dúvida, que moravam que lhe tinham arrancado o seu Luciano. Disseram-lhe mais tarde que ela quase tinha estado na Praia Grande, que era para onde iam os designados para o recrutamento militar, mas que não era ali que eles batinhavam.

*

O invencível terror do desconhecido impedia de ir procurar o filho nos campos do Sul. O Sul sabia ela onde era. De lá vinham as piores borrascas. E os tiros de canhão, que diziam de gala na cidade, para ela eram batalhas mais perto, a guerra que se aproximava. Se com a guerra lhe apressasse um dia, de repente, Luciano!

Quando o ar estava pesado, o tempo de oração, ele escutava estremecendo o troar surdo dos canhões que salvavam no Rio, avaliando a aproximação da guerra pela sonoridade mais clara dos tiros que lufadas de aragem quente e banzeira traziam. Um dia de verão, depois do meio-dia, ela vinha subindo da restinga do mar para terra firme. Não passava ninguém, pelas estradas. O sol de fogo retorcia as folhas das árvores e fazia fervor o micto da doida vagabunda. No grande silêncio da calma acarburante só se ouvia o zumbido do exame de mutucas importunas, que acompanham a gente pelos caminhos, à beira dos charcos, e o canto de galos longe,

O chão escaldava; a doida movia rápida os magros pés descalços e caminhava de braços levantados, sustentando o chale acima da cabeça. Mas de instante a instante parava com um gesto de impaciência, e se abaixava para atirar uma pedra ou um punhado de areia aos camelões cinzentos, que vinham pôr-se à beira do caminho, debaixo dos gravatás de folhas de serra e flor vermelha, e lhe faziam sinalinhos brejeiros com a cabeça, quando ela passava. Sobre a ponte do Paracatu parou para ver uma cobra verde, que se lavava no magro fio d'água que ainda corria. Depois entrou na sombra do caminho estreito, com árvores dos dois lados, um desfiladeiro entre a lagoa e a barranca de um morro a pique, e se deteve a colher os cachinhos de jatilas verdes para refrescar a boca sequiosa. Passou um cavaleiro pela estrada e no ouvido ficou-lhe a cidadela do meio galope, acompanhamento da toada favorita de Luciano, quando falquejava no mato:

*Os olhos de Joanita
São pretos como carvão...*

Fôra ela que lha ensinara, em pequenino. Vinha de tão longe a cantiga do Mineiro da Serra! Vinha de antes das tristezas dela. Cerrou-se a garganta e retomou a estrada, já ia pondo a mão à cancela do campo do capitão Rosa, quando um tiro de canhão atroou os ares; depois outro e outro e em seguida um estrondo prolongado, como o de huma casa desabando. Maria Sem Tempo pensou na guerra. Chegara enfim! A artilharia destruía as grossas muralhas da casa da fazenda. Só lhe admirava aquelle silêncio depois da catástrofe. Deu a volta para ir espreitar pela outra cancela, e não entendeu mais nada, quando viu a casa em pé, o gado no campo e, na lombada do morro de Cantagalo, o eito de escravos no trabalho, manejando as enxadas, em que o sol fiscava. Ali estava tudo em paz; no céu nem uma nuvem quebrava a dureza do azul implacável;



E o caso de dizer: assim também não. Porque, assim, só poderá haver um relativo descrédito das invenções. Descredito? Mesmo que não seja tanto, até que não vale a pena a ciência avançar em certos setores que até há pouco lhe eram vedados, ou proibidos.

A invenção da bomba atómica chega a ser um excesso, por que não um abuso? Sua eficiência submeteu-se ao mais difícil dos "tests". E não lhe foi impossível mostrar ao crâneo duro dos japoneses (e logo em fase experimental) que não se ganha a guerra praticando o hara-kiri ou se deliciando com as palavras repassadas de ternura do infelizável Hirohito.

Uma guerra parece coisa que estimula para toda e qualquer invenção, seja de que gênero for. Durante esta, que encerramos tão esperados, surgiram milhares de inventos, alguns de muita utilidade, outros simplesmente pitorescos e divertidos. Porque no mundo há de tudo e existirá sempre quem se preocupe, por exemplo, com uma máquina de matar pulgas... Mas infelizmente, em períodos bélicos, as invenções, com inegável coeréncia, surgem demasiado bélicas.

Dai a capacidade da bomba atómica para arrasar o que lhe apareça. Não adianta descobrir a penicilina, que aliás prestou altos serviços nesta guerra. Não adianta lutar pesadamente contra moléstias implacáveis, contra o caner, a lepra ou a tuberculose. Vem de repente a bomba atómica e reduz a cinzeiros homens, casas, laboratórios, árvores. Apenas fica o deserto. Que é que se pode fazer com um deserto?

Sabe-se que a grande romancista inglesa Virginia Woolf suicidou-se entrando mar a dentro num híate frágil, porque, vendo destruído seu apartamento pelo bombardeio aéreo, não teve mais esperança na vida e no mundo. Num segundo, tornou-se pô de que ela recolhera em anos de pura espiritualidade: quadros, livros, preciosidades de várias espécies. O que é preciso, agora, é criar a esperança na vida e no mundo. Basta de destruição e de horror. Basta de inventar utilizando as forças-ditas materiais. Voltemos-nos para o espírito. Bem melhor seria que se inventasse, de uma vez para sempre, a maneira mais segura e mais cordial de haver compreensão e fraternidade entre os homens. Porque estamos precisados de tranquilidade, a salvo de todas as bombas atómicas e invenções congêneres. Precisados de paz.

onde vinha, então, aquele troar de canhões?

A doida aproximou-se da fazenda, mas saíram-lhe cães bravos ao encontro e ela regressou do meio da ladeira. Deu então volta ao morro pelo lado do brejo, para entrar pelo engenho. Mas, ao passar pelo campinho de dentro, onde se soltavam os animais de sela e as lavadeiras estendiam a roupa a corar, parecia-lhe que ouvia devorá a cantiga do Mineiro da Serra, a cantiga da saudade, que lhe entrava pelos ouvidos, em vez de ressoar-lhe apenas na memória esvada. Transpôs a cerca de bambus em muitas sussurrantes, e encontrou um cavouqueiro, dos que ali andavam a arrebentar pedra para construção, que descia da pedreira e vinha jantar. Maria perguntou-lhe ansiosamente:

— O meu filho? E' o meu Luciano quem está cantando?

O homem respondeu:

— E' Luciano, sim; mas não vá para lá agora, que ele vai pegar fogo à mina.

A doida não lhe deu mais atenção e embarafustou pelos cafezais acima. Chegando à entrada da pedreira, viu um rapaz meio pendurado de uma corda de nós, que acabava de arranjar os estupins e punha fogo à mina.

Ela gritou:

— Meu filho, és tu, meu Luciano?

O Chico Macaé que já ia marinando pela corda acima, voltou-se espavorido:

— Meu Deus! Que faz aí, sinhá Maria? Fuja que ai vai pedra! Corra! Suma-se depressa, mulher!

E como ela estacasse atônita, ele lançou mão de uma pedra para afugentá-la. A mãe louca viu o gesto e pondo as mãos na cabeça, despenhou-se pelo cafezal da gruta. Alguns segundos

gundos mais e a mina rebentava e Maria sentiu cair-lhe em torno uma chuva de pedras miúdas, enquanto ao longo da pedreira as grandes lascas desabavam fragorosamente. Maria Sem Tempo caiu extenuada sob uma grande mangueira no meio do campo. Na perturbação da emoção profunda, todas as idéias se lhe confundiram e o desvario completo entrou-lhe na mente.

Era aquilo a guerra e era o seu filho que a fazia contra ela. O homem disse que era ele e a cantiga não a enganara. Para encontrarem-se daquela modo vivera ela tão longos anos, pensando pelos caminhos! A idéia de que pudera ter morrido nos golpes do filho estremecido, um caixão sacudiu-a toda convulsivamente e por fim as pernas se lhe interrumpiram. Depois, a necessidade de abandonar toda a esperança, quebrou-lhe as derradeiras forças. Uma toalha de gelo espremeu-lhe o coração num grito de agonia infinita e Maria Sem Tempo morreu.

*

Algumas horas depois formava-se uma trovoadas e um raio caiu sobre a árvore que abrigava o cadáver. A tempestade passou e os escravos que, voltando da roça, foram ver o tronco lascado, descobriram a morta. Os respingos da chuva lhe tinham coberto o rosto de terra e os olhos esgazeados já pareciam olhar do fundo da sepultura. Um dos escravos se abaixou para lhos fechar, dizendo:

— Coltada de sinhá Maria. Vá que ela agora descanse de procurar o filho...

E outro, velho, resmungou, sem saber que tão bem dizia:

— Esta morreu de ser mãe!

* * *

★ O TELEFONE ★

FOI Alexandre Graham Bell quem deu à humanidade uma das maiores maravilhas da técnica: o telefone. Baseando-se em pesquisas levadas a efeito anteriormente por outros cientistas encorajado por José Henry, Bell, em 1876, aos vinte e nove anos, conseguiu construir um diafragma de ferro capaz de reproduzir a voz humana. O princípio do telefone adotado em nossos dias é ainda o que Bell estabeleceu, se bem que os aperfeiçoamentos técnicos introduzidos posteriormente, e que continuam dia a dia a surgir, tenham transformado num aparelho efficientíssimo o mecanismo rudimentar de Alexandre Graham Bell.

Conta-nos George Russel Harrison, no seu livro "O Romance da Física" — "Atom in action" — que, numa conferência pública, o dr. Frank Jewett, presidente dos Laboratórios da Bell Telephone, de Nova Iorque, uma das maiores organizações que contribuem para o aperfeiçoamento da telefonia — fez algumas demonstrações do que é possível realizar por meio do telefone à longa distância.

Para ilustrar determinado assunto, Jewett, por meio de uma chamada telefónica, pôs-se em contacto com um cientista da Califórnia. Depois convocou vários colegas para uma conferência telefónica à longa distância. Por meio de alto-falantes, o público pôde estar ao par de tudo o que se discutiu, ouvindo também claramente a voz da telefonista que estabelecia a ligação. Finalmente a conferência do dr. Jewett foi transmitida simultaneamente de Cambridge, em Massachusetts, para Charlotte, na Carolina do Norte, através uma linha de 2.700 quilômetros, voltando a voz novamente àquela cidade. Como o som despendia 1/8 de segundo para completar a viagem, o público ouvia duas vezes as palavras pronunciadas pelo conferencista. Outro episódio curioso citado pelo prof. Horrison é o que se dá em alguns congressos científicos da Europa. Nas salas de reuniões encontram-se alguns telefones que podem ser ligados a qualquer das tomadas existentes. A primeira fornecerá a tradução francesa da conferência pronunciada pelo cientista que ocupa no momento a tribuna; a segunda oferece a versão inglesa; a terceira, a russa, etc.

Na espuma perfumada de GESSY

— há novo viço
e nova mocidade
para sua cútis!



GESSY

50

ANOS A SERVIÇO DA EUGÉNIA E DA BELEZA

J.W.I.

Para sua beleza brasileira, experimente este sabonete brasileiro: Gessy. Feito de preciosos óleos vegetais, Gessy exerce positiva e benéfica ação sobre a epiderme — dando-lhe novo viço, nova mocidade, novo frescor. Dotado

de suave e encantador perfume, num "bouquet" exclusivo que combina caríssimas essências dos quatro cantos do mundo, Gessy deixa, após o banho, uma sensação agradável de limpeza e bem-estar. Experimente — Gessy.

Delirio

Conto de Leonor Teles

Ilustração de Rodolfo

HA' quanto tempo durava aquélle torpor não podera dizer, mas a impressão vinha de longe, de um princípio perdido nas horas seculares sobre a cama. Nem se esforçava por encontrar o começo, estava cansada, sem forças, meio tonta, paralisada quase. Talvez lhe houvesem dado algum sedativo e o esquecimento viesse dêle, por que não distinguia bem aquelas sombras à sua volta, a mancha, a mancha verde no fundo da sala, espaços brancos novamente. Nada mais — o silêncio, a calma, o vazio da morte... Enfim, um cheiro esquisito, medonho, de desinfetante. A sala, tudo branco, um relógio, a dor, a carne rompida em mil pedaços...

O grito reverberou no quarto. As outras mulheres olharam-na. A companheira ao lado, sentou-se para ver melhor. Pobrezinha! — pensou. As duas, nas camas do lado oposto, comentaram qualquer coisa.

— Coitada...

— Marinheiro de primeira viagem... é assim mesmo.

As camas estão dispostas duas a duas, em sentido longitudinal. As janelas, pintadas de verde, abrem-se para o pátio; no fundo a porta, dando para um corredor comprido e silencioso. Pequenas mesinhas em esmalte verde, separam as camas de ferro. Leni trinca os dentes. Continua de olhos semi-cerrados, movendo a cabeça inquieta, e o rosto sem cor, quase branco, perde-se na alvura do lençol. Os dentes deixam passar um gemido angustioso. A companheira olha para a frente buscando a solidariedade das outras.

— Pobrezinha... como sofreu...

— Sofreu... ahn? quem fala nisso?

A voz veio de perto. Alguém falou em sofrimento. Não foi aquela mancha, atrás das grades de ferro? Se o calor que a envolvia não fosse tão forte, talvez pudesse discernir melhor as coisas, mas os círculos de fogo, queimando-lhe os pulsos, a cabeça, os olhos, atrapalhavam-lhe a visão, o próprio pensamento.

“Se pudesse fugir! Oh! José, por que não o encontro ao meu lado? Assim talvez pudesse dor-

mir indefinidamente. Por que não vem? Porque estou aqui?

“Leni! Venha comigo. Amo-a sobre todas as coisas”.

“Foi você mesmo quem disse isto? Você, José? Há quanto tempo... Que luzes serão essas? de onde virão? E aquela menina, quem será? Sim, percebe, lembra-se agora... dissipase o nevoeiro... será capaz de contar os menores detalhes de sua vida. Por exemplo, o cinema aos domingos, a importância que representava nos seus doze anos. De como ia humilde, após o almôço, pedir os seiscentos réis para a matinée das duas. A mãe respondia, num tom resignado, tão próprio dela:

— Vá pedir a seu pai!

A mesma frase, todos os domingos, mas trazia-lhe sempre sensação de medo, como se a mandasse entrarem na caverna de um leão e puxá-lo pela juba. Não que o pai viesse associado à figura do animal, mas, aos seus olhos, carecia de igual coragem para enfrentá-lo. Porque se às vezes a mão paterna e generosa depunha nas suas, suplicantes, o níquel de mil réis (os quatrocentos restantes davam para as balas), noutras ele assumia uma atitude feroz, zangada, a mão erguia-se autoritária e, como um juiz que encerrasse um julgamento, sentenciava:

— Hoje não tem cinema!

Não havia réplica, choradeira, promessas de primeiro lugar na classe, que dessem jeito.

— Mamãe vai pedir a ele. Isto é uma injustiça. A gente estuda a semana toda e no domingo

não tem direito ao cinema! A Lucinda diz que nem precisa pedir, os pais dão logo o dinheiro, depois da missa.

Chorava, chorava, os olhos inchavam-se até ficarem vazios de lágrimas, esperando derreter o coração da mãe. Esta, porém, mantendo o ar resignado, procurava desculpar a severidade do marido:

— Você precisa compreender, Leni... às vezes o dinheiro está curto, ele não quer dizer e finge-se de aborrecido. É preciso compreender, minha filha.

Compreender, como? Nem que pensasse a noite inteira, não lhe pareceria razoável uns magros seiscentos réis pesarem na bolsa do pai. Porque ele não descontava a insuficiência nos cigarros? Fumava tanto...”.

A clarinada aumentou, em grandes jatos. Ela teve a impressão de que muitas janelas abriam-se no quarto em penumbra, e muitos sóis brilhavam na terra. Se abrisse os olhos, perderia a noção do passado, nem mesmo entreabri-los devia. Queria encontrar de novo, a outra Leni — feliz, sonhadora, egoista. Precisava voltar ao passado, assim como um condenado espera a confissão para depois morrer.

Agora está sozinha. Os grandes problemas da infância são pedaços felizes da vida. As preocupações dilatam-se, assumem caráter grave, acompanham o desenvolvimento físico. Os sonhos elevam-se também e, por serem leves, sobem demasiado, perdem-se às vezes no ar. Alguns vão ter a Deus. E, como num grande palco, a mão criadora ilumina sua figura, apenas.

“Aquélle dia no Fluminense! Vamos à janela. Ele fuma. Depois dançamos. De vez em quando beija-me os cabelos, enquanto me aperta a mão. Leva-me ao terraço.

— Está bonito seu vestido.

— Nada! Tão simples.

— Por isso mesmo.

O céu está negro, cheio de estrelas. Lembro-me de Marie Curie. Ela adivinha meus pensamentos.

— Você já alcançou uma, Leni? Precisa ver as outras, ainda há tantas!

— Não sou muito ambiciosa.

**PÍLULAS
DE
BRISTOL**

Vegetais e açucaradas

Estimulam suavemente os intestinos e eliminam os resíduos e toxinas.



Contento-me com uma. Vê? —
E olho-o dentro dos olhos.

— Também prefendo tocar
com os dedos nas estrélas, mas
antes de alcançá-las necessito
da lua junto de mim. — Fi-
ta-me. Lembro-me de que sou
a lua para ele. Tudo é maravi-
lhoso, parece romance. Nossas
mãos estão unidas, seus olhos
nos meus e as estréias brilham
cada vez mais.

— Quisera estar no seu pen-
samento como você está no meu
— repete.

Olho-o, ternamente. Beijamo-
nos."

Como é que fôra acreditar?
Bem sentira a impressão de es-
tar dentro de um livro, repre-
sentando... não existia roman-
ce na vida de todo dia. Os sen-
tidos criavam o ambiente de so-
nho, eles próprios depois en-
carregavam-se de destrui-lo,
mostrando o lado verdadeiro, o
crú de todas as coisas. Veio-lhe
ao pensamento o rosto da mãe,
sempre associado à idéia de re-
signação. Seus conselhos de mu-
lher simples, quando ela atin-
gira a puberdade. E' preciso
cuidado, minha filha, a socieda-
de não perdoa. Não vê a Joana?
Em que estado ficou a pobre?

parece mais um farrapo de gente. O egoísmo do homem é cada vez mais forte. São uns brutos! Por isso ela trazia aquela ar sofredor, de quem toma um caminho, supondo-o bom, e de repente descobre a aridez da terra, a estrada nua, sem vegetação, sem luz, sem um atalho que lhe permita fugir em busca de outros horizontes e vê-se obrigado a caminhar até o fim, como se fosse ao encontro da morte... Muitas vezes, tentara obter da mãe uma confissão, a verdade sobre a "sua" vida, mas falhara. E depois que ela morreu, dois anos antes do pai, entre os rígidos conceitos sobre religião e sociedade, ficara-lhe mais forte aquela sobre homens — são uns burros! A experiência dos pais nunca deveria servir de base, de ilustração à vida dos filhos. Todos têm sua parte, querem ver de perto a vida, senti-la, errar mesmo. As circunstâncias identificam-se, muitas vezes, mas trazem também resultados diversos. Como principiara a idéia, nem sabia, lembrava-se apenas de que religião, sociedade, conselhos, a experiência alheia, os ídolos maternos parecem-lhe ócos, vazios de expressão, como se tivessem exis-

tido apenas na imaginação da morta.

As cenas passam rápidas, como nuvens. Passam momentos felizes, os amargos sucedem-se, avolumam-se. Aquela homem cruel, olhar frio, de aço, de bôca impiedosa, seria o mesmo carinhoso que lhe falara? — "Quisera estar no seu pensamento como você está no meu!"

Deus esquece-se completamente de focalizá-la. A luz deve estar noutro sentido bem longe dali. Quem estaria sendo feliz, naquele momento? Agora, a sala imensa, esmalhada de branco, passa na fita do pensamento. Tudo é tão nitido devido à lu-
minosidade do branco, naturalmente. Todos vestem uniformes brancos, homens e mulheres tra-
zem máscaras brancas também. As dôres, o relógio lá na pare-
de de fundo, o cheiro forte de desinfetante. A espera. As dô-
res gradativas, intermitentes, depois o relógio desaparecendo nas trevas, aquela fogo no fun-
do do poço. As angústias que aumentam, vontade de morrer, a dor aguda vibrando como um som na última ressonância, co-
mo se estivesse dando a vida a um gigante. Um grito, apenas, e a sensação de quem sai do in-



TROCAZ

No sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, premiando com a importância de Cr\$ 100,00 o melhor trabalho que recebe durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1º) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n. 2, com o máximo de 8 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.
- 2º) Motivo e ambientes nacionais.
- 3º) Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4º) Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

*

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.

*

Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

*

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

ferno para entrar no céu. Esgarça-se a penumbra, lá está o relógio, vê todas as coisas, não está cega! E a alegria indescritível de um Deus que acaba de criar um mundo! Mas... onde a alvorada? Não ouvia o choro. Silêncio compacto de câmara mortuária... passos distantes, susurros... mas por que não chorar?

Leni agita-se na cama. A bôca espumosa deixa escapar uma súplica, entrecortada.

— José... por quê... por que não veio? Teria vivido... o nosso... por quê?

“A dor nos ombros, o cansaço no corpo, vontade de dormir indefinidamente na cama do hospital. Os seios tumefatos, doloridos, transbordantes de leite para filhos de estranhos. Dôr, lassidão, vontade de dormir até que... ele volte; calor, e como queimam os círculos de fogo, nos pulsos, na cabeça... já atingem os olhos, a bôca. Parece que fecharam as janelas, há apenas sombras, luz cinzenta no quarto. De onde vêm estes sons? Ah!... Techaikowsky a quinta sinfonia, marcando o primeiro encontro. Você se lembra, José? Já reparou que ela recorda tudo que é suave, triste, sofrer? É uma estranha sinfonia de complexos, a que eu poderia chamar a sinfonia de uma alma torturada. Quanto anseio, luta, sonhos, no ritmo que se repele sempre. Maravilha, a música... Ouço-a e identifico minha própria alma em cada nota, até nas mais sutis. Inquietação — os sons vivem, também anseiam, choram por alguma coisa, sentem saudades, sofrem, lutam, desesperam-se. Ouve? Agora parecem interrogar — por quê? Dúvidas, sempre correndo em busca de alguma coisa, talvez a paz, o consolo, a tranquilidade. Quem sabe? Intensificam-se as notas, criam esperanças, suavizam, sonham outra vez. Ele virá um dia entre o céu que se abrirá em estrélas e a terra que se romperá em flores. Flores e estrélas anunciarão sua chegada, e um céu azul brilhará lá em cima. Um céu azul, profundo como seus olhos. Ele virá. Já cuço seus passos no caminho. Há um rumor de folhas pisadas. Virá como libertador de uma alma aprisionada há tanto tempo, como herói, rei, senhor. Como tarda — o que o detém? Agora, sons de batalha, tambores, clarins, trompas... silenciam de repente. Voltam de novo, falando de ninfas, gênios da floresta. Uma cascata de sons derramando-se entre as flores, a terra e os rios. Voltam os cla-

rins. Ele avança sempre, aproxima-se, cabelos negros ao sol, olhos azuis, azuis do céu. Retarda os passos, sabe que alguém o espera junto à fonte. Vem com ar de conquistador, triunfal, sorrindo. Parece sonhar ainda com as batalhas, a espada brilhando à luz do dia, à luz das estrelas. Ei-lo que chega, vencedor. Graças a Deus! Há festa no céu, na terra, na floresta. Cantam os rios, os ramos das árvores balançam felizes. Desabrocham flores. Vem o libertador! Mas o que é isto?”

— José vem! Não se demore...

As duas mulheres, do outro lado, comentam:

— Está delirando...

— E a febre danada... é melhor chamar alguém...

“Febre. Deve ser isso. Não! são pingos de chumbo derretido caindo pelo corpo todo, na bôca, nos ouvidos, nos olhos. Mas precisava abri-los, porque José já chegara. Podia-se vê-lo, na luz cinzenta do quarto. Estava ali junto à cama, mas... por que também de branco? E a máscara? Que importava? Até que enfim viera...”

— José! Eu sabia que você voltava... perdão sim, meu bem, apesar de tudo... venha aqui, mais perto... quero lhe dizer que... Jo...

Seus lábios crestam-se. Espasmodia o corpo. O chumbo dos olhos dilui-se e transforma-se numa gôta fria, que rola pelo rosto. Uma apenas. A respiração estertora. A seu lado, o médico abana a cabeça. Aproxima-se, fecha-lhe os olhos, aqueles olhos que o devoravam minutos antes, e onde ele ficara gravado no último instante do delírio. Cobre-lhe o rosto, e, como se terminasse uma operação, sua voz inflexível ordena às enfermeiras:

— Levem-na.

*

GRAÇAS AO SENHOR

O PROFESSOR da escola dominical solicitou que as alunas fizessem pequena prece dando graças ao Senhor por terem merecido as Suas bênçãos.

Assim, Sue rendeu graças a Deus pelos seus olhos azuis; Marta, pela encantadora cor de sua pele; os agradecimentos de Mari foram pelos seus belos cabelos louros e cacheados. Finalmente Evelin, tendo as pernas tortas, sendo estrábica, de cabelos estirados e feios, e, para cômulo, ainda canhota, não tinha a oferecer nenhuma prece, nenhum louvor.

Venha querida não deseja louvar ao Senhor por alguma coisa? — disse o mestre, bondosamente.

— Não, — respondeu Evelin. — Ele quase me arruinou!

A medicina na Rússia

COMO já é do conhecimento de todos, a instrução — primária, secundária, superior e técnica — na URSS, é inteiramente gratuita. Ainda mais: o governo sustenta não só as escolas e os seus mestres, como também os alunos, que não pagam matrículas nem taxas de exame e vivem às expensas, parciais ou totais, do Estado. Conta Osório César, no seu opúsculo "A Medicina da União Soviética", que o estudante, quando não tem família na cidade em que se encontra, é alojado pelo Estado e recebe um ordenado que lhe permite adquirir, nas cooperativas estudantis o necessário à sua vida. Todo trabalhador, intelectual ou manual, trabalha para o Estado. Também a medicina é controlada pelo governo; o seu livre exercício quase já não existe. Médicos, farmacêuticos, químicos, parceiras, são funcionários do governo. A necessidade de aumentar o número de médicos afim de prestar assistência gratuita à população e de sustentar as campanhas intensivas contra a tuberculose, o cancer, as afecções venéreas, etc., fez com que o governo soviético estimulasse os jovens a se dedicarem à medicina; nas matrículas cerca de 50% eram estudantes do sexo feminino. Terminado o curso — de quatro anos — os jovens médicos são enviados para os distritos rurais, com um contrato de três anos. Depois passam às grandes clínicas, que permitem a seleção profissional. Uma das mais importantes é a dos Ferroviários, em que se empregam 180 médicos, 40 dos quais destacados para as visitas domiciliares.

O número de doentes tratados diariamente é de 3.500, incluindo as pessoas da família dos ferroviários. Cada uma das Repúblicas da URSS tem um Departamento de Saúde Pública controlado pelo Departamento Central de Moscou. A jornada de trabalho do médico é de seis horas, sendo reduzida, para as polyclínicas, dispensários e secções de radiologia, etc. As férias anuais, de duas semanas, são dilatadas até um mês e meio, para radiologistas e psiquiatras especialistas em moléstias contagiosas, etc. Os que servem em regiões afastadas têm direito, após três anos de serviço, a três meses de férias. Os salários estabelecidos de acordo com as classificações profissionais, têm um acréscimo de 20%, de dois em dois anos. O médico tem casa, luz e aquecimento gratuito, aposentadoria com 50% dos honorários, sendo incluídos, na contagem dos anos de serviço, os anteriores à revolução. Durante os cursos de aperfeiçoamento, no país ou no estrangeiro, os médicos recebem integralmente os seus salários. Podem, além disso, trabalhar em diversos estabelecimentos e manter clínica particular.

*

MILAGRES DA CIÊNCIA

ACABA de sair dos laboratórios de ciência um novo produto que é uma espécie de cimento, relacionado com o plasma e derivado do sangue humano. Este cimento é empregado para substituir a matéria orgânica das cavidades accidentais ou patológicas dos órgãos vitais do homem, como os pulmões e o baço. O seu sucesso foi atestado pelo tratamento de feridos nos campos de batalha, em casos considerados fatais.



PÁGINAS DOS VINTE ANOS

CANÇÃO DO DESERTO

★ ALBERTO RENART ★

PARFUZÉL é o nome da virgem branca, de olhos boêmios de gitana e de cabelos nígeos de princesa moura...

Como um nenúfar que a asa eversora do tufão arrancasse do remansoso de Biskra e lançasse ao coração chamejante do Sahara, Parfuzél veio cair à porta da minha tenda branca de argelino...

E a cabeça pensativa de Parfuzél inclinou-se ante o meu olhar adusto como se inclina a flor da romanzeira aos beijos quentes do sol.

E eu disse a Parfuzél:

— Eu sou o teu senhor!

Tu és a minha escrava!

Quando os meus braços hercúleos cingirem o teu talhe nervoso e ondeante, os teus olhos sonâmbulos chorarão de prazer... e a tua voz macia tremerá em gemidos na garganta, como o som da corda de um arrabril...

e os teus lábios úmidos florirão sorrisos que se despertarão em beijos sobre a minha fronte.

E a cabeça pensativa de Parfuzél estremeceu como a copa da palmeira ao sopro do kamzin...

E eu disse a Parfuzél:

— Eu sou o teu senhor!

Tu és a minha escrava!

Nas noites plenilunares, quando as aréias do deserto fulgurarem, tu cantarás à porta da minha tenda branca de argelino uma canção boêmia...

e eu adormecerei acalentado pelo balanço macio da tua voz de gaze.

E a cabeça pensativa de Parfuzél inclinou-se ainda mais sobre o peito ondulante de ibis assustado...

E eu disse a Parfuzél:

— Eu sou o teu senhor!

Tu és a minha escrava!

Quando eu te beijar o corpo enluarado, as tuas mãos esguias e vibráteis mergulharão na minha cabeleira revolta de guerreiro... e os teus seios de mármore argivo estremecerão em turgecências delirantes.

E a cabeça pensativa de Parfuzél cintilava ao sol como uma panôplia enegrecida pelo tempo...

E eu disse a Parfuzél:

— Eu sou o teu senhor!

Tu és a minha escrava!

Quando vier o simum, com o seu sopro mórbido de volúpia, estenderás sobre meu corpo a cabeleira nígea, como um broquel de veludo...

(Conclui na pág. 36)

O Amor Significa Muito Mais

Conto de Maria Howard

Ilustrações de Érico

DESTRENUITO das explosões parecia saudir o edifício e estremecia o corpo esbelto de Dinah Hampden. Para ela a vida se transformava num castelo de areia que cedia irremediavelmente ao impeto das ondas, e não apenas pelo caos reinante no exterior.

Era por uma quantidade de coisas, e em particular por Larri, que, imóvel junto à lareira de tijolo, mostrava um rosto sombrio, uma expressão amarga e total indiferença pela beleza dela, que era quase famosa e lhe pertencia.

Dinah cruzou os braços dentro das amplas mangas do "negligée" que a cobria como se ela sentisse frio, e as mãos cerraram-se com força sobre a carne tibia, talvez porque os dedos tremessem e ela quisesse evitá-lo. Seu rosto, rodeado pelo brilhante halo louro, tinha naquele momento a máscara convencional tantas vezes reproduzida nos semanários de moda: uma expressão entre divertida e brejeira e a boca preciosa entreaberta por leve sorriso. Fora reinava o caos e Larri se empenhava em discutir com ela, espernando essa última noite de sua licença... por nada.

Porque — repetia-se Dinah — nada havia sucedido que justificasse o incômodo que se evidenciava pela atitude dele.

Ela propôs descerem ao restaurante do hotel para cear e dançar; queria que a vida continuasse como sempre fora para ela, alegre, dourada, irresponsável, enquanto que Larri queria... só os céus e ele sabiam-no! Mas estava claro que ele não queria a classe de existência que ela preferia e à qual não desejava absolutamente renunciar.

*

Dinah contemplou pensativa a ponta de suas sandálias prateadas.

Larri sabia perfeitamente como era ela quando a tornara sua esposa.

Haviam-se conhecido precisamente no salão de festas do Hotel Glória, o mesmo em que se encontravam ainda, e onde, durante tantos anos, haviam morado seu pai e ela.

Por que, pelo simples fato de que houvessem contraído matrimônio exigia-lhe ele que mudasse de gostos e de modo de ser? Era absurdo e injusto.

Larri era aviador e, ao casar-se havia concordado que ela continuasse vivendo com seu pai no hotel, onde se reuniram cada vez que ele tivesse uns dias de licença. Indo, desde o princípio, havia sido deliciosamente romântico e até emocionante; o encontro, o curto noivado, as festas e a lua de mel. E não obstante ai estavam, seis meses depois, enfrentando-se como inimigos e dizendo-se coisas imperdoáveis. O elegante rapaz que, de pé, junto à chaminé, evitava mirá-la, havia-se convertido, hruscamente, de um apaixonado e enamorado esposo, num desconhecido mal-humorado e crítico.

Dinah não deixava de reconhecer que até certo ponto era culpada daquela situação. Compreendia que po-

dia ter recebido com mais tacto a sugestão de Larri que propunha habitarem juntos pequeno chalet situado nas proximidades do aeródromo. Em resposta, havia-lhe dito, irritada:

— Pelo amor de Deus, Larri! Que faria eu, enterrada no campo? Esperar sentada a notícia de que regressavas sô e salvo ao aeródromo depois de cada um dos teus vôos? Pelo menos aqui, tenho amizade de sobra e divirto-me. Ademais, — acrescentou como razão definitiva — meu pai gosta muito de minha companhia quando está livre...

— A quem tu queres, a teu pai ou a mim? Gozar da companhia de sua mulher, ser responsável por ela é privilégio de qualquer homem. Sempre pensei assim.

— Responsável em que sentido? No sentido económico?

Ao ouvi-la, Larri avermelhou-se de cólera. Era certo que os seus meios eram bastante escassos.

Com a expressão e o acento frios de desgosto, falou:

— Bem vejo que querias a um companheiro permanente de diversões e

não a um marido. Podias ter esclarecido este ponto antes de haver casado comigo.

*

E ali estavam agora, num ponto morto. Dinah observou Larri, a cabeça juvenil inclinada sobre o peito, e ansiou apertá-la contra o coração.

Poderiam ser tão felizes! Por que se empenhava Larri em alterar sua vida? Não era ideal uma união como a deles?

Ela vivia comodamente no hotel em companhia de seu pai que aparentemente ganhava dinheiro como nunca havia ganho antes em sua vida, a julgar pelo que gastava. Viam-se, naquele ambiente, quantas vezes era possível... que mais era necessário pedir ou desejar?

Fora cessou o estrondo das explosões e, no profundo silêncio, Dinah sentiu que seus nervos tensos se afrouxavam. Venceu a distância que a separava de Larry e buscou refúgio em seus braços.

— Não discutamos, querido. É a tua última noite livre...



Ele deixou a atitude hostil e beliscou-a, reincidente, por um momento, a paz e a beleza naquele aposento. Quando ele falou, seu acento foi doce, tranquilizador.

— Estás nervosa, Dinah. Por que não queres viver comigo em Fetteringham? Lá tudo é paz. E não imaginas que estarias sózinha. Tenho amigos casados.

— Cujas esposas não sabem falar senão de crianças e cozinhas! Não Larri obrigado; isto não é para mim. Imaginas que eu poderia viver sem ver a nenhum conhecido, a meus amigos?

— Queres dizer: sem ver a Guilherme...

Ela afastou-se de seus braços, indignada.

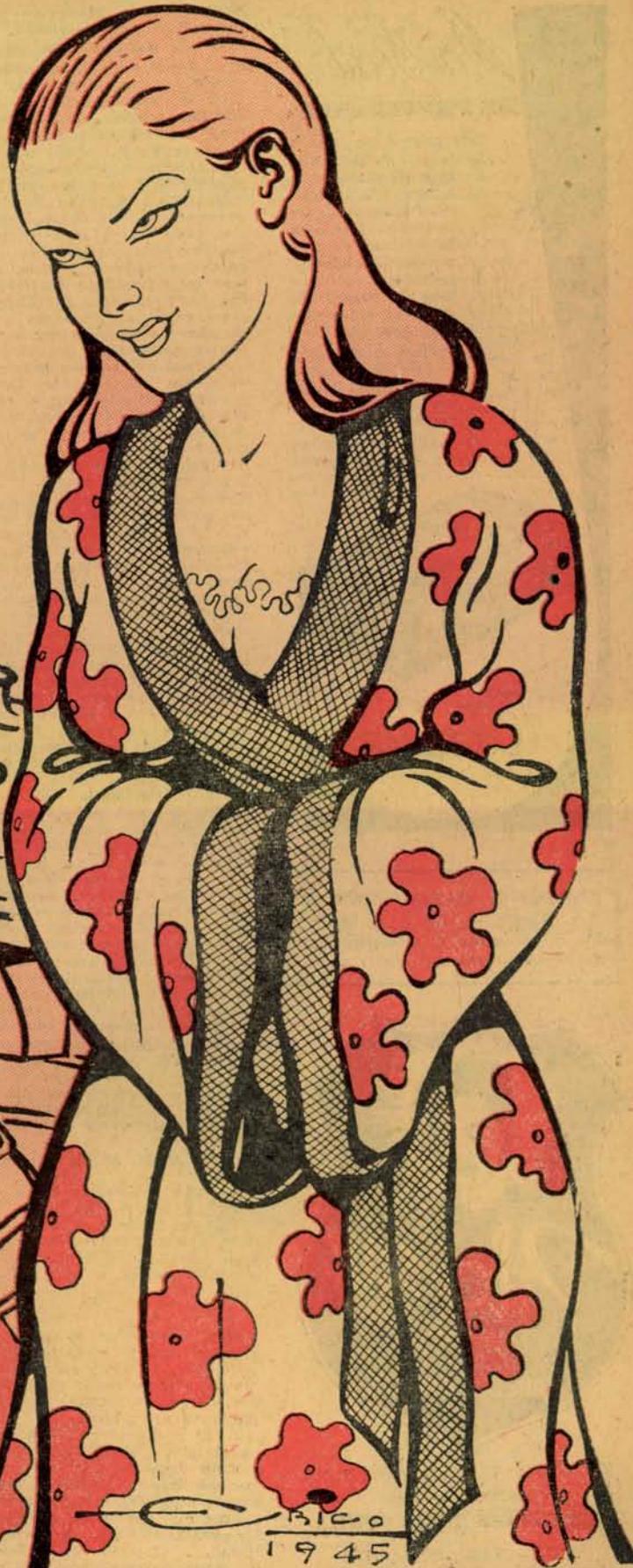
— Por que não admites logo que teus ciúmes de Guilherme são o único motivo de nossa absurda discussão?

Guilherme era o novo sócio de seu pai, homem mundano, jovem e aparentemente próspero.

Para o senhor Emerson, o casamento de sua única filha com outro homem, fôra uma deceção, e não se opusera porque jamais negara a Dinah qualquer coisa.

*

Dinah quis casar-se com Larri Hampden, o jovem recém-chegado do campo, quieto e demasiado sério para sua idade, desconsertado e deslumbrado diante da beleza dela, sua



Meio Século

DE PREFERÊNCIA

Das damas do século passado à mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz às epidermes mais delicadas. Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

À venda em todas as farmácias e perfumarias



Sabonete
de
Reuter

I-A

SR-2

Olvidar o OLEO "VIDA"? Nunca — ele é o tal — E' o primeiro, o preferido, o azeite sem rival.



EM TODAS AS CASAS DO RAMO
DISTRIBUIDORES:
DROGARIAS RAUL CUNHA

RIO — BELO HORIZONTE

elegância, sua resplandecente juventude. E seu pai consentiu.

Se ela desejasse algo que pudesse ser obtido, ele infalivelmente conseguia-o para oferecer-lhe. Aquela série de apartamentos luxuosos que enchiham sempre a Larri de indescritível ressentimento, falava da indulgência paterna. Ainda que fosse inverno e houvesse guerra, ali havia calafetação e as mais formosas flores cultivadas a despeito do frio, todos os luxos e delicadezas imagináveis.

Quando Larri chegou uma noite inesperadamente, em gozo de licença, encontrou Dinah vestida, prestes a sair em companhia de Guilherme. A má impressão que lhe ficara fazia-o esquecer, agora, a beleza e a docura do abraço que os unia, e retrocedeu um passo, furioso.

— Pois bem: estou com ciúmes de Guilherme. E que tem isso? — A voz tremia-lhe um pouco. — E's minha esposa, creio. Imaginas que pode agradar-me ver-te com outros homens?

Dinah deslizou a mão pelo seu braço tentando atrair-lo novamente aquela doce e momentânea intimidade, com sua típida proximidade.

Mas, querido, Guilherme é um velho amigo. Asseguro-te que não tens motivo de sentir clume dêle! Larri moveu os ombros com impaciência, como se desejasse livrar-se do contacto daquela suave feminilidade.

— Não são apenas os meus ciúmes estúpidos de namorado, mas ciúme de teu pai, déste lugar, de tudo que possuis que não te dei... Não te das conta que à exceção do anel de noivado e da aliança de casamento, nada tens ou usas o que eu tenha te dado? Há algo de indecoroso em minha situação...

Dinah permanecia imóvel, escutando-lhe, o rosto pálido entre as suaves ondas do cabelo louro. Ningém jamais se havia mostrado colérico com ela, e ela já não podia suportá-lo... Larri destruía sua crença infantil no romance. Sempre tivera tudo na vida, exceto a realidade mesma, e jamais pensara na realidade como parte do casamento, jamais pensara em alterar seu modo de viver ou renunciar a alguma coisa, ou ajustar sua personalidade para adaptá-la a outra. Ao casar-se, pensara única mente em unir-se no namorado perfeito, o princípio de romance, ao encanto e às perfeições artificiais de sua vida. Porém, Larri se rebelava, súbita e inesperadamente, contra seus desejos, e ela sentia que o odiava por transformar seus belos projetos.

Então disse, pálida até aos lábios, furiosa:

— Não significa nada o nosso amor? E eu não lho dei... todo?

Por um instante, os olhos dourados dêle percorreram-na dos pés à cabeça com tal desprezo que ela sentiu estranho tremor.

+

Fora, começavam novamente as explosões, mas de certo modo não importavam. As palavras que Larri pronunciava eram muito mais importantes e terríveis, porque reduziam seu mundo a escombros.

— E' porque nosso amor significa tanto que me sinto assim. Dizes que me deste tudo, e eu te pergunto: que me deste? Algumas horas de seu tempo, uma série de apartamentos luxuosos que não sabes converter num lar para mim e que eu não posso sustentar... Convence-te, Dinah: nada me deste de verdadeiro valor, coisa

alguma que pese na vida dum homem. O amor significa muito mais, o mesmo que a vida. Tu não és uma mulher a quem me agrade unicamente ter amor: és minha esposa, comprehensiva!

Ela levantou a mão como se desejasse esbofeteá-lo, mas, desalentada, estirou-a ao longo do corpo imóvel. Numa voz inexpressiva, disse:

— Queres ir?

Sem outra palavra, ele dirigiu-se ao dormitório, de onde voltou, após alguns minutos, com uma mala na mão. Avançou até à porta, mas voltando-se, retrocedeu até onde ela se encontrava e atraiu-a para beijar-lhe os lábios. Ela continuou imóvel. O coração batia-lhe com força no peito, como pássaro que desejasse voar da gaiola, mas continuou silenciosa e imóvel.

— Sinto, Dinah, a representação terminou; nunca soube ser habilidoso nos jogos de salão. Meu amor por ti é sincero. Se me quiseres algum dia, sabes onde encontrar-me.

Então voltou-se e distanciou-se.

Quando a porta cerrou-se, à sua passagem, Dinah dirigiu-se, lentamente, à lareira, como se estivesse morrendo de frio naquele ambiente calmo. Havia sido ferida. Ningém, em sua vida inteira, lhe havia ferido daquela forma. Sentia-se muito só, muito só. Logo regressaria seu pai, e ela se refugiaria em seu peito para contar-lhe tudo...

Nesse ponto, entretanto, os pensamentos sofreram uma cisão brusca. Não; jamais poderia contar a seu pai a cena havida com Larri. Pela primeira vez em sua vida encontrava-se com alguma coisa que seu pai não podia remediar, tornar-lhe suportável; devia lutar sozinha contra a recordação mortificante daqueles insultos amargos, acusadores. Seu pai chegou logo depois e ela esperava-o ansiosamente. Ainda que não pudesse desabafar-se com ele, pelo menos tinha ali a segurança de um amor firme.

Porém, ao vê-lo, teve medo; vinha pálido, descomposto o semblante, as roupas em desordem.

— Houve alguma coisa, papai? — perguntou alarmada. Não te sentes bem?

— Estou bem... estou bem... — respondeu, como se significasse um esforço manter coordenados os pensamentos junto dela; como se os pensamentos se empenhassem em voltar para outras coisas de importância vital.

— Um pouco cansado e preocupado com negócios, é tudo. Onde está Larri?

Ela estava disposta a dizer-lhe que tinham brigado, sem revelar-lhe a causa, mas algo na expressão fatigada do rosto dêle fazia-a esperar. O alarme crescia em seu íntimo. Seu pai mostrava sempre tanta confiança em si mesmo, tanta segurança! Era tanta sua experiência...

Tocou a campainha; tocar campainhas e expedir ordens era tóda sua ciência doméstica. Quando o camareiro atendeu, pediu a cédia. E logo disse, explicando a ausência de Larri.

— O trem saia mais cedo do que pensava, e ele teve que partir.

Sentiu sobre ela o olhar atento do pai.

— Queres muito a esse rapaz, não é verdade, Dinah?

— Claro, naturalmente — respondeu, em guarda, sem saber contra que. — Por que imaginas que eu me casado com ele? Não poderia ser dela sua fortuna...

— Eu sei, mas... Sempre, desde

que existes, tiveste caprichos. Nunca me preocupei enquanto os caprichos te satisfizeram... — Ele ergueu-se e começou a caminhar pelo quarto, estranhamente desassossegado, tocando aqui e ali alguns objetos, como se os visse pela primeira vez. — Bem, devo dizer, agrada-me que o rapaz seja como é: sincero, honrado, de vida limpa. Nós pertencemos a outro mundo, Dinah, e nossas direções podem se comparar aos giros de uma roleta: não aceitamos obrigações, não somos capazes de aventuras valorosas, de fazer alguma coisa por nossos semelhantes...

Dinah escutava-o atônita, dominada por alguma coisa semelhante ao terror. Que sucedia a seu pai? Não lhe vinha à recordação nenhum momento em que ele lhe tivesse falado daquele modo, com aquele acento. Aproximou-se dele alguns passos, lentamente.

— Que sucedeu, querido? O que pôde causar-te esta impressão?

Ele não respondeu imediatamente. E logo, cerrando os dentes:

— Se não fosse essa maldita guerra, tu e eu poderíamos partir... ir a outro país... Oh, se pelo menos seu marido estivesse livre para proteger-te em vez de expôr sua vida e tua segurança nos céus!

— Papai — exclamou ela, agora verdadeiramente assustada. — Falas como se estivesses pronto para abandonar-me!

— Bobinha... — murmurou ele, e lançou uma gargalhada. — Ouves estas explosões? Qualquer um pode vir a ser vítima de uma dessas bombas!

Antes que protestasse, vibrou a campainha do telefone. Atendeu e ouviu a voz de Guilherme em seu ouvido, o acento urgente, ríspido.

— Está seu pai ai, Dinah? Diga-lhe que desejo falar-lhe... Apresse!

— Está bem — respondeu sobre-saltada. E voltando para seu pai:

— E' Guilherme, papai; quer falar-te.

Não tinha acabado de pronunciar as palavras quando ele cruzou a distância, que os separava, de um salto, e arrancou-lhe o telefone da mão. Viu que seu rosto tornava-se sombrio à proporção que escutava e respondia.

— Olá? Sim... sim. Bem, foi magnífico enquanto durou... Bem, boa sorte. Irei agora mesmo ao escritório. E' melhor salvar o que resta enquanto ainda há tempo. — A sua animação cessara e ele recolheu novamente o sobretudo.

— Papai, não podes sair agora — protestou ela, assustada. — Escuta, os aviões voltam outra vez.

— Tenho que ir ao escritório e re-colher algumas coisas. Voltarei antes que amanheça. Não te preocupes querida, e trata de dormir.

Beijou-a, saiu, e ela se encontrou sózinha. Nesse momento de completa solidão, era Larri que ela queria a seu lado, só Larri...

* * *

Dinah não voltou a ver seu pai. Donaldo Emerson morreu heróicamente, suportando sob as costas o peso das madeiras em chamas para dar lugar a que várias pessoas, encerradas no porão do edifício derrubado por uma bomba, saíssem e se pusessem a salvo. A sua fôra uma morte valorosa. Até o empregado policial que chegou ao hotel na manhã seguinte para registrar os apartamentos do falecido tinha reconhecido como tal. Era um homem de meia idade e muito pouco impressionável e que no entanto se achou impressionado ao ver o rosto descomposto da

moça, a desesperação dos seus olhos.

— O dano que ele causou em vida foi pago pela sua morte de herói, senhora Hampden.

Os giros da roleta... os altos e baixos da sorte. Atividades sujas que saiam à luz. Guilherme já estava sob custódia, afundado numa pequena cidade do norte, onde procurava ocultar-se. E não restava nada, nada... Os apartamentos com seu mobiliário, seus objetos de adorno, seus cortinados, pertenciam ao hotel. Nada restava da fortuna que existira, exceto um amontoado de roupas luxuosas: Dinah estava só no mundo, sem parentes, sem amigos, sem dinheiro, com sua incapacidade total para bastar-se a si mesma, para ganhar a vida.

Os proprietários do hotel mostraram-se generosos. Donaldo Emerson havia vivido ali durante anos: deixava a senhora Hampden prolongar sua estadia uma semana, até organizar convenientemente seus negócios? Naturalmente não podiam deixá-la naqueles apartamentos, mas ofereciam-lhe um quarto no último andar...

A descoberta da série de importantes *chantages* levadas a efeito por Donald Emerson e seu sócio, e a morte heróica do primeiro, apareciam em todos os periódicos. Ningém chegou ao hotel para apresentar pésames à Dinah, nenhum amigo, nenhum dos homens que sacavam dinheiro do pai, nenhuma das mulheres que antes desejavam ser vistas em companhia de pessoas tão opulentas e de moça tão elegante.

*

No terceiro dia, chegou telegrama de Larri. Acabava de tomar conhecimento do sucedido. Envia pelo correio o dinheiro, anunciando a Dinah que já se achava instalado no *chalet*, que punha a sua inteira disposição se ela não tivesse outro lugar para ir e se desejasse realmente abandonar o hotel.

Não dizia se lamentava a situação ou se ainda a amava, nem tamponou pediu desculpas pelas últimas palavras ditas quando estavam juntos. E Dinah recordou-se das palavras de despedida: — Se me quiseres alguma vez, já sabes onde encontrar-me.

— Não trates de fingir — replicou ele — sei que a teus olhos, acostumados com outros ambientes, isto deve parecer horrível. E fui também louco ao pensar que te conformarias com tanto pouco. Mas tudo isto terminou já. Uma coisa mais desejo dizer-te, Dinah, e é acerca de seu pai; não o julgues com excessiva dureza. Pecou, é verdade, mas soube morrer para salvar vidas alheias, e isto o redime.

*

Mas não queria ir para ele. Ansiava vingar-se, ferir-lhe como ele a ferira, ensinar-lhe uma lição amarga, demonstrar-lhe que podia muito bem viver sem seu apôlio. Não queria ir para ele, mas estava só no mundo, sem amigos, sem dinheiro, e tinha medo. Encheu três malas com suas roupas e tomou o trem para Fetteringham. Larry recebeu-a na estação; o coração de Dinah precipitou-se no peito quando o viu, alto, confortante, os raios de sol em seus cabelos louros. Ele adiantou-se pela plataforma, saudou-a cortesmente ao chegar a seu lado, e não fez o menor gesto para tomá-la nos braços e beijá-la.

O *chalet* levantava-se ao fundo da vila, longe das outras casas, rodeado por amplo e bem cuidado jardim. Larri tomou o caminho dum a escada até o dormitório mobilado com simplicidade e bom gosto. O lugar era tão diferente dos apartamentos do hotel Glória, apartamentos aquecidos, sobrecarregados de tapetes e banhados pelo perfume das flores de inverno, que Dinah se sentiu sobressaltada — para seus olhos aquela quarto parecia tão desnudo e simples como cela de monge.

— Este é o quarto principal — disse Larri, brevemente. — Eu ocupo outro menor no extremo do corredor.

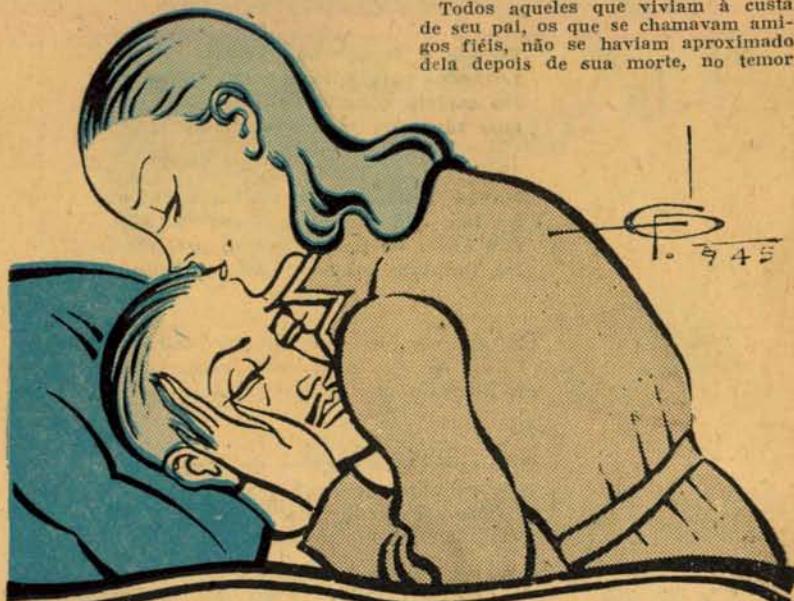
Dinah experimentou estranho estremecimento. Não havia acreditado na realidade, ainda depois dos reproches da despedida, que as coisas estivessem definitivamente acabadas entre os dois. Quisera demonstrar a Larri que poderia viver sem ele e era ele que lhe demonstrava que podia viver sem ela; estava ali porque necessitava de um refúgio e ele lho oferecia sem exigir nada em troca. Murmrou, com os lábios endurecidos por um frio inexplicável:

— Obrigado. E... é encantador.

— Não trates de fingir — replicou ele — sei que a teus olhos, acostumados com outros ambientes, isto deve parecer horrível. E fui também louco ao pensar que te conformarias com tanto pouco. Mas tudo isto terminou já. Uma coisa mais desejo dizer-te, Dinah, e é acerca de seu pai; não o julgues com excessiva dureza. Pecou, é verdade, mas soube morrer para salvar vidas alheias, e isto o redime.

*

Todos aqueles que viviam à custa de seu pai, os que se chamavam amigos fiéis, não se haviam aproximado dela depois de sua morte, no temor



de que um escândalo os atingisse. No entanto, Larri dizia aquelas palavras consoladoras, Larry que a conhecia de tão pouco e que condenara seu modo de viver...

Sorriu, para expressar de algum modo o seu agradecimento, temerosa, no momento de falar, das lágrimas demasiado próximas.

— E outra coisa, Dinah: considera-te ao meu lado, livre como o ar que respiras. Fica até quando desejas, e parte quando quiseres. Não te consideres obrigada a prolongar sua permanência aqui se crês que poderás ser mais feliz noutra parte.

— Se posso ficar até que... até que me recomponha do golpe, — disse lentamente — não te incomodarei um instante mais do que o preciso.

— Podes ficar todo tempo que desejares — replicou elle, imediatamente.

— Não te encomodarei em absoluto.

Inclinou-se diante dela como se ela fosse uma estranha, e deixou-a sozinha. Por um momento, Dinah passou o olhar em redor, presa dum senso de impotência.

Ali não havia campanha para tocar, e ainda que a houvesse ninguém atenderia ao chamado. De nada valia perder o tempo olhando as malas: animou-se e abriu-as.

Enquanto movia-se das malas ao guarda-roupa e vice-versa, sua mente enfrentava pela primeira vez um dos problemas da vida. Até pouco tempo, toda sua obrigação consistia em expressar seus desejos: "Quero isto", e aquilo em questão ia parar em suas mãos. Quisera a Larri, havia feito com que ele a quisesse, e conseguido seu objetivo não voltara a pensar no assunto. Nunca havia pensado em Larri como indivíduo dotado de corações e sentimentos. Havia pensado apenas em sua atração e na satisfação de saber-se amada.

E agora elle não a amava mais. Mostrava-se bondoso porque era bom por natureza, mas a ela bastava olhar

a casa de Larri para ver que ele não necessitava absolutamente dela, que vivia perfeitamente bem só porque bastava-se a si mesma. E com aquele pensamento, irrazoavelmente, resurgiu seu poderoso ressentimento.

Permaneceria naquela casa até recorrer-se do golpe sofrido: Larry desprezava-a e não lhe faltavam razões. E ela não permaneceria um minuto só, mais do que o preciso, num lugar onde apenas a suportavam. A cólera contra sua própria impotência converteu-se em cólera injustificável contra Larry, contra a sua indiscutível retidão. Acostumada a viver por impulsos, a ceder a todos os caprichos, a censura de Larry trazia-a enfurecida. E prometia-se a si mesma aprender a ser independente, demonstrar-lhe que também era capaz de prescindir de seu apôlo e companhia. Porém, naquela noite, só no dormitório, envolta no silêncio provocado de rumores da natureza em descanso, não pôde deixar de reconhecer seu amor por Larri, a necessidade de o reconquistar, e necessitou apelar para todo seu orgulho, toda sua força de vontade, para não deslizar pelo corredor até seu quarto.

*

Uma mulher vem duas vezes por semana para fazer a limpeza — disse Larri na manhã seguinte. — Mas se puderes conseguir uma criada permanente, talvez seja melhor.

Não pôde consegui-la, naturalmente, e dedicou-se às tarefas domésticas com ódio no coração. Larri não se queixou da infelicidade dos seus esforços, de que gastasse tanto tempo nas tarefas mais simples, e deixasse a perder os mantimentos.

Sua paciência era desafio. Com o transcurso da semana, entretanto algo melhorou. Algumas pessoas vieram visitá-la; amigos de Larri

com suas respectivas esposas. Todos admiravam-se um pouco ao conhecê-la.

E Dinah escutava e aprendia, estimulada pelo pensamento desagradável de que todas aquelas mocinhas sabiam tanto das tarefas domésticas, da arte de dirigir uma casa, enquanto ela ignorava totalmente. Mas não deixava de dizer a si mesma a todos os momentos: — Este é um intervalo da espera, nada mais. Demonstrar-lhe a Larri que sou capaz de aprender e, quando houver aprendido, parti-

Exteriormente o matrimônio dos dois começava a tomar a aparência de normalidade; interiormente, era tortura para ambos. O que sucedera naquela última noite no hotel, era como uma parede de cristal entre os dois, que lhes permitia verem-se mas não se aproximarem. Haviam sido separados pelas palavras definitivas que laceraram o amor.

*

Uma tarde, quando já levava dois meses em sua nova vida, apareceu a Dinah um homem chamado Hubbard. Quando se achou em frente a ela, o desconhecido, em cuja frente aparecia uma ferida apenas fechada, estendeu-lhe uma valise de couro.

— Sinto não ter podido vir antes, senhora — disse — Estive no hospital desde aquela noite. Teria morrido e creio que a mesma sorte seria a de todos os que conseguiram escapar daquele porão não fosse o heroísmo de seu pai, sustentando nos ombros todo o peso das vigas queimadas que ao cair obstruíram a única saída. Quando quiser sair é de mim, num supremo esforço: "Procure em meu peito e encontrará uma valise. Leve-a a senhora Hampden, no hotel Gloria. Vim aqui esta noite buscá-la e é tudo quanto posso deixar-lhe. Prometa-me que levará."

Eu prometi, mas alguma coisa fez-me ao sair e desertei no hospital. Quando li os periódicos, compreendi que a obrigação era levar o embrulho à polícia, mas não pude esquecer que seu pai morreu para salvar-me e salvar a outros, e cumprir minha promessa.

Dinah tomou a valise, abriu-a, e tirou as oito pedras preciosas que continha e que brilharam como fogo sobre a mesa. Compreendeu instantaneamente que aqueles oito pontos poderiam fazer com que ela se tornasse independente e se reintegrasse em sua antiga e brillante existência. Já não tinha necessidade de machucar as mãos cozinhando e lavando, de mostrar-se cortês com os amigos de Larri e agradecida por um teto sobre sua cabeça, de esperar noites inteiras o regresso dele. Podia fazer suas malas e partir. Quedou pálida, enquanto contemplava a fortuna em diamantes ali sobre a mesa, na sua frente. Por fim, falou:

— Não sei como agradecer-lhe... Quisera... — fez um gesto em direção dos diamantes, mas o homem saiu da frente.

— Não, obrigado, senhora. Muitas pessoas diriam que essas pedras pertencem na realidade à pobre gente enganada por seu pai. A quem pertencem verdadeiramente deve decidir a senhora. Ele salvou minha vida e eu cumprí minha promessa. Não fui muito. E agora, se me permite, eu parto.

Dinah acompanhou-o até a porta, e logo voltou ao interior da casa presa de uma sensação de irrealdade. Sentou-se outra vez frente à mesa,

A ESTRÉLA D'ALVA

Estréla d'Alva, muito branca e pura,
Lanterna ideal que mostras o caminho
Do castelo volante da ventura,
Que ninguém pode conquistar sózinho:

Nunca faltes, estréla, com a brandura
Da luz, que simboliza o teu carinho,
Aos olhos do pastor que te procura
Da humilde soledade do seu ninho.

Estende-lhe os teus braços rutilantes,
Dêsses cárcere azul onde estás preta,
E alenta-o nos fatídicos instantes

Em que vê afundar-se, de surpresa,
Seu rebanho de sonhos vacilantes
Na areia movediça da incerteza.

RODRIGUES CRESPO

contemplou os diamantes, pensando, não nêles, mas naquela casinha, que acreditara odiar e que não obstante, lenta e seguramente, se apoderara do seu coração.

*

Era um choque para ela compreender que não desejava realmente partir, um choque a súbita compreensão de que, se houvesse aceitado desde o primeiro momento compartilhar da vida de Larri naquele chalet, ali se refugiaria toda a felicidade do mundo para os dois. Pensou nas suas amizades da cidade, comparou-as com os amigos de Larri e compreendeu que as coisas que ela acreditava aborrecidas eram o único verdadeiro e importante da vida: um lar, um esposo, filhos. Era essa a realidade, a única realidade. Porém, agora que compreendia, tinha que partir; não lhe assistia o direito de pedir a Larri para ficar ali. Uma voz falou súbitamente no seu coração.

— Por que partir? Não és a espôsa de Larri? Cometeste um erro, é verdade, mas os erros podem ser corrigidos...

Sou o telefone. Era Larri que comunicava que voltaria na manhã seguinte à hora do almoço, assim esperava ao menos. Acrescentou, súbitamente:

— Dinah, esta noite encarregaramos de uma missão especial... Queria dizer-te que, se me ocorrer algo... a casa que me pertence passará a teu poder...

O terror apossou-se do coração de Dinah. O perigo que corría Larri todos as semanas e que seu cego ressentimento fizera ignorar até então, enchia subitamente todo o mundo.

— Larri! — exclamou. — Que querias dizer...?

— Nada — o acento dele parecia irritado. — Pensei que era melhor que o soubesse, isto é tudo. Ver-nosemos amanhã de manhã. Prepara o almoço.

*

Dinah afastou-se do telefone, subitamente. Em Londres, Larri havia sido um rapaz atraente que lhe pertencia e que ocasionalmente a visitava para adorá-la. Agora, na casinha, convertia-se em algo diferente.

— E' meu esposo! — exclamou em voz alta, como se aquela palavra fosse nova para ela, como se guardasse significação diferente. Era seu esposo e podia não voltar da missão. E ela nada podia fazer. Tratou de comer, mas a comida não lhe passava na garganta. Tirou a mesa, lavou os pratos e secou-os com cuidado. Pôs-se a remendar algumas roupas. Num determinado momento recolheu sua imagem refletida no espelho e achou-a muito mudada: seus olhos pareciam maiores, mais claros, mais brilhantes. As esposas dos aviadores não choram; jamais imaginam o pior. Assim havia-lhe dito Filis Leslie, a esposa dum amigo de Larri. Mas Filis tinha uma filhinha, um ser adorável de carne e osso, pequeno e indefeso, que necessitava dela: um ser frágil a quem podia levar para sua própria cama e estreitar contra o peito enquanto os aviões partiam... Por fim, deitou-se e dormiu aguardando a manhã, aguardando a chegada de Larri para revelar-lhe as coisas formosas que trazia no coração.

Levantou antes do amanhecer para preparar o almoço, que devia ser perfeito. Esperou em casa até o meio

fixbril
ASSENTA E DA BRILHO
AO CABELO • FIXBRIL
E USADO PELO BOM BARBEIRO

dia, trabalhando como nunca fizera antes, tratando de toda forma de distanciar os pensamentos angustiosos, o medo, a desesperança. Ao meio dia, abriu o rádio para escutar o noticiário, do qual apenas umas palavras penetraram na sua consciência: "um dos nossos aparelhos não voltou à base..."

*

Destruído, o rapazinho. Os batidos do coração estremeciam-lhe o corpo. Imediatamente, tomou a valise de couro, escreveu umas linhas dirigidas ao gerente do banco com o qual seu pai tinha transações: "... Rogo-lhe dispor destas pedras como considere melhor para o mais completo benefício dos prejudicados pelas 'chantages...' e fez um pacote. Não podia continuar de posse das pedras um minuto mais. Não lhe pertenciam. Dois meses junto a Larri haviam-lhe ensinado muitas coisas; o valor da honradez, por exemplo, e que na vida é preciso dar para receber. Não condenava seu pai, mas compreendia o desprezo do modesto senhor Hubbar por aquela fortuna que era produto de roubo. Antes, não lhe importava de onde saia o dinheiro, desde que ela o tivesse em suas mãos; agora preferia morrer antes de fazer uso daquelas pedras.

Dinah pôs uma capa e saiu para dirigir-se ao corredor.

Quando saiu olhou o céu e falou com o coração:

— Já enterrei a vida antiga. Não ofereço a minha ação como um preço, nem tampoco peço um milagre. Mas, por favor, envia-o de regresso aos meus braços.

Voltou ao chalet lentamente, pensando: não devo me apressar, não devo esperar nada. Não devo ser débil, porque ele não está; se ele não volta mais, necessitarei de toda minha fé e minha força para continuar vivendo.

A casinha parecia silenciosa, quieta. Abriu a porta com as mãos que tremiam.

Na pequena sala, estava Larri, estendido no sofá em frente à lareira, dormindo. Aproximou-se dele e apoiou os lábios sobre os seus cabelos louros.

Na quietude e docura do momento, Larri despertou, levantou os olhos ainda semi-cerrados e sorriu, lendo no rosto inclinado dela algo que havia muito ansiava ver.

— Larri... — disse Dinah, suavemente. — Voltaste para casa...

E a parede de cristal ruiu. Toda a amargura do tempo transcorrido se desfez ao caírem nos braços um do outro.

NÓS TAMBÉM USAMOS ATLAS
Os dentes devem ser tratados desde a infância, para que se conservem. O Creme Dental Atlas tem alto poder bactericida por ser o único que contém Sulfanilamida.

LABORATÓRIOS · ATLAS

DISTRIBUIDOR EM BELO HORIZONTE
ARTUR DOS SANTOS COELHO — AV. DOS ANDRADAS, 300 (terreiro)

Amor Fulminante

Conto de Albert Jean

Trad. de F. Armond • Illust. de A. Lima

A arte do conto é uma arte sutil, que requer predícos ricos que nem todos os contistas possuem. A técnica de contar tem sido problema debatido. Vários mestres do conto afirmam serem imprescindíveis para o êxito do contista o poder da síntese, a precisão e sobriedade dos diálogos e, através duma descrição clara e sem detalhes dispensáveis, um final imprevisto. Respondendo a um principiante sobre a melhor técnica a empregar, Maupassant respondeu:

- Técnica? Não comprehendo o que deseja dizer...
- Refiro-me à fórmula para se escrever um bom conto...
- Ah! E' fácil. E' só você arranjar um bom começo e um bom fim...
- Só? E no meio, que é que entra?
- Ah! Ai é que entra o artista!

SIM, bem sei que procedi muito mal — murmurou Genoveva, com voz desfalecente. Perdôa-me, Felipe! Juro-te que agi inconscientemente, que nunca pensei no mal que fazia...

Ouviu-se o ruido de um suspiro na suave penumbra do quarto: um desses suspiros viris, mais rouscos e mais ásperos que os soluços.

— Ah!, Genoveva! Genoveva!... Tu... tu! Não comprehendo como pudeste perder assim a cabeça!

Ela confessou, com voz chorosa:

— Foi um amor repentino, fulminante... E tentou justificar-se, pois que, a-pesar-de tudo, não queria renegar aquele amor, que tão rudemente a escravizava:

— Não sei o que se passou comigo no outro dia, quando entrei no teu escritório... no escritório de vocês... Era a primeira vez que via aquél homem... Tu me apresentaste: "Roberto Farget, meu novo sócio..." Ele me fitou. E, desde esse momento, perdi a noção de tudo quanto fazia ou dizia. Lembro-me que saímos os três. Caminhámos alguns passos por um corredor... Partimos em teu carro... E, então, comprehendi que aquél homem se me apossara inconscientemente do coração e que faria de mim o que quisesse.

Ouviu-se um novo suspiro na penumbra.

E o homem perguntou:

Que pretendes fazer?

Genoveva respondeu, com voz sumida:

— Confio na tua clemência.

*

— Ouve — disse Felipe a seu sócio. Há situações inevitáveis que devem ser respeitadas. Genoveva ama-te. Ela, com a sua habitual franqueza, confessou-me os sentimentos que lhe inspiras...

— Felipe! Eu...

— Cala-te. Talvez te surpreenda a facilidade com que aceitei esta solução. Mas repito: é uma situação inevitável. Por outra parte, devo também confessar que nunca amei Genoveva.

— Não é possível!

— Minhas palavras te assombraram? Contudo são a expressão da verdade... Sempre a considero muito. Em suma, tenho-a estimado, protegido e guiado como um bom camarada. Há um abismo entre esse meu afeto e o amor sem limites que Genoveva te professa. Compreendo, pois, que não me resta outra solução senão renunciar a todo direito e me anular... Compreendes?

Robert Farget estendeu ao sócio a mão lealmente aberta.

— Obrigado. Prometo-te fazê-la feliz — declarou, com voz embargada pela comoção.

— Conheço-te bem — respondeu Felipe. Tenho confiança em ti.

*

Durante os meses que se seguiram, os dois homens evitaram pronunciar o nome de Genoveva.

O curso dos negócios transcorria normal e serenamente. Os dois sócios compenetraram-se de tal modo dos respectivos deveres, que chegaram ao ponto de formar uma só peça no gigantesco mecanismo da fábrica que dirigiam.

Foi Felipe quem primeiro se atreveu a levantar a gase que encobria a cicatriz.

— Não achas que falta alguma coisa ali? — disse, apontando para a parede do escritório, ornamentada com plantas e mapas.

Farget olhou para Felipe.

— Não comprehendo...

— Ainda não pensaste que poderias pendurar naquela painel o retrato de Genoveva?

Uma onda de sangue avermelhou as faces de Farget.

— O retrato de...? — balbuciou.

— Exatamente: o retrato de Genoveva. Por que não?... Tens procedido como um cavalheiro. Sei que te esforças por tornar feliz Genoveva e que pretendes casar com ela. Rejubilome e felicito-te... O que passou, passou, meu caro. Seria incapaz de opôr qualquer censura a uma situação que aceitei prazenteira e deliberadamente.

Farget sorriu sob o elegante bigodinho.

— Nesse caso, se o retrato não te melindrásse...

— Melindrar-me? Que tolice!... Olha, deverias trazer para cá o retrato a óleo.

— Aquela em que ela está com o gato de Angorá?

— Sim; é o melhor.

Felite levantou-se e aproximando-se da parede, medi a altura do painel para lhe determinar o ponto médio.

— Olha — disse para o sócio, deixo-te marcado a lápis azul o ponto exato em que deverás enfiar o prego.

*

O aprendiz da usina que trouxe o quadro, ofereceu-se para pendurá-lo.

— Não, obrigado, pode deixá-lo ai — disse Farget.



— Houve — disse Felipe a seu sócio. — Há situações inevitáveis...

Sentia-se possuído de uma doçura infinita ao pensar que iria pendurar ali, bem em frente à sua cadeira, o retrato da formosa Genoveva.

Felipe estava ausente e ele gozaria com maior intensidade essa emoção.

Apanhou um grosso prego. A pequena cruz traçada na véspera por Felipe, indicava-lhe o ponto exato em que devia enterrá-lo.

Firmando o prego com a mão esquerda, assentou-lhe uma única e certeira martelada.

*

— Ah, patrão! Que desgraça! — exclamou o mestre geral, quando Felipe entrou na fábrica.

— Como?... Que é que há?

— O sr. Farget morreu! Há um minuto.

— Farget?... Morreu... Que está dizendo?
Não é possível!

— Sim: morreu eletrocutado.

— Eletrocutado?

— Sem dúvida o patrão se lembra de que mudei ontem à noite, por sua ordem, a instalação do cabo por onde passa a nossa corrente de 6.000 volts...

— Sim. Mas...

— Quis a fatalidade que o sr. Farget, para pendurar o quadro, enterrasse um prego exatamente à altura do lugar por onde passava o cabo. Nem siquer teve tempo de soltar um grito... Foi uma coisa fulminante!

Felipe sorriu intimamente.

E pensou: "Era a morte que merecia quem sabia fulminar com o olhar".



LINNIE BARNES, uma travessa rapariga, tinha apenas dezoito anos de idade. Sua escura cabeleira, penteada para trás, caía-lhe descuidadamente pelos ombros. Vestia uma blusa de "tricot" de lã azul desbotada, e calças curtas de praia, branqueadas pelo sol. Linnie, descalça na areia, cruzadas as pernas, robustas e bem formadas, olhava com ar pensativo as ondas que se agitavam num constante vaivém, abafando o seu estrondo qualquer outro som.

De repente ergueu-se e apurou o ouvido, escutando, imóvel como gazela surpreendida e assustada por algum ruído suspeito. Após, ágilmente de pé, subiu à duna. Ouvia-se ali a queixa grave do vento; mas também parecia perceber-se algo mais. Uma voz, proveniente de muito longe, para seus ouvidos, entretanto, clara, perfeitamente perceptível, clamava desesperadamente por socorro.

Na praia deserta não havia ninguém; Linnie fixou o olhar na linha branca formada pela água ao arremessar-se aos recifes situados a um quarto de milha de distância. Altas estacas assinalavam o perigo aos navegantes que se aventuravam nas proximidades.

Não era a primeira vez que uma embarcação pequena se encontrava inesperadamente sobre os recifes, onde, depois de bater, seus tripulantes só gravam escapar com muito esforço e muita sorte. Numerosos os infelizes ali perecidos.

Certo, que as estacas postas para indicar o pe-

rigo, serviam, muitas vezes, para que os naufragos a elas se apegassem, até recebessem auxílio. Mas, fizesse mau tempo e fosse o mar agitado, as altas ondas terminavam por arrebatá-los, levando-os ao abismo.

Linnie sabia que neste instante alguém ali estava; sentia, presa de intensa apreensão e ansiedade, que esse alguém necessitava auxílio.

Novamente ouviu a voz, ansiosa, insistente; presa da angústia, levou as mãos aos ouvidos para não ouvir o clamor. Sabia-o inútil, porém; continuaria a ouví-lo, porque ela era assim: podia ouvir coisas inaudíveis para a maioria... Da duna conseguia ver até muito longe, onde estava a enseada, cujas proximidades se apinhavam as casas do povo. Homens havia, então, que podiam pôr um bote na água, a despeito do mar revôlto.

Resoluta, Linnie correu pela praia, ao longo da costa; viam-se-lhe as pegadas na areia.

— Deus meu! — rezou com voz entrecortada.
— Faze que desta vez me acreditem!

No pequeno pôrto os homens empurravam as barcas, colocando-as a salvo da maré alta, que, segundo todas as probabilidades, nessa noite marcaria um nível fora do comum.

Tom Harvey, de regresso a casa depois do trabalho no estaleiro, deteve-se para ajudá-los. Ele quem primeiro a viu correndo velozmente pela praia ao encontro do grupo.

O jovem e robusto marinheiro ergueu-se para

A Voz do Mar

Conto de Blanca Petersen

Trad. de Edgard Rezende ♦ Ilustrações de Rocha

fitá-la mais atentamente. Ao reparar-lhe a atitude os demais homens o imitaram fixando a rapariga que corria.

— Corre como se a perseguisse o diabo — disse Arnold Johnson, rindo entre dentes.

O velho Gus sacudiu gravemente a cabeça.

— Dize melhor que o diabo está nela, e te haverás expressado com propriedade.

Ao ouvir estas palavras de Gus, Harrí, seu neto, tocou-o dissimuladamente no ombro, porque Tom estava presente. Todos sabiam que, transtornada ou não, tencionava o rapaz desposá-la.

Quando por fim chegou a rapariga à enseada, trazia no rosto pálido uma expressão de profunda ansiedade.

— Lá no recife!... — disse, e respirou duas ou três vezes profundamente, para poder concluir:

— Há um homem! Salvai-o num bote, antes que o mar se agite mais!

Dos presentes, nenhum se moveu. Ninguém olhou siquer na direção indicada. Todos fitaram-na em silêncio, profunda compaixão estampada na fisionomia.

Afinal, Tom falou para dizer:

— Linnie, ninguém saiu hoje a pescar, pois o tempo esteve mau desde cedo...

Linnie ergueu, então, a cabeça, com gesto altaneiro, desafiante. E respondeu, falando com firmeza, com profunda energia.

— Pois eu afirmo que há um naufrago no recife! Temos que salvá-lo!

E como, apesar da segurança com que se expressara, ninguém se movia, bateu com o pé no chão, a ajuantou, com voz desesperada:

— Oh! Por que não vos apressais?

Arnold Johnson sentou-se numa pedra. E perguntou com calma:

— Vejamos, Linnie; como sabes haver um naufrago no recife?

A esta pergunta a rapariga esfregou nervosamente as mãos. E respondeu, já menos segura de si mesma, pensando no que a gente do povo opinava dela:

— Eu... ouvi-o chamar, pedindo auxílio...

O velho Gus soltou uma gargalhada.

— Que ouvido tão fino tens, rapariga! Mas tua imaginação deixa longe a teu ouvido!

— Escutai-me! — suplicou Linnie, elevando a voz num arranço alucinado.

— Ide em seu socorro antes que seja tarde!

Tom afagou-lhe a mão, porém ela se esquivou violentamente. Impacientando-se então, o jovem disse:

— Vamos, Linnie, não sejas absurda; bem sabes o impossível que é ouvir-se qualquer coisa com o mar assim tão agitado.

— Ninguem poderia ouví-lo, reconheço-o; posso o eu, porém! Ouvi-lhe o chamado com toda a nitidez! — a voz firme, cortante, completou: — Ireis buscá-lo num bote ou pensais deixá-lo morrer?

Harrí, incapaz de fazer-lhe frente ao olhar ameaçador, deu-lhe as costas pretestando apanhar os remos e internar-se na praia. Tom disse, com voz conciliadora:

— Vem para casa, Linnie; já é hora de jantar. Deixa de imaginar coisas...

Fulminaram-no os verdes olhos da rapariga.

— Se ninguém quer fazer nada, eu o farei. Posso nadar perfeitamente até o recife.

Com tais palavras, decidida, voltou-se e empreendeu veloz carreira para a água. Tom alcançou-a quando imersos os joelhos. Segurou-lhe com a mão forte e grande o braço e a arrastou de volta. Qual ferazinha caída numa armadilha, enfurecida, tentava ela livrar-se aplicando-lhe ferozes pontapés às pernas.

Pôs-lhe o velho Gus a mão ao ombro, dizendo-lhe, sempre soridente:

— Vamos, rapariga; quieta; podes machucar-te.

— Soltem-me! — soluçou ela, com angustiante nó atando-lhe a garganta.

— Por que não na soltam? Deixem-na fazer a prova — disse Harrí. — Só tentando-a, se convencerá da impossibilidade do que quer.

Tom fez um movimento negativo.

— Não — disse não posso permitir que se exponha a morrer afogada. — Descansa, Harrí; já lhe passará a fúria; e então compreenderá que pretendia um absurdo.



Provável que Linnie houvesse podido atingir o recife. Mas a grande agitação das ondas e o forte vento constituíam grave perigo, do que desejava livrá-la Tom. Não fôra isso, de imperar o mau tempo, deixá-la ia nadar até o ponto visado. Linnie passara toda a sua vida junto do mar. Pequenina, assombrava aos do lugarejo, os quais jamais tinham observado, em outra criança, tal atração. Alguns, temerosos, opinavam ser um perigo deixar se aventurassem uma menina nadando a tão longe. Mas a tia Sara, que ainda vivia, sorria e contestava:

— Por que temê-lo? Linnie parece haver nascido no mar; quando nada, sente-se feliz. E não eu quem vá privá-la desse prazer.

Agora a tia Sara estava morta, e a grande casa que possuía quase à beira da água, vazia, abandonada.

Linnie sempre dizia ouvir vozes estranhas; a tia Sara jamais combateu tais idéias da menina, que, hoje tornada mulher, continuava afirmando ouvir vozes que ninguém ouvia...



Já às primeiras sombras da noite caíam sobre a terra. Com firmeza novamente segurando a rapariga pelo braço, Tom repetiu:

— Vamos para casa; o jantar já deve estar pronto.

Ela afastou, com a mão livre, o cabelo que lhe caía sobre a fronte; e fixou Tom, olhos nos olhos, onde viu duas coisas: amor e incredulidade. Ambos não lhe inspiravam senão ódio... Mas, inútil resistir. Afrouxou-lhe o corpo; dobrou a cabeça e caminhou docilmente atrás do moço, que lhe não soltou o braço, temeroso reiterasse a tentativa de

Palmolive garante mais beleza em 14 dias apenas...



V. sabe que em cada noite que V. se deita sem lavar o rosto, as impurezas que obstruem os poros roubam-lhe a juventude e a beleza?

Isso é porque elas permanecem fechados pelo maquiagem durante quase 24 horas por dia e a pele, não respirando, torna-se flácida e envelhecida. Por isso V. deve aplicar o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.



PALMOLIVE, o sabonete embelezador, lhe oferece um tratamento muito simples para reativar a circulação do sangue e manter a pele macia e lisa. Cada vez que lavar o rosto, fricione durante um minuto com uma pequena toalha impregnada com a cremosa espuma de PALMOLIVE, que limpa os poros profundamente. Si a sua pele for oleosa, aplique o método 3 vezes ao dia; si for seca sómente de manhã e à noite.



Muitas mulheres de todas as idades experimentaram o MÉTODO PALMOLIVE DOS 14 DIAS.

Está provado que ele mantém a perfeita circulação do sangue evitando a perda da elasticidade da cutis. Faça também essa prova durante 14 dias seguidos. Depois faça do MÉTODO PALMOLIVE o seu tratamento de beleza diário e permanente.



cuidado; pôs o traje de banho sob a roupa e meteu-se na cama, assim vestida esperando.

Cada minuto de espera representava uma verdadeira agonia para ela. Devia, entanto, estar segura de sair sem ser vista.

De onde estava ouvia os pesados passos da senhora Harvei, trabalhando na cozinha. A julgar pelo ruído da água na torneira, lavava os pratos. Não muito, pois, o que teria a esperar. Quanto a Tom, já devia estar em seu quarto, empolgado no desenho de minúsculo bote com que desejava presenteá-la. Os meninos, na saleta brincando com o cão. Mas não podia esperar...

Chegando à janela pôde ver deserta a fua. Decidida, deixou-se escorregar, caminhando cautelosamente sobre o declive do teto, de cujo extremo soltou-se na areia macia, sem machucar-se. Já era completamente noite; dificilmente poderiam vê-la.

Uma vez no caminho seus pés velocemente levaram-na à beira-mar. Passava sua própria casa, a que lhe deixara a boa e inovável tia Sara, quando percebeu o senhor Neilson, que vinha em sentido oposto. Sabendo que este, vendo-a, adivinharia as intenções, ocultou-se na parede traseira da casa. Mas ele já a havia visto, e chamou-a:

— Eh, Linnie! E's tu?

Ela não deu palavra. Neilson foi-lhe ao encontro. Deteve-se a poucos passos, indeciso, olhando as sombras que a ela serviam de refúgio.

Ali, imóvel na obscuridade, Linnie voltou a ouvir a voz que clamava auxílio. Uma voz que aterrorizava, de tão clara. Havia no chamado, apesar de grande desespero, uma nota de esperança. Era como se o naufrago soubesse que alguém lhe conhecia a situação e fazia todo o possível por acudir-lhe.

O tempo corria, e, não obstante, devia ela permanecer ali, imóvel, porque, descoberta, jamais poderia prestar ajuda ao infeliz.

A desesperação de ter que estar inativa encheu-se Linnie de ódio contra essa gente ignorante, que não fazia senão zombar dela e das vozes que afirmava ouvir.

Tornou a chamar-lhe o senhor Neilson, e, não obtendo resposta, deu volta em torno da casa, para cuja parte dianteira se dirigiu. Ao avançar tropeçou num vaso com plantas, blasfemando.

Linnie desejava, neste momento mais que noutra qualquer, poder entrar em casa, encontrar a lâmpada acesa, e, junto dela, lendo, a bôa tia Sara, o chale azul cobrindo-lhe os ombros, a alva cabeleira brilhando à débil luz. Linnie necessitava, agora como nunca, do apôio, da força da tia.

A nova aproximação do senhor Neilson fez-lhe volver à realidade; e a realidade de suas dificuldades encheu-a de determinação e coragem. Já encontraria a maneira de enganar este intrometido e correr em socorro do desgraciado, no recife, desesperadamente agarrado a uma das estacas. Por fim Neilson deu-se por satisfeito; passou-lhe perto e seguiu caminho. Profundo suspiro escapou-se dos lábios da rapariga.

Antes de prosseguir, como já estava quase na praia, Linnie livrou-se do vestido, ficando sómente com o traje de banho. Prendeu o cabelo, para que não a importunasse ao nadar. Caminhou lentamente, depois, até um dos ângulos do edifício, de onde espiou o caminho. Não se via nem uma alma. Decidida, lançou-se de corrida. Deteve-se à proximidade da água. Mas não teve tempo para pensar em nada, pois subito ouviu, às suas costas, um grito. Tom!

Tom gritava desesperadamente.

— Linnie, espera! Linnie!...

Sem esperar mais, ela mergulhou. Uma onda

mais forte envolveu-a, levando-a em seguida vários metros mar a dentro.

Quando Tom chegou ao lugar onde vira a jovem, esta já se perdera de vista. Compreendeu então que estava firmemente resolvida a chegar ao recife, por muito que lhe custasse. O rapaz, um instante indeciso, as turbulentas e espumosas águas molhando-lhe até os joelhos, teve um estremecimento de medo a percorrer-lhe o corpo...

Outras pessoas audiram, em seguida, à praia. Harry meteu-se na água, caminhando até Tom.

— Acreditei houvesse esquecido — disse.

Tom sacudiu a cabeça.

— Também eu. Em toda a noite não tornou ao assunto. Quando soube não mais estar em seu quarto, apressou-me a segui-la. Cheguei tarde, entretanto.

— Chamarei o doutor Vinson — disse Harry. E retrocedeu para a areia, seguido de Tom.

O velho Gus afirmou:

— Isso é perder o tempo. Linnie já não necessitará de médico. Não poderá voltar.

Tom, mudo, pálido, sentou-se numa pedra.

— Pobre rapariga — comentou a senhora Harvey, que estava presente. — Nunca esteve bem. Eu presenciei que o dia menos pensado...

A senhora Johnson tocou o marido com o cotovelo.

— Não podeis entre todos arriar um bote à água e ir buscá-la?

Deu-lhe de ombros, o cenho franzido, triste.

— Impossível, querida; não há bote que resista.

Uma mulher jovem, estremecendo-se de histerismo, comentou:

— Sim, nunca esteve bem. A meus filhinhos lhes disse, certa vez, que conversava com as gaivotas...

— Sim; a pobrezinha estava louca. Sempre ouvia vozes estranhas... comentou outra mulher.

Tom alheiou-se destes comentários; provável estivesse Linnie transtornada, porém, ele a amava. Achegou-se à água, apertando os punhos. Tinha tentações de atirar-se, para ir-lhe em busca. Mas não se animava...

Harry regressou à carreira: chamara o médico. Acerca-se de Tom, deu-lhe umas palmadinhas para animá-lo, ao mesmo tempo que dizia:

— Não te inquietes; Linnie chegará perfeitamente ao recife. Sabes que nada como um peixe.

*

Passaram os minutos, enquanto todos, na praia, esperavam calados.

De repente, viram-na. Por um segundo, somente, emergiu de uma onda a cabeça da rapariga, e a luz da lua, livrando-se das nuvens por onde abriu passagem, iluminou-a. Harry, que trouxera comprida corda de cujo extremo pendia um salva-vidas, aproximou-se.

— Lá está! — gritou um homem.

Tom penetrou na água; ia decidido a tudo. Mas quando lhe chegou o líquido às cadeiras, abandonou-a a determinação. E retrocedeu cambaleando, envergonhado, cheio de desesperação.

Um minuto mais, e Harry soltou um grito de triunfo ao mesmo tempo que arrojava o salva-vidas com mão segura e forte.

— Ai está! — disse. E traz alguém!

— Sim! Parece que traz alguém! — gritou uma mulher.

Tal se poderosa mão houvesse querido aplacar as ondas, como que serenou o mar subitamente. Tom aproveitou o momento de calma. Mergulhou, e em poucos segundos encontrou-se junto a Linnie, a quem segurou pela cintura. Com a outra mão sus-

Pilhérias



— A mãe de Pedrinho — um garoto de sete anos — acaba de dar a luz a dois gêmeos. O pai de Pedrinho lhe diz:

— Vai à escola, conta à tua professora que ganhaste dois irmãozinhos, e ela, certamente, te dará um dia de folga.

À tarde, Pedrinho entra em casa, radiante. E a mãe indaga:

— Então? Que disseste?

— Conte que tinha um novo irmãozinho, e ela me disse que eu posso ficar em casa amanhã para brincar com ele.

— Mas, meu filho, tu ganhaste dois irmãozinhos!

— Ah, mamãe, pensa que sou bobo? Guardei o outro para a semana que vem...

*

— Joãozinho, hoje vais ficar sem sobremesa, porque brigaste com o Juquinha. Que te fizé ele, para lhe bateres daquele modo?

— Ele disse que a senhora era mais velha que a mãe dele!

— Bem... Queres ir ao cinema? Toma o doce, meu filhinho, e corre para não perderes a hora da matiné, queridinho...

*

— Garçon, recuso esse prato!

— Oh, doutor! Não faça isso, senão eu vou ser obrigado a comê-lo, logo mais...

*

— O rapaz, não vejo necessidade de me acordares às seis horas da manhã para me entregar o pão.

— Quer então que o deixe do lado de fora?

— Nada disso: joga-o para dentro pelo buraco da fechadura...

*

— E o que lhe digo, minha senhora — falou o novo pensionista — quando saí da última pensão, a dona chorava como uma criança...

— Nesse caso, senhor, peço-lhe que me pague adiantado...

*

— A patroa não está em casa, mas o senhor pode deixar a conta...

— Não trago conta alguma!

— Então o senhor se enganou na porta...

*

— Qual a pedra — pergunta a rotunda madame ao empregado da joaleria — que o senhor julga mais adequada ao meu colo?

— Madame — respondeu o empregado olhando o pescoço da freguesa — acho a pedra pomes...

*

— Acreditas que o teu alfaiate me fará um terno a prestação?

— Ele te conhece?

— Não.

— Então faz...

*

— Oh, Paulo! Por que raspaste meu bigodinho? Era tão bonitinho...

— Eu queria saber se me ligavas importâncias... Raspei-o no mês retrasado!



Para as donas de casa

Não é fácil tirar por completo as manchas que a transpiração põe nos tecidos, entretanto, podem ser recentes, ser atenuadas e até desaparecer, lavando-se com uma solução muito fraca de amoniaco, para que não ofenda a côr. A água amoniacal, que é alcalina, neutraliza os efeitos do suor, que contém princípios ácidos.

*

Quando se cortar queijo macio em pedacinhos, empregue-se um fio de linha forte em vez de uma faca, e o queijo não se esfarelará.

*

Não se conservam flores durante a noite no quarto de dormir. E' pouco saudável.

*

Deve-se usar água de sabão, sem soda, para lavar a louça dourada.

*

Os objetos de madrepérola devem ser limpos com alvalade e água fria. O sabão fá-los descorar.

*

Quando a tesoura corta mal, pode ser afiada abrindo-a e passando-a para trás e para diante sobre um pedaço de vidro. Isto amolará a tesoura mais cega.

*

A parte mais rica em proteína e sais minerais está imediatamente debaixo da pele das batatas. Por este motivo descascar as mesmas tirando grande quantidade de pele é o mesmo que desperdiçar vinte por cento do seu valor.

*

Perfurando-se as batatas para saber se estão cozidas, sai o vapor e demoram mais a cozinhar. Por este motivo convém apertar a pele sem romperla, até que as batatas estejam cozidas.

*

O doce de leite ficará mais gostoso se, no momento de fazê-lo, se adicionar uma colher pequena de manteiga, previamente dissolvida em leite.

*

A dor que produz uma queimadura leve, pode ser aliviada, cobrindo-se a parte afetada com algodão emborrachado numa mistura de água quente com bicarbonato.

*

Nenhum pastel ou torta se queimarão se antes tivermos a precaução de colocar sal fino sobre o fundo do forno.

*

Não é conveniente servir grande quantidade de gelados depois das refeições, porque estes perturbarão a digestão, causando muitas vezes grandes complicações.

teve o corpo inanimado de um homem e vigorosamente nadou para a praia.

Saíram-lhe alguns ao encontro. Uns carregaram o corpo inanimado do homem. Tom tomou Linnie nos braços. Deram-lhe uma manta, com que a agasalhou. Caminhando rapidamente, levou-a para casa. Entrou na cozinha e recostou-a numa poltrona.

Chegou em seguida o doutor Vinson, que atendeu ao desconhecido e à Linnie. Tom ouviu-o dizer, uma vez terminado o rápido exame:

— Imediatamente ele ficará bem; está extenuado, nada mais. Quanto à Linnie, em minutos estará resposto. Que alguém faça fogo.

Harri aproximou-se então de Tom e lhe disse ao ouvido, com expressão alegre:

— Põe-te contente. Linnie está bem! Não está louca! Loucos fomos nós outros em não dar-lhe ouvido. Até logo. Chama-me se de mim necessitado.

Estas palavras muito alegraram-no. Ativo, dispôs o preciso e prontamente fêz bom fogo na chaminé. Pouco a pouco, porém, começou a melhor compreender a situação. E se entristeceu, porque sentiu que, nesta noite, perdera Linnie para sempre; perdeu-a, por não ter-lhe fé. Pezaroso, recolheu-se a seu cômodo.

No quarto contíguo, falava a Linnie, e em voz baixa, o doutor Vinson.

— Como fizeste, criatura, para sozinha trazê-lo do recife? — indagou.

— Em realidade não o trouxe. Ajudei-o apenas. Todo um dia esteve o pobre aferrado a uma das estacas do recife. Adivinhasse, porventura, tão perto a costa, e haveria nadado...

— Não está tão próxima como pensas — disse o médico, sorrindo. E aggiuntou: — Em suas roupas encontrei êstes papéis. E' norueguês. Parece que músico de profissão, embora na atualidade servindo na marinha mercante de sua pátria.

— Como chegou aqui? — perguntou Linnie.

— Seu barco naufragou. Logrou escapar num bote, que se destroçou contra umas rochas desta costa.

— Quero vê-lo — disse Linnie, sentando-se.

Estavam a sós. O homem abriu os olhos. Eram escuros, de olhar suave. Rosto delgado, sensitivo, de artista. Ao falar, notou-se-lhe na voz a entonação estrangeira. E disse:

— Apesar de minha desesperada situação, sabia, não sei como, que alguém ouvia meu chamado e acudiria em meu socorro. Era você — completou.

— Você deu-me forças e coragem para resistir.

Linnie sentiu-se como se a marcha do coração se lhe fizesse mais acelerada.

— Sim — balbuciou; — ouvi-lhe o chamado.

Ele cerrou os olhos; voltou a abri-los, esboçou um sorriso. E disse:

— E' você... muito formosa...

Esforcando-se por ficar acordado, aggiuntou:

— Ficará aqui... comigo?

— Sim — sussurrou ela; — ficarei.

Sorriso nos lábios, adormeceu o jovem. Linnie ficou-se a mirá-lo. Minutos mais tarde servia-lhe a senhora Harvei um fumegante café.

— Agora será melhor que descanses — disse-lhe. E' milagre que ainda te mantengas de pé... — Logo sentou-se, fitou-a com um novo respeito e perguntou, quase a medo: — De fato ouviste-lhe o chamado, filha minha?

— Sim, confirmou Linnie, singelamente.

— Mas, como possível? Ninguém mais o ouviu...

— Porque talvez ninguém prestasse atenção como eu — disse Linnie. Para que explicar o que esta gente simples e boa jamais comprehenderia?

O naufrago moveu-se. Ia despertar. Linnie sentou-se-lhe ao lado e suplicou à senhora Harvei os deixasse a sós.



Nascido a tempo de herdar um milagre...

"A penicilina salvará vidas... Depressa!"

Foi o apelo lancinante do mundo sofredor, há apenas quatro anos. A medicina demonstrara claramente que a penicilina poderia curar muitas doenças infectuosas para as quais antes não havia tratamento adequado. Mas, como produzir em larga escala a nova droga que salvaria milhões? No mundo inteiro não havia penicilina suficiente para tratar meia-dúzia de pacientes.

Partindo de uma quantidade mínima de "Penicillium notatum" contida num pequenino frasco, a Casa Squibb dedicou ao problema seus 87 anos de conhecimentos, experiências e recursos científicos. Hoje, em lugar daquele pequenino frasco há baterias de tanques de 15.000 galões, produzindo mensalmente bilhões de unidades de penicilina; para uso dos

médicos do mundo inteiro. A Casa Squibb atendeu ao apelo "depressa!" e é atualmente um dos maiores produtores dessa droga essencial. Assim, pois, qual foi a herança dêste garoto e de sua geração? Uma bênção da medicina que promete espalhar mais benefícios do que qualquer outra descoberta conhecida. Um milagre de pesquisa e de produção deu-lhe e aos seus companheiros a oportunidade de ser mais rico em saúde e felicidade do que jamais o foram seus antepassados.

E.R.SQUIBB & SONS

Químicos farmacêuticos desde 1858

Destacam-se entre os produtos Squibb: Penicilina - Sulfamidas - Anestésicos - Anti-venéreos - Vitaminas - Hormônios - Dentífricos e outros preparados medicinais para o lar.

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

1008



a Beleza do Cabelo
aumenta a
atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar a queda e o enbranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso. Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

*Tricófero
de Barry*

EM USO DESDE 1801

TB-3

I-A

*



DÔR de DENTE?
CERA Dr. Lustosa
INOFENSIVO - INFALIVEL!

O CONTO EXPRESSO



A SEMANA ZERO-HORAS

CLAUDIO PETITPON único empregado da firma Grandjean & Companhia, bateu, em hora não habitual, à porta da casa de seu patrônio.

— Que há, Petitpon? — perguntou-lhe o sr. Grandjean, sem poder compreender a que obedeceria aquela imprestável visita.

— Compreenda, senhor... eu...

— Você, que? Fale. Sente-se por acaso, doente?

— Não. Sim. Quer dizer... Em-fim, trata-se do seguinte: vinha rogar-lhe um pequeno aumento de ordenado...

— Um pequeno quê? Mas você estará ficando louco?

— Compreenda, senhor: o encarcamento da vida... a desvalorização; e, para completar, minha mulher que vai dar-me o 4.º filho... Por tudo isso pensei que o senhor poderia prestar-me um pequeno auxílio...

— Escute-me bem, Petitpon. Você é um bom rapaz. Durante os vinte anos que trabalha em minha casa nunca houve entre nós qualquer aborrecimento. Mas, agora... A título de que, me pede você aumento de salário? Ah! não me fale em aumentos! Tudo lhe permitirei, menos isso! Saberá você quantas horas trabalha para mim? Façamos o cálculo. Em um ano há 365 dias, não é verdade? Muito bem. Você dorme oito horas por dia, não é assim? Somente isso soma cento e vinte e dois dias de sono. Tiremos cento e vinte e dois dos trezentos e sessenta e cinco dias, e ficam apenas duzentos e quarenta e três. Além disso, tem você oito horas de descanso por dia, que perfazem igualmente outros cento e vinte e dois dias por ano. Retiremos outros 122 de 243. Quantos nos ficam, Petitpon? Cento e vinte e um, não é? Trabalha você aos domingos? Não. Quantos domingos há em um ano? Cinquenta e dois. Muito bem. Excluímos 52 dias dos 121 e restam 69 dias. Está me acompanhando no cálculo, Petitpon?

Petitpon disse que sim.

— Não é verdade que a casa Grandjean & Cia. deixa de trabalhar meio dia aos sábados? Quantos dias fazem, por ano, todos os sábados em que você não trabalha pela tarde? Vinte e seis, não é exato? Bem. Deduzimos esses 26 dias dos 69 que nos restavam, e nos ficam... Quantos, meu querido Petitpon? Quarenta e três dias sómente! E ainda não é tudo... Todos os dias tem você uma hora para o almoço. Isso faz que, em um ano essa horita insignificante — segundo você deverá estar calculando — atinge a bonita soma de dezesseis dias! Dezesseis dias apenas para ir almoçar!... Obedecendo ao mesmo processo, deduzimos esses 16 dias, e que nos restará, Petitpon amigo? Vinte e sete dias. Ah! esquecia-me das férias... E' ou não é exato que o sr. Claudio Petitpon empregado da casa Grandjean & Cia. tem quatorze dias de férias por ano? Não é certo que você em todo verão vai para as praias com sua mulher? Tão certo como estarmos aqui, a conversar neste momento. De modo que, diminuindo estes outros quatorze dias, nos ficam apenas 13 dias... Ah! outra coisa!... E os feriados, os tais dias feriados? Quantos são, por ano, meu caro Petitpon? Exatamente doze. Não é, assim? Se eu os deduzo, agora, da miserável soma de dias que nos restavam, quantos dias ficarão? Um! Sómente um!... E esse único dia — envergonhe-se, Petitpon! — esse único dia, é o dia de Ano Novo!... E nesse dia, você o sahe, a casa Grandjean & Cia. não trabalha... e, consequentemente, você também não! No entanto, você tem coragem de vir pedir-me aumento! Não se envergonha disso, Petitpon?

Sim, o pobre Petitpon estava completamente envergonhado. A prova redonda e esmagadora que, o sr. Grandjean lhe dera com os numeros fizera-o baixar a cabeça, confundir-se em desculpas, e retirar-se do escritório do patrão, realmente aturdido.

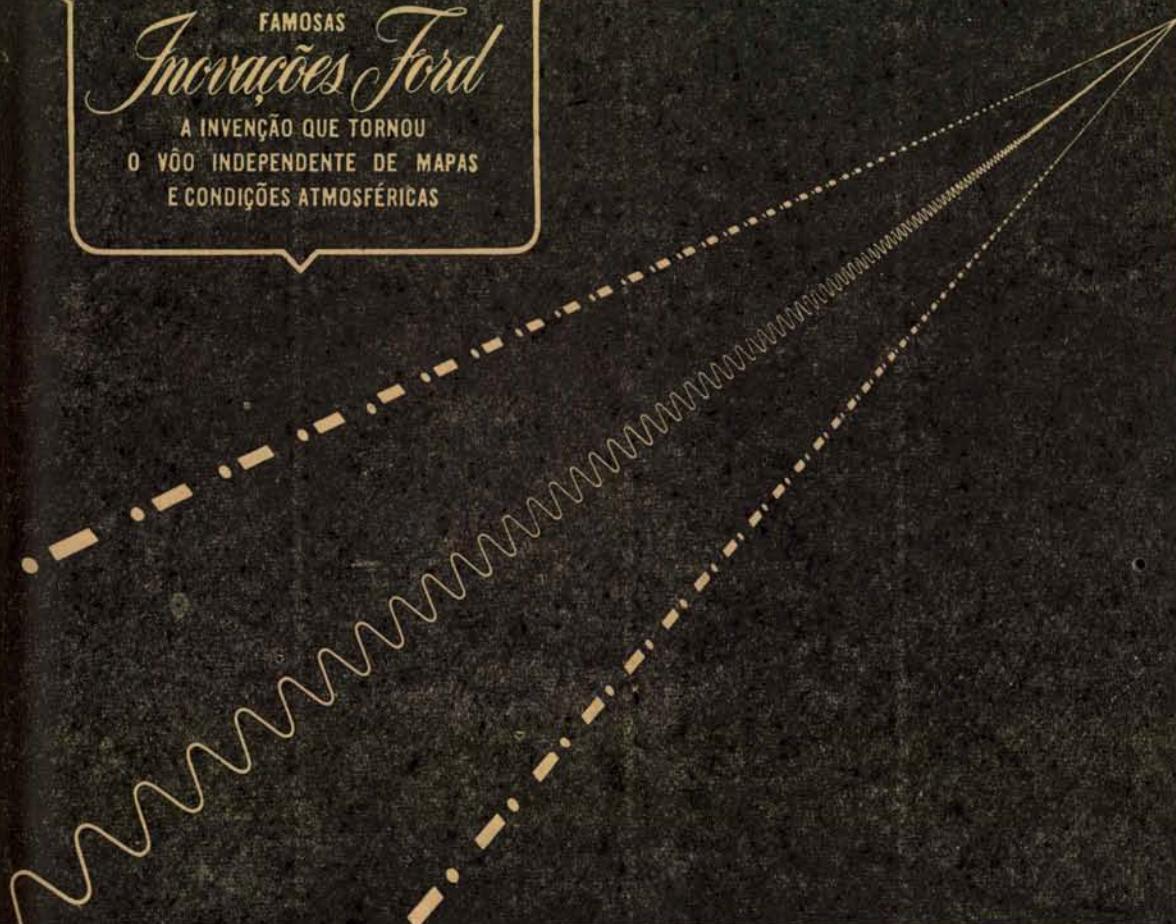
★ ROBERT SARLAT ★

* * *

Com o sal que existe nas águas do mar, calcula-se que se poderiam cobrir 12 milhões de quilômetros quadrados de terra, com uma camada de sal de 1.800 metros de espessura.

FAMOSAS *Inovações Ford*

A INVENÇÃO QUE TORNOU
O VÔO INDEPENDENTE DE MAPAS
E CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS



1º

a criar o vôo
cego



Através de cerração e de nuvens, os pilotos de hoje voam em perfeita segurança e precisão pelas estradas aéreas do som... graças aos engenheiros da Ford Motor Company.

Dezoito anos atrás, o primeiro sistema de direção por onda de rádio foi estabelecido por Ford. E um avião Ford fez um intrépido vôo de ida e volta, através de uma tempestade de neve, de Dearborn, Michigan, a Dayton, Ohio... guiado únicamente pelo rádio.

Este primeiro equipamento de rádio Ford, era, em essência, o mesmo em uso ainda hoje. Duas antenas emissoras foram colocadas, em ângulo agudo, uma contra a outra. Cada uma transmitia um sinal diferente: a primeira a letra "A"... ponto-traço; a segunda a letra "N"... traço-ponto. Tão rapidamente eram emitidos êstes

sinais do código Morse, que se confundiam, no meio, num longo traço—marcando o curso do avião.

Esta grande contribuição para a navegação aérea, foi patenteada por Ford. Mas, como todas as descobertas Ford, foi oferecida livremente a outros interessados.

O controle pelo rádio é uma das mais importantes inovações Ford. Todas elas são o resultado do desejo de auxiliar o maior número de pessoas, da melhor maneira possível.

Naturalmente, a construção de carros e caminhões Ford também se beneficia desta constante pesquisa de novos e melhores processos. E, hoje, como no passado, este espírito criador da Ford está mais vivo do que nunca. É por isto que o povo de todas as Américas continua a esperar as inovações Ford.

AGUARDE AS INOVAÇÕES FORD!

**DA ALEGRIA
DO TRABALHO
AO ROMANCE**



Seja sempre bela! Procure evitar as indiscretas manchas, espinhas e os inconvenientes cravos, cuidando diariamente de sua cútis com LEITE HINDS o preparado da beleza perene.

Use-o tambem para melhor fixar o pó de arroz e o maquillage. O LEITE HINDS perfuma adocicadamente, a sua cútis.

LEITE HINDS

Prende a sua beleza para sempre



Epoca

O RELÓGIO



Abriu o armário:
Ao seu lado, de pé, o menino notou o relógio.

— Avôzinho — disse — dê-mo!

— Dar-to-ei no ano que vem — respondeu o avô — se estudas muito e tiveres juízo. Então veremos.

— No ano que vem!
— exclamou a criança.

Mas, o avôzinho, talvez então já não viverá.
E tão velho! E está tão doente!

O ancião pôs-se a refletir e disse:

— E verdade!

E os seus dedos acariciavam os cabelos anelados da criança.

Tirou o relógio de prata, com a sua pesada corrente, pô-lo nas mãos do netinho e disse:

— Tem cuidado com ele, era de teu pai!

II

Tinham feito uma pequena cova.

Os colegiais agruparam-se em redor dela, e um ancião pôs penosamente os joelhos em terra.

O vento da manhã brincava suavemente com os seus cabelos.

— Pobre criança! Quem tal diria!

E o avô regressou a sua casa.

Chorava, chorava amargamente.

E voltou a colocar o relógio de prata no interior do velho armário.

CANÇÃO DO DESERTO

(CONCLUSÃO)

e sobre os meus olhos a viseira leve das tuas mãos de alabastro.

Parfuzél ergueu a cabeça pensativa e fitou nos meus olhos sonâmbulos e quentes.

E disse Parfuzél:

— Eu sou a tua escrava, senhor!

— Quando o guerreiro cristão vier proçurar-me, tu farás brilhar o crescente recurvo do teu alfange... e a cabeça do guerreiro cristão rolará sobre a areia fagulhante, como um troféu inutil...

e terás então como prémio o corpo macio e branco de Parfuzél.

Eu sou a tua escrava, senhor!

Um dia Parfuzél abandonou a minha tenda branca de argelino.

Caravanas de árabes, vindas dos vales sonolentos de Gourara, encontraram o corpo inanimado de Parfuzél estendido sobre um erg próxido de Adrar.

E contaram os árabes dias caravanas que o corpo de Parfuzél rutilava ao sol como a folha de uma cimitarra esquecida sobre a areia...

*

A PENICILINA

A PENICILINA vai ampliando, dia a dia, o seu campo de ação. Agora mesmo, cientistas britânicos anunciam que a descoberta do prof. Fleming pode impedir a persistência dos sinais da varíola que desfiguram as pessoas atacadas pela moléstia. Uma experiência realizada com um marinheiro atacado de varíola deu resultados satisfatórios. Três dias após à identificação da moléstia, o paciente submeteu-se a uma série de injeções de penicilina. O tratamento prolongou-se durante uma semana, ao termo da qual o marinheiro já se achava em convalescência. As manchas da pele desapareceram rapidamente, deixando marcas imperceptíveis.

FOI CONSTITUIDA no Rio uma comemoração do centenário comissão para promover a de nascimento de Eça de Queiroz, que passará em novembro deste ano. Já estão destacados alguns escritores que se vêm dedicando ao estudo da vida e obra do autor da "Ilustre Casa de Ramires" para dizerem conferências sobre o grande homem de Portugal.

E' difícil focalizar qualquer coisa de novo a respeito do Eça. Foi analisado em todos os aspectos pelos mais finos prosadores das gerações passadas e dos da atual. Há todavia uma atividade do insigne mestre da prosa portuguesa que é menos conhecida. E' o Eça de Queiroz como consul. Em 1870, era ele administrador do Conselho da Leiria, cargo em que esteve muito pouco tempo, quando

Eça de Queiroz apresentou relatórios admiráveis sobre a questão, mostrando ao governo português a vida precária e miserável que levavam em Cuba os pobres chins, os quais deviam ter, pela lei, a proteção de Portugal. O escritor travava uma luta viva com os magnatas do açúcar, causando-lhes medo pela intrepidez, pela honestidade e, sobretudo, pelas sugestões práticas que transmitia a seu governo para solução do problema.

O clima de Havana estava no entanto arruinando a saúde do escritor. Em novembro de 1874, foi transferido para New Castle. Assumido o cargo, outra vez se fez notar pela clarividência no exercício de suas funções. Estourando a greve dos mineiros, fixou o caso em páginas admiráveis, explicando-lhe as causas e as consequências. De New-Castle

Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

*

Diretor-redator-chefe

MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO



O CONSUL EÇA DE QUEIROZ

ALBERTO OLAVO

Desenho de PACHECO

deliberou fazer concurso para consul. Estudou as matérias durante um ano, até que afinal, aberta a inscrição, habilitou-se convenientemente comparecendo para prestar as provas. Eram seus companheiros Jaime Batalha Reis e Saldanha da Gama. Caiu por sorteio a tese seguinte: "Direito de visita. Limites do direito de visita quanto ao tempo e lugar".

O escritor começou a escrever com incrível rapidez e a sua letra era trémula. Fez poucas corrigendas e ia abusando, não se sabe porque, do uso dos dois pontos. Reunida a comissão julgadora, foi classificado em primeiro lugar. Pôs-se então a esperar a sua nomeação. Mas, ao invés de lhe fazermos justiça, foi indicado o seu concorrente Saldanha da Gama. Os comentários principiaram a fervilhar sobre o caso. Afirmava-se que fôrera preterido porque era republicano, tinha idéias revolucionárias, era uma espécie de anarquista. Correu também o boato de que a nomeação de Saldanha tinha sido obtida devendo à intervenção de uma mulher formosa. O próprio Eça, nos "Farpas", conta o caso, declarando que tinha muita honra em ser agradável à senhora protetora do candidato. Lamenta porém, haver estudado a sério durante um ano para fazer o concurso, quando lhe seria mais fácil o êxito por outros meios. Mas encara o episódio com ironia, não se mostrando agastado. Só dois anos depois, é que foi despachado para Havana. Neste posto manifestou-se um funcionário exemplar e autônomo, revelando espírito raro de organizador. Impressionou-o a situação dolorosa dos trabalhadores chinenses que iam para Havana, partindo de Macau. Eram verdadeiros escravos dos fazendeiros, plantadores da cana.

foi Eça de Queiroz para Bristol, em 1878. Em agosto de 1888 seguiu para Paris. Residia em Nenilly, em que esteve largo tempo e de onde escreveu grande parte de sua obra. Adocendo, seu médico, dr. Bouchard, aconselhou-o a que fôsse repousar na Suíça. Ao esculápio pareceu-lhe que a moléstia não era grave. Diagnosticou entero-colite. O cônsul partiu com Ramalho Ortigão para a Suíça. Estava então também preocupado com a enfermidade de seu filho mais velho. Ficou em Gliou de Monttretex, perto de Genebra. Voltou depois a Paris. A doença agravou-se. Examinou-o o professor Landouzy,

que achou o seu estado grave. Daí por diante foi vistoriando consideravelmente, e não houve mais apêlo. Deu-lhe extrema-uncão o padre Lafant. Na tarde em que morreu, as crianças de um asilo próximo cantaram um hino sacro, a mandado das irmãs diretoras. Elas gostavam muito do Eça de Queiroz.

Foi Sousa Rosa quem comunicou ao governo português, por telegrama, a 16 de agosto de 1900, a morte do romancista. Recebida à noite em Lisboa, toda a cidade se comoveu.

O corpo de Eça foi levado para o Havre e dali, a bordo do transporte África, conduzido para Portugal. Levou um mês a chegar. Toda Lisboa recebeu os restos mortais do homem eminent com rara emoção. Presentes todas as figuras das letras e da política. Quando se abriu a porta do jazigo, para o enterro, verificou-se um caso inesperado. Uma voz exclamou:

— Não é possível!

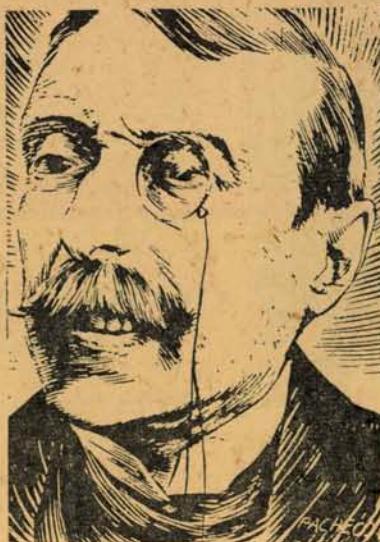
— Não é possível o quê? — perguntou Brito Aranha.

— O caixão não entra.

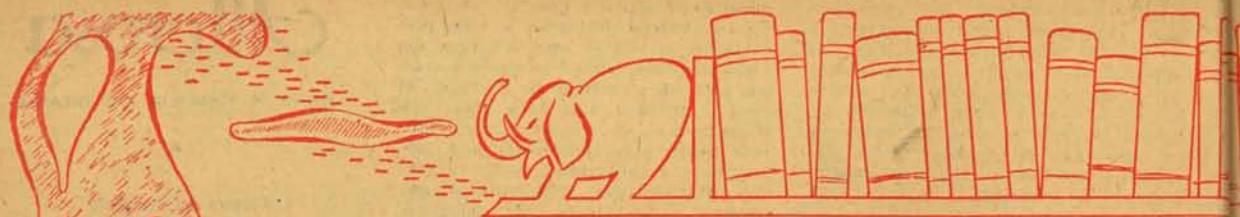
— Não entra como?

— E' grande demais...

E houve um murmúrio na multidão: "O caixão não cabe..." Pensou-se em arrancar as argolas, mas os amigos protestaram. Então, decidiu-se que o corpo de José Maria Eça de Queiroz permanecesse na capela do Cemitério. Caia a noite. E lá ficou o seu corpo, entre outros, sózinho na pequena igreja dos mortos humildes...



Eça de Queiroz, o imortal romancista português, cujo cenário de nascimento transcorrerá no próximo mês através de comemorações que reafirmarão, por certo, o prestígio literário dessa figura inolvidável.



* UM LIVRO PARA VOCÊ *

CRISTIANO LINHARES

PARECE que a publicação de livros atualmente obedece a uma espécie de fabricação em série. Todo santo dia vêem-se na montra das livrarias dezenas e dezenas de obras novas, quase todas mal pensadas, mal escritas, mal revistas e mal encadernadas. Uma lástima. E' um prazer raro quando se encontra exceção a esta regra. Neste caso está a monografia de Eduardo Frieiro — "Os livros nossos amigos".

O autor de "O Mameluco Boaventura", além de ser o homem de letras de vasta cultura que todos conhecem, tem a religião da obra bem feita e bem acabada. O que escreve é escrito com correção, revisado com cuidado e encadernado com decência. Agrada ao tato, à vista e à inteligência. E isto não se falando do seu estilo, que é dos mais atrativos pela clareza e simplicidade.

Este seu novo livro é um grande livro, não há dúvida. Começa comparando o amor da obra impressa ao amor pelas mulheres, e isto é mais exato do que parece. Pode-se até dizer que a paixão da letra de fôrma para quem a tenha de nascença, é mais forte do que o amor das mulheres no comum dos homens. Tanto é como ele conta, que muitos escribas, se tivessem de optar, penderiam pelo livro. E que, segundo Frieiro, o autêntico bibliófilo tem algo do homo eroticus.

Desenvolvendo o tema, o autor mostra fatos e exemplos, fixa idéias e observações, todos indicativos dessa paixão do livro, que vem dominando o homem em todos os tempos.

Não há nenhum aspecto do assunto que não seja finamente tratado pelo autor, conhecedor insuperável da matéria em nossa terra. Esta é uma obra que combina a erudição com o pitoresco, descobrindo faces originais da influência que tem o livro sobre o homem que lê. Não há excesso nem lacuna na esplanação da matéria, de modo que se trata de uma monografia ao mesmo tempo instrutiva e agradável de se ler. E quantos episódios originais nos conta Frieiro a respeito de escritores, de bibliófilos, de biblióleptos e bibliomaníacos! O anedotário é expressivo e sintomático.

O livro não tem nada de eriado ou de pastoso. E' dividido em pequenos capítulos, e estes são correntes como água da fonte. Tudo o que passa pela pena de Frieiro tem a magia do estilo natural, do estilo que ele cristalizou lendo, estudando, escrevendo e corrigindo-se. As pessoas inteligentes devem ler a sua obra.

* LIVROS NOVOS *

O SOL E' MINHA RUINA — Marguerite Steen — Livraria José Olimpio Editora — Rio.
Este romance da consagrada escritora in-

glésa não procura interpretar a vida, mas reflete apenas a existência, abrindo-nos uma janela mágica para o panorama universal. E todo o século XVIII nos surge através de episódios inesquecíveis. Um belo romance traduzido pela sra. Ana Maria Martins.

PAGINAS ESCOLHIDAS — Coelho Neto — Editória Vecchi — Rio.

Paulo Coelho Neto reuniu nesse volume belíssimas páginas da lavra do notável escritor Coelho Neto, que foi seu pai. E fé-lo com a competência que já lhe admiramos e com o carinho que o grande escritor brasileiro merecia, pois o livro é, realmente, admirável.

INFANCIA — Graciliano Ramos — Livraria José Olimpio Editora — Rio.
Constitui essa obra a primeira
(Conclui na pag. 117)

Ditadura

OS "BEST-SELLERS" DO MÊS

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex.

1.º — MARIA — Romance — Jorge Isaacs — Editora "Flama".

2.º — OS MILAGRES DA QUÍMICA — Divulgação Científica — Williams Haynes — Editora "Globo".

3.º — COM A F. E. B. NA ITÁLIA — Crônicas — Rubem Braga — Editora Zélio Valverde.

4.º — A NOSSA VIDA SEXUAL — Divulgação científica — Fritz Kahan — Civilização Brasileira.

5.º — O ARCO IRIS — Romance — Wanda Wasilwska — Editora "O Cruzeiro".

* * *

POETAS E PROSADORES

DESCIAMOS uma tarde a Avenida Rio Branco com Jackson Figueiredo, quando, em frente ao Teatro Municipal, vimos um grupo numeroso de populares boquiabertos, a ouvir um orador. Aproximamo-nos do grupo. Trepado em um dos degraus da estátua de Floriano, estava um moço de cabeleira revolta, a discursar. Tinha uma facilidade extraordinária na palavra falada. De vez em quando, surgiam aplausos no meio do povo. Foi então que perguntamos ao Jackson:

— Quem é este orador?

— É o Alberto Deodato, um amigo...

Foi assim que ficamos conhecendo o hoje professor de nossa Faculdade de Direito, advogado militante, político oposicionista e escritor sobretudo, escritor de dotes finos, que desertam as letras como um absurdo em sua vida.

Alberto Deodato nasceu com a alma na boca e o coração nos gestos. É um nortista cem por cento. Pertencente a uma linhagem de políticos, esta tendência resuelve-se no seu temperamento, em forma de oratória e de jornalismo. Foi em outros tempos um dos mais vivos homens da imprensa, no Rio. Redigiu, com um punhado de rapazes de talento, a "Gazeta de Notícias". Espalhava todo o dia sueltos esfusiantes pela cidade e enchia as Avenidas com a sua personalidade comunicante.

Veio cedo para o trabalho das urbes, porém jamais esqueceu a selva, o canto dos pássaros, o murmurilho da água, a alma do sertanejo. Alberto Deodato é um *cock-tail*, espiritualmente falando. Há nele um pouco de Castro Alves, uma pitada de Tobias Barreto e muita coisa de Gregório de Matos Guerra. Mas tudo isso desaparece ou se desmancha, quando a face lírica das colinas ou das gentes se lhe depara a sensibilidade. Então, entrega os pontos. E, o poeta que aparece, é o homem de coração que surge abafando tudo. Em seus contos e romance, vê-se um gaúcho-sísta da terra e do homem da terra, que ele observou bem mas que transfigura nos estôus do seu lirismo ingênito.

Por essas razões, ele é um triste que vive alegre. Quando o vemos bem vestido sempre, principalmente agora que está envelhecendo, a espalhar blagues e imagens pelas ruas, com o lenço branco caído no bolso, como a dizer adeus para todos, logo pensamos sem resistência: — "Eis um homem que irá morrer moço na mais extrema velhice". No entanto, está sempre sofrendo, porque não se contenta de si mesmo, dos homens e das situações. Julgamos até que, se lhe puserem a vela à mão, no momento derradeiro, ele pedirá a palavra e dirá:

— Senhores! é um absurdo a morte, nesta hora em que o mundo, anunciando a aurora de novos tempos, promete a felicidade aos homens. Mas a vida é mesmo assim. Adeus, camaradas...



Alberto Deodato



Literária

A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do Prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito. Benal encontra-se em todas Drogarias e farmácias.

Rep.: HELIO PIMENTEL & CIA.

AV. OLEGARIO MACIEL 8

BELO HORIZONTE

Quando de um homem se diz que se fala muito nélle, é um elogio. Quando se diz de uma mulher que se fala muito nela, é uma censura.

*

OS DISTURBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma granae fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes, ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Rep.: Hélio Pimentel & Cia.

Av. Olegário Maciel, 8

Belo Horizonte

VENHA amanhã depois do jantar, — disse a velha senhora que vivia dificilmente de suas lições de música, só e feliz num pequeno apartamento à beira do Sena (era naquele Paris de uns dez anos antes da guerra, onde mesmo os velhos professores de música sabiam viver contentes) — apareça e traga sua amiga que prepara uma biografia de George Sand: vocês ouvirão um jovem pianista russo que toca admiravelmente Chopin, e encontrarão Aurora.

— Aurora?

— Sim, ela mesma. A neta de George Sand. A quarta Aurora. Acaba de chegar de suas terras de Nohant para passar o inverno em Paris.

Convites como este não se recusam.

A sala talvez fosse grande — pois era um prédio velho, e nas velhas casas parisienses as peças são grandes e alto o pé direito — mas parecia exigua, tantos eram os móveis, os bibelots e as fotografias amarelas em volta do piano que ocupava metade do espaço disponível. Sobre um divã Luís XV, de linhas curvas e graciosas, assentava Aurora, reta e sem sorriso, como sua avô em certos retratos. Trajava um vestido cinza, estilo amazona, e tinha um alto boné de pele, negro como seus cabelos que trazia feito um pagem.

— E' para acentuar sua semelhança com Maurício, — comentou alguém baixinho.

— O filho de George Sand?

— Não... Maurício de Saxônia, seu bisavô. Ela se envaldece desta semelhança, aliás real. Olhe esta fronte quadrada, este nariz voluntário, este olhar imperioso debaixo das sobrancelhas retas e sombrias. Fazem questão na família de transmitir, de geração em geração, estes traços ilustres, tal como os nomes de Aurora e Maurício e a propriedade de Nohant, já aberta ao público qual museu, apesar de Aurora ainda lá morar metade do ano. Mas Nohant é a herança mais recente, enquanto que o nome de Aurora já pertencia à mãe de Maurício de Saxônia, à bela Aurora de Koenigsmarck que virava as cabeças dos contemporâneos do Rei-Sol.

*

Estranha galeria de destinos extravagantes, aquela das quatro Auroras, que teve seu ponto culminante na célebre baronesa Duval, nascida Aurora Dupin, e que preferia chamar-se George Sand.

Aurora de Koenigsmarck tinha dezoito anos em 1695, quando

soubera da morte violenta de seu irmão Felipe, o lindo conde de Koenigsmarck, assassinado por ordem de uma grande dama apaixonada por ele, enquanto ia a um encontro galante com outra grande dama que ele amava. Os Koenigsmarck eram uma linhagem de exaltados, os homens fanaticamente dados à carreira das armas, as mulheres à política, e ambos ao amor aventuroso, romântico, perigoso que estava em voga naquele fim de século.

Aurora que tinha sido confidente deste irmão que adorava, jurou vingança. E foi na esperança de que ele a ajudaria nos seus desígnios, que ela cedera à paixão do eleito Frederico-Augusto de Saxônia, o Forte, depois de ter oposto uma longa resistência à sua corte assídua.

Em fins de 1696, o pastor da pequena cidade Goslar, nas montanhas do Hartz, assentava no seu registro paroquial o nome de Maurício, "criança de sexo masculino, nascido de nobre e alta dama". No ano seguinte, o pai do menino subia ao trono da Polônia com o nome de Augusto II, e a mãe retirava-se na abadia de Quedlinburg, perto de Goslar, onde seu "querido pequeno misterioso" tinha recebido o batismo. Esquecera seus projetos de vingança, para dedicar-se exclusivamente à ambição de fazer desta criança um grande capitão e um rei.

De longe, Augusto II dirigia a educação do filho. Quando Maurício atingira a idade de treze anos, vira chegar um marechal mandado por seu pai para lhe anunciar que "o rei queria que ele fosse soldado".

De aluno indisciplinado o rapazola tornou-se um cavalheiro errante, seguindo com seu regimento a vida irrequieta dos generais de então, sempre à procura de um campo de batalha, de uma cidade assediada, de um príncipe em busca de guerreiros intrépidos, bem armados e montados sobre bons cavalos.

Maurício de Saxônia começou sua carreira militar batendo-se contra os exércitos de Luís XIV, com Marlborough e o príncipe Eugênio de Saboia. Não obstante, em 1720, após muitas outras proezas, fôra ele cordialmente acolhido em Paris, obtendo do rei Felipe de Orleans (Luís XIV tinha morrido, e Luís XV que lhe sucedera ainda estava em menor idade) o título de marechal de campo com dez mil escudos de renda anual. Belo como um deus, fogoso, inteligente, o filho de Aurora de Koenigsmarck

AS QUATRO AURORAS

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

logo se pôs a incendiar os corações das mais nobres damas da Corte e das mais brilhantes estrélas do teatro parisiense. Entre inúmeras intrigas galantes, seu romance sentimental com a grande atriz Adrienne Lecouvreur ficou proverbal como aqueles de Tristão e Isolda, ou de Romeu e Julieta.

Inconstante em amor, Maurício era entretanto obstinado no seu desejo de cingir sua fronte com uma coroa, e Aurora de Koenigsmarck desdobrava-se em esforços para ajudar seu filho a achar um trono, sacrificando todos os seus bens para êste fim, sua única razão de ser. Porém, em 1728, ela morreu sózinha na sua abadia, sem tê-lo alcançado, e sem ter revisto o filho adorado, senão em breves encontros, espacados por longos intervalos de saudades.

Vinte anos mais tarde em Paris, na igreja de São Gervásio, uma menina recebe sobre as fontes batismais o nome de Maria Aurora. Sua mãe é uma jovem estréla da Ópera, Mademoiselle Verriére, alias Marie Rinteau, filha de um taberneiro da Rua Grenetá. Maria Aurora terá dois anos quando morrerá seu pai, o marechal Maurício de Saxônia que, aliás, não a menciona no seu testamento. Entretanto, criada no aristocrático convento de Saint-Cloud, ela será autorizada, com dezoito anos, a usar o nome sonoro de Aurora de Saxônia —

tudo isso graças à intervenção da princesa Maria Josefa, nora de Luís XV e filha do Rei Augusto III da Polônia, que era meio irmão de Maurício. A "Dauphine" Maria Josefa também interessou-se em achar para sua quase prima um partido conveniente, e a segunda Aurora casara-se resguardadamente com um capitão luxemburguês, nobre e com o dôbro da sua idade.

Ora, poucos dias depois das núpcias a recém-casada ficava viúva e sem recursos. Foi mais feliz no segundo matrimônio, apesar do novo espôso, o rico banqueiro parisiense Dupin de Franeuil, ter quase três vezes sua idade. Ao filho que nascerá deram o nome do seu glorioso avô Maurício. Quando arrebentou a Revolução, Aurora Dupin, viúva mais uma vez, achava-se à testa de uma bonita fortuna, que lhe valera alguns meses de prisão, e da qual ela perdera a maior parte. Com o dinheiro que lhe sobrou, ela comprou uma linda propriedade no Berry, Nohant, onde desde então se recolhera, para fugir dos aborrecimentos e agitações da Capital. Maurício Dupin casara-se com uma moça da pequena burguesia parisiense, entregando aos cuidados de sua mãe uma menina, nascida em 1803, e chamada como ela Aurora.

A infância da nova Aurora Dupin passou-se na calma campestre de Nohant. Seu pai morrerá vítima de uma queda de cavalo, e

foi a avó quem tomou a si a educação da menina. Esta, sob o pseudônimo de George Sand, contou nas suas Memórias a tocante amizade que ligava as duas Auroras, aquela cuja vida declinava e a que se achava à aurora da vida. Em 1822 a moça, em quem apenas desabrochava o talento de George Sand, perdeu a avó bem amada, e casou-se com o barão Dudevant. No ano seguinte nasceu seu primeiro filho — Maurício naturalmente, como o famoso bisavô — e cinco anos mais tarde uma filha, Solange.

Se a existência conjugal do casal Dupin Dudevant não foi das mais felizes — findando mesmo num desquite — George Sand achou uma compensação não em suas inúmeras aventuras sentimentais, mas sim, ao lado de seu trabalho literário, no afeto filial que lhe dedicava o jovem Maurício. Numa sala da antiga mansão de Nohant pode-se ver a ainda hoje o pequeno teatro de marionetes que ela construiria para o menino e onde juntos representavam comédias de sua autoria. Tinhiam em comum a paixão pelo teatro — herança do marechal Maurício? — e mais tarde Maurício Dudevant, escritor como a mãe, colaboraria às véses com esta. A terceira Aurora e seu filho gozaram plenamente a felicidade familiar que o destino tinha negado aos seus antepassados, a bela condessa de Koenigsmarck e o ambicioso marechal de Saxônia.

De Mêda Mêda



TEXTO E VERSOS DE
GUILHERME TELL
BONECOS DE
ROCHA.

Numa cidade fluminense, dizem os jornais, casou-se Jansino Cecilio Militão, de 102 anos de idade, com Eufrásia Teixeira, de 45 anos.

Entre pilhérias e apodos,
A notícia os jornais dão:
— Para que, perguntam todos,
Vai se casar o ancião?

Diz um senhor, com inclemência,
(Português, ao que parece)
— Se ele não tem competência,
Para que se estabelece?

Retruca a loura ainda nova:
— Homem? não; simples destro-
[ços,
Quis procurar uma cova
Para enterrar os seus ossos...

Suspira a moça estouvada,
Que do par se compadece:
— O amor é chama sagrada,
Coração não envelhece.

Uma boata repreva
O gesto. Esconjura e diz:
— Peca na beira da cova,
Vai para o inferno o infeliz.

Diz a anciã, com carinho:
— Posso dar regras de cor,
O amor é tal qual o vinho,
Quanto mais velho, melhor.



Telegramas de Beverly noticiam que um moço da melhor sociedade dalí, quando se casava, no momento de pronunciar o — SIM — junto ao altar, teve um desmaio e foi socorrido pela noiva.

Depois de tudo passado,
Muita gente ainda se espanta:
Quando — “sim” — disse o coi-
[tado,
Subiu-lhe o nó na garganta.

Que o moço vista uma saia
E deixe a calça p’ra lá;
Se ele, de dia, desmaia,
De noite, que não fará?



No Rio, um agente de empresa funerária, quando tomava as medidas de um cadáver para o preparo do caixão, caiu morto sobre o defunto.

Ninguém fala em tal assunto
Sem dar asa à fantasia:
— Quando media o defunto,
De longe, a morte o media.

A vida é sombra, fumaça,
Mistérios que a vida tem:
— Estava com a mão na massa,
Resolveu morrer também...



Tem chamado a atenção de toda gente uma linda banhista alemã que se exibe, numa praia paulista, trazendo, na perna esquerda, a cruz gamada nazista, em excelente tatuagem.

Com a notícia propalada
Cuidado devemos ter:
Em tal sítio, a cruz gamada
Pode a Pátria enfraquecer.

A tatuagem brejeira
Fica bem em tal lugar:
— Quem não gostar da bandeira,
Bem pode o mastro adorar...



Os Fofinhos não são apenas deliciosos pãezinhos de minuto para ser comidos quentes com manteiga. Gostosos quitutes, salgados ou doces, podem ser feitos com eles. E veja como são econômicas estas poucas sugestões típicas, que sua imaginação poderá multiplicar muitas vezes.

FOFINHOS - PÃES DE MINUTO

2 chics. farinha
1 chic. araruta
2 colhs. (sopa) Royal
1 colh. (chá) sal
6 colhs. (sopa) manteiga
 $\frac{3}{4}$ chic. leite

Peneire juntos 3 vezes os ingredientes secos. Junte a manteiga e misture, usando um garfo, até formar granulos. Misture o leite à massa sem batê-la. Na mesa enfarinhada, extenda a massa batendo com os dedos enfarinhados, até alisar a superfície. Vire e faça o mesmo. A massa deve ter a espessura de uns 2 cms. Quanto menos manipulada a massa, mais fofos os pãezinhos. Corte com a bôca enfarinhada dum copo. Coloque espaçados num tabuleiro untado. Asse em forno bem quente, 12 a 15 minutos. Dá uns 15 pãezinhos.

FOFINHOS RECHEADOS

Ainda quentes, abra os fofinhos e passe manteiga. Então faça...

Fofinhos de Camarão ou Peixe: - Recheie e cubra com o peixe em pedaços num molho branco, com petits-pois e pimentão picado.

Fofinhos de Carne ou Galinha: - Recheie e cubra com a carne picada no próprio molho, bem temperado. A galinha pode também ser usada num molho branco, como o peixe.

Fofinhos de Morangos; - Recheie e cubra com os morangos esmagados em açúcar. *Fofinhos de Limão:* - Recheie e cubra com um molho de limão, enfeitado com pedaços de laranja. *Fofinhos de Compota:* - Recheie e cubra com a fruta (goiaba, abacaxi, pêssego, etc.) picada em sua própria calda.

CONFIRA AS MEDIDAS COM A LATA

Toda Receita Royal é baseada em chicaras padrões. Para resultados certos, confira sua chicara de medir com as indicações da nova lata de Fermento Royal.

Fermento em Pó ROYAL

A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS



MADAME ROLAND, ALMA DA GIRONDA

★ DIONISIO GARCIA ★

MAIO DE 1770. A população de Paris exulta. Enorme multidão alegre, entusiasta enche as ruas por onde vai passando um interminável cortejo. Troam os canhões em salvas festivas. Sobem aos ares os gritos, as ovações frenéticas; estrugem por todos os lados os aplausos. É um grande dia de ruidosa manifestação popular que atinge o delírio. A cidade acolhe assim, entre palmas e flores, uma loura menina que ainda não completou os seus quinze anos, a qual, vindia da Áustria, sua pátria, faz entrada solene na capital da França de Luís XV. É a futura rainha Maria Antonieta.

No seio dessa multidão delirante e curiosa, uma linda e vivaz adolescente de dezesseis anos assiste à passagem do séquito real. Quisera também, com enorme interesse, ver aquela austriaca, noiva do herdeiro do trono francês. Esta jovem é Manon-Philipon, mais conhecida simplesmente pelo nome de Manon, filha do gravador Gatien Philipon e de Marie-Marguerite Bimont, sua esposa.

Ao ver aquela entusiasmo do povo, aquelas detonações de artilharia, as flores em abundância que lançavam sobre o brilhante cortejo, Manon sentiu repentinamente toda a sua alma vibrar. Espírito alto, rebelde e independente, que já se revelava com muita energia, a jovem Manon encarou todo aquêle aparato e aquelas manifestações como ridículas e tolas. Lastima que a sociedade estivesse tão mal feita que admitia outra superioridade acima do mérito e do caráter.

Manon-Philipon tivera uma juventude muito intensa. Não obstante seu acentuado amor-próprio e um sentimento muito vivo de seu valor pessoal, era franca e sensível a todas as impressões. Demonstrava para o estudo e para as simples leituras uma inclinação excessiva, que a levava a ler avidamente tudo quanto lhe fosse possível. Depois da Bíblia, seu primeiro encantamento, mergulhou na "Vida dos Santos", e impregnou-se tanto de religiosidade que chegou a ter uma espécie de crise mística no momento em que recebia a primeira comunhão. Pouco tempo depois, porém, afastou de suas cogitações as "Vidas dos Santos", os mártires e as coisas religiosas para embeber-se na leitura de Plutarco. Com esses estudos dos homens mais ilustres da República Romana, nasceram-lhe as idéias e as impressões que a tornaram republicana, sem que pensasse que viria ser. "Eu era republicana de sentimentos", confessou ela justi-

tificando as suas inclinações políticas e a influência daquelas leituras. Nos treze anos travava conhecimento com as obras de Fenelon, Tasso, e sobretudo Voltaire. E foi justamente este autor, poderoso demolidor das instituições e dos erros de sua época, que fez nascer ou desenvolver nela aquêle espírito mordaz, aquêle desdenhoso desprezo pelas honrarias e preconceitos sociais.

Mais tarde leu Jean-Jacques Rousseau, que a exaltou, dominando-a por completo, tornando-a uma ardente apaixonada de suas teorias. A sua inteligência, a rebeldia de seu espírito, a sensibilidade de sua alma aberta para todas as grandezas, robusteceu-lhe a fé na doutrina revolucionária de Rousseau. Ela havia descoberto um caminho amplo, uma sociedade nova, uma construção a erguer-se para a felicidade humana. Identificou-se, assim, com as idéias do filósofo do "Contrato Social" e daí por diante passou a tê-lo como modelo. Orienta-se por ele para escrever e para pensar ou sentir, porque, com efeito, ela pensava pelo coração, conforme confessou em suas "Memórias". Mas, sem dúvida, não foi pelo coração que se casou. A cabeça de Manon, neste particular, agiu tomando o lugar do coração.

Depois de algumas vicissitudes, causadas pela recusa dos pais, Manon Philipon, que se aproximava dos vinte e seis anos, casa-se, em 4 de fevereiro de 1780, com Mr. Roland de la Plâtriére, homem de quarenta e seis anos, figura mais respeitável que atraente, mas "um sábio que posteriormente se fez ministro e continuou homem de bem", como o definiu mais tarde Mme Roland. E, em 1782, deu à luz uma menina que recebeu o nome de Eudora, e foi para ela uma extremosa mãe. Mr. Roland, inspetor das manufaturas, viajava muito, e por esta razão o casal conheceu sucessivamente Paris, Amiens, Lyon, a Inglaterra, a Suíça.

Por fim, em 1784, fixou residência em Lyon.

Sucedem-se os tenebrosos dias da Revolução Francêsa. Mr. Roland encarregou-se da redação do memorial que a Sociedade de Agricultura enviou aos Estados Gerais. Em 1791 a Municipalidade de Lyon resolve enviar Mr. Roland numa deputação junto à Assembléa Constituinte. Deste modo Mr. Roland estreitou relações com os próceres da Revolução. Tornou-se íntimo de Brissot, Pétion, Robespierre e Buzot. Nesta época passaram estes representantes do povo a reunir-se, diversas vezes por semana, na residência da família Roland. Eram reuniões amigáveis nas quais a esposa de Mr. Roland brilhava com a sua presença encantadora. Foi assim que Mme Roland entrou, aos poucos, nos segredos da política daqueles dias de efervescência social. Tinha então trinta e seis anos, e, sem ser um tipo de beleza, conservava ainda a sua fascinação, a graça de seu porte alto; sua fisionomia expressiva, realçada por dois olhos negros e brilhantes, revestia-se quando falava, de singular sedução. Ela não ignorava o encantamento que sua voz argentina possuía e o muito que agradava a vivacidade da sua palestra.

As idéias humanitárias que circulavam na época, divulgadas pelas teorias de Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre e os filósofos da Encyclopédia, ela as apresentava com tanto colorido e vigor que se tornavam como tocadas de uma nova originalidade. Para Mme. Roland a virtude só existia na choupana. Os cortesãos não passavam de gente banal e corrupta. E com os acontecimentos que velozmente se vão desenrolando, Mme Roland, arrastada pelo fascínio político, impulsionada pela crença ardente no seu ideal de regeneração humana, passa a tomar parte ativa na política, expendendo opiniões com desassombro, não ocultando seu ódio ao despotismo. Para ela tudo se reduzia, então, na conquista da liberdade. A queda da realeza causa-lhe imensa satisfação e numa carta, como sempre expansiva, exclama: "Finalmente vi o fogo da liberdade acender-se em meu país!". E termina:

"Acabarei de viver quando aprovarei à natureza: mas meu último alento será ainda o alento da alegria e da esperança nas gerações que se vão suceder."

E esta fé nas gerações futuras, que deveriam engrandecer a França, dando-lhe a paz e a liberdade,



A PATRIOTA ARDENTE — A REVOLUÇÃO FRANCESA — IMPRENSA A SERVIÇO DA CALÚNIA E DA VIOLENCIA — PARIS, O CAOS — "LIBERDADE, QUANTOS CRIMES SE COMETEM EM TEU NOME!"



anima a alma dessa mulher, nobre e energica, que com justica figura no primeiro plano das heroínas da Revolução Francesa.

Mr. Roland, bom caráter, atento e confiante na inteligência e discernimento da esposa, não sabia resistir-lhe aos desejos. Por sua vez, Madame Roland achava-se dominada por uma espécie de febre intelectual e política, e não queria "cair definitivamente na nulidade da província", como dizia. De fato, Mme. Roland ambicionava elevar-se cada vez mais no meio social e político, e temia ou detestava a vida provinciana, naturalmente porque esta não lhe oferecia os encantos e as oportunidades que a seduziam. Assim, à 15 de novembro de 1791, Mr. Roland e sua esposa voltam para Paris.

Se bem que Mr. Roland fosse um homem íntegro, era no entanto uma figura desconhecida na política. Os girondinos, porém, que estavam gozando do maior prestígio e como que prevendo a luta que iam travar, não tardaram em seduzir Mr. Roland para as atividades ministeriais. Bissot e seus amigos, indicando-o para o Ministério do Interior, sabiam que colocavam neste posto um homem capaz de pugnar pelos ideais dos girondinos. Por intermédio dele poderiam governar sem o risco daqueles dias de insegurança. Em política tais astúcias e meios de ação constituem virtude.

Mr. Roland portou-se dignamente no cargo, vigilante e agindo com habilidade para reduzir à impotência a realeza o mais rapidamente possível. Destarte, a propaganda dos girondinos contra a monarquia encontrou ampla facilidade, bem servida pelos fundos secretos que o Ministério do Interior dispunha e Mr. Roland manejava. Mme. Roland também, por essa ocasião, tornou-se ativa colaboradora do marido, fazendo-se uma espécie de conselheira. Velava pelas suas diretrizes políticas, receiando que ele cometesse alguma tolice. Quando ele parecia inclinar-se para a política do rei, demonstrando acreditar na bondade e sinceridade de Luís XVI, logo Mme. Roland convencia-o de que ele estava sendo iludido pelas aparências.

A tempestade política, entretanto, não tardou a desabar. Os acontecimentos se precipitaram. As dissensões, os rancores, os ódios, os des-



— Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!

peitos, a par com o fanatismo partidário e as forças morais que carregam a atmosfera das revoluções, uvavam num remoinho que levava tudo de roldão. E, assim, quando os girondinos mal se consideravam donos dos destinos da república moderada que procuravam implantar, já se viam cercados por inimigos ferocíssimos. Travada a luta entre os dois partidos, Hébert e Marat, do partido

Montanhês, lançam sobre os seus adversários toda a lama que a sua malédade encontra. As mais ignóbeis calúnias, as mais venenosas e ridículas acusações, as infâmias mais deslavadas, numa linguagem suja, eram espalhadas no seio do povo através das sórdidas colunas dos seus jornais.

Mr. Roland, decerto, não poderia
(Continua na pag. 56)



O JOVEM estudante de engenharia foi para o alpendre explicar à namorada o que era a bomba atômica. A moça queria saber aquilo para deslumbrar as colegas da Escola Normal com seus conhecimentos.

Uma lâmpada de vinte e cinco velas iluminava escassamente a varanda. O rapaz pegou a mão pequenina da garota e, com a ponta de um lapis, no meio da palma, marcou o átomo, em seguida os eletrons, e começou a lição. Mas estava tudo muito confuso e a respiração da namorada a perturbar o mestre que havia distribuído átomos de urânios pelos dedinhos da amada numa complicação louca. A bomba era, afinal, um pretexto para ficarem juntinhos no alpendre.

Os pais, dentro de casa, estavam achando graça no interesse da menina pelo terrível engenho de guerra. Acreditavam que a garota estava aprendendo mesmo. No fim de duas horas, os jovens apareceram. Ele com marcas de batom espalhado por todo o rosto. Ela pálida, exausta, perturbada, com um sorriso frouxo nos lábios. Ambos perfeitamente bombardeados e vencidos.

AVOLTA dos automóveis foi um achado para os novos ricos. Aquêles que, com a guerra, se enriqueceram fazendo o câmbio negro, vendendo cristais ou criando zebús, compraram logo carros luxuosos que permaneciam, inativos, nas garagens. Com a libertação da gasolina, encheram os tanques dos seus Buickes e saíram para a rua a mostrar que são milionários e sabem gozar a vida. Muitos não tiveram tempo de aprender a guiar os seus carros. Estão, por aí fazendo barbeiragens perigosíssimas. Um zebuzeiro desatinado já subiu, contra-mão, a rua da Bahia, entre valas da garotada.

SEDAS

A exibição não teria importância se não pusesse em risco a vida da população. Acontece, porém, que os novos ricos estão afobados. Querem brilhar de qualquer modo. E, como acreditam que a mulher constitui um ornamento nos carros de luxo, vivem a apanhar garotas sapécas pelas esquinas para se tornarem mais invejados e grandinos.

A população alarmada conhece, de longe, os carros dos novos ricos. Os metais cegam a vista de tão reluzentes e, dentro, uma algazarra infernal de louras e morenas que ajudam os milionários a quemar o dinheiro ganho entre riscos e espertezas de toda a ordem...

AS DUAS jovens têm veleidades literárias. Ambas fazem versos deploráveis, mas se julgam grandes poetisas — uma maior do que a outra. Os redatores de jornais e revistas, para agradá-las, ambas são fisicamente "passáveis", vão publicando os seus devaneios. Não sabem que são rivais e estão empenhadas numa luta sem tréguas, querendo uma suplantar a outra. Um tornéio de chaves de ouro, de rimas ricas, de pensamentos originais e profundos.

As duas literatas, em luta tremenda, não dormem. Se uma faz uma quadra, a outra aparece com um soneto. Se uma escreve um poema, a outra surge com uma ode.

Há dias, a mais tenaz, conseguiu, com esforço, fazer um poema em que deixou transparecer certa habilidade e erudição. A outra indignada, julgando-se vencida, não teve mais tranquilidade. Tentou superá-la. Verificando que não conseguia, resolveu escrever à rival uma carta anônima terrível.

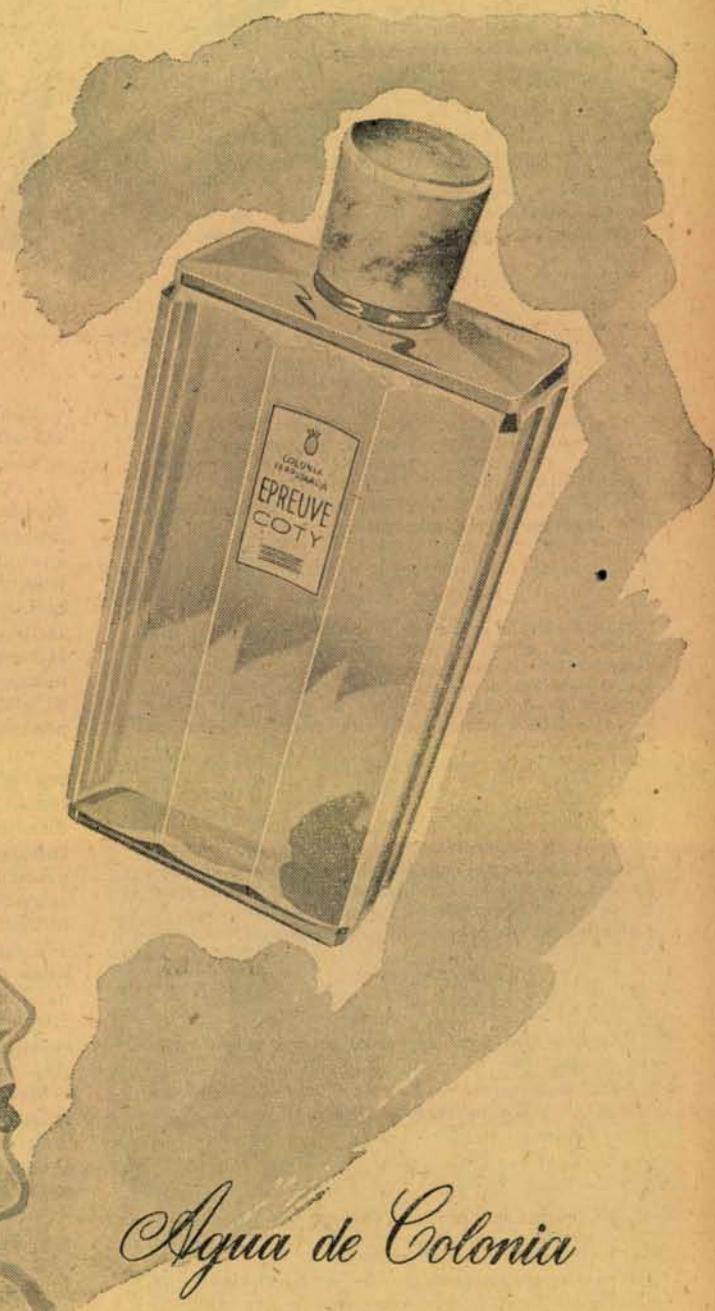
A vítima nos mostrou a mensagem da inimiga feroz. Entre outras coisas brutais, encontramos este pensamento de um autor muito conhecido: "Em matéria de erudição, é muito fácil emitir cheques sem fundo".

A luta continua brava, e os redatores de jornais estão deitando lenha à fogueira publicando, com elogios, os trabalhos de ambas...



CONHEÇA A NOVA

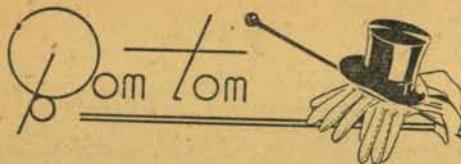
SEDUTORA CRIAÇÃO COTY...



Aqua de Colonia

EPREUVE

Coty



Não convém estar exibindo os dotes de seu filho, diante de visitas, fazendo-o cantar e recitar. É preciso ter sempre precente que esses triunfos podem constituir tema predominante na família, mas que certamente aborrecerão a terceiros.

*

A mulher elegante não é aquela que possui um guarda-roupa rico, mas sim a que se veste de acordo com a oportunidade e o ambiente em que se encontra.

Fica mal a qualquer senhora andar carregada de jóias, para fazer uma compra ou um passeio esportivo, assim como apresentar-se em diversões noturnas com qualquer traje casero.

Todo o exagero é rediculó e a mulher distinta não deve pecar por essa falta.

*

Não é correto consertar a costura das meias, suspender as alças da combinação, retocar pintura, pentejar os cabelos e outras pequenas colas, quando se está em plena rua, porque esta falta dá impressão de descuido pessoal. É preferível deixar esses detalhes como estão, do que retocá-los em público.

*

Para se tornar simpática aos olhos dos outros, convém abolir da conversação a afetação de linguagem. Não deve também abusar da palavra estrangeira e nem colocar-se permanentemente na primeira pessoa como centro da conversação.

*

Não fica bem para um casal estar demonstrando em público sua afeição.

Todas as demonstrações de carinho devem ser deixadas para a intimidade do lar.

*

Uma jovem que procura despertar a atenção de um determinado rapaz recorrendo a modos afetados e atitudes cinematográficas, é bem provável que consiga únicamente perder a oportunidade de que esse "flirt" se converta em um noivado...

*

Pode-se declinar de ser padrinho de qualquer cerimônia, sómente quando há razões plausíveis; do contrário tem que se aceitar para não incorrer numa indelicadeza.

*

Não fica bem para uma moça, principalmente se é casada, fazer-se de ingênua perante os outros. Isto, em vez de despertar simpatias, faz com que se torne extremamente ridícula.



◆ HUBERTO ROHDEN

QUIS a sorte eu a Providência que eu me encontrasse na California University de Berkley, precisamente no dia 7 de agosto quando a primeira notícia da bomba atômica lançada contra Hiroshima estarreceu o mundo inteiro como uma mensagem de outros mundos.

Em Berkley, perto de San Francisco da Califórnia, como o leitor sabe, acham-se os misteriosos laboratórios do Dr. Ernesto Orlando Lawrence, que, desde 1940, conseguiu provocar experimentalmente explosões de átomos, descoberta essa que é como que a alma da famosa bomba que, num instante, destruiu quase completamente a cidade de Hiroshima, com 350.000 habitantes. Ciclotron é o nome que o genial inventor deu à sua máquina, que é, aliás, uma verdadeira fábrica, de tão grande e pesada que é.

O leitor não esperará de mim que eu afirme aqui ter penetrado nos segredos íntimos desse laboratório, segredos conhecidos apenas de um punhado de cientistas; mas nem por isto deixei de ter oportunidade para colher in loco, no próprio berço da grande descoberta, preciosos dados sobre o sensacional invento, fadado a revolucionar a ciência e a indústria do mundo.

Quem percorre aquelas verdes e pitorescas colinas de Berkley, embaladas no silêncio sonâmbulo da sua grande solidão, com os seus alvejantes pavilhões universitários, mal pode imaginar que desse soridente paraíso californiano tenha partido um movimento de repercussão mundial e que acelerou por muitos meses o término final da guerra no Pacífico. A descoberta e utilização controlada da energia intra-atômica é, indubitavelmente, a maior descoberta jamais realizada no terreno da física e química de todos os séculos. Abre uma nova era nos anais da ciência humana. Há decênios que os cientistas de todos os países, sobretudo da Alemanha, Japão, Inglaterra e Estados Unidos, andavam à desesperada procura desse segredo, porque todos sabiam que com a descoberta do mesmo teriam nas mãos uma força que eclipsaria tudo quanto a antiga musa canta... Durante esta última guerra, diversos cientistas germânicos estiveram a pique de descobrir o mistério dos átomos; chegaram, por assim dizer, ao penúltimo passo, mas não conseguiram dar o último, passo definitivo, e isto em grande parte porque Hitler obteve a que desvendassem o grande segredo. A dra. Lise Meitner, cientista de Berlim, em vésperas de realizar provas definitivas sobre desintegração atômica, teve de fugir para o estrangeiro, por ter sangue semita; na Dinamarca trabalhou com o Dr. Niels Bohr, mas também desse país teve de fugir quando o mesmo foi invadido pelas hordas do Führer, e até hoje não se sabe do paradeiro dessa

A BOMBA ATÔMICA

RASGANDO NOVOS HORIZONTES A' CIÊNCIA E A' INDU'STRIA — O SONHO DOS ALQUIMISTAS MEDIEVAIS E A REALIDADE DA CIÊNCIA MODERNA

mulher, que, provavelmente, já não é do número dos mortais. Outros cientistas especializados em pesquisas atômicas, como o Dr. Rudolf Peierls e o Dr. Franz Eugen Simon, ambos de origem judáica, abandonaram a Alemanha ante o furor hitlerista e estão lecionando em Universidades Britânicas. Só Deus sabe que curso e desfecho final teria tido essa guerra se Hitler desse liberdade a êsses cientistas para levarem a têrmo os seus trabalhos. Possivelmente, a paz seria ditada pelo Fuehrer entre as ruínas de Londres e Washington... Por mais estranho que pareça, os segredos de um ser ultra-microscópico (nunca ninguém viu um átomo, nem através do mais poderoso microscópio) decidiram o destino final desta guerra.

*

A's 9.15 da manhã do dia 6 de agosto, a superfortaleza "Enola Gay" fez cair sobre Hiroshima o misterioso engenho, que não pesava mais de 200 quilos, coisa insignificante em comparação com as gigantescas bombas comuns de diversas toneladas de explosivo. Mas o efeito desta primeira bomba atômica equivaleu a um verdadeiro cataclisma, e muitos japonenses julgaram sentir a ilha tôda sacudida por violento terremoto. "My God" (meu Deus) foi a exclamação que irrompeu dos lábios de todos os ocupantes do "Enola Gay" (nome da mãe do primeiro piloto dado por ele mesmo ao avião incumbido desse voo histórico). Por uns momentos parecia o "Enola Gay" perder o equilíbrio, apesar de se achar a muitos quilômetros acima de Hiroshima e ter imediatamente desviado o voo para fora da zona dominada pela explosão. Todos os aviadores usavam óculos escuros, mas, ainda assim, se sentiram por algum tempo ofuscados pelo veemente clarão produzido pela bomba. Enorme montanha de fumo envolveu a cidade tôda, tomando a forma de um gigantesco cogumelo, de uns 15 quilômetros de extensão, branco da parte de cima e negro no fundo. Nada mais se via de Hiroshima. A medida que o monstruoso cogumelo se desvanecia nas alturas, novas camadas o substituíam vindas de baixo. Cérca de 150.000 pessoas tiveram morte instantânea, quase tôdas queimadas, muitas reduzidas a cinzas. Experiências anteriores feitas com essa bomba, no Estado de Novo México, espalhavam ondas de calor a umas 20 milhas de distância do ponto da explosão.

Pilotava a histórica superfortaleza, no dia 6 de agosto, o Coronel Paúl W. Tibbet Jr. de Miami, Flórida, levando consigo o perito naval Capitão William S. Parsons, de Santa Fé, Novo México, é o bombardeiro Major Tomas W. Ferebee.

*

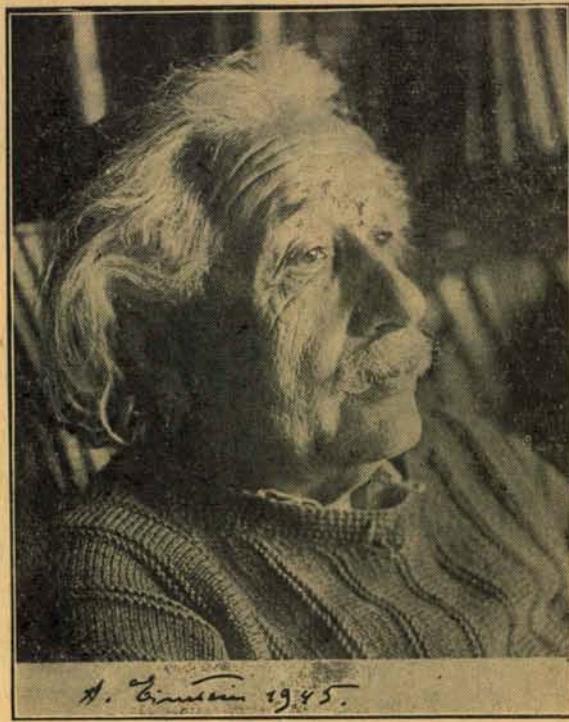
Mas, afinal de contas, em que consiste a bomba atômica?

Não sei até que ponto estão os meus leitores familiarizados com os mistérios da física. Num dos capítulos do meu recente livro "Por mundos ignotos" discorri sobre as energias latentes no interior de um átomo, energias que, quando aproveitadas, forneceriam forças superiores a tôdas as que atualmente conhecemos e utilizamos, eclipsando combus-

tiveis como carvão de pedra, gasolina e os chamados fluidos elétricos. As energias intra-atômicas contidas num simples copo de água seriam suficientes para uma viagem aérea ao redor do globo. A palavra grega "átomo" (a-tomos) quer dizer indivisível — porque, antigamente, se julgava essa partícula a última parte da matéria, inteiriça, homogênea e não destrutível. Há tempo que a ciência abandonou essa teoria da indestrutibilidade do átomo; as célebres experiências do casal Curie, em Paris, no princípio desse século, provaram que o rádium representa uma lenta desintegração atômica do urânio, desprendendo certa quantidade de luz e calor. Se essa paulatina decomposição atômica, que por via natural leva milhões de anos, pudesse ser provocada artificialmente, em momentos libertariam enorme potencial de energias encerradas em qualquer átomo, e essa energia libertada poderia ser aproveitada para fins de indústria humana.

Com a descoberta do rádium e sua emanação de partículas de helium, provou-se a possibilidade de libertar a energia intra-atômica. Experiências ulteriores realizadas sobretudo pelo Dr. Ernesto Orlando Lawrence, da Universidade de Califórnia, em Berkley, fizeram ver, além disto, a possibilidade de provocar artificialmente, em larga escala, essa decomposição atômica. Não tínhamos até

(Conclui na pag. 138)



O célebre cientista dr. Albert Einstein, da Universidade de Princeton, New Jersey, que sugeriu ao saudoso presidente Roosevelt a idéia de nomear uma comissão para desvendar o segredo da energia atômica.

O ESPORTE nasceu entre nós quando a Capital ainda se denominava "Minas" e a primeira tentativa que tivemos nesse gênero de diversões prendia-se à fundação de uma sociedade turfista.

Efetivamente, a 2 de janeiro de 1898, isto é, 20 dias depois de inaugurada a cidade, realizava-se na redação d'A Capital, o segundo jornal aqui fundado, uma reunião bastante concorrida, com o fim de se fundar um clube de corridas.

Presidiu-a o sr. Capitão Mariano Ribeiro de Abreu, secretariado pelo sr. Luis Gomes Ribeiro Júnior e a ela compareceram

mais, entre outros, os srs. Eugênio Thibau, Artur Haas, José Pinto Valente, Alberto Bressane Lopes, Leopoldo César Gomes Teixeira, dr. Oscar Trompowsky, Miguel Francisco de Matos, José Tricoli, Leonardo Gutierrez, Antônio Alves, Pedro Joaquim de Almeida, José d'Avila Goulart, dr. Olinto Meireles e dr. João Proença.

Expostos os fins da reunião e discutido o plano de organização da sociedade, foram nomeadas várias comissões destinadas a levá-lo a efeito. Entretanto, dada a precária situação da praça naquelas dias, a idéia não encontrou clima próprio e congelou-se...

Em 1902, porém, aquelle pensamento aqueceu-se novamente e a 7 de maio, o Prefeito Bernardo Monteiro firmava contrato com o sr. coronel João Alfredo Ataíde para construção e exploração de um prado de corridas, cuja empresa foi logo organizada por meio de ações, sob a denominação de "Companhia Anônima Derby Mineiro".

Escolhido o terreno entre o Barro Preto e o Calafate, a planta de todas dependências do estabelecimento foi logo desenhada pelo arquiteto sr. Edgard Nascientes Coelho e exposta na montra da casa comercial do sr. Narciso da Silva Coelho, à rua da Bahia.

Em reunião realizada a 6 de julho, a sociedade elegia a seguinte diretoria: presidente, dr. Henrique Sales; vice-presidente, dr. José Pedro Drumond; diretor - secretário - gerente, coronel João Alfredo Ataíde; diretor-tesoureiro, coronel José Benjamim.

Entretanto, não obstante o grande entusiasmo que favoreava a idéia, ainda desta vez, ela não foi avante, pois a 9 de dezembro de 1904, o Prefeito declarava caduca a concessão por falta de cumprimento do contrato.

Naqueles dias, porém, surgiu um outro grupo de desportistas e tomou a si a realização do empreendimento. Eram êles, entre outros, os srs. Raul Mendes, Francisco de Castro Ribeiro, Antônio de Castro, Cláudio Andrade, Artur Machado e Antônio Garcia de Paiva.

Reunidos a 27 de agosto de 1904, conseguiram logo a subscrição de todo o capital, que era de 20.000\$000, e organizaram a sociedade denominada "Prado Mineiro", cujos estatutos foram elaborados pelos srs. coronel Manuel Lopes de Figueiredo, Manuel Afonso Alves e dr. Alvaro da Silveira e aprovados em sessão de 16 de outubro, sessão essa realizada com a presença de 59 acionistas representando 71 ações.

Ainda nessa sessão foi eleita a seguinte diretoria: presidente, coronel Manuel Lopes de Figueiredo; vice-presidente, Manuel Afonso Alves; 1.º secretário, Cláudio Andrade; 2.º secretário, Artur Machado; tesoureiro, Antônio de Castro Ribeiro; comissão fiscal, Antônio Pereira Soares, Antônio Garcia de Paiva e dr. Alvaro da Silveira.

Em consequência das negociações anteriormente entabolidas entre os organizadores da sociedade e a Prefeitura, a 10 de ja-



RECORDAR É VIVER...

O PRADO DE CORRIDAS

Abílio Barreto

Ilustração de Rodolfo

neiro de 1905, era assinado o respectivo contrato, estabelecendo o prazo de 25 anos para exploração do "Prado Mineiro".

Desenhados pelo arquiteto sr. Luís Olivieri a planta do pavilhão das arquibancadas e mais dependências do estabelecimento, em agosto estava todo o terreno cercado, construída a pista de 20 metros de largura, com o desenvolvimento de 1.142 metros e a 7 de março de 1906 assentava-se a cuméira daquele pavilhão, ficando a obra completamente concluída e entregue a 3 de maio, quando a visitaram o Presidente Francisco Sales e o Prefeito interino Antônio Carlos Ribeiro de Andrade.

A corrida inaugural realizou-se em meio de grande animação popular, a 8 de julho, com 5 páreos de animais peludos, a saber: Polonésia, do sr. J. M. de Castro; Almirante, do sr. Francisco Malta; Dileto, do sr. Armando Diógenes Andrade; Camponês, do sr. José Moreira; Baturité, do sr. Francisco Malta; Relâmpago, do sr. José Moreira; Cadete, do sr. Francisco Malta; Guaporé, do sr. Butinholo Antônio; Corisco, do sr. Joaquim José dos Santos; Aventureiro, do sr. Miguel Santos; Guaporé 2.º do sr. José Silveira; Billontra, do sr. Adolfo Timburibá; Condor, do sr. José Silveira; Jagunço, do sr. Miguel Liebmann; Japonês, do sr. José Torres; Secret, do sr. Bartolomeu Pimenta.

Para mais de 1.500 pessoas assistiram às corridas inaugurais, inclusive o Presidente do Estado, seus secretários, o Prefeito da Capital, inúmeras senhoras e senhorinhas, que para ali se transportaram em carros de praça, em tilburis, a cavalo, em bicicletas ou a pé.

Tendo sido animadíssimo o jôgo de poules, foram vencedores: no primeiro páreo, Almirante e Camponês, montados por Malta e José Moreira; no 2.º, Cadete e Relâmpago, montados por F. Santos e José Moreira; no 3.º, Almirante e Aventureiro, montados por Malta e Vítorio; no 4.º, Jagunço e Japonês, montados por Vítorio e J. Santos; no 5.º, Al-

mirante e Aventureiro, montados por Malta e Vítorio.

A segunda corrida igualmente muito animada realizou-se a 12 de agosto e, por ocasião da terceira, a 26 daquele mês, inaugurou-se a linha de bondes para o Prado Mineiro, razão pela qual essa festa desportiva teve muito maior animação do que as precedentes.

Em 1907, a 19 de janeiro, eleita a nova diretoria, que se compôs dos srs. Raimundo de Paula Dias, Cláudio Andrade, Francisco Gonçalves das Neves, Alexandre Coutinho, Eugênio Thibau, Antônio Gomes Monteiro, Delfim de Paula Ricardo, Leopoldo Bhering, Antônio Garcia de Paiva, Antônio Pereira Soares e dr. Álvaro da Silveira, esta em março contratou com o sr. J. Santos, proprietário do Hotel Comércio, a instalação de um bar na parte inferior do pavilhão das arquibancadas, de sorte que nas corridas realizadas a 7 de abril já se contava com mais esse elemento de conforto e animação no Prado.

Além disso, a Prefeitura reduziu para 100 réis o preço das passagens nos bondes e determinara que estes trafegassem de 10 em 10 minutos, da Avenida Paraná até ali, o que muito concorreu para que a frequência de aficionados fosse excepcional.

Nessa corrida tomaram parte dois animais de sangue, que eram as éguas Argentina e Zazá, disputando com Almirante e sendo vencedora a primeira, montada por Malta.



Outros animais de sangue vieram depois, tais como Petrópolis e Guanabara, que foram vencidos por Argentina, nas corridas de 16 de junho, e Alteza, que bateu Argentina por dois corpos nas corridas de 7 de julho, sendo esta ainda vencida pelo parelheiro Republicano, nas corridas de 4 de agosto.

Em maio de 1908 chegaram do Rio de Janeiro os cavalos de sangue Itacolomi e Cambise, aquêle da coudelaria "Improvement" e este do sr. Francisco Costa, que vieram disputar com Lelupe, outro famoso parelheiro de sangue, um grande prêmio, que se anunciamava para as corridas de 16 de agosto. Realizada a grande prova, dela saiu vencedor Lelupe, montado por Balbino, vindo Cambise em 2.º lugar.

Em um dos intervalos das animadíssimas corridas de 11 de setembro, o aeronauta amador, sr. Magalhães Costa, realizou no Prado, interessante ascensão em seu balão cativo "Granada", despertando grande curiosidade popular.

A estação desportiva de 1909 foi iniciada a 13 de março, sendo que as corridas de 4 de abril foram em homenagem aos Presidentes do Estado e da República, srs. Bueno Brandão e dr. Venceslau Braz, e as de 11 em homenagem ao Prefeito Benjamim Jacó.

Na 7.ª corrida dessa estação, realizada a 14 de junho, o povo horizontino apreciou um espetáculo interessante: o andarilho Pepito Ferrari, cognominado "homem máquina", bateu em de resistência o ciclista Aureliano Nuchi e o cavalo peludo Napoleão, percorrendo 15 quilômetros em 75 minutos, sendo que Pepito deveria correr 15 voltas e os contendores 30. O prêmio conquistado por Pepito foi de ... 300\$000, tendo ele ainda realizado outras provas de resistência na pista de corridas.

Enfim, o Prado Mineiro funcionou regularmente até 1910, realizando sempre, quinzenalmente, corridas animadíssimas.

(Conclui na pag. 92)

TROCANDO DE GENTE SÉRIA

OSCAR MENDES

• ILUSTRAÇÃO
DE RODOLFO

Devemos convir que nosso mundo moderno perdeu muito da jovialidade que caracterizava a vida antiga, mesmo nos meios mais graves e aristocrátas. Somos sizudos e mazombos. E pior ainda, perdemos até o gosto pela boa piada e pela pilharia espirituosa. Ai de quem ousar perder-nos o respeito, fazer-nos alvo dum brincadeira. A tempestade está armada. Há até perigo de correr sangue.

Quais as causas dessa sizudez, desse contínuo mau funcionamento do fígado? Que sociólogos e psicólogos se dêem ao trabalho de explicar o fenômeno. Eu, por mim, contento-me com apontá-lo, lamentando que a seriedade atual nos prive de deliciosas gargalhadas, quando vemos uma boa pilharia, armada com espírito e inteligência... principalmente se não somos nós a vítima da mesma.

A falta de boas pilharias e mistificações atuais temos que contentar-nos com as antigas e saboreá-las, mesmo tão distantes no tempo e contadas e recontadas por terceiros. Divertir-se à custa da boa fé e da ingenuidade do próximo é vêzo, que não se inculpa apenas a pessoas de escassa educação, mas é também encontradizo entre gente da alta e até entre literatos e pessoas das rodas literárias.

Em recente livro, "Artifices et mystifications littéraires", o escritor francês Roger Picard relata numerosas pilharias e mistificações ocorridas entre literatos. Uma delas tem algo de comédia, pois se baseia num dos temas mais antigos da farça e da comédia: o qui-pro-quo, o êrro de pessoa. Seus autores, dois sujeitos de bom fígado e bastante irreverentes, não hesitaram em trocar de duas personalidades ilustres e famosas do século XVII, as quais tiveram o bom senso e o bom humor de não se agastarem com a brincadeira. O caso ocorreu com a escritora Mlle. de Gournay e com o poeta Honorat de Racan.

Mlle. Marie de Lejars de Gournay foi uma dasquelas não raras mulheres de espírito, que brilharam nos salões literários de Paris, no século XVII. Ainda jovem, leu os "Ensaïos" de Montaigne e se tornara uma admiradora incondicional do grande ensaista francês. Montaigne estimou-a a ponto de chamá-la de filha. A ela se devem duas edições póstumas dos famosos ensaios do mestre francês. Ela mesma escritora, compôs um trabalho sobre a "Igualdade dos homens e das mulheres" (precursora das sufragistas dos tempos modernos) e uma "Defesa da poesia e da linguagem dos poetas". Traduziu também trechos

de Virgílio, de Tácito e de Salústio. Era, como se está vendo, uma dama respeitável e conspicua, dada a estudos sérios e a uma literatura grave e importante.

Honorat de Racan era poeta muito estimado no seu tempo. Discípulo e amigo de outro poeta, também famoso, Malherbe, o tal das rosas que o celebrizaram, teve a honra de ser um dos membros fundadores da Academia Francêsa. Pois foi com personagens tão ilustres que dois pândegos acharam de fazer uma troça, que não deixa de ter sua graça e seu espírito.

Valendo-se do fato de ainda não se conhecerem pessoalmente os dois escritores, foi que dois amigos do próprio Racan lograram êxito com a sua pilharia. Mlle. de Gournay acabara de publicar uma obra "A Sombra", de que enviara um exemplar a Racan. O poeta sentiu-se sensibilizado com a gentileza da colega de letras e comunicou-lhe que iria, em pessoa, agradecer-lhe a homenagem em dia determinado.

Bueil (talvez parente de Racan que também tinha este nome) e Ivrande, dois amigos do poeta, ficaram sabendo de tudo e resolveram pregar uma peça aos dois escritores. No dia determinado, Buell comparece à casa de Mlle. de Gournay e se faz anunciar como Racan. A escritora recebe-o com todo o agrado e Buell, sob o nome de Racan, passa a fazer o elogio da obra que lhe fôra enviada. Trocam amabilidades. Ao se despedirem, estão ligados pelos laços de uma forte amizade. Mal se retira o falso Racan, a criada anuncia novo visitante, que faz à dona da casa os mais rasgados encômios pela importante obra que acaba de publicar. Bastante envaidecida com tanta amabilidade (não fôsse ela mulher e ainda por cima escritora), Mlle. de Gournay pergunta o nome do visitante.

— Mais eu sou Racan — diz o visitante. — Não lhe mandei anunciar a minha visita?

— Racan? — pergunta, intrigada a escritora. — O sr. está brincando. Ele acaba de sair daqui.

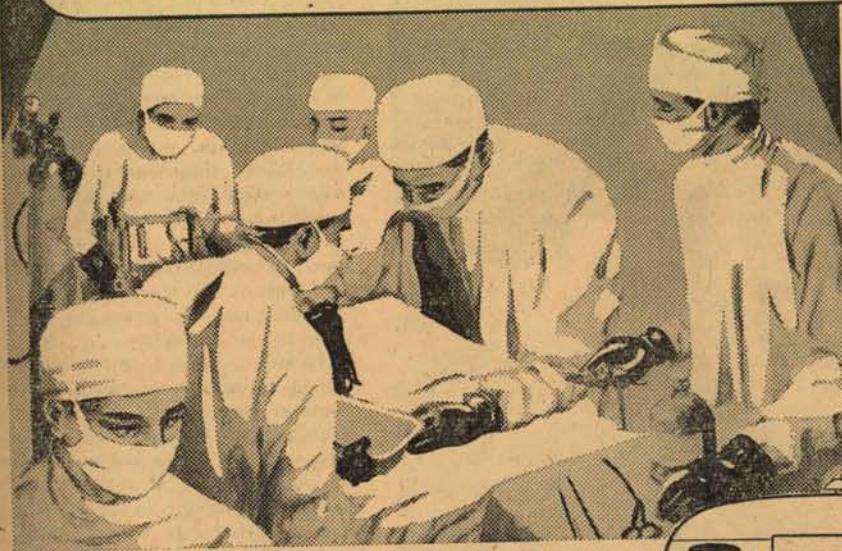
— Ora, Mademoiselle! Não está vendo que foi o outro visitante que zombou da senhora, utilizando-se do meu nome?

Redobra de elogios e de amabilidade e Mlle. de Gournay, diante de tão doces e afagantes louvores, está crente, crentíssima, de ter dianite de si o grande poeta Racan. Não fica atrás em gentilezas. Retribui louvores e acompanha com toda solicitude e carinho o visitante, até a porta, quando ele se retira.

(Conclui na pag. 94)



"HIGIENE E SAÚDE" - Palavras inseparáveis



NA vida moderna, higiene e saúde são conceitos que se não separam. E é em nome da higiene e da saúde que fazemos perguntas que ontem não nos ocorreriam: onde é lavada e enxuta nossa roupa de corpo, de cama, de mesa, das crianças? é protegida contra contágios e infecções? não se mistura com a roupa de outros, talvez enfermos? Os mesmos preceitos higiênicos que exigem assepsia nas salas de operação nos obrigam à certeza de que nossa roupa é bem lavada, e com asséio.

Com economia, a máquina G. E. de lavar roupa lhe garante essa certeza — "Higiene e Saúde" — pois lava em sua casa (evitando contágios externos), sem estragar nem perder peças, impedindo que o sujo e o suor impregnem os tecidos. A máquina de lavar roupa é uma das muitas modernas sentinelas G.E. a velar pela saúde de toda a família.

Ouça os "Festivais G-E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05. Em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Um programa musical com atrações para todos os gostos.



**EM MENOS TEMPO,
COM MENOS TRABALHO,
COM AUXÍLIO DA ELETRICIDADE**

Não deixe de incluir no seu plano de compras esse precioso auxiliar doméstico - pela higiene, conveniência e economia que proporciona.

Mais uma oferta da General Electric: "BAZAR FEMININO" com Helena B. Sangirardi, todas as quartas-feiras às 16 horas pela PRE-8, Rádio Nacional.

Máquinas de lavar roupa

GENERAL  ELECTRIC



*Apresentar-se... deslumbrar...
e triunfar...
Ventura só reservada
à mulher que sabe usar...*

Uma requintada gama de tonalidades da última moda, realçadas por uma base exclusiva de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

Van ESS



a famosa marca americana!
criação ao mesmo tempo da arte e da ciencia!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.

McC

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO
E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÉS

TRICROMIAS E DOUBLES — CLICHÉS EM ZINCO E COBRE — APARELHAMENTO MODERNO É COMPLETO

NEGRO Pedro estava meio esquisito aquela noite. Enquanto descia as ladeiras de Ouro Preto, a caminho da Igreja, sentia a impressão de que alguém o acompanhava. Bobagem. As ruas estavam desertas e não havia ninguém. Aquilo era nervoso, com certeza. O luar derramava-se pelas casas, e parecia que elas eram gente e que sonhavam, adormecidas. O preto apressou a marcha e seus passos ecoavam no silêncio da noite. Amanhã cedo ia haver crisma, e era preciso que os altares ficassem bem bonitos e que tudo estivesse muito arrumadinho. Havia cinco anos que Pedro ia varrer a Igreja todos os dias, depois da reza. Aquela tarde jantara em casa do velho Juca, ficaram de prosa e, quando deu fé, já era noite.

O negro andou mais depressa ainda, procurando ganhar tempo. Passou pela Praça e reparou na Câmara. (1). Tudo tão quieto... tão parado. Em baixo os presos deveriam estar dormindo aquela hora. Metia-lhe medo aquele casarão imponente e enorme. O que vale, é que já estava quase chegando. Uma ladeirinha mais e, qual fantástica aparição, surgiu a Igreja de São Francisco de Assis. A impressionante beleza daquele templo fascinava a Pedro sem ele mesmo saber porque. Passou pelo pequeno cemitério que ficava ao lado e abriu a porta dos fundos, que dava para a Sacristia. Riscou um fósforo, acendeu a lâmpada de azeite e abriu as gavetas da cômoda. As toalhas estavam alvas, bem engomadas e arrumadas direitinho como o Senhor Vigário gostava. Trouxe o espanador, a vassoura e veio para a capela. Ainda havia no ar abafado um cheiro forte de incenso e de velas derretidas. Pedro sentia-se vaidoso por ser encarregado da limpeza daquele templo, o mais lindo de Ouro Preto! Lá estavam, em toda sua riqueza, os altares cobertos de ouro laminado.

Olhou para um dos púlpitos de pedra sabão. Aquelas anjinhos de cara rechonchuda tinham um jeito gozado de quem está achando graça numa coisa que não deve... Logo em cima, em relêvo, Cristo de resplendor, pregava ao povo, de dentro de um barco.

Bonito aquilo. Mas ele gostava mais do outro púlpito, onde a gente via Jonas sendo lançado ao mar, enquanto uma baleia enganada, de enorme boca aberta,

(1) Hoje Museu da Inconfidência.

* O FANTASMA DA *

IGREJA DE OURO PRETO

LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

se preparava para tragá-lo. Fôra Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, quem esculpira aquilo. Antônio Lisboa... Bem que Pedro se lembrava dêle. Conhecia-o mal mal, apenas. Vira o seu vulto passando certa noite, carregado aos ombros pelo escravo Januário, e, quando fôra à Igreja, curioso de conhecer-lhe o rosto, encontrara sómente a tenda atrás da qual trabalhava, escondendo a sua deformação. Pedro guardara apenas a lembrança de sua voz irritada e meio rouca, mandando-lhe que se retirasse, que se fosse embora... O negro pensava nisso tudo enquanto ia varrendo a Igreja. Quando acabou dirigiu-se para o altar-mór a fim de colocar as palmas de papel vermelho. Veio-lhe novamente aquela sensação desagradável de que estava sendo vigiado por um ser invisível. Que maçada! Afinal de contas, êle era homem, e homem não deve ter medo de nada... Reparou nas pinturas do teto e começo a rir. Não é que S. Boaventura era igualzinho a seu amigo Juca? Só que Juca tinha um ar meio bobo e era mais gordo do que o santo.

Derrepente, pareceu-lhe ouvir uma voz que o chamava. Seria impressão? Não era. Alguém o estava chamando de verdade.

— "Pedro, Pedro, vem cá." — dizia a fala, que vinha do côro e era meio rouca.

Estranho. Não havia ninguém na Igreja. Ter-se-ia alguém escondido lá? Pedro perguntou quem era e não teve resposta. Repetiu-se o chamado. O negro resolveu ir ver de que se tratava e subiu as escadas.

— "Pedro, Pedro, vem cá." Desta vez a voz vinha do lado oposto, saía do altar-mór. Alguim malandro, metido a engraxação, estava zombando dêle, com certeza. O preto correu para lá já com um certo mal-estar. Outra vez se fêz ouvir o som rouco, chamando-o do côro. Pareceu-lhe então reconhecer aquela voz. Mas não era a voz de um ente vivo, ouvira-a, havia alguns anos, numa Igreja... Era a voz de



alguém que já não existia mais... A voz de Antônio Francisco Lisboa! A gaforinha do negro desencarapinhou-se e seus cabelos ficaram em pé, de medo! Desabaluou numa corrida doida rua afora e bateu à porta do velho Juca, que dormia.

— "O fantasma! O fantasma!" gritava êle, quase alucinado.

Foi um custo até que Pedro se acalmasse e pudesse contar o que acontecera. Ninguém acreditou na história e pensaram que êle estivesse louco. Maluco é que êle não era. Andava bem bom da cabeça até. Por isso mesmo é que nunca mais poria os pés naquela Igreja... Juca procurou convencê-lo de que fôra tudo um sonho... um pesadelo daqueles que fazem a gente dar graças a Deus quando acorda. Mas o preto não aceitou a explicação: ao chegar a casa, na mesma noite em que ouvira a voz assombrada, reparou que a folhinha marcava o dia 18 de novembro de 1815.

Fazia justamente um ano que Antônio Francisco Lisboa tinha deixado êste mundo...

♦ ILUSTRAÇÃO DE ROCHA ♦



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



PEÇA ESTE LIVRO !...



60 páginas - Cr. \$ 3,00
contra reembolso postal

UZINAS CHIMICAS BRASILEIRAS Ltda.
C. Pedal, 74 - JABOTICABAL - E. S. Paulo

MADAME ROLAND, A ALMA DA GIRONDA

CONTINUAÇÃO

escapar à sanha desses loucos de ocasião, que tudo queriam subverter num relâmpago, tudo destruir sem qualquer consideração e sem escolher meios, senão os da violência e da baixeza. Mr. Roland é particularmente acusado de ladrão. Mme. Roland também é visada com uma desfaçatez incrível. Estamos agora diante de um bando de energúmenos a atacar a honra, a denegrir a reputação, a insultar com violência inaudita os girondinos, minados pelo ódio dos sectários. Com as ironias, as chalaças, as deturpações do viver da família Roland, procuravam aquilar contra ela a plebe de Paris, mais do que nunca disposta ao saque e ao sangue.

Por coerência, Mr. Roland e Mme. Roland não podiam tentar qualquer protesto contra a vesânia dos seus desumanos inimigos, porque já haviam pregado, no tempo da monarquia, completa liberdade de imprensa, ampla, ilimitada, absoluta. Agora estavam sendo vítimas das armas que ajudaram a forjar. Mme. Roland desassombrada e sempre decidida em frente do perigo, não perdeu a serenidade e a coragem que a caracterizavam. Enfrenta os seus inimigos, e embora aconselhada, não quer retirar-se de sua residência, e diz:

— Se quiserem assassinar-me será na minha casa. Devo dar este exemplo de firmeza e hei-de dizer-lhe,

E quando se deitava, escondia sob o travesseiro um par de pistolas carregadas.

No dia 7 de dezembro de 1792, Chabot, da tribuna da Convenção, denunciava uma pretensa conspiração da qual a família Roland teria conhecimento. Mr. Roland, no entanto, defende-se da cumplicidade moral de que os seus adversários o acusam, e pede que sua mulher fosse ouvida, porque intimamente confiava na brillante defesa de que sua esposa seria capaz. O pedido foi aceito. Para depor, compareceu Mme. Roland, graciosa e altaiva. Retumbantes aplausos a acolheram. Quando terminou o interrogatório, e ela foi convidada a tomar seu lugar, os aplausos redobraram de intensidade. Mme. Roland havia dado todos os esclarecimentos com uma clareza, um encanto e uma precisão extraordinária. Toda a assembleia estava como que fascinada pela limpidez de seu espírito, pelo timbre cristalino de sua voz, pela irradiação sedutora de toda a sua personalidade.

Os partidários da Gironda contemplavam embevecidos. Os montanhenses, despeitados, remordiam o seu

ódio. Mas foi efêmera a vitória de Mme. Roland. No dia seguinte, as acusações contra Roland prosseguiram com mais furor. Até que, por fim, chega o dia 6 de janeiro e Robespierre, exaltado e fanático, aterrorizado com as demonstrações populares e os rugidos ameaçadores dos montanhenses, que nunca cessaram de atacar os girondinos, exclama que Mr. Roland era um ministro facioso, palavra terrível, palavra que na época tinha um gravíssimo sentido político. Diante da tremenda acusação, os ânimos atingiram o auge da exaltação. Houve imprecações, tumulto, apelos à ordem, tódas as confusões e balbúrdias dessas assembleias onde as paixões parecem desempenhar seu melhor papel.

Não cessaram as acusações de que Mr. Roland era um ministro ladrão e facioso, que colocara dois milhões na Inglaterra, que traficava com os gêneros alimentícios, que fizera desaparecer os papéis secretos do rei, encontrados no armário de ferro, pelos quais se poderia evidenciar a cumplicidade da realeza com as potências estrangeiras inimigas da França revolucionária. O povo, na sua eterna crença e ingenuidade diante dos agitadores, que lhe instalam na alma os venenos das suas paixões e dos seus interesses, — já começava a dar crédito a tudo e o clamor contra a família Roland crescia.

Mr. Roland não teve dúvida em pedir uma grande devassa em torno de sua vida. Protestou sua lealdade e dedicação à república que acabava de ser constituída. Foram em vão tais protestos, porque os ardós e as calúnias dos montanhenses não tinham outro objetivo senão destruir o prestígio político dos girondinos. Queriam assemelhar-se ao poder absoluto do governo. Para isso seria preciso alijar os adversários e esmagá-los impiedosamente, mandando-os para a guilhotina como traidores do povo. Mr. Roland, Ministro do Interior, do partido dos girondinos, uma vez condenado, provocaria a queda da Gironda. Por esta razão é que a simples demissão de Mr. Roland, do cargo de Ministro, que ele dignamente apresentou, não conseguiu aplacar os ódios, nem amordacar a calúnia e lhe restituir a paz agora tão ambicionada. Tódas as acusações contra a Gironda foram recair sobre Mr. Roland e sua mulher, porque era bem certo que eles representavam a força e a alma da Gironda.

Dia a dia os girondinos, assim combatidos, enfraqueciam, enquanto

os montanhenses obtinham constantes progressos. A condenação à morte de Luis XVI, que os partidários da Gironde não desejavam, foi incontestavelmente um brilhante triunfo para os montanhenses.

A 10 de março foi instituído o Tribunal Revolucionário, arma destinada particularmente a aniquilar os girondinos ou aqueles que se inclinassem para os seus princípios. Vergniaud, a voz mais eloquente da Gironde, que era ouvido sempre com o maior respeito, interveio com calor contra essa instituição tenebrosa. Mas os seus esforços foram inúteis. Mme. Roland, atentamente, acompanhava os acontecimentos cada vez mais graves e sinistros para os girondinos. Só a idéia de vê-los derrotados — essa pléiade de homens brilhantes — a entristece profundamente, ela que era a alma da Gironde.

Sucedem-se, então, as desordens em Paris. A multidão exacerbada pelos agitadores, clama contra os girondinos diante das portas da Convenção. Esta, atemorizada, votou a prisão de 22 girondinos, dos mais ilustres. Ao saber da ordem de prisão contra o marido, Mme. Roland não vacilou, e procurou com presteza os mais importantes membros da Convenção, empêchando-se na salvação do marido. Depois de um dia inteiro de canseiras, em procura de um e outro amigo influente, dominada pela fadiga, sem ter jantado, volta para a casa e não o encontra. Mr. Roland conseguindo iludir a vigilância dos guardas, havia-se refugiado em casa de amigos. Assim mesmo alquebrada pela emoção e pelo cansaço, ela corre para junto dele, e, estreitando-o num abraço, leva-lhe o conforto do seu coração. Mme. Roland informa-de todos os seus passos e de todos os seus infrutíferos esforços. Por fim, volta para casa.

A meia-noite, apresenta-se arrogantemente uma deputação da Comuna, reclamando Mr. Roland. Ela, com altivez e sangue frio, responde:

— Ele não voltou!

— Onde está, então?

— Se eu o soubesse, não lhe diria!... Ele é meu marido!...

Depois de revistarem a casa toda, os homens se retiram. As duas horas da madrugada, nova deputação acorda Mme. Roland. Enquanto ela se vestia às pressas, os selos são apostos por toda a parte. Os criados, amedrontados, estão consternadíssimos e choram ao sentir a desgraça que se abate sobre a família Roland. Com ironia, um estúpido comissário da Comuna lhe diz:

— Pelo que vejo, a senhora tem por aqui pessoas que ainda lhe querem bem...

(Continua na pag. 128)

Cartas do Rio

Maria Santiago

Minha amiga, a desconhecida...

... você sabe viver? Eis uma pergunta que parece ingênua, ridícula ou inútil. Mas não é nada disto. A vida é algo que pertence a todos, inclusive à posteridade. O futuro é muito mais dono de nossos atos do que o passado; todos nós preferimos intuir do que recordar; poucos são os "prousts" diários...

Somos todos, mais ou menos, milagreiros e vivemos da esperança, muito mais do que da saudade. Qual é aquela que vive de lembranças, sem morrer de esquecimentos alheios?

... "parece mentira, parece
mas é verdade patente
que a gente nunca se esquece
de quem se esquece da gente..."

Uma quadrinha assim, ou quase assim, nos adverte do perigo de vivermos no passado.

Minha Amiga, viver é a coisa mais fantástica que um Deus poderia inventar, só um Deus mesmo, de amor e poesia, de mares e jardins, morte e reencarnação...

Eu creio em muitas vidas, isto é, creio que vivemos até compreendermos o sentido divino da Vida, em tudo que ela tem de humano e doloroso. A espiritualidade, que é preciso não confundir com espiritualismo e espiritismo, é a mais alta conquista de uma inteligência. Saber viver, consiste pois em alcançar essa Pátria comum a todos, a espiritualidade, de cujas regiões sereníssimas, o Homem avista o "rio claro de cristal da vida", como dizia o Deus-Poeta, Jesus...

Sabedoria de viver, significa sublimar o feio e o triste, valorizar o vulgar e realizar em plenitude, a cada minuto. Bem poucos são os que toleram suas vidas, preferindo-as sempre, por outras, no engano milenar da ambição. Não há nada melhor, minha amiga, do que o nosso próprio destino: ele se parece conosco, nós o merecemos, ele é a viagem necessária de nossa personalidade transitória. Se eu lhe pudesse dar um conselho, dir-lhe-ia: faça de seu destino a sua obra prima, procurando em si mesma o milagre da presença, na dor e na alegria.

O grande erro dos inadaptados, infelizes e pessimistas, é ausentarem-se de sua atualidade, românticos ou timidos, ambiciosos ou impulsivos, evitam-se, praticando fugas espirituais ou realistas, na procura desesperada de sucedâneos para si mesmos. Grande ilusão...

Se você, leitora amiga, não está contente com sua vida, faça um exercício de... levitação sobre si mesma, arrastando em sua espiritualização seu destino diário, de maneira a assistir o espetáculo de suas horas, como um espectador ávido de diversão; verá que há tanta coisa agradável em pequenos nadas comuns: o seu diário, aquélle plano para o fim do ano, as implicâncias da família, as diferenças de todos, uma flor no jardim alheio, que você desejaría, um livro que você não empresta a ninguém, um afeto irmão do livro...

Minha Amiga, a Vida é uma escola para destinos; procure aprender. Até breve...

PENSAR

— Inteligência altíssima e fecunda,
— luz que à dúvida infânda analisa,
quem te sente vibrar, quem te ouve, e perscruta! —
padece a dor maior, mais forte e mais profunda.

Quem me dera passar pela existência em luta,
sem esse lume atroz que os cérebros inundam,
— como ser vegetal, como alimária imunda,
como a pedra sem vida, indiferente e bruta!

Refletir é sofrer, é fazer paralelos,
é ver desilusões, torpezas e flagelos,
ouvir da angústia eterna o lugubre épicedio.

E' ver, em rude choque, as multidões insanas,
é sentir o calor das lágrimas humanas
e o peso milenar das dores sem remédio...

Edmundo Costa

CONSOLAÇÃO

Quanto mais forte a dor que te tortura,
tanto mais alto eleva o sentimento;
porque a vida nem sempre traz ventura,
mas deixa, a cada passo, um sofrimento.

E o sofrimento é um bem, quando a alma é pura,
e o coração, de qualquer mancha isento,
sabe encontrar na própria desventura
em lugar de aflição — contentamento.

Se possues o segredo da bondade,
encara alegremente a adversidade,
e vencerás as urzes da existência.

Na perfeição todo o consolo existe.
E a nossa perfeição moral consiste
em ter tranquila e limpida a consciência.

Faustino Nascimento

A ESMOLA ROUBADA

Nunca serei feliz nesta tristeza!
Há tanta imprecação pela cidadela!
Nas estrélas sem luz, — quanta ansiedade!
e nos lares sem pão, — quanta incerteza!

Minha alma hipersensível vive presa
à infinita opressão dessa impiedade;
e que ternura o coração me invade,
porque o Sonho é a minha única riqueza!

Sem apagar as fundas cicatrizes
da Injustiça e do Mal, eu clamo, apenas,
ante os restos que nunca foram dados,
e vejo no que sobra dos felizes

o remédio extorquido a tantas penas
e que talvez bastasse aos desgraçados!

Sobreira Filho

*Fragmentos
da
Poesia Nacional*

Esparços



Conheça o seu temperamento pela linha dos seus lábios

— Que personalidade elas revelam?

Lábios alegres... um tipo que a todos os homens encanta! Os lábios alegres ficam mais belos, mais radiantes com Batom Colgate.

Sensuais... que despertam paixões e tem mudado muitas vezes, o curso da História! O Batom Colgate dá aos lábios sensuais um poder maior de sedução...

Aristocráticos... lábios de mulher superior que se impõe ao coração dos homens. Este tipo tem mais brilho e mais suavidade com Batom Colgate.

Sinceros... lábios de mulher ingênuas, que refletem inocência e inspiram romances... sempre mais beijáveis com Batom Colgate

Frívolos... de mulher que seduz e não se deixar seduzir... lábios ondulantes beijos... São mais provocantes e tentadoras com Batom Colgate.

Descubra uma nova personalidade nos seus lábios com os matizes ardentes do Batom Colgate.

Importado da América do Norte — Feito de Karanava, o emoliente superior — 4 linhas tonalidades: Vermelho Americano, Médio, Escuro e Vermelho Amazonas. Perfume adorável e permanente.

O Coração Bate com Batom



COLGATE

3 vêzes Mais Beleza para Você!

Pó Para Rosto COLGATE

Um pó diferente, mais fino que os póis comuns porque é micro-pulverizado. O Pó Para Rosto COLGATE não contém a mínima partícula de arrós. Por isso, nunca deixa sulcos no rosto, após a maquilagem e nunca dilata os póros. Aderente e perfumado, o Pó Para Rosto COLGATE conserva a cutis macia e aveludada durante muitas horas.

PÓ PARA ROSTO COLGATE



Mantenha o brilho natural dos seus cabelos

Brilhantina Colgate é a única que contém Kola, a descoberta científica que mais se assemelha com os óleos naturais do cabelo. Deixa os cabelos macios e brilhantes, num penteado perfeito, tem um perfume de raras essências. Você é quem brilha... com



BRILHANTINA COLGATE

Um rosado lindo para seu rosto



Rouge COLGATE Concentrado. Uma aplicação muito leve basta para dar uma cedência e juvenil. Não obstrói os póros. Rouge COLGATE é o toque final de uma maquilagem elegante. Dura 5 vêzes mais porque é Concentrado.

ROUGE COLGATE

Paisagens Locais

por
Fábio Borges

Vida Moderna

QUEIENTOS CRUZÉRO
DOR MÊIS, SUMANA INGLEZA
E POUCO RESPEITO...



O Pó de Arroz, que realça
a
BELEZA!

Nas cores:

- Branco
- Rosa
- Raquel
- Ocre-claro
- Ocre-escuro,
- Ocre-rosée
- Gitane
- Péche



Pó de Arroz
ORYGAM de GALLY

À VENDA EM TODO O BRASIL



Página das Mães

CONSELHO A'S FUTURAS MÃES

EXISTE entre as jovens casadouras um preconceito que precisa de ser abolido. É o péjo ou pudor de encarar, antes do casamento, o problema da maternidade. Sobre isto todas silenciam e nem sequer, intimamente, procuram considerar ou estudar o assunto. A culpa não é delas, é da nossa educação familiar e escolar, que veda seja a questão esplanada para elas.

Não há dúvida de que é delicado o assunto e requer, da parte de quem o aborda, não só perfeita ciência e consciência dele como ainda fino tato para examinar e esplanar muitos de seus aspectos. Atendendo a estas circunstâncias, que tanto entravam a nossa educação maternal, vamos falar assim, atendendo a tais prejuízos, o melhor que os pais têm a fazer é comprar livros bons de pediatras afamados e dá-los a ler a suas filhas. Neste sentido, um bom livro, apesar de ter sido publicado em 1930, é o do professor Wilhelm Stekel — "Cartas às mães", muito bem adaptado à nossa língua pelo dr. Martinho da Rocha Filho.

Hoje, depois de Freud, ninguém contesta mais que muitas neuroses de adultos e mesmo de homens feitos provêm da falta de critério ou de desregramento na educação dos filhos. E esta começa ou deve principiar desde a vida intra-uterina. Achamos por isso de toda conveniência e utilidade dar aqui, nesta seção, dedicada especialmente às mães de família mineiras e a todas as jovens de nossa terra, o resumo e a análise das lições do professor Stekel. E isto porque o livro, a que nos referimos, não se encontra nas livrarias, parece que está esgotada a sua edição.

Uma das atitudes maternas que o professor Stekel condena é a obsessão que as jovens mães têm em relação ao filho, principalmente ao primeiro filho. "Não se deve esquecer, diz ele, de que a criança deve permanecer só e entregue a si mesma". Sózinha, ela encontra muita coisa que a diverte. Sacode os braços, dá de pernas, às vezes sorri. Tudo no mundo a atrai e sobre pequenos nadas ela exerce a inteligência nascente. Os movimentos lhe dão vivo prazer. As mães não devem acreditar que os pequerruchos se aborreçam no berço. Não há tal. O inicio da vida é uma série interminável de descobrimentos. Cumpre, porém, notar que cada criança tem tendência ao predominio. Logo perceberá que, ao mais leve chôro, todos se debruçam sobre o leito, pára acudi-la. Descoberta esta verdade, a criancinha na mais tenra idade perde o prazer de estar só, chamando, a todo instante a mãe pelo recurso do chôro. Deste modo, é a mãe que lhe transmite o hábito de choramingar.

O costume de estar sempre a acudir-a vicia-a a não contar consigo mesma, a não querer estar sózinha, a ser despótica, a ser mimada. Tais hábitos, desde que sejam estratificados, deturpam o caráter e preparam o menino para ser um adulto sensível demais às hostilidades inevitáveis da vida.

Quando cresce, não encontra nada disso no mundo, e principia então ou a ser um revoltado ou a ter um complexo de inferioridade. Dia a dia, aumenta a sua timidez, que é um dos maiores tropeços para se triunfar na vida, em qualquer setor de atividade.

Um dos maiores dons que se pode conceder aos filhos é pois a autonomia. Se não procedermos assim, criaremos o que os pediatras chamam acertadamente o "infantilismo psíquico", isto é, concorremos para que os nossos filhos sejam sempre eternas crianças. E isto é uma causa de continuos fracassos. A lição que se tira de tais observações, verdadeiras para todo mundo, é que cum-

pre às mães deixar os filhinhos se divertirem sózinhos, exercendo a vigilância de longe, sem sobressaltos e só inspirados pela inteligência e não pela mal entendida sentimentalidade maternal.

*

CONSELHOS SÔBRE ALIMENTAÇÃO

Os alimentos simples, de fácil preparo culinário, são os mais recomendáveis. Os alimentos muito temperados ou de conserva são de digestão difícil.

Evite os alimentos muito temperados ou de conserva: substitua-os por leite, ovos, frutas, verduras e legumes.

O leite é um dos melhores alimentos. Além disso, pode servir no preparo de pães, mingau, bolos, sorvetes e refrescos, aumentando-lhes o valor nutritivo.

Aproveite sempre o leite na sua alimentação, quer simples, quer como componente dos mais variados alimentos.

* * *



As faixas que eram usadas sobre o cueiro, hoje estão condenadas. Um cinto de gaze, usado na região umbilical, é necessário nos primeiros tempos. No fim de alguns dias retira-se e deixa-se o bebê esperneiar, crescer, respirar e espreguiçar sem impecilhos.

* * *

As únicas doenças que inibem a mãe de amamentar são a tuberculose e a lepra.

Das crianças que morrem na primeira infância, 80 % não são amamentadas pela própria mãe.

* * *

Se a criança chora logo que mama, ou algum tempo depois, talvez a sua alimentação não seja suficiente ou a digestão não se processe normalmente. Corrigida a primeira, se o chôro se repete, convém consultar um médico.

* * *

A banana bem madura é um alimento de grande valor para os meninos. Amassada com açúcar pode ser comida até pelas crianças de colo.

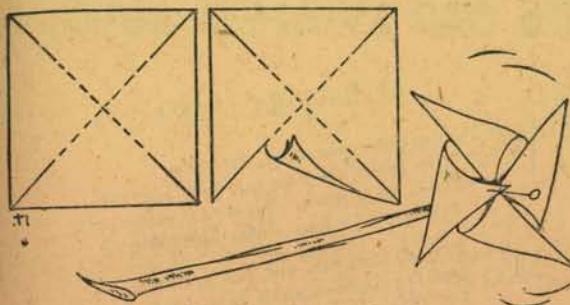
* * *

Dê aos seus filhos alimentos que contenham vitaminas A, B, C e D, tão necessárias ao crescimento, à dentição, à calcificação dos ossos e ao combate à anemia das crianças.

* * *

Uma criança normal, de dois anos, deve ter, de altura, 82 centímetros.

Jogos e Brinquedos



AS CRIANÇAS, geralmente, gostam de brinquedos que lhes propiciem movimentação, exercícios, corridas. E toda diversão ao ar livre é sem dúvida mais salutar que a realizada entre quatro paredes.

O "papa-vento" é, portanto, o brinquedo ideal para a criança. Vamos ensinar como se faz um "papa-vento".

Cortem um quadrado de cartolina, com vinte centímetros de lado. Tomem da tesoura e, após dobrarem o quadrado em duas diagonais, cortem, começando no vértice de cada ângulo, até o meio da dobra, como indica o traço do desenho, pois o pontilhado é a dobra. Feito isso, dobraram-se as pontas marcadas com uma cruzinha e, juntando-as no centro do quadrado, aplica-se um alfinete, firmando o papel numa boa vara, como mostra o desenho. E está pronto o "papa-vento", para a gurizada correr à vontade, contra o vento. Se o "papa-vento" não rodar, a culpa não é nossa...

*

A PARALISIA INFANTIL

TRÊS cientistas suecos que realizaram notáveis pesquisas sobre a paralisia infantil, informam que descobriram, nos intestinos e na glândula linfática dos ratos, uma substância albuminosa que, em casos normais, é inofensiva. Mas é possível que constitua a substância materna do verdadeiro vírus da paralisia, causando a enfermidade, quando um fator desconhecido, possivelmente outra infecção lhe modifica o caráter. Acredita-se que essa descoberta abra novos horizontes no estudo da paralisia infantil. Para pesquisas posteriores sobre o assunto, foi aberto um crédito correspondente a Cr \$6.750.000,00, a ser empregado nos próximos três anos.

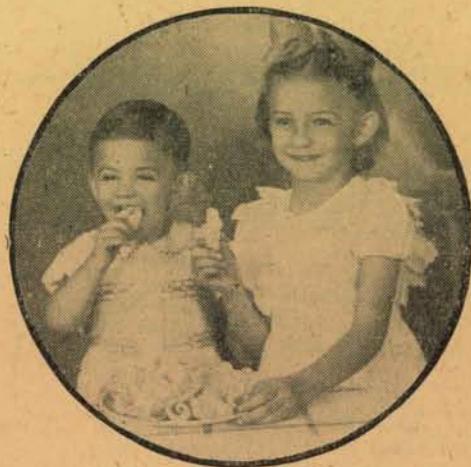
TAPEÇARIA LUIZ XV

Móveis estofados — Colchão de mola "STE-FANO" — Reformas e capas para móveis.

*

PREÇOS REDUZIDOS

Rua Inconfidentes, 984 — Belo Horizonte



Minha senhora:

O ar despreocupado dessas lindas crianças não evidencia que se origina por estarem saboreando as famosas torradinhas "MANDIOPAN"?

Dê constantemente ao seu filhinho este alimento leve, saboroso e nutritivo que é o

MANDIOPAN

e concorrerá para a satisfação e a própria felicidade de seus caros filhos.

*

MODO DE PREPARAR MANDIOPAN

Podem servir-se fritas, em sopas, e de várias outras maneiras. Rápido é seu preparo. Em frituras, colocam-se os poucos numa frigideira com SUFICIENTE QUANTIDADE DE ÓLEO, (ou qualquer outra gordura BEM QUENTE) deixando abrirem-se naturalmente e retirando-as em seguida. Depois adiciona-se com sal, açúcar, canela, baunilha, mel, geléia ou melado. Em sopa preparam-se como o macarrão, sendo de cozimento mais rápido que este, 5 minutos mais ou menos.

FABRICANTES:

Domingos Chiavone & Filhos — Rua Djalma Dutra 159-163 — São Paulo. Distribuidor exclusivo para Minas e Goiás: Jacques Saul de Souza — Rua Espírito Santo 292 — Belo Horizonte.

Emp. Distribuidora de Publicidade - Humberto Fraga de Oliveira - Rua Uruguaiana 104 - S. 107 - Rio

Hinterlândia Poética

A VOZ DOS SINOS

Sinos festivos das madrugadas
No campanário da velha estância!
Como me lembram as bimbalhadas
Com que alegráveis a minha infância!

Sinos vibrantes do meio dia,
Sinos de grata sonoridade!
Com que alvorôço vos eu ouvia
Nas aleluias da mocidade!

Sinos do ocaso, sinos plangentes!
Ai! quem me dera que eu não sentisse
Nos vossos dores intermitentes
Os desencantos desta velhice!

Heráclito Viotti

AGRADECIMENTO

Obrigado, por tudo, criatura!
Pelo muito de bem que tens me dado!
Pelo teus olhos cheios de ventura!
Pelo consólo teu, muito obrigado!

Por teu carinho, por tua brandura,
Que faz o nosso amor santificado.
Por tuas mãos, tão cheias de ventura,
Animo dando ao meu viver cansado.

Obrigado, também ao coração,
Que mostrou, num lampião de oração,
O meu destino, grande e iluminado!
Pela tua alma, tua fé sem história,
Pela altura maior da minha glória,
Por tudo, meu amor, muito obrigado!

Antônio Abrão

MAGNIFICÊNCIA

Desejara ensinar-vos a humildade,
ou dar, sobre ela, um pensamento esparsa,
como o fizeram com sobriedade
São Francisco de Assis, Paulo de Tarso...

Gênios do espírito cristão, esgarço
o meu pensar, sempre a eles, na vontade
única de beijar-lhes o cadarço
das sandálias, sentindo a divindade...

Não há glória maior, ventura eleita,
através desta Vida insatisfeita,
do que ser bom, humilde e piedoso.

Aprendei, pobres almas, a lição
cheia de luz, e de ouro precioso,
que é regalia só do Coração!

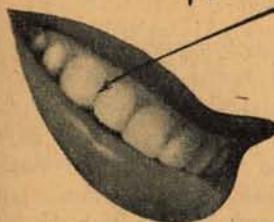
A. J. Hermenegildo Filho

ROCHA

Esta secção destina-se à publicação de poesias dos poetas novos. Com isto ALTEROSA ROSA visa estimular os artistas jovens de Minas e de outros Estados. Toda produção que, a nosso critério, for boa, terá acolhida nesta página.

Onde a escova não atinge - começam as cárries!

Proteja seus dentes
no Ponto Vital
com Gessy!



É nas faces ocultas dos dentes, onde a escova não atinge, que começam 4 de cada 5 cárries. Proteja seus dentes neste Ponto Vital, com Gessy.

De espuma ultra-penetrante, Gessy limpa onde a escova não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores das cárries, neutraliza o excesso de acidez. Mais econômico, Gessy custa até 20% menos que os demais dentifrícios de alta qualidade. Use sempre — Gessy.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENÍA E DA BELEZA!

J.W.T.



Bairade

Por CONSUELO SAN MARTIN

PREFERÊNCIAS, PROFISSÕES E CAPA- ★ CIDADE FEMININAS ★

Minha querida Antonieta. — Quantas perguntas me faz você a um só tempo em sua prezada carta. E que difíceis! Em primeiro lugar, pede-me lhe responda qual a profissão que mais convém à mulher. Depois, deseja que eu a informe sobre a sua intromissão no mundo político e as vantagens ou prejuízos que lhe podem advir dessa afamada conquista. Finalmente, solicita a minha opinião, no que diz respeito à capacidade intelectual da mulher.

Minha jovem amiga, tão complexas são as suas perguntas, que eu chego a desconfiar do seu pseudônimo, supondo-a antes um homem que u'a mulher.

Vamos, contudo, ao que interessa.

A profissão que mais convém à mulher? No meu modo de pensar, eu lhe pergunto: será conveniente à mulher, a profissão que a afasta do seu lar?

Discutamos o assunto. Não vamos tratar aqui, da necessidade de fazê-lo, mas apenas da sua conveniência. Sem ser muito rotineira, acredito bem mais felizes as Evas que cuidam tão sólamente do arranjo inteligente do seu lar, sem preocupações outras que aquelas que a natureza lhes confiou. Contudo, a escolher, creio que a única capaz de salvaguardá-la do frio ceticismo e do egoísmo seria, ainda, a de educadora.

A intromissão da mulher no mundo político, nada mais significa que trazer-lhe, além dos que já possue, um encargo a mais, sem nenhuma compensação verdadeira. Basta lembrar que o próprio homem brasileiro, ainda não recebeu o necessário preparo para o exercício consciente das atividades políticas. Não discuto, nem nego a capacidade intelectual da mulher para realizações admiráveis em qualquer setor, quer da vida social, quer da vida pública do país. Nego-lhe, sim, é a resistência física para essa sobrecarga de trabalho.

Enquanto, totalmente, invadimos o campo das atividades masculinas, os filhos de Adão, diminuem as suas responsabilidades, para ceder-nos todos os trabalhos da terra.

Nenhum homem vai, porque sua esposa também exerce mistérios fóra do lar, dividir com ela o trabalho doméstico, sem levar em conta o sacrifício da maternidade que, pelo nosso avanço, a mãe natureza não nos vai poupar. Lem-

Segredos



bremo-nos, ainda, da miséria moral em que ficam os lares abandonados à boçalidade do doméstico brasileiro, que, não preparado ainda, para lidar com as panelas, vai iniciar e orientar a educação do homem de amanhã.

Preparemo-nos, sim, para a volta ao lar, em perigo de deserção. Demos a César o que é de César, "Déo Dei", e a cada um, segundo a sua missão, dons e virtudes, em função de uma igualdade social e não aritmética, que esta, com aquela não se confunde, senão nas argumentações sofísticas.

* * *

★ CORRESPONDENCIA ★

HILDA CAROLINA (Capital)

— A sua carta é longa, mas o assunto não oferece dificuldade para resposta. Fala-me do seu primeiro namôro, com exagerado entusiasmo, e o acredita uma obra prima. Não se iluda, minha jovem amiga. Nem sempre a primeira obra de um artista é a verdadeira revelação de seu gênio. Procure, pois, dominar-se. Não faça do seu namôro, assunto das conversas das suas amigas. Na sua idade, quinze anos, apenas, tudo é visto com a lente falsa da inexperiência. Mesmo sentindo-se profundamente amada, como mo afirma, seja discreta no seu namôro. Sôbretudo, evite as intimidades. Também, o seu namorado é demasiado moço para um conhecimento pérfeito dos próprios sentimentos. Se vocês chegarem a um resultado satisfatório, muito bem. Se não, minha querida, não procure trazer para a sua existência o que mais pode tirar a tranquilidade de uma mulher: o ter de envergonhar-se dos seus passados namoros.

LUIZA HELENA (Capital) —

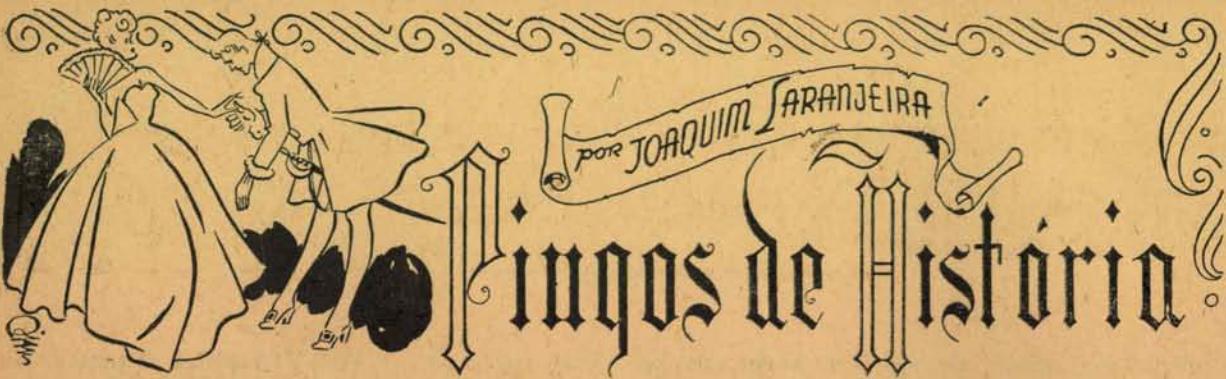
Sem poder precisar bem o que você deseja, posso contudo adiantar que o seu caso será resolvido, muito mais facilmente pelo seu médico, que por mim. Antes da consulta poderá fazer algo no sentido de reeducar-se. A vontade é o grande auxiliar na cura das moléstias nervosas. Também o trabalho metódico não pôde ser desprezado. Ocupe algumas horas do dia em qualquer dêles. Ainda que seja muito aborrecido para você, trabalhar em coisas que não estão, como o diz, de acordo com o seu temperamento e os seus desejos. Quanto à viagem, o seu espôso decidirá.

VIOLETA BELA (Campos — Sergipe) — Minha amiga, não vejo motivos para tanta inquietação. O que tem de vir às nossas mãos, ninguém pode tirar. O seu natural retradio e discreto não pode prejudicá-la. Antes, é qualidade que agrada, sobremodo, aos homens sensatos. Não desanime. Vai você ser ainda muito feliz.

CARMEN SILVIA (Capital) — Essa secção não cuida de horóscopos, por isso, impossível atendê-la.

CLARISSA (Algum lugar de Minas) — Não vejo inconveniente na carta que você entregou ao seu ex-namorado. Quanto ao sentimento que você nutre ainda por ele, só você mesma poderá decidir. Se a sua irmã não o ama, não há nenhum mal no seu namôro com ele. O essencial é não edificar felicidade sobre a ruina da alheia.





por JOAQUIM SARANJEIRA

Pingos de História

CINCO PALAVRAS

Crillon, o bravo que, por honra da França, derramara em áspidos combates litros e litros de sangue, sem nunca resguardar-se, aborrecido, certa feita, pois o escaço sólido havia meses não lhe vinha às mãos, rudo e pouco afeito a etiquetas, dirigiu-se diretamente ao rei, dizendo:

— Cinco palavras, sire: meu dinheiro, ou minha baixa.

— Outras cinco, coronel: — respondeu, prontamente, o monarca — nem uma coisa nem outra.

PRECEDÊNCIA

Rigorosamente observado na corte o direito de precedência, pelo qual ninguém de condição inferior pode, em quaisquer cerimônias, antecipar-se a outrem que tenha título mais alto, nascimento mais ilustre, ou nobreza mais sólida, encontraram-se um dia à porta da câmara real os senhores de Bregeuve e de Louvois, em tudo e por tudo equiparados.

A' entrada, interrogou Bregeuve, curvando-se:

— Tendo nós a mesma nobreza e as mesmas dignidades, quem deve entrar primeiro, senhor?

— O menos polido — responde Louvois, cedendo-lhe o passo.

OS MÉDICOS

Procurando convencer alguém a Montaigne, que não perdia ensejo de invectivar os médicos, da beleza dessa profissão, e do verdadeiro sacerdócio representado pela medicina, acrescentou, eloquente:

— Afinal, pela nobreza de seus mistérios, os médicos são os homens mais felizes do mundo.

— Concordo, — fêz o filósofo, ferino. — Os homens mais felizes do mundo, porque o sol lhes aclama-

ra os sucessos e a terra encobre-lhes os erros...

O SEU A SEU DONO

Muito preocupado, cabisbaixo e distraído, passeava Pogge pelas ruas de Pérouse, quando encontrou um amigo que, despertando-o, bateu-lhe no ombro e interro-gou-lhe a causa do seu visível tormento.

— Ora! — respondeu o honesto homem. — Minhas dívidas são muitas, e não vejo como pagá-las.

— Imbecil! — replica o amigo. — Se é só isso, não vejo como preocupar-se também. Deixe êsse cuidado sómente aos credores.

MÁ OCASIÃO

Convidado para um banquete, por dois riquíssimos judeus, Puimorin, irmão do famoso teólogo e pregador Charles Boileau, solicitou a êste, em nome dos anfitriões, a graça de acompanhá-lo, pois com isso lhes daria não apenas honra, mas também prazer.

Boileau que, além de ocupado, tinha razões morais para abster-se, respondeu bruscamente ao emissário:

— E pôde você acreditar um instante que um velho cristão da minha polpa fosse banquetear-se com esses marotos que crucificaram o Cristo?!

— Ingrato! — exclama Puimorin, passando a língua sobre os lábios. — Por que me recorda êsse fato tão antigo, justamente quando o banquete está posto, e já agora não tenho remédio senão atender a êsses marotos?

GALANTEIO

Muito curiosa, principalmente quando cuidava de colher detalhes sobre mulheres, a imperatriz Maria Teresa interrogou um dia ao cavalheiro de Mauper que, vindo da Suécia, ali conhecera a

rainha, irmã do rei da Prússia, famosa por sua beleza:

— E, de fato, a soberana mais linda do mundo, cavalheiro?

— Senhora, — responde o cortezão, inclinando-se — até êste momento eu acreditava piamente. Agora, não.

RAZÃO DE PESO

Encontrando-se Casanova, que andava quase sempre sem dinheiro, com um desconhecido a quem vira perder ao jôgo grandes somas, parecendo-lhe, assim, muito rico e desprendido, não teve dúvida em abordá-lo com o mais amável dos sorrisos:

— Senhor! Quereis emprestar-me cem libras?

— Como, cavalheiro, se não vos conheço?!

— Por isso, justamente. Aquelas que me conhecem não o fazem mais...

NOBREZA ANTIGA

'Madame de Rochefoucauld, muito orgulhosa de sua ascendência, preferia duvidar da Santa Escritura a crer que sua casa não fosse mais velha do que o próprio Noé... Assim, falava um dia ao sobrinho:

— Nunca te esqueças, meu filho, de que os Rochefoucauld descendem dum aclarada estirpe tão velha quanto Adão.

— Mas, se assim fosse, minha tia — disse o rapaz, zombando — todos os nossos ascendentes teriam perecido quando, sómente Noé, com a família e alguns animais, abrigou-se na arca...

— Ora, ora! — tornou a velha fidalga, algando as espáduas. — Custa-me a compreender que uma pessoa sensata acredite nessa história do Dilúvio!

SEMELHANÇA

— Enfim, — afirmava Cham-

ford numa roda de fidalgos, muitos anchos das suas funções de páginas do rei — a nobreza não passa duma intermediária entre dous soberanos: o monarca e o povo...

— Como assim? — interromperam-no.

E ele, concluindo:

— Do mesmo modo que o cão de caça intervém entre o caçador e as lebreis, meus senhores...

COSTUMES

Velha duquesa, ouvindo falar do acolhimento que várias damas da alta aristocracia parisiense dispensavam a certos escritores famosos como Dumas, Eugenio Sue, Maquet, etc., em suas recepções mundanas, disse, decepcionada, persignando-se:

— Cruzes! E' lamentável que essas senhoras esqueçam assim sua qualidade e seu nascimento! No meu tempo as damas de categoria também recebiam literatos e escritores, nas suas antecamaras, nos seus "boudoirs", mas em seus salões... nunca!

NÃO ERA PRECISO

Passeava Luís XIV no parque real, certa manhã e, não obstante o rigor do inverno, não trazia luvas. Notado o detalhe por um dos jardineiros, este comentou o fato com outro, dizendo:

— E' incrível! Sua Majestade não sente frio!

— Por fôrça. Ele dispensa muito bem as luvas, pois anda sempre com as mãos nos bolsos...

E, explicando-se:

— Nos bolsos de seus súditos...

CONVICÇÃO

Perante a princesa de Chevreuse emitiam-se opiniões e palpites sobre o estado de saúde dum príncipe de Saboia, que, gravemente enfermo na corte de França, estava sob os cuidados dos médicos do rei.

— Talvez não escape — disse um cortezão.

— De certo que não escapa — acrescentou outro.

— Também o crêio — fêz um terceiro.

E a princesa, algo formalizada:

— O que vos posso garantir, meus senhores, é que, quando trata com pessoas de sangue real, o senhor Deus pensa duas vezes antes de condená-las à derradeira provação.

1945

Paris

Renascida inspira novos

Tons Cutex

SCHIAPARELLI, a imaginativa Schiaparelli, a famosa costureira parisiense, combina o vívido colorido do Cutex Black Red com seus vestidos de *soirée* "Tôrre Eiffel",... seleciona quatro outras dramáticas, empolgantes tonalidades Cutex, para acentuar a moda post-libertação, apresentada em sua primeira exposição de modelos, desde a queda de Paris.



Young Red
Alert
Burgundy
Lollipop

J.W.T.

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA EM SORTIMENTO E PREÇOS

* * *

Av. Afonso Pena, 1050 — Fone 2-1607 e 2-3016 — Belo Horizonte

ARTE Culinária

★ SOBREMESAS ★

MARIA TERESA

As tortas constituem uma das mais apreciadas sobremesas, tanto no estrangeiro como entre nós. Sempre que oferecemos um jantar, mesmo a pessoas muito íntimas, preparamos infaivelmente uma torta para sobremesa.

Para fazer uma torta não há necessidade de fôrno especial. Pôde ser sempre servida com um mólho feito de leite, ovos, laranja e açúcar.

O principal numa torta é o recheio, a massa pouco varia.

As sobras da massa da torta podem ser aproveitadas para a confecção de deliciosos pastéis, que devem ser recheados com geléia e, em seguida, levados ao fôrno para assar, constituindo desta forma uma ótima sobremesa.

A "moscovita" é outra sobremesa deliciosa. Composta de um creme gelado, servido com compota e "chantilly", é de paladar saborosíssimo e pode ser servida na mais requintada mesa.

Para obter sucesso na preparação da sobremesa é necessário que se empregue ingredientes de primeira qualidade que se regule a temperatura do fôrno, e que se observe os principios fundamentais da preparação dos pratos.

★ CARDÁPIO ★

LINGUADOS COM MOLHO DE MANTEIGA

Tira-se muito bem a pele dos linguados e cortam-se as cabeças. Depois são mergulhados na água fervendo, temperada com um pouco de vinagre. Tirar imediatamente a panela do fôrno forte e deixar cozinhar uns dez minutos em fôrno muito brando.

Arrumar os peixes numa travessa, enfeitar com rodelas de limão e sal-sa, e servir com o seguinte mólho:

Pôr numa panela 30 grs. de man-

teiga e igual quantidade de farinha de trigo; mexe-se bem; juntam-se em seguida dois decilitros de água quente e continua-se a mexer até que ferva; tira-se então a panela do fôrno para juntar sessenta grs. de manteiga e continua-se a bater ainda um pouco, tempera-se com sal e umas gotas de caldo de limão.

✿

TALHARIM

Peneira-se meio quilo de farinha de trigo. Faz-se um monte e abre-se

um buraco no meio, quebra-se dentro 5 ovos bem frescos, junta-se uma pitada de sal e uma ou duas colheres de leite ou de água.

Amassa-se bem até a massa ficar bem lisa e de boa consistência. Forma-se uma bola e deixa-se descansar uns vinte minutos ou um pouco mais, cobrindo-a com um pano.

Separase em seguida a massa em três ou quatro pedaços. Abre-se com o rôlo, tão fino como uma fôlha de papel, sobre o mármore ou tábua de amassar, paneirando com farinha de trigo para não pegar; dei-



xa-se secar uns trinta minutos. Depois enrola-se cada pedaço de massa aberta. Corta-se em fatias finas, desenrolando-se em seguida em fios mais ou menos finos.

Quando se vai cozinhar o talharim logo que se acabou de fazer é preciso passar um pouco mais de farinha de trigo para não grudarem os fios.

Põe-se para cozinhar na água fervendo temperada com sal e junta-se, depois de bem escorrída a água, manteiga ou um mólho de tomates.

*

CARNE DE PORCO ASSADA

Toma-se um lombo de porco e retira-se o *filet-mignon*; põe-se num mólho bem temperado de vinagre, ou melhor, suco de limão, sal, pimenta do reino em grão, e espeta-se a carne para que tome bem o tempéro. O *filet* é picado e passado na máquina juntamente com duas fatias de presunto e duas de cebola; juntam-se 2 ovos, um pouco de salsa picada, e um pouco de farinha de rosca.

Com esse picado encher o vazio deixado pelo *filet*; tapa-se com uma capa de toucinho e amarra-se o lombo. Vai assar no fôrno moderado. Serve-se com o mólho ao qual se junta *pikles*. Arruma-se o assado na travessa, enfeita-se com salsa e algumas batatas doces.

*

LÍNGUA LARDEADA

Põe-se a língua de mólho bastante tempo, depois mergulha-se na água fervendo e deixa-se alguns minutos para poder tirar com facilidade a pele. Lardear em seguida a língua com tiras finas de toucinho, pôr numa panela guarnecidá com toucinho e pedaços de presunto, algumas rodelas de cenouras e de cebola; molhar com metade caldo metade vinho branco, podendo juntar-se um pequeno cálice de cognac; juntar sal, pimenta do Reino em grão e um bouquet de cheiros. Tampar bem a panela e pôr para cozinhar em fôrno brando umas duas horas. A língua estando cozida, cortá-la em fatias e rodeá-la com o toucinho e as fatias de presunto.

*

OMELETA DE QUEIJO

Fazer derreter 125 grs. de manteiga, despejar dentro de uma frigideira.

Quebrar 8 ovos numa tigela, temperar com sal e um pouco de queijo parmezão ralado, bater rapidamente até fazer-se espuma. Colocar a frigideira sobre fôrno vivo; assim que a manteiga estiver quente, despejar os ovos, enrolar a omeleta sobre ela

mesma e assim que tiver tomado uma boa cor passar para o prato. Servir com um mólho de tomates.

*

SOPA DE FARINHA DE TRIGO

Toma-se uma colher de manteiga e põe-se para derreter numa panela; juntam-se 100 grs. de farinha de trigo e torra-se sem deixar tomar muita cor; juntar caldo de carne ou de galinha; bater com o batedor ou colher de pau durante um quarto de hora; temperar com sal, juntar uma xícara de leite na qual se desfez uma gema de ovo.

*

CROQUETES DE QUEIJO

Bater bem duas claras de ovos, incorporar 125 grs. de queijo ralado e formar com esta mistura os croquetes de tamanho de um ovo de pomba. Passar na farinha de rosca e fritar na banha, à qual se juntou um pouco de manteiga.

*

PIRÃO DE FARINHA DE ARROZ

Juntar-se à água fervendo, na qual se pôs um pouco de manteiga, a farinha de arroz desfeita num pouco de água fria; deixar cozinhar mexendo sempre com uma colher de pau. Não deixar o pirão ficar grosso demais. Arrumar em volta da travessa e pôr no centro o picado de rim e presunto com seu mólho.

★ SOBREMESAS ★

PUDIM DE CHOCOLATE COM MÓLHO DE CREME

Trabalha-se bem 125 grs. de manteiga com 125 grs. de açúcar. Incorporar um óvo inteiro e três gemas. Quando estiver muito bem batido juntar 125 grs. de chocolate espesso e frio, que se fêz derreter dentro de muito pouca água. Juntar em seguida 90 grs. de farinha de trigo penelada e três claras muito bem batidas. Pôr essa massa dentro de uma fôrma untada com manteiga e cujo fundo foi forrado com papel untado com manteiga. Deve ir para fôrno brando uma hora pouco mais ou menos. Serve-se com creme de baunilha.

*

ROUSSETTES

Fazer uma massa trabalhando melo quilo de farinha de trigo, três ovos, 250 grs. de manteiga, uma tigela (pequena) de creme de leiteria, perfumar com uma colher de licor ou água

de flôr de laranja, temperar com sal. Deixar descansar três horas a massa. Abrir a massa na espessura de 2 centímetros, cortar em rodelas ou em losangos, pôr para fritar em banha e salpicar com açúcar dos dois lados.

*

PUDIM SAXAO

Pôr para servir 6 decilitros de leite e juntar 250 grs. de farinha de trigo, numa panela, de maneira a obter uma massa lisa; juntar 120 grs. de manteiga, igual quantidade de açúcar, uma pitada de sal. Mexer o mingau sobre o fôrno, depois retirar a panela e trabalhar ainda a massa, voltar novamente para o fôrno até que a massa se solte da panela.

Fora do fôrno juntar pouco a pouco 10 gemas de ovos, mais 120 grs. de açúcar e igual quantidade de manteiga.

Depois de bem trabalhada a massa juntar 7 a 8 claras bem batidas. Unir com calda de açúcar queimada (não muito escura). Pôr a fôrma em banho-maria. Tampar e deixar cozinhar 40 minutos.

Na hora de servir, virar o pudim num prato, salpicar por cima açúcar perfumado com baunilha.

Pode-se também servir com purée de morangos.

*

BOLÃO PAULISTA

1 pires dos de chá bem cheio de farinha de milho paulista, 1 colher das de sopa de manteiga, 3 ovos bem batidos, 1 litro de leite, sal e 1/2 queijo de Minas picado em pedacinhos.

Mistura-se o leite com a farinha de milho e mexe-se até desmanchar toda. Juntam-se os ovos, o queijo, a manteiga e o sal. Toma-se uma fôrma alta e lisa, põe-se dentro 1 colher das de sopa de manteiga e leva-se ao fôrno até ferver; derrama-se então a massa na fôrma e mete-se imediatamente no fôrno regular. Serve-se bem quente, polvilhado de açúcar e canela.

ROCAMBOLE MOCA

Bater bem 6 ovos com 100 grs. de açúcar; juntar uma xícara pequena de café forte, frio e, aos poucos, 120 grs. de farinha. Bater sempre. Levar ao fôrno regular, em assadeira forrada. Tirá-lo, depois, da fôrma e deixá-lo esfriar, pulverizando-o com açúcar refinado.

RECHEIO — Bater bem 200 grs. de manteiga com 100 de açúcar refinado; juntar uma xícara pequena de café forte e frio, misturando-se bem.

Recheiar o rocambole, enrolá-lo e pulverizá-lo com açúcar refinado, enfeitando-o com "glacé" de chocolate.



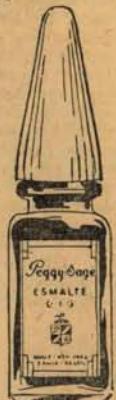


Uma idéia que revolucionou
o mundo feminino...

• Sim, a idéia original das unhas coloridas, que possibilitou graciosas combinações com a toalete. Sua criadora, *Peggy Sage*, considerada a maior autoridade em beleza das mãos, continua oferecendo à elite feminina verdadeiras joias líquidas de exquisita e fidalga personalidade...

Peggy Sage

Tons moderníssimos: CEREJA • CEREJA NEGRA
VINTAGE • PRAIA • INCARNAT • SCARLET • GIG



J.W.T.

★ TENDÊNCIAS DA MODA ★



COM verdadeira febre estão os ditadores da moda absorvidos nô cuidadoso preparo dos originais modelos para a manhã, a tarde e a noite, com que orometem maravilhar o seu grande e exigente público feminino, nos primeiros desfiles da estação primaveril.

E êsses preparativos nos induzem a acreditar que presenciaremos a radicais mudanças na moda feminina.

Conquanto a silhuêta da mulher elegante continue a oferecer seu habitual aspecto fino e esbelto, apresentar-se-á, no entanto, como que inspirada nas linhas clássicas das silhuêtas de há trinta e tantos anos, que os nossos avôs ainda admiravam...

Os drapeados e os rendados — aplicados com critério moderno, o que vale dizer, com grande moderação — adornarão não sómente muitos trajes de festas, para a noite, para a ceia ou para o baile, como também os mais chicos modelos para as elegantes reuniões da tarde, para a agradá-

vel hora do chá ou do coquetel e das visitas de cerimônia.

Nos modelos para baile estarão muito em moda os amplos decotes ovalados, alguns muito abertos nos ombros, com aplicações de rendas vaporosas; outros decotes mais altos deixarão a descoberto quase até o meio das costas, como aliás já estamos habituados a observar na toalete de certas elegantes...

As roupas de abrigo não demasiado pesadas terão papel preponderante na estação primaveril. Esses práticos abrigos leves, tão necessários para os nossos dias frescos, são trabalhados em flanela lisa ou riscada, ou lã bem suave, caracterizando-se a confecção pela linha clássica, sem nenhum artifício.

Quanto aos "tailleurs" ou conjuntos, sobressair-se-ão também pela sobriedade das linhas, sem adornos, característica da tendência femínea de primar pela simplicidade do talhe, o que empresará adorável elegância à silhuêta...

PEGGY RYAN, a interessante estrelinha da Universal, oferece-nos original modelo em seda leve, com graciosos laços de veludo negro, próprio para a estação primaveril.



Bodala do mês

SEKDAIS

lisas

1 — Vestido de seda clara, tendo como enfeite um original apanhado de drapeados; 2 — Gracioso vestido em seda amarela de re-cortes elegantes; 3 — Vestido de crepe verde, enfeitado com botões dourados; 4 — Vestido azul, com interessantes drapeados; 5 — Modelo para tarde, em crepe roxo, com pinças arrematadas por um laço; 6 — Cortes enviezados e leves drapeados caracterizam



este vestido em crepe azul; 7 — Elegante vestido de seda verde, com saia pregueada; 8 — Um trabalho de bainhas e um leve drapeado na cintura, arrematado por um laço, constituem os únicos adornos deste vestido de crepe



azul marinho; 9 — Vestido em seda esmeralda com decote em U enfeitado com babado. Botões fantasia adornam pequenos franzidos; 10 — Vestido em crepe mostarda, enfeitado com pespontos e lacinhos.



Vestidos

1 e 2 — Interessantes conjuntos em seda branca, tendo como principal atração, pinças em diversas direções; 3 — Vestido com original drapeado; 4 — Vestido de tussor branco, com pespontos; 5 — Vestido de crepe branco, com saia drapeada.



brancos

6 — Estudado trabalho de pinças, dá muita originalidade a este vestido de seda branca; 7 — Vestido de seda, com original drapeado; 8 — Uma original mariposa, enfeita êste vestido de seda branca; 9 — Vestido adornado com crochê; 10 — Vestido abotoado do lado, com franzidos na blusa e na saia.

A BLUSA

Complemento de conjuntos



9 — Blusa de linon com jabot, simulando um laço; 10 — Blusa estampada. As mangas e a gola são adornadas com tira bordada; 11 — Blusa de manga japonesa, tendo como enfeite um jabot de renda, arrematado com um laço de veludo; 12 — Blusa de seda, com aplicação de renda; 13 — Blusa de seda rosa, com bordados em tom pastel e vivos de cetim.





Apezar da enorme procura, a produção



das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à tarefa de produzir as melhores



meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sómente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.

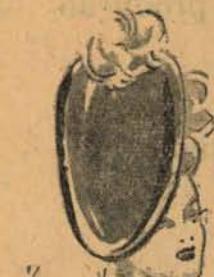


Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO

Standard Propaganda



4

3



1 — Vestido para madrinha, com saia plissada e blusa bordada; 2 — Vestido de noiva em organza, com aplicações de renda e ligeiros franzidos; 3 — Este vestido de seda pesada, se caracteriza pelos seus recortes e drapeados; 4 — Para acompanhar o cortejo, nada mais indicado do que este lindo modelo drapeado e enfeitado com bordado de fio de ouro.

*Como a águia é a
rainha dos ares*



*E a gaivota, a
flor dos mares*



Antisardina

IMPERA NA SOCIEDADE FEMININA!...

Tenho para mim que fazer o creme ANTISARDINA conhecido de todos, é quasi um dever social.

ANTISARDINA é bem o segredo da beleza: fez-me portadora de uma cútis invejável, provocando justa admiração por parte de minhas amiguinhas.

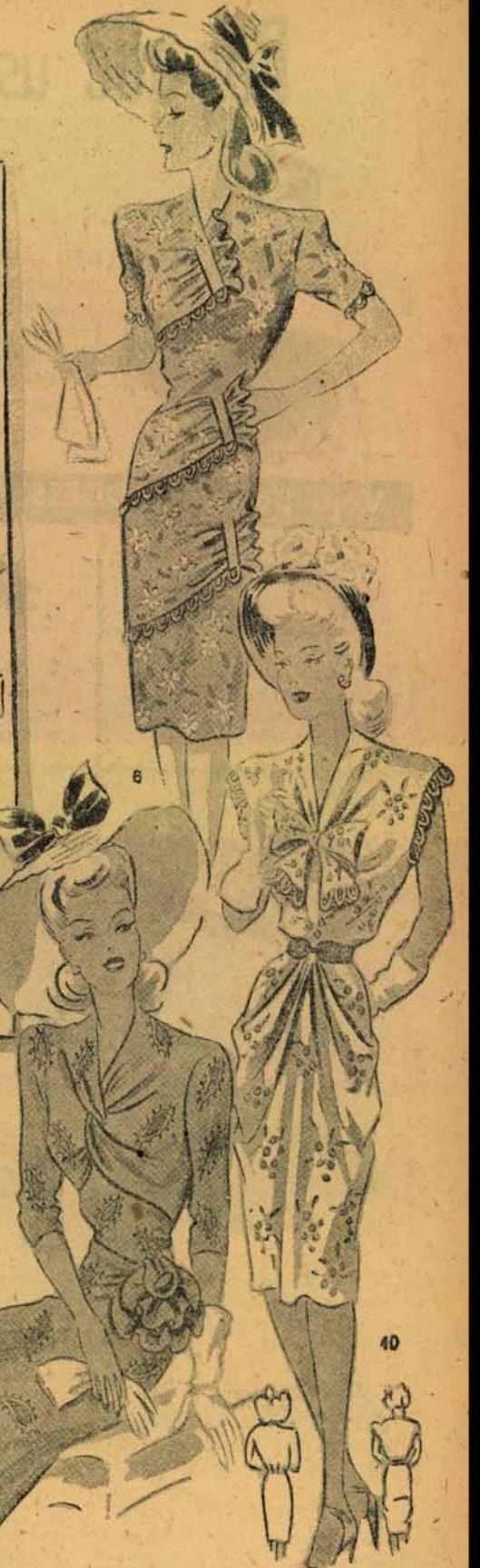
(ass:) Maria Machado

GÊNEROS LISOS

1 — Vestido de crepe pesado, com drapeados e manga japonêsa; 2 — Bonitos drapeados caracterizam este vestido de seda azul, abotoado dos lados com botões de vidro; 3 — Vestido para coquetel, em seda azul, com bordados de missangas; 4 — Vestido de passeio, confeccionado em crepé rubi e de linhas elegantes; 5 — Vestido de seda rosa, tendo como enfeite, discretos drapeados.



e estampadas



6 — Vestido negro com estamparia malva e drapeados na saia e na blusa; 7 — Modelo em rosa com estampado negro, com aplicação de renda; 8 — Vestido em estampado vivo, enfeitado com anéis formados com a mesma fazenda; 9 — Vestido em crepe verde pastel com estampa-ria preta. A blusa leva um drapeado cruzado; 10 — Vestido estampado, com manga japonêsa e saia drapeada na frente.

10

Por que usar "Toalhas Higiênicas se há Modess?



NÃO SACRIFIQUE, mensalmente, dias preciosos de sua juventude, escravizando-se aos métodos improvisados. Porque já existe algo que faz esquecer as atribulações dos dias críticos — Modess!

Modess não é uma "toalha higiênica"; é um absorvente cientificamente estu-

dado para proporcionar à mulher, integral conforto e proteção. Modess é baseado na necessidade expressa por milhares de mulheres.

E lembre-se: Modess é feito pela Johnson & Johnson, conhecida em todo o mundo pela excelência de seus produtos. Ao pedir, diga apenas: Modess!

Veja porque MODESS é diferente!



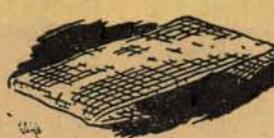
1. A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



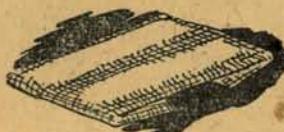
2. Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódosas na roupa!



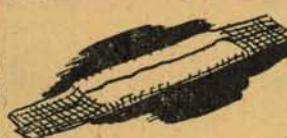
3. Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macios, que evitam que o fluido se espalhe!



4. Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



5. Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



6. Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

EXPERIMENTE O NOVO MODESS!

Mais higiênico. Cada absorvente é utilizado apenas uma vez — elimina o perigo de infecções oriundas de uso repetido da mesma toalha.

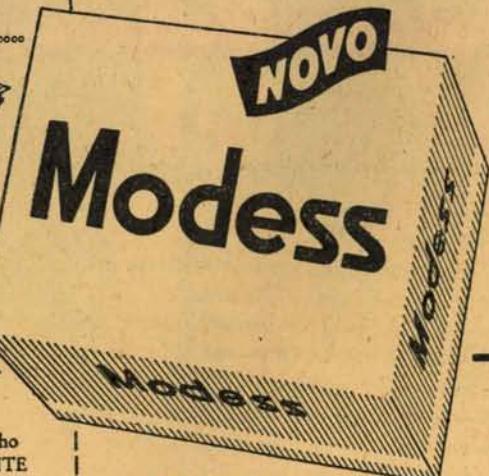
Mais cômodo. Novo tamanho, mais estreito, mais prático, mais confortável.

Mais macio, graças aos novos envoltórios internos de papel especial, extremamente macio.

Nova disposição. Extremidades de tamanhos diferentes, facilitando o ajuste.

Mais discreto. Pode ser absorvido pelo W.C., conforme as instruções contidas na embalagem.

Nova embalagem. Moderna e atraente, em caixas de 12 unidades — a média que a maioria das mulheres julga necessária para cada período.



* PRODUTO DA

JOHNSON & JOHNSON

Amostra Grátis —

Envie-nos Cr. \$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber" CAIXA 152, BELO HORIZONTE
4 - ZZZZ - 946

Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Estado.....

N. B. - Este cupom e a importância de Cr. \$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrado.

J. W. T.

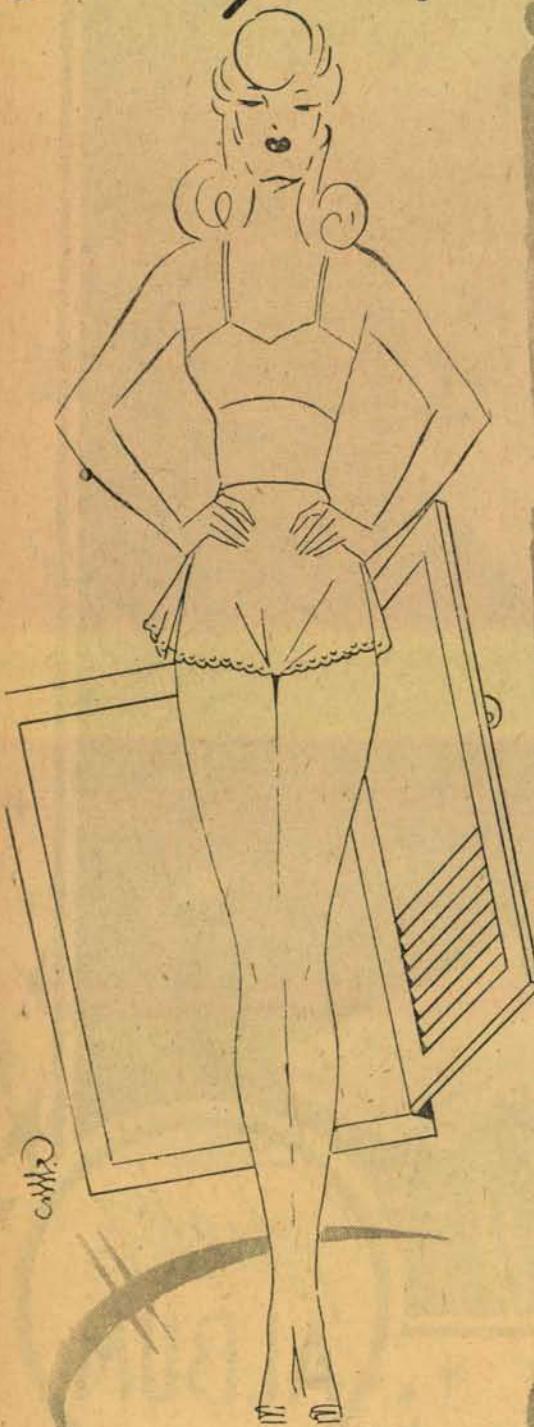


Para o seu
ALBUM

DEANNA DURBIN, a encantadora estréla da Universal e
cuja voz de ouro ouviremos brevemente no delicioso filme
"Vivo para cantar".

SB

Como e porque se deve praticar



CRESCE SENSIVELMENTE o número das mulheres que se queixam da "pobreza" de seus bustos. No que concerne às medidas para corrigi-los, deve-se levar em conta que a aparência do busto não depende apenas da opulência dos seios, mas que existe outro fator importante a considerar: a caixa torácica.

Por mais que os seios estejam harmoniosamente conformados, pouco ou nada se sobressairão se a caixa torácica estiver insuficientemente desenvolvida.

Se não houvesse também outras poderosas razões das mais diversas naturezas, a que aludimos — fator da maior transcendência estética para a mulher — bastaria por si só para comprovar a extraordinária utilidade da ginástica respiratória, um dos recursos mais eficientes de que dispõe a mulher para conseguir harmonioso desenvolvimento da caixa torácica.

COMO ATUA A GINASTICA RESPIRATORIA

A ginástica respiratória é, sob todos os pontos de vista, precioso aliado da saúde e da estética feminina. Se afirmarmos que, salvo honrosas exceções, a maioria das mulheres a desconhece por completo, justificaremos melhor estas linhas.

A ação benéfica da ginástica respiratória sobre todo o organismo, se exerce, de acordo com as mais abalizadas opiniões médicas, da seguinte maneira:

1 — Melhorando a beleza do torax, como já o afirmamos.

2 — Estimulando sensivelmente a circulação e realizando verdadeira massagem no coração.

3 — Ativando as funções da nutrição, ou seja, o metabolismo.

4 — Exercendo uma ação estimulante sobre todos os órgãos abdominais, por intermédio do diafragma, que, ao subir e ao descer, massageia o fígado, o estômago e os intestinos, ajudando a combater a preguiça intestinal, tão nociva à saúde.

5 — É importante fator de equilíbrio nervoso e normalização das diversas funções do organismo.

A MULHER RESPIRA MAL

Por todas as razões expostas, a ginástica respiratória contribui para a harmonia e o equilíbrio orgânico. É portanto fator vital de saúde e beleza que não se leva em con-



3 ginástica respiratória!

ta mas que é preciso utilizar. Uma das maiores desvantagens que o organismo feminino, em confronto com o do homem, apresenta, é o seu tipo respiratório. Porque a mulher respira da pior maneira possível, ou seja, respira sómente com a parte superior do torax.

Observando-se, por exemplo, como respira um menino ou um gato, notar-se-á que o abdômen se distende, à inspiração, e retorna à sua posição normal, à expiração. Com as mulheres, na sua imensa maioria, não ocorre o mesmo movimento abdominal. Nelas, sómente a parte superior do tórax é que sobe e desce, permanecendo o abdômen imóvel. Na respiração natural, fisiológica, o diafragma tem ação importante. Quando o ar entra nos pulmões, o diafragma desce, fazendo pressão sobre o conteúdo abdominal e, em consequência, o abdômen se distende. O inverso ocorre quando o ar sai: o diafragma sobe, cessando a pressão e, assim, a parede abdominal volve à sua posição natural. Isto quando a respiração é normal, correta, isto é, tipo abdominal.

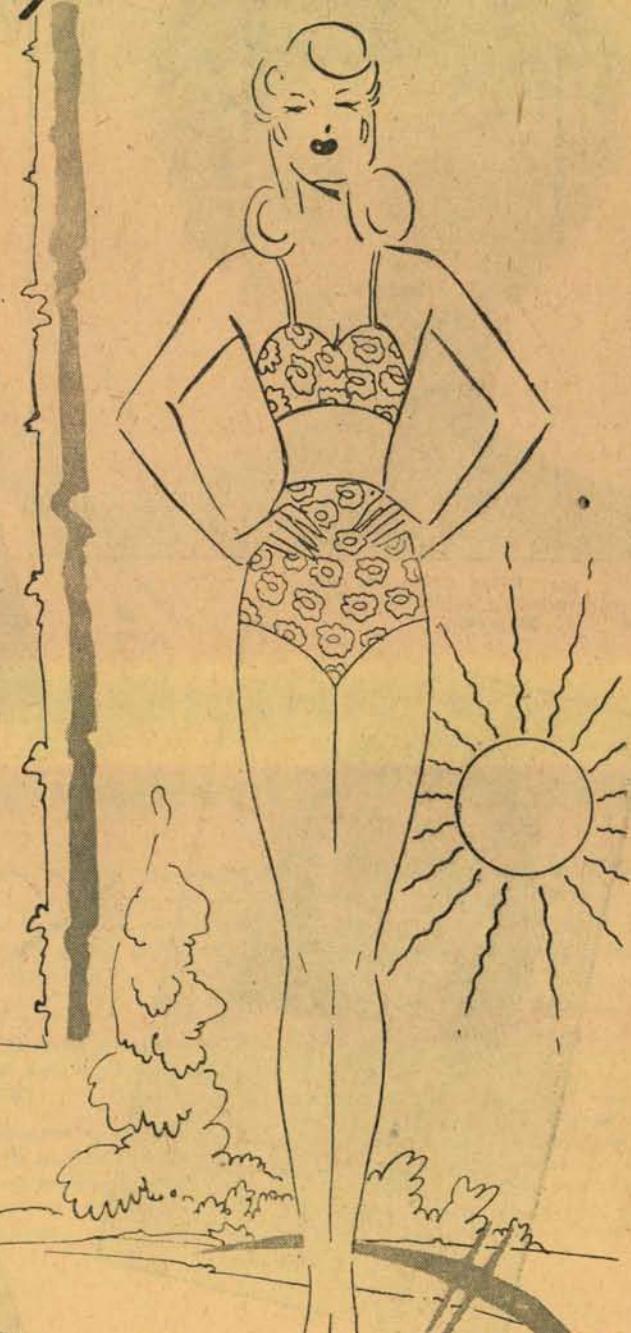
A RESPIRAÇÃO ABDOMINAL

Praticar a ginástica respiratória é tarefa facilíssima e agradável. Para começar, o melhor é praticá-la com o corpo estendido em decúbito dorsal. Quando o ar penetrar nos pulmões, o abdômen se sobressairá; à expiração, abaixará. Enquanto isso, o torax pouco ou nada se movimentará. Para algumas criaturas será difícil, no inicio, inverter assim totalmente o ritmo de sua função respiratória, mas não tanto como supõem. Com a prática, virá o hábito e então será simples fazê-lo sentadas ou de pé. E logo se habituarão a praticar conscientemente a respiração abdominal em todos os momentos de lazer. Por fim, essa respiração se processará *inconscientemente*.

A INSUFICIENCIA RESPIRATÓRIA

Agravando o inconveniente do *tipo torácico*, a mulher possui outra deficiência que reside na *insuficiência respiratória*: respira pouco, mal, e possui os pulmões insuficientemente desenvolvidos. E essa insuficiência da que se ressentir a mulher se caracteriza geralmente pelo que se denomina de "falta de busto" que ocasiona ou propicia toda uma série de perturbações orgânicas, além do dano que causa à estética feminina.

(Conclui na página 130)



★ SENHORITAS ★



Sta. Halza Fraga, da alta
sociedade capichaba. (Foto
J. Merjane).



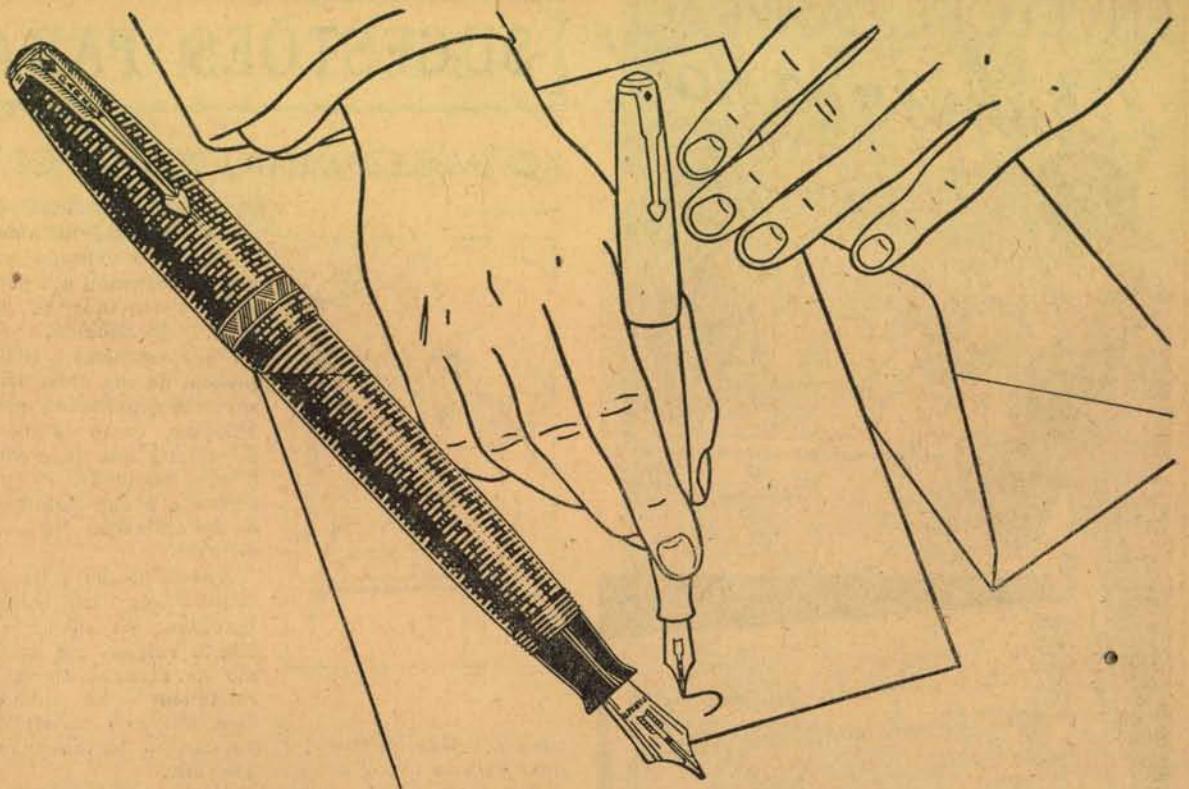
Sta. Luci Canedo Salomon, da nossa so-
ciedade. (Foto Olivéra).



Sta. Jerusa Loureiro, ele-
mento de destaque da so-
ciedade capichaba. (Foto
J. Merjane).



Sta. Luzé Azeredo, da alta
sociedade capichaba. (Fo-
to J. Merjane).



Tão brilhante, tão satisfatória...

é inconfundível a Parker!

Ao ver essa brilhante caneta com seu esguio corpo circundado por elegantes anéis luminosos, imediatamente reconhecerá a Parker Vacumatic, mundialmente famosa.

Observe o seu possuidor na próxima vez em que ele a utilizar. Escreve fácil e suavemente... com a segurança de que a pena obedecerá instantâneamente ao comando de seus dedos. O orgulho que lhe inspira a sua Parker é sempre justificado.

Esta caneta é hoje preferida por milhões. Veja-a logo no seu fornecedor Parker. E note, especialmente, estas peculiaridades da Parker:

1 - Corpo translúcido, patenteado — através do qual o excepcional depósito de tinta é sempre totalmente visível.

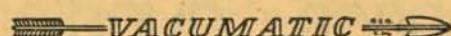
2 - Delicada pena de ouro de 14 K, com a ponta guarnecida de raro osmirídio, microscópicamente polida. Garantida contra ranhuras por toda a vida.

3 - Enchedor sem saco de borracha, manejável com uma só mão.

4 - Segurador de bôlso — mantém a caneta baixa e protegida em seu bôlso.

♦ **Garantia vitalícia — O Losango Azul "Parker", estampado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida dêste, e que garante o reparo de qualquer desar anjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para embalagem, porte e seguro, cobrar-se-á apenas a importância de Cr\$ 10,00.**

Parker

 **VACUMATIC**

CANETAS — LAPISEIRAS

PREÇO: CR\$ 265,00 — JUNIOR VACUMATIC, CR\$ 150,00

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.º de Março, 9 — 1.º andar, Rio de Janeiro
9.000-P

J.W.T.

ENVELOPE CAMPEÃO... é dinheiro na mão!



LOTERIA FEDERAL DO BRASIL Extrações em outubro de 1945

Dia	Prêmio maior	Preço inteiro	Preço fração
3	500.000,00	70,00	7,00
6	2.000.000,00	350,00	17,50
10	500.000,00	70,00	7,00
13	500.000,00	70,00	7,00
17	500.000,00	70,00	7,00
20	1.000.000,00	120,00	12,00
24	500.000,00	70,00	7,00
27	500.000,00	70,00	7,00
31	500.000,00	70,00	7,00



LOTERIA DO ESTADO DE MINAS Extrações em outubro de 1945

Dia	Prêmio maior	Preço inteiro	Preço fração
5	200.000,00	30,00	3,00
12	300.000,00	40,00	4,00
19	200.000,00	30,00	3,00
26	200.000,00	30,00	3,00

ROCHAY

CAMPEÃO DA AVENIDA

AVENIDA, 612 E AVENIDA, 781
CX. POSTAL, 225 - END.TEL."CAMPEÃO"
BELO-HORIZONTE

NAO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES

SUGESTÕES PARA

IVETE

O EMBELEZAMENTO DOS OLHOS



Os olhos femininos revelam uma infinidade de coisas, sendo como já o afirmou um poeta, "os espelhos da alma". Realmente, os olhos constituem a ficha pessoal de sua dona, não somente espelhando suas emoções, como também o cuidado que tem com a sua mocidade, a sua beleza e a sua habilidade na aplicação dos cosméticos.

Apesar de sua extrema importância na beleza feminina, os olhos somente exigem um mínimo de atenção diária e retribuem esse cuidado com enormes benefícios para a beleza do rosto. O tratamento dos olhos requer apenas cinco minutos por dia.

Lava-se o rosto constantemente, assim como os dentes, as mãos e os cabelos, e qualquer uma dessas operações toma muito mais tempo que uma cuidadosa lavagem dos olhos pela manhã e à tarde, medida imprescindível à beleza. Além de ser higiênico, esse banho suaviza, evitando inúmeras inflamações.

O líquido mais aconchegante para esse tratamento higiênico é o sôro fisiológico, que não é outra coisa que uma solução de sal de cozinha, o mais puro possível, em água filtrada, na proporção de 8 a 9 por mil, ou seja 8 a 9 gramas de sal, para um litro de água. Uma vez posto o sal na água, deixa-se ferver a mesma durante alguns minutos e, após esfriar, filtra-se e guarda-se numa vasilha bem limpa, que se manterá bem fechada.

Deve-se cuidar dos olhos, evitando esforços prejudiciais. Ler nos veículos em marcha, com luz deficiente, ou na cama, sem óculos, quando o estado da vista os requer, significa apressar seu desgaste e envelhecimento prematuro.

Tratamento eficaz contra as papeiras em roda ou em baixo dos olhos é o seguinte: de frente ao espelho, coloque um dedo na pálpebra superior e outro na pálpebra inferior, de sorte a prender esta última de forma suave, mas de maneira suficiente para que haja um esforço no sentido de suspendê-la, tentando fechar os olhos. Esse esforço de fechar, estando a pálpebra presa, estimula os músculos a esforço maior. Trata-se de criar resistência ao fechamento da pálpebra inferior, desenvolvendo todos os músculos de roda dos olhos. Pode-se fazer o exercício com os dois olhos, simultaneamente, prendendo as pálpebras do olho esquerdo com os dedos da mão esquerda, e as do direito com os dedos da mão direita.

O embelezamento dos olhos não será completo se se esquecer o importante papel que representam a retificação e a pintura das sobrancelhas, cujos pelos supérfluos devem ser cuidadosamente depilados.

Leve toque de rimmel embeleza as pestanas e dá realce à beleza dos olhos, tornando-os maiores e mais luminosos. Ao aplicar-se o rimmel convém dar ligeiro arqueado às pestanas.

A SUA BELEZA

MARION

A ELOQUÊNCIA E BELEZA DAS MÃOS

É ERRO generalizado a suposição de que o rosto monopoliza as atenções e os olhares. As mãos, constantemente esquecidas, quando se trata do embelezamento feminino, merecem a maior consideração.

Mãos há que parecem falar, na eloquência de seus gestos, ilustrando as conversações. E tanto mais expressiva é a eloquência quando os movimentos das mãos são naturais, tranquilos, elegantes, sem torções nervosas, evidenciando falta de controle e distinção. As pessoas que têm esse hábito dão a impressão de que não sabem o que fazer com as mãos, quando palestram.

A beleza das mãos é tão digna de atenção como a do rosto. As mãos devem ser finas, flexíveis e de pele fina, acrescidas do encanto que irradiam umas unhas bem tratadas.

Um dos bons exercícios que se recomendam para dar flexibilidade às mãos e graças aos seus movimentos consiste em dispô-las como mostra o desenho acima e logo fazer com que se toquem ambas as palmas acelerando o ritmo do exercício, sempre com as pontas dos dedos firmes umas nas outras. É de particular importância que os movimentos sejam justos e os braços estejam em posição horizontal.

Reveste-se de especial significação para a beleza das mãos a massagem dos dedos. Assim como se procura conseguir um creme que satisfaça as exigências da pele, segundo o tipo, e se seguem tratamentos constantes, afim de que o rosto irradie beleza e loucania, também faz-se mistério prodigalizar às mãos a atenção que requerem.

As unhas enriquecem, sem dúvida, a beleza das mãos. Não se concebe uma bela mão sem o complemento de umas unhas bem tratadas, em cujo comprimento não se deve exagerar, pois as mais fortes se quebram quando compridas demais. Além disso, serão unhas antiestéticas, desproporcionais, comprometendo assim a elegância de mãos realmente bonitas e expressivas.

Está comprovado que as mãos pesadas são as que mais ganham com unhas bem cuidadas, que, esmaltadas num tom forte, atraem para si as atenções que se fixariam mais nas mãos...

Evitar as diferenças bruscas de temperatura — águas frias e quentes, e vice-versa — é aconselhável, pois dão origem a gretas deselegantes e incômodas, como também é necessário proteger as mãos quando se levam a efeito tarefas domésticas, principalmente jardinagem, entretenimento de muitas donas de casa, que não atentam nas asperezas que causa às mãos esse exercício salutar para o corpo.

Se as mãos falam, na eloquência de seus gestos elegantes, esforce-se para que as suas falem a todos da distinção da sua personalidade de cujo bom gosto elas mesmas constituem a melhor prova...



Talco Malva

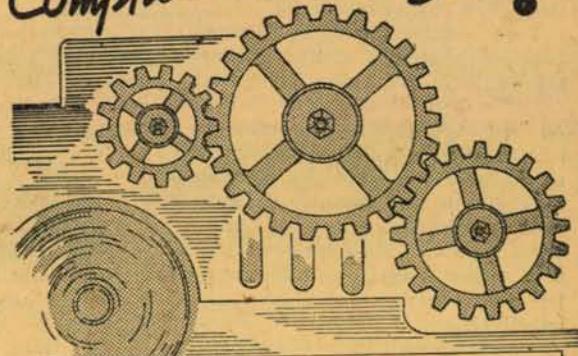
IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÉBE

FINOSSA
PERFUMADA

FÓRMULA DO
PROFISSIONAL ALTA
DA FACULDADE DE
MEDICINA UNIVERSITÁRIA
DE MINAS GERAIS

PERFUMARIA MARCOLLA
BELO HORIZONTE

*
TAL QUAL UMA
Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pode paralisar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o desarraio completo de toda a nossa saúde.

PILULAS DE LUSSEN

PARA OS RINS E A BEXIGA

LABORATÓRIO OSCÉRIO DE MORAIS
• RUA MURIAE, 92 - BELO HORIZONTE •



★ AMOR ★ CIENTIFICO

MARTINS
CAPISTRANO

RECENTEMENTE, um professor de antropologia de Chicago resolveu promover a reforma sentimental da juventude e a renovação das práticas amorosas, ao menos para as operações preliminares e para os trabalhos de aproximação dos casais. Desejava assim criar uma nova arte de amar que pudesse destruir a perniciosa frivolidade com que, na sua opinião, se prepara e se faz o casamento.

Para realizar os seus benéficos propósitos, o professor americano abriu um curso de "flirts" científico destinado aos jovens de ambos os sexos que quisessem iniciar-se no recíproco exame antropológico. E publicou, para os seus alunos, um manual do aspirante a cônjuge, que teve, segundo anunciou, o mais amplo sucesso. Nessa obra, o insigne mestre aconselhava aos moços que substituissem as rotinas do noivado por um método racional, utilizando os princípios da antropofilia para escolher, com mais acerto, a esposa de quem esperavam a felicidade. Os mesmos conselhos, em relação aos homens, ele os dava às futuras consortes.

As teorias desse original renovador das atitudes sentimentais entre os homens liquidavam com as velhas fórmulas da declaração amorosa à antiga, impregnada de tremores românticos, que seriam substituídos por outras desse gênero:

— Senhorita: estou impressionado com suas qualidades naturais, suas proporções antropológicas e, notadamente, seu ângulo facial e a conformação de seu crânio, que a tornam uma conveniente mulher para mim. Quer aceitar minha mão?

E a jovem, orgulhosa e nunca perturbada, se lhe agradasse o candidato, assim lhe responderia, sem baixar os olhos nem ruborizar-se:

— Cavalheiro: seu tipo céfálico não se distancia do que meus estudos me assinalam como o mais indicado para mim... Pode falar com mamãe...

*

E desse modo violento e sem poesia seriam sancionadas as simpatias do namorado para a gravidez do casamento. E o amor deixaria de ser um sonho, uma ilusão e uma esperança, que desperta e alimenta as inquietações sentimentais da juventude, para tornar-se uma coisa rígida e mecânica, espécie de fatalidade científica.

Desapareceriam os madrigais, tão ao sabor da nossa gente, e os desenganos dos erros de escolha e as doces amarguras dos abandonos não mais plasmariam os poetas melancólicos, que se inspiraram nas fontes imponderáveis da própria desventura, enchendo o mundo de versos de amor e de saudade...

Como ficaria desinteressante a vida sem os flirts que o desejo se move no coração dos homens! Os flirts ingênuos, intranquilos, cheios de languidez e sobressalto...

Tudo mudaria para o amor. E as emoções dos idílios nas prenúbroras interiores, nos recantos de jardins ou nas esquinas mal iluminadas dariam lugar aos espetáculos audaciosos dos namorados... antropológicos...

Os amorosos não mais teriam medo da luz e dos olhos indiscretos. Porque amariam sob a proteção da ciência...

RECORDAR É VIVER...

(CONCLUSÃO)

Entretanto, nas festas desportivas de 14 de junho, tendo quebrado uma perna a potraca riograndense Ondina, propriedade do sr. coronel Américo de Azevedo, foi este obrigado a sacrificá-la e, desgostoso com esse acontecimento, aquele cavalheiro vendeu os seus animais que se achavam em Belo Horizonte, depois das corridas realizadas a 25, estas em benefício do "Clube dos Mataquins."

*

Impelidos por outros motivos, tiveram igual gesto, vendendo os seus parelheiros, os srs. Cláudio Andrade, proprietário da coudelaria "Improuvement" e o sr. Miguel Liebmann. Os animais vendidos foram Le Sansy, Luthero, Jugurtha, Inconfidência, Diana, Jeannette e Democrata.

Após essas ocorrências, deixou de funcionar o Prado Mineiro de tão gratas recordações.

Com a escolha daquele lugar para centro turfista de Belo Horizonte ficou o bairro ali nascido batizado com a denominação de "Prado", desde o princípio, razão pela qual um dos bondes da linha "Calafate" tem a designação de "Prado."

Em 1908 foram ali construídos pavilhões e outras dependências para a primeira exposição agropecuária que se efetuou em Belo Horizonte e essas instalações serviram depois para outras exposições do mesmo gênero, assim como foram ainda utilizadas para quartel de forças estaduais e federais.

Posteriormente, com a decadência do turfe na Capital, foi o local aproveitado para campo de foot-ball e grandes festas desse gênero ali tivemos, como ainda contaremos.

Entretanto, o turfe voltou a ter outras fases de animação, até

mesmo em dias não muito distantes e sempre no mesmo local, como, por exemplo, em 1929, quando ali tivemos mais uma bela estação desse ramo de desportos.

De uma dessas festas deu notícia o "Minas Gerais" de 7 de abril, anunciando 6 pares denominados "Ceará", "Bahia", "São Paulo", "Grande Prêmio Abílio Machado", "Piauí" e "Goiás", com os corredores Jugurta, Charuto, Pedro Chorão, Guaporé, Corsário, Guitarra, Huri, Patusco, Fox, Alpina, Quitute, Tango, Orange, Panurge, Le Lavalois, Lamoural, Pedante, Invernal, Pará-mirim, Sabá, Sport, Preto, Persenero, Alcantara, Gladiador, Alacran, Ali-Babá e Valente.

Esses parelheiros eram montados pelos Jóqueis Cornélio, Batista, Zézinho, J. Maria, Alves, Rozindo, Virgílio, C. Silva, J. Dias e Claudino.

*

Feito êste resumo da crônica turfística de Belo Horizonte, salientando que ainda teve outros dias de notável animação, até há bem pouco tempo, diremos que foi a guerra mundial de 1939-45 a causa determinante do congelamento que sofreram as atividades desse elegante gênero de desporto na Capital de Minas.

*

A NOVA SÉDE EM SÃO PAULO, DA EMPRÉSA DE PROPAGANDA STANDARD LTDA.

RECEBEMOS comunicação da Empreza de Propaganda Standard Ltda. segundo a qual os novos escritórios dessa grande organização nacional, em São Paulo, se acham localizados à Rua João Brícola nº 24, 25.^o andar, no novo edifício do Banco do Estado de São Paulo.

Em sua nova sede, a importante organização técnica de propaganda instalou todos os seus departamentos, incluindo administração, contabilidade, imprensa, arte, rádio, media, contacto, tráfego, produção, pesquisa e investigação de mercados.

*

MOVIMENTO LITERÁRIO

Em 1944, o movimento literário da Suécia obteve um "record" extraordinário, com a publicação de 2.784 livros novos, desde o primeiro dia do ano até o dia 1.^o de dezembro.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILMA:

Peca ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuimos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - São. Rio

Nome
Rua
Cidade Estado ALT.



O SERÃO FATIGA OS OLHOS

Quando tiver absoluta necessidade de acabar um trabalho à noite, lembre-se de que esse esforço desmoldado exigido dos seus olhos pode resultar em vermelhidão e ardência. Ao acabar a sua tarefa, aplique aos seus olhos algumas gotas de LAVOLHO.



Ação Triplice

- 1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.
- 2 LIMPA suavemente os intestinos.
- 3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

BOM PARA
TODA A FAMÍLIA

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

MAU HALITO produzido pela fermentação

A fermentação das partículas de alimento, que ficam nos interstícios dos dentes, é a principal causa do mau hálito. Destrua esse mal com o uso de Odorans — o dentífrico medicinal, de alto poder germicida

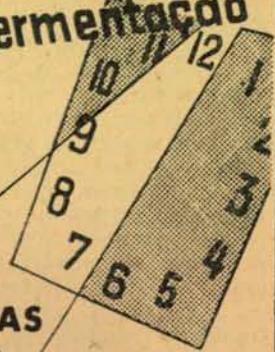
— que impede a fermentação e elimina o mau hálito. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans

pela manhã, à noite e após as refeições, para completa asepsia da boca.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

**2 HORAS
APÓS AS
REFEIÇÕES**



★ OS LEÕES ★



O RAPAZ não estava seguro em Antuérpia. Seus pais temiam que lhe acontecesse alguma desgraça. Já completara dezoito anos, era um rapagão vendendo saúde, braços musculosos, verdadeiro atleta. Levantava com um braço apenas um saco de feijão.

Certo dia, para desespero da família, os nazistas registraram-no

para conscrição no trabalho forçado. Estava iniciado o drama. Quando soube, o rapaz esmurrou a mesa:

— Antes atrás das grades que feito escravo de Hitler!

Mas os pais acalmaram-no. Lembraram-lhe que não perdesse a calma e aguardasse o entendimento que teriam com um irmão, empregado no Jardim Zoológico da cidade. Devia lembrar-se de que ele conseguira ocultar outros dois sobrinhos também condenados ao trabalho forçado na Alemanha.

Dias depois, o tio remexeu no grande baú e descobriu a pele de um gorila, há longo tempo falecido. Costurou-a sobre o atleta que, assim transformado, tornou-se hóspede de uma das melhores jaulas do Jardim Zoológico.

No princípio, tudo correu bem. Diariamente a mãe vinha visitar a jaula do "gorila", trazendo-lhe comida e as últimas notícias. O rapaz passava o resto do dia aperfeiçoar-se no "passo do gorila" e no trepar nas grades.

Certo dia ele quis mostrar à mãe seus progressos simiescos e, de um pulo, alcançou o mais alto galho da "árvore" de cimento da jaula. Deu-se a tragédia. Contigua à sua havia a jaula dos leões ferozes. Ao pular, o "gorila" resvalou e caiu na outra jaula, onde os leões, famintos, andavam sem cessar. Estarrecida, a pobre mãe desatou em gritos lancinantes.

Foi quando um dos leões, num salto, alcançou as grades e... murmurou-lhe ao ouvido:

— Pelo amor de Deus, madame, pare com essa gritaria, senão estamos perdidos!...

TROÇANDO DE GENTE SÉRIA

(CONCLUSÃO)

Passada uma meia hora, irrompe, casa a dentro, um velhote sem elegância, depois de haver empurrado desabridamente a criada, e mete-se, sem mais aquela, no gabinete de Mlle. de Gournay, queixando-se do estado de cansaço em que se encontra, pois teve de subir até aquele quinto andar, o que era um esforço tremendo para sua idade e uma falta de consideração para com os visitantes obrigá-los a subir tanta escada.

Interditada, a princípio, Mlle. de Gournay pergunta àquele velhote, que tinha dificuldade até em exprimir-se, quem era ele e o que pretendia. Ao ouvi-lo dizer que se chamava Racan, a escritora não esteve mais pelos autos. Não podia crer que aquele sujeito desalinhado e canhestro, além de impertinente, fosse o delicado autor das "Pastorais". Estrala, protesta e acaba chamando a criada para pôr o intruso na rua.

Mas no dia seguinte, vem a saber que o terceiro visitante é que era o verdadeiro Racan. Fica desapontada. Ela, que tanto o admira, tratara-o de maneira tão indelicada, chegara mesmo a pô-lo para fora de sua casa. Nervosa, sentindo-se infeliz, resolve ir pessoalmente pedir desculpas ao poeta.

Corre à casa dele e vai-lhe entrando, quarto a dentro, a gesticular, a proferir exclamações de pesar e de desculpas.

Racan, que é mesmo tímido e ainda não se refizera da cena do dia anterior, acreditando ainda que se enganara de porta, ao fazer a visita que fizera, julga ter diante de si uma maluca qualquer e resolve pôr entre ambos o maior espaço possível.

Corre a esconder-se nos recessos de sua casa. Sómente depois de muita explicação e desculpa é que a coisa se esclareceu e os dois escritores foram os primeiros a achar graça na pilharia, que, já esplachada e conhecida na cidade, tornou-se o prato do dia, para gôudio das rodas literárias e dos meios granfinhos de Paris de então.

Trocava-se assim de gente séria e importante. Hoje as coisas mudaram: a gente tem que tratar a sério muito trocista e farcante. Progressos da civilização, dizem...

BALADINHA DO ROSA'RIO

Passam noites, passam dias
Primaveras e invernos
Nesse eterno labutar!
Minhas mãos — monjas sombrias
Enchendo as horas vazias
Passam contas... a rezar...

Em vez das ave-marias,
Desfiam contas macias
De um rosário singular!
Um rosário de harmonias
Onde vibram nostalgiás
Da minha alma a soluçar!

Minhas mãos tristes e esguias
Tão pálidas e tão frias
Não se cansam de espalhar...
Conta a conta, as melodias
No rosário de poesias
Do meu estro a palpitar!



MARIA ANTÔNIA SAMPAIO

* * *

Há pessoas que
menosprezam as
virtudes domésticas
e que consideram de
bom tom ignorar
como se fazem as
coisas, para as quais
pagam pessoas de
serviço. Além do mais, e é mesmo
desnecessário acrescentar, não procura-
ram ensinar a seus filhos essas virtudes
que desconhecem na prática, nem
tão pouco insinuam que outros lhas
ensinem.

E' absurdo supor que as virtudes
domésticas diminuam o valor das
pessoas, e só mentalidades muito es-
peciais julgam a distinção de acordo
com a ignorância de mistérios úteis.
Todo aquele que deprecia os trabalhos
simples se deprecia a si mesmo, por-
quanto cada um de nós organiza sua
vida em função desses mesmos tra-
balhos.

Entre a menina educada somente
para ostentar as galas do espirito,
da beleza e do luxo, e a outra que
não possuirá em sua vida senão suas

VIRTUDES DOMÉSTICAS

qualidades de labo-
riosa, ativa, habili-
dosa, há uma imen-
sa distância, mais
difícil de vencer na
primeira que na se-
gunda. Uma menina
rica e vã não acei-
tará jamais ser o que a outra é, e em
caso de necessidade sofrerá até o in-
dizível, enquanto que a menina mu-
nida de virtudes domésticas terá um
sentido cotidiano, que facilmente a ha-
bilitará para revestir-se da apariência
da outra. E' coisa muito repetida que
"saber fazer é saber mandar", mas a
verdade dessas reflexões consiste em
que, por ser velhas e repetidas, per-
tençam ao inviolável. Coser, serzir,
cozinhar, lavar, engomar, pôr em or-
dem, dispor, limpar e dirigir são ele-
mentos indispensáveis de uma educa-
ção encaminhada para o bem.

O resto embelezaria outro aspecto do
ser humano e da fusão de virtudes
surgeira à verdadeira mulher, aquela
que é como a garantia de seu próprio
e feliz destino.

* * *

"ALTEROSA"

SUA VENDA AVULSA NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda a partir do dia 5 de cada mês,
nas seguintes bancas e agências do Rio de Janeiro: Galeria Cruzeiro
(em ambas as bancas); Livraria Freitas Bastos; Casa Vaní, Av. Rio
Bravo; Estação D. Pedro II; Estação Barão de Mauá; Estação das
Barcas; Largo de São Francisco, esq. de Andrade; Praça Floriano, em
frente ao Cine Império; Casa Vitória, no Largo da Carioca; Hotel Ser-
rador; Esplanada; ponto dos bondes de Santa Teresinha; rua 1.º de Mar-
ço com Ouvidor e Copacabana Palace Hotel.

Em São Paulo, com os distribuidores gerais, Agência Siciliano, e
e nas principais bancas do centro.

Sangue puro
com o uso de

INHAMEOL

REI DOS DEPURATIVOS
DO SANGUE

A Sifilis é produtora e ori-
gem de muitas afecções gra-
ves. Use para combate desse
flagelo o grande auxiliar
no tratamento da Sifilis e
suas manifestações.

INHAMEOL

CONTRA: REUMATISMO —
ULCERAS NAS PERNAS —
FERIDAS — MANCHAS DA
PELE — DORES DE ORI-
GEM SIFILITICA — PUR-
GAÇÃO DOS OVIDOS —
PURGAÇÃO DOS OLHOS
COM ARDÊNCIA E LACRI-
MEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS
FARMACIAS E DROGARIAS DO PAÍS

**CABELLOS
BRANCOS**

**CASPA
Queda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Deseja receber prospectos e amostra gratis? Então escreva-nos mandando o seu endereço exato:

Nome _____
Rua e n.º _____

Cidade _____
Estado _____

Laboratório e Farmacia "ODIN" S. A.
Caixa Postal, 36
BLUMENAU — Santa Catarina



52

LIÇÕES DE
CATECISMO ESPIRITA
— ELISEU RIGONATTI —

UM LIVRINHO COM 107 PÁGINAS, ESCRITO PARA USO DOS ALUNOS DOS CATECISMOS ESPIRITAS.

VOLUME CARTONADO
Cr\$ 8,00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
POSTAL À
LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.
RUA ARAGUAIA, 65-C POSTAL 696
SÃO PAULO

***** TRIÂNGULO *****

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

O MARIDO IDEAL

Já se disse, e com razão, que o marido ideal não existe. O mesmo se poderia dizer da esposa ideal. Aquela tipo, cheio de beiras e excelentes qualidades, com o qual sonham todas as moças — é triste confessar — não existe senão no pensamento das jovens apaixonadas. Por muito honesto, educado, agradável, física e moralmente, que seja o homem, podem ficar certas as moças de que ele deferirá muito daquela escrínio de perfeições que sua fantasia de enamoradas idealizou.

Uma vez que a mulher se convença de que não encontrará nunca esse arquétipo deve pensar em algo possível, e limitar suas aspirações ao que o ser humano pode oferecer de melhor. Em torno dessas qualidades "possíveis" girarão estas linhas, e oxalá possam elas ajudar a distinguir a verdade relativa da mistificação dolorosa, — causa de tantas desventuras no casamento.

Três coisas convém conhecer, antes de mais nada, acerca do homem a quem se vai dar a própria mão, ou a de uma filha: sua pessoa, sua família e seus meios de vida.

Quanto à primeira, não nos devemos fiar nas aparências. Isso não quer dizer que as primeiras impressões devam ser postas sempre de lado. Mas é essencial que não nos deixemos impressionar pela estampa, pelos modos distintos, pelas frases bonitas, afim de que, mais tarde, a deceção e o desengano não nos batam à porta. Quando se escolhe um marido, deve-se procurar um homem que tenha saúde, de idade proporcional à da mulher, dono de bom caráter, de família respeitável e com meios de vida estáveis, que não dependam do acaso ou da sorte, porém baseados em trabalho honesto e seguro.

Sem saúde, tudo é triste e amargo, mesmo para os ricos; juntar-se a uma família onde haja enfermidades hereditárias equivale, geralmente, a proporcionar a si própria uma existência lamentável.

Quanto às idades, convém que haja certa igualdade entre as de ambos os esposos. Uma diferença de quinze ou mais anos destrói aquela viva ilusão proveniente do mútuo encanto faltando o que, será muito difícil, para não dizer impossível, substituir uma felicidade perdurable.

Quanto ao caráter, se bem que, fatalmente, a mulher tenha que revestir-se de grande dose de indulgência, sobretudo passados os primeiros entusiasmos da lua de mel, é indispensável que o esposo seja naturalmente delicado, benevolente, controlado e dono de esmerada educação. Não se pense, porém, que tais qualidades o preservarão de toda intemperança. O homem propende, por natureza, a arrebatamentos de domínio e de violência, e da habilidade da mulher depende que esses maus momentos não tenham consequências desastrosas. "Ninguém é perfeito neste mundo" — é o que deve pensar a mulher num momento mais infeliz, por parte do esposo. Um homem pode ter este ou aqueles defeitos, e no entanto ser um bom esposo. Se só pudesse ser considerado bom marido um homem sem defeitos, então não haveria felicidade conjugal sobre a terra...

E, agora, um ponto um tanto perigoso: a crise que comumente se produz, passados alguns meses do casamento. Para superar essa crise, é preciso um tato todo especial, e só

a arte da mulher pode obrar o milagre de se dissipar a nuveminha que se forma no límpido céu matrimonial, sem detrimento algum da felicidade dos cônjuges. Para essa ocasião, aqui está um conselho: tolerância, docura, compreensão e umas lagrimazinhas... de vez em quando. A não ser que o homem seja desprovido de sentimentos, há-de sentir-se tocado, e voltar a considerar sua esposa com o mesmo amor dos primeiros tempos.





O Caráter Pelas Unhas

Os observadores asseguram que as unhas compridas e afiladas significam amor às artes, certa dose de poesia, bastante imaginação e, também, indolência.

As unhas compridas e chatas denotam prudência, acerto, razão e todas as faculdades graves do espírito.

Largas e curvas significam cólera, controvérsia, oposição, teimosia e bruscas exaltações.

Coloridas, expressam virtudes, saúde, felicidade, coragem, liberalidade.

Duras e quebradiças, ódio, crueldade, rixa, demandas, e até mesmo tendência homicida.

Recurvas em forma de garras: hipocrisia, dissimulação, maldade, falsidade.

Moles, fraqueza de corpo e de espírito.

Curtas e roidas, estupidez, inconsequência, libertinagem.

Após essas considerações resta-nos aconselhar aos enamorados:

— Peçam as mãos, reparando-lhes antes, porém, as unhas...

*

A EDUCAÇÃO

Sempre acreditei que, se fosse reformada a educação da juventude, se conseguiria a reforma do gênero humano. — Leibnitz.

*

Ensinar a nossos filhos a prática do bem, equivale deixar-lhes a mais preciosa herança. — Mantegazza.

*

Todo homem, até o seu derradeiro dia, deve atender à educação de si mesmo. — M. D. Azeaglio.

*

A educação é o pão da alma. — Mazzini.

OCUPADÍSSIMO!

mas... SABE ALIMENTAR-SE

• Naturalmente, sente-se tão bem disposto, cheio de vivacidade e energia — a razão da alegria de viver! Seus alimentos, verdadeiramente nutritivos, são preparados com a insuperável

**MAIZENA
DURYEA**

À MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-B-São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro 52
"Receitas com Maizena Duryea"

45

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO.



LTD.

GRAVADOR

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

ARAUJO

PHOTOGRAVURAS,
ZINCOPRINTS,
TRICROMIAS
DÚBLES, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO



**SOFRE
DO FÍGADO,
ESTÔMAGO E
INTESTINOS?**



**TOME
ESTOMAFITINO
E COMA O QUE QUISER**

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte

HA' UMA CAMPANHA CONTRA

★ DJALMA ANDRADE ★
ILUSTRAÇÃO DE RODOLFO

VAMOS VER se em torno desse terrível engenho de guerra que é a bomba atômica, construimos um mundo melhor. Acaba de afirmar um cientista inglês que o homem, se quiser, poderá, doravante, destruir o globo em dois minutos. O presidente Truman, com a súdez que o caracteriza, falando aos jornalistas, observou que todas as armas até agora conhecidas tornaram-se absoletas e inúteis. Para que, portanto, a guerra, se a nação mais frágil, desde que possua um avião e algumas bombas atô-

micas, estará em condições de destruir o mais poderoso inimigo e reduzir o próprio mundo a pó?

A notícia da terrível invenção coincidiu com a advertência do Papa para que se levantem lares sadios sobre as ruínas produzidas pelas metralhas. S. Santidade faz ver que o índice dos casamentos caiu espantosamente em todas as nações. Recomenda modéstia às jovens e avverte aos moços que se casem para serem felizes.

O mundo precisa de paz e de lares sólidos. A tranquilidade depende daqueles que governam as nações e os lares devem ser construídos pelos moços.

Cabe aos professores e escritores a tarefa difícil de educar os moços para um mundo novo, bem diferente do que ai está. Devemos começar pela exaltação da mulher. A época mais feliz da humanidade foi aquela em que os cavaleiros tudo faziam pela sua dama. Aquela que Alexandre Herculano tão bem descreveu no "Eurico", em que a mulher tinha um altar em cada peito: "Examina bem a consciência, aconselhava Eurico, e dize-me qual é, para os corações puros e nobres, o motivo imenso e irresistível das ambições de poder, de opulência e de renome? E' um só — a mulher — é esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as nossas esperanças, de todos os nossos anelos."

Tempo feliz em que o cavaleiro morrendo, o escudo partido, coberto pelo pó da estrada, exclamava:

"Tant eile vaut, celle pour qui je meurs!"

Mas, depois da Idade Média, até aos nossos dias, Eva vem sendo destronada, diminuída, satirizada. A mulher meteu-se a competir com o homem na luta da vida. Até mesmo nos setores menos recomendáveis. Vêmo-la fardada, vénus marcial, a prestar serviços de guerra entre bombas e metralhas Vêmo-la' nas fábricas, nas repartições públicas, nos congressos, e, raramente, nos lares.

Descida do sólio que ocupava, em pouco tempo, tornou-se alvo dos epigramas fáceis dos escritores. Raramente nos livros ela aparece como um modelo de virtudes. Há autores que se tornaram conhecidos através de suas sátiras às mulheres. Pittigrili, talvez o mais lido pelos jovens, tornou-se um mestre neste assunto. A sua obra, mais de dez volumes, constitui o mais tremendo libelo contra Eva. A juventude gosta da irreverência, e Pittigrili sabe ridicularizar com subtileza e talento. Nada de romantismo. Para o terrível sarcasta, aquelas que se conservam puras não merecem a menor consideração. Fixa-as em poucas linhas:

"Oh! a praga das velhas senhoritas caritativas e maldosas, invencíveis na arte do bordado e da calúnia, diligentes no serzir meias e no estraçalhar reputações; essas que se fazem chamar anjos do lar e que estão sempre prontas a se precipitar onde há uma dor para confortar, um enterrão para acompanhar, um cadáver para enterrar; moças amarelecidas na castidade e na rabugem, virtuosas, beatas, virgens irascíveis, invejosas, vingativas, de ventre duro, seios moles, pés chatos, cabelos grisalhos, lábios brancos, unhas pretas."

No seu último livro, requintou-se Pittigrili



AS MULHERES

em crueldades. Não crê na inteligência das filhas de Eva, e diz que todas elas usam as vírgulas com o mesmo critério com que um pinguim usaria o microscópio. E esclarece que para o homem chegar ao coração de uma mulher tem que atravessar uma câmara vazia que é o seu cérebro.

Referindo-se à idade, assunto que as mulheres sempre evitam, diz coisas realmente interessantes: "Há uma idade a que a mulher sente ter chegado quando, nos bondes cheios, os homens não lhe cedem lugar em homenagem à sua beleza, pois que essa beleza já quase desapareceu, nem em atenção à sua velhice, que ainda não chegou." Batendo sempre na mesma tecla, observa: "Ante a primeira ruga, a mulher desfaz-se em lágrimas, mas quando tem o rosto cheio delas, declara: — 'Não são rugas da idade, mas "plis d'expression". E quando encontra cabelos brancos, consola-se pensando numa sua amiga que andava de saia curta e já estava toda grisalha. Se a sua voz se engrossa, diz, — é um restinho de resfriado..."

Sempre feroz, afirma que a piedade das mulheres é um sentimento miserável, composto de mesquinhez, sadismo e necrofilia. Quase todas, diz ele, acreditam que têm a obrigação de parecer misteriosas, profundas, doentiamente estranhas e hipersensíveis... Nem ao menos lhes dá o direito de envelhecer tranquilamente, pois esclarece: "As mulheres, no fim da juventude, têm a alma extinta, os olhos cheios de outono e um cheiro imperceptível de cadáver..."

Os jovens que leem autores como Pittigrilli, realmente fascinantes, acreditam em tudo e ficam a temer as mulheres como obras primas de hipocrisia, de astúcia, de falsidade. Não vêem que tais escritores só procuram esse gênero literário por amor ao paradoxo, ao jogo de palavras, ao malabarismo mental. Nas suas próprias obras, Pittigrilli aparece muito bem fotografado a brincar com um pimpolho robusto que, pelos traços fisionômicos, deve ser seu filho. Em regra, os detratores das mulheres são homens profundamente sentimentais, excelentes pais de família que vivem a contar aos amigos gracinhas e precocidades dos seus maravilhosos rebentos. Mas os jovens inexperientes que não conhecem os truques literários, o cabotinismo dos intelectuais, acabam temendo as mulheres e tomando horror ao casamento.

Há dias uma revista de Nova Iorque fez aos seus leitores a seguinte pergunta:

— Por que você não se casa?

Oito mil rapazes, em excelentes condições de construir lares, moços sadios, bem colocados e distintos responderam que tinham receio de dar esse passo arriscado por temerem as mulheres. Muitos citavam hercínias de obras de pura ficção que enganavam seus maridos. Alguns mencionaram até filmes trágicos. Outros transcreveram pensamentos filosóficos de escritores pessimistas...

Os autores que vivem em suas obras a difamar as mulheres devem cessar a campanha nessa hora em que o mundo, tão despovoado, precisa de casais felizes e prolíficos. As mulheres, também, ouvindo os conselhos da igreja, devem recolher-se aos lares e aí esperarem o príncipe encantado. Aquelas que se fazem de "vamp" mas que, na realidade, guardam na alma uma

ADQUIRA SEUS LIVROS NA

CASA DO LIVRO

OBRAS TÉCNICAS,
CIENTÍFICAS,
DIDÁTICAS,
LITERÁRIAS, etc.

VENDAS Á PRAZO E REEMBOLSO POSTAL

*

RUA TAMOIOS, 72 - C. POSTAL 457

FONE 2-7793 - BELO HORIZONTE

candidez de lirio, acabarão por reconhecer que o artifício só lhes pode trazer contrariedades.

Os moços, no fim de certo tempo, não as vendem tão difamadas em prosa e verso, acabarão por amá-las e compreendê-las. Se não é fácil a volta à Idade Média com a divinização completa da mulher, não será muito exigir dos escritores fixá-las como na realidade são. Todas têm falhas e predicados, mas as pequenas jaças não tiram todo o valor das gemas...

*

HONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO

EM
24 HORAS.
DEIXA
DEFUXOIS
E SUA
MANIFESTAÇÃO.

PEITORAL
DE ÂNGICO
PELOTENSE

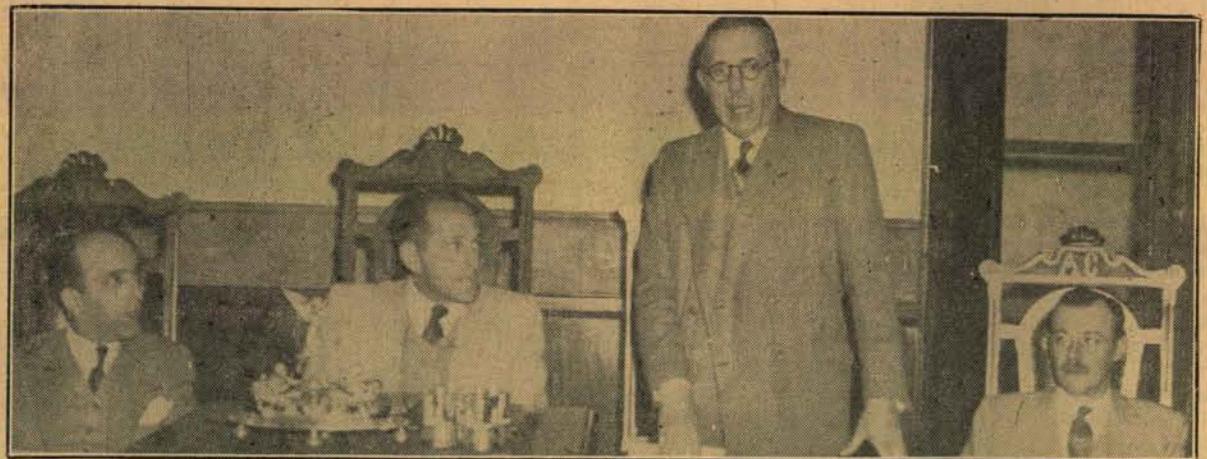
EXCELENTE TÔNICO DOS PULMÕES



Realizou-se em setembro último o enlace nupcial da Sta. Marina de Moura Matos, filha do Desembargador Mário Matos e nosso Diretor-Redator-Chefe, com o Dr. Paulo Campos Guimarães, figura de projeção da intelectualidade mineira e ilustre causídico. As cerimônias civil e religiosa, que constituíram expressivo acontecimento social, realizaram-se na residência da noiva.

Na corbelha da noiva viam-se ricos e delicados presentes.

O MÊS EM



Realizou-se no dia 6 de setembro último, no salão nobre da Associação Comercial de Minas, a conferência do sr. Antônio Cabral Beirão, seu diretor, que discorreu sobre o tema "Algumas sugestões para uma campanha contra o pauperismo". A fotografia acima focaliza o orador.



A Associação dos Empregados no Comércio de Minas Gerais realizou, no dia 7 de setembro último, uma sessão solene em homenagem ao Dia da Pátria e em comemoração do seu 37.º aniversário de fundação, e posse do novo Conselho Administrativo para o biênio 1945-1947. As comemorações culminaram com um grande baile na sede social da A. E. G. M. P., cuja nova diretoria aparece na fotografia acima.



REVISTA

Constituiu acontecimento de grande relevo social o casamento realizado em setembro último da Sra. Mirian Carvalhais de Paiva, filha do Dr. João Carvalhais de Paiva, já falecido, e de D. Carmelita de Andrade Paiva, com o Sr. Dr. Osvaldo Nobre, Diretor de Publicidade dos "Diários Associados" de Minas. O ato civil realizou-se na residência da noiva, e a cerimônia religiosa na igreja São José cujo coro cantou a "Ave Maria" de Fourret e "El Largo" de Handell.



Realizou-se, em setembro último, no salão do Grande Hotel, a inauguração da exposição de escultura da artista belga Jeanne Louise Milde, comparecendo grande número de convidados. A fotografia acima focaliza um aspecto da elegante reunião artística.



Realizou-se, em setembro último, no salão do Automóvel Clube, o baile comemorativo da declaração da turma dos aspirantes da Reserva, pelo C. P. O. R. de Belo Horizonte, festividade que transcorreu num ambiente de fina e cordial distinção social como bem o expressa a fotografia que publicamos.



PANAM — Casa de Amigos

CONSERVE O FRESCOR DE

Sus 20 anos!

PARA EMBELEZAR SUA CÚTIS, dando-lhe frescor suave e macio, trate-a com o Leite de Beleza BOURBON: é um detergente que a limpa rapidamente e a torna macia e elástica como convém a uma cútis juvenil. É um protetor contra as queimaduras do sol, excelente fixador do pó-de-arroz, recomendando-se para o embelezamento, não só do rosto, como do colo e mãos.

Tenha no seu toucador a grande conquista da ciência moderna:

Leite de beleza
BOURBON

Um Produto da
PERFUMARIA SAN-DAR S. A.
Rua Duque de Caxias, 531 — São Paulo



O RÁDIO MINEIRO NA OPINIÃO DE UM CRONISTA CARIOSA

VISÃO BRASILEIRA, a apreciada revista carioca, dirigida pelo nosso brilhante confrade Eurico Ribeiro, publicou num dos seus últimos números uma crônica sobre o rádio mineiro, de autoria de seu cronista radiofônico. Através dos conceitos expêndidos nota-se a expressiva repercussão que vêm obtendo em todo o país as nossas três grandes emissoras que constituem a radiofonia belorizontina, cujo índice de adiantamento justifica as elogiosas referências da referida crônica que transcrevemos com prazer:

"Grande prazer constitui, sem dúvida, para quem sempre viu, com "bons-olhos", o desenvolvimento do Rádio, no Brasil, a oportunidade de verificar que não somente nesta Capital e em São Paulo, mas, também, em outros centros do país, o progresso radiofônico é uma esplêndente realidade.

Ainda há poucos dias, o escrevinhador desta seção especializada de "Visão Brasileira" teve o agradável ensejo de permanecer algum tempo em Belo Horizonte, e, ali, estar em contacto com a família radiofônica da capital montanhês. A linda cidade situa-se, atualmente, entre os mais adiantados núcleos cidadinos da América do Sul e, no que diz respeito ao Rádio, é sobretudo auspicioso saber-se que as emissoras das Alterosas apresentam um alto nível cultural e artístico.

Principalmente a Rádio Inconfidência passa, no momento, por uma fase de grandes realizações. Com uma direção artística consciente do papel do rádio na atualidade brasileira, a P. R. I-3 apresen-

ta o que de mais arrojado conhece, entre nós, o "broadcasting". Possuindo uma equipe de consagrados artistas, desde o gênero popular, até a música lírica de "câmera", oferece uma variedade apreciável de programas, obedientes a uma linha séria e bem orientada. Instalações moderníssimas, estúdios amplos e, sobretudo, a seleção de seus "casts", fazem da Rádio Inconfidência uma das mais importantes emissoras do país.

Sob a direção de um moço culto e inteligente que, com o seu dinamismo, procura dotar a simpática estação belo-horizontina do que de mais avançado alcança o rádio atualmente, a Inconfidência bem merece o registo que, prazerosamente, fazemos neste número, deixando ao dr. Murilo Rubião, seu distinto e operoso diretor, os parabéns pela sua atuação à frente dos destinos dessa magnífica célula de trabalho da radiofonia indígena.

Por todos os serviços que tem prestado ao desenvolvimento do Rádio no Brasil, a Inconfidência figura como um exemplo de continuado esforço, em prol de um nível cada vez mais alto para o nosso rádio."

* * *

EPÍGRAFE PARA O POEMA DA VIDA

Ah, se a gente pudesse
retroceder um dia
às lindes do passado,
e escolher o destino que quisesse,
creio que a gente voltaria
pelo mesmo caminho desgraçado!

ALBERTO RENART

D'ARTAGNAN

A Rádio Mineira vem apresentando aos domingos, às 18 horas, no seu programa "Ave Maria", crônicas religiosas redigidas por Pedro Vicente Cardoso.

*

Paulo Gracindo seguirá ainda este mês para Hollywood, afim de falar em português por um grande artista do cinema. Perceberá o ordenado mensal de trinta mil cruzeiros...

*

Todas as quintas-feiras, às 21:35, a Rádio Clube do Brasil apresenta "Lendas Orientais", interessante programa de rádio-teatro sobre lendas e assuntos do velho Oriente.

*

Estreou na Rádio Clube o programa humorístico "Lendas Desorientadas", parodiando "Lendas Orientais" da mesma emissora. Esse programa é irradiado às terças-feiras, às 21:15 horas.

*

As audições de Carmen Silva ao microfone da Rádio Inconfidência continuam agradando.

*

Luis Jatobá, excelente locutor, veio dos Estados Unidos para ficar no Rio, mas não gostou, parece, e regressou à terra de Tio Sam, de onde nos envia, gravadas, crônicas de Genolino Amado que são irradiadas diariamente pela Rádio Nacional.

*

"Aquarelas do Brasil" é o sugestivo programa que Almirante idealizou e realiza todas as sextas-feiras às 22,05 horas ao microfone da Rádio Nacional.

*

"Faça do seu lar um paraíso" é o interessante programa feminino que a P. R. R.-2 está apresentando sob a direção de Lucília Figueiredo.

*

O maestro Lucas Lacerda está trabalhando em novos programas para a P. R. I. 3, fato que constitui bela notícia para os numerosos fans do distinto artista.

*

Valdomiro Lobo regressou de sua "tournée" por São Paulo e está prestes a reingressar no nosso rádio com uma "bagagem" especial.

*

"Romance Musical" é o programa de rádio-teatro da Nacional que vem sendo apresentado, com êxito, todos os domingos, às 13 horas. "Romance Musical" é escrito por Chiaronni.

*

Novo horário tem o apreciado programa "Inpiração", idealizado e escrito por Campos Ribeiro para a Rádio Tamoio, que o apresenta agora às quintas-feiras, às 22 horas.

*

"Atividades musicais da semana" é o programa escrito por Sheila Ivert especialmente para a PRD-5, que o irradia aos domingos, às 14,30 horas.

AS "ASSOCIADAS" devem atentar na inconveniência do excesso de anúncios irradiados nos intervalos musicais de seus programas. Constitui excelente pretexto para os ouvintes movimentarem o "dial"...

*

Maclerevski, o mágico do teclado, continua a ser uma das maiores atrações das emissoras associadas de Minas. Habil pianista e inspirado compositor, Maclerevski vem valorizando sem dúvida os seus programas através de bem feitos arranjos de sua autoria sobre músicas famosas.

*

CARECE de fundamento a notícia de que a conhecida dupla caipira Alvarenga e Ranchinho vai deixar a Rádio Mayrink Veiga. Conquanto esses artistas não estejam mantendo o habitual brilho nas suas últimas apresentações, a PRA-9 não parece inclinada a conceder-lhes "bilhete-azul"... por enquanto.

*

Raul de Barros, o conhecido intérprete de melodias hispano-americana, continua a cantar ao microfone das "associadas" com o mesmo brilho de sempre. Após o término de seu contrato, seguirá para Buenos Aires, onde vai atuar na famosa Rádio Belgrano.

*

O PROGRAMA comemorativo do nono aniversário da Rádio Inconfidência se revestiu do máximo brilhantismo, expressando de modo inequívoco o carinho e a competência com que o idealizaram e realizaram os dirigentes da conhecida emissora.

Cumpre-nos felicitá-los.

*

DEVE REGRESSAR ainda este mês de Montes Claros, onde atuou na ZYD-7, Rádio Sociedade Norte de Minas, o conhecido cantor Otavinho da Mata Machado, que vai atuar numa das nossas emissoras.

* * *

RONALDO LUPO

RONALDO LUPO é o admirável cantor brasileiro que interpreta, com o mesmo brilho, músicas nacionais e estrangeiras. Para ingressar no rádio, estudou seriamente vários idiomas, convicto de que a notável evolução da radiofonia imporá, num futuro próximo, rigorosa seleção dos elementos representativos do nível cultural e artístico do "broadcasting" nacional... E, enquanto esse sonho não se realiza, Lupo continua cantando com sucesso nossas canções e sambas de que é intérprete magnífico, e inúmeras canções em inglês, francês, italiano, castelhano e russo, numa afirmação de inteligência e cultura que muito o eleva no conceito público.

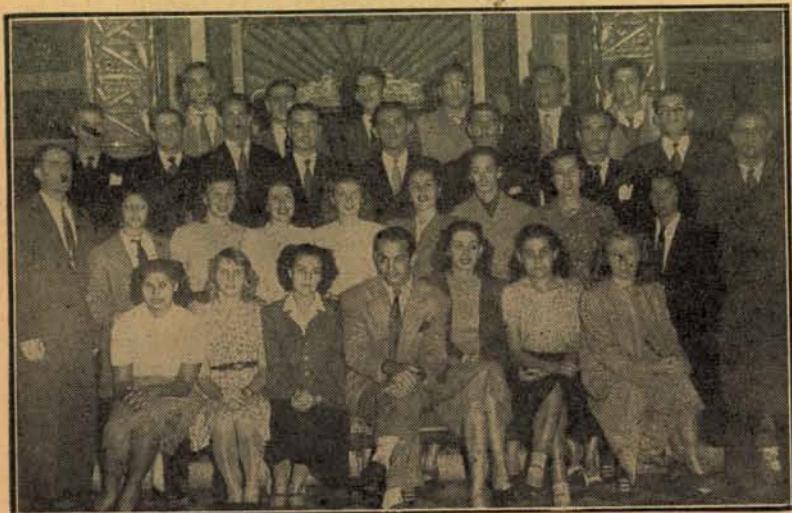


RONALDO LUPO

Ronaldo Lupo já atuou nesta Capital, em São Paulo, Rio Grande do Sul e agora canta na Rádio Clube do Brasil, do Rio.

RÁDIO SANTISTA *

TEXTO E FOTOGRAFIAS DE NOSSA
SUCURSAL EM SANTOS, A CARGO
DE AGOSTINHO DUARTE DE SOUSA



O "Coral Santista"

Fundado a 13 de fevereiro por Jesus Azevedo Marques, esse conjunto de amadores musicistas formou logo variado repertório, onde predominava a herança folclórica brasileira.

Jesus Azevedo Marques, que também o dirige, é um maestro-compositor que sempre se interessou pelo assunto nacionalista. Defendeu sempre através colunas de jornais ou revistas, essa justa causa. Logo, fundando e dirigindo o "Coral", outra coisa não se poderia esperar, acrescentando-se, ainda que é catedrático de "Folclore-mu-

sical-brasileiro" no Conservatório Musical de Santos. Em suas mãos, pois, estavam os jovens coralistas.

Em 12 de julho, no salão-auditório da Rádio-Atlântica, num festival artístico do Grêmio Cultura "Albor", estreou o "Coral Santista", encerrando magnificamente a festa. Nessa primeira apresentação, ouvimos — "Toada n.º 1", de Azevedo Marques, atuando como solista a soprano Elisa de Oliveira Lindholm; "Morena, morena" do folclore brasileiro, com letra

★ ARNALDO GONÇALVES ★



ARNALDO GONÇALVES

Arnaldo Gonçalves é, sem favor, um dos melhores locutores santistas, sendo ainda o galã predileto das peças radiofônicas.

Nascido na grande terra de Braz Cubas, iniciando sua carreira artística ao microfone da Rádio Atlântica, de onde mais tarde se transferiu para a Rádio Clube, onde atua com brilho no programa "Música Flina".

Locutor exclusivo do belo programa "Recordar é Viver...", Arnaldo Gonçalves sente-se satisfeitos na sua P.R.B.-4, onde desfruta de justo e elevado conceito.

O "broadcasting" santista, tão rico de valores artísticos, reafirmando a inteligência e a cultura paulista, possui neste jovem locutor uma de suas mais expressivas figuras moças.

de Catulo Cearense, atuando como solista o tenor Mário Figueirôa e a barcarola "Vieni sul mar", do popular napolitano com letra portuguesa de Azevedo Marques. Como pianista esteve a professora Diorema Garcia, sendo todos os arranjos de autoria do dirigente, para 3 vozes mistas. O sucesso foi absoluto, conforme os comentários dos jornais e revistas locais.

Nessa época, contava o "Coral" com 30 vozes mistas. Em sua 2.ª. exibição nos estúdios do Radio Clube, alinharam-se 48 vozes, num programa exclusivamente folclórico. "Morena, morena...", "Nesta rua, nesta rua..." "Meu Irmão, meu Irmoeiro" e "Azulão", atuando como solistas o tenor Mário Figueirôa, o barítono Jarbas Teixeira, a soprano Dolores dos Santos, o tenor Romeu Pace, a contralto Ivete Mesquita e o tenor João Pinto de Carvalho, respectivamente.

Presentemente, o Coral estuda uma proposta para uma exibição em Bauru, em grandioso festival de arte.

Jesus Azevedo Marques já está ensaiando uma magnífico arranjo sobre motivos da protofonia do "Guarani", de Carlos Gomes, deixando em todos os que assistiram aos ensaios, a melhor das impressões.

São os seguintes, os jovens componentes desse admirável orfeão:

Alfredo José, Almíro Hadeide, Agostinho Duarte de Souza, Anísio Teixeira Ferraz, Antônio Magaldi Russo, Deise Persgrave do Amaral, Diorema Garcia, Dolores dos Santos, Domingos Osvaldo Batalha, Elza Gonçalves, Eva Gonçalves dos Santos, Ione de Mesquita, Irene Lousada, Isaura Vilarino, Ivete Mesquita, Janete Gi, Jarbas Teixeira, Jante Peis, João Pinto de Carvalho, Julio Chierchia, Laudelina Gonçalves, Luci Burgos Pereira, Lucia Camargo, Lurdes Alves Pereira, Magda Barco, Manuel Alves Fortes, Marcilio Abrantes Bastos, Maria do Carmo Ribeiro, Mario Figueiroa, Rodrigo Augusto Tavares, Romeu Pace, Rubens Fernandes Leal, Rute Pinheiro, Rute P. Rebêlo, Sinai P. Rebêlo, Teresa Burgos, Venie Silva, Viloca Serrano, Vivalda da Luz Ribeiro, Vizoni de Araujo Pizani, Zélia R. da Silva, Zeni Gurgel dos Santos, Zilda Sampaio, Zoraide Borges e Zóta Rodrigues.

Cada elemento "efetivo" do Coral, passa, depois da respectiva sindicância, por uma prova preliminar de teoria musical, solfejo e vocalises.

Seguindo nesse caminho, acrescentariam que esses jovens, mais do que coralistas, são... idealistas!

"RECORDAR É VIVER!..."

A ESTRÉLA VESPERTINA DAS PROGRAMAÇÕES ROMÂNTICAS

E' com essa sugestiva característica que se apresenta, diariamente, a partir das 17,30 horas, ao microfone do Rádio Clube de Santos, o programa que atualiza um passado feliz...

Tendo por característica a valsa do mesmo nome, inicia-se a romântica meia hora com uma "Crônica de abertura", vindo, a seguir, a primeira gravação, "preparada" por uma apresentação técnica e histórica sobre o ritmo, melodia, cantor ou instrumentista, orquestra, etc.

O 2.º quadro é o "Momento poético", declamação e explicação técnica e histórica sobre um trabalho de um dos nossos poetas. E vem a 2.ª gravação, sempre precedida, como as outras, de uma apresentação. O 3.º quadro denominado "... e a ciranda continua...", focaliza instantâneos das cantigas de roda de nossas crianças. Para a "Crônica de abertura" o "fundo" musical é "Extase" de Barroso Neto, e para o momento poético o "Pontéio" de Camargo Guarnieri. Para o 3.º quadro foi escolhido a "Fantasia Brasileira" (sobre temas infantis).

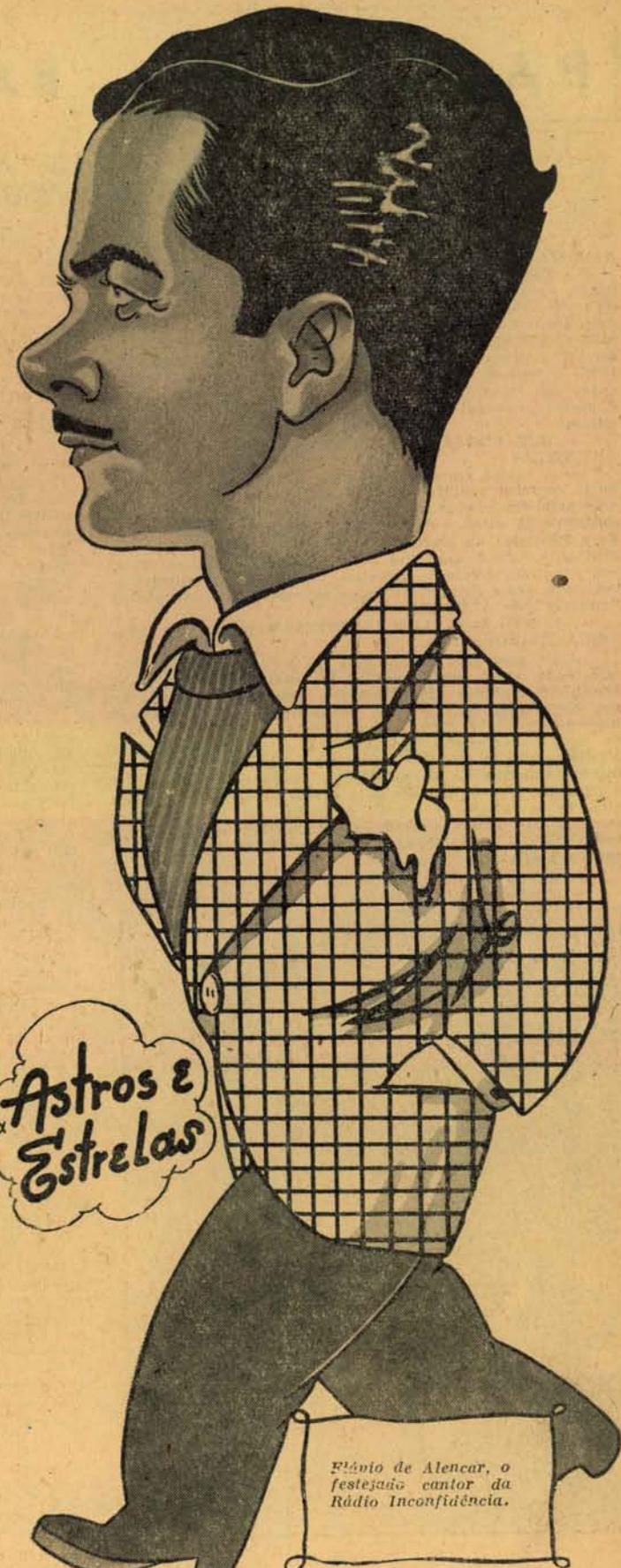
Depois da 3.ª gravação apresenta-se "A máxima do dia", uma frase célebre, comentada histórica e filosoficamente. (Fundo musical: "Meditação" de Massenet). E depois da 4.ª e última gravação, encerra-se o programa com a prece, "Seis horas, Ave Maria", tendo o acompanhamento da Ave Maria de Schubert, com bimbalhar de sinos. Como se vê, "Recordar é viver!...", talvez seja um dos mais completos programas do rádio brasileiro, sem estardalhaço e sem favor nenhum. Distrái e educa, contando sua discoteca com os mais antigos sucessos musicais.

E' um programa que honra o "broadcasting" de qualquer país. Não se esquecendo, que os anúncios, lidos por dois locutores, são artisticamente estilizados.

*

VIRTUDES QUÍMICAS

Segundo um técnico norte-americano, os raios ultra-violeta estão sendo utilizados como agentes químicos. São capazes de desnitrugar produtos alimentares, produzir cloração de líquidos e uma forma de vulcanização da borracha. Também a luz visível possui qualidades químicas, mas de menor importância.



PANORAMA RÁDIOFÔNICO

RESponde a "ENQUETE" DE "ALTEROSA" ELIAS SALOMÉ O FESTEJADO ARTISTA DA P. R. I. 3

— QUANDO E COMO INICIOU A SUA CARREIRA RÁDIOFÔNICA?

— Minha carreira radiofônica foi iniciada em São Paulo, executando eu, pela primeira vez, em minha vida, no rádio, um solo de violão ao microfone da Rádio Educadora Paulista. Isto em 1932. Depois prossegui fazendo duplas vocais e executando solos de bandolim. Inicialmente, formei parceria numa dupla vocal com a designação de Elias e Milton. Tendo desmanchado a primitiva, formei outra com Montemor Jr. num "duo" no mesmo gênero. E assim prossegui minha carreira no "broadcasting" brasileiro.

— QUE EMOÇÕES MARCARAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA?

— A maior emoção artística durante toda a minha longa carreira radiofônica, está datada da época em que, pela primeira vez, atuei diante de um microfone fato que, conforme já disse, verificou-se em 1932, na Rádio Educadora Paulista: ao pensar que parentes e amigos estavam, atentos, escutando-me! Foi esta a maior emoção que marcou a minha iniciação artística. Há outros acontecimentos, mas, seria demasiado longo enumerá-los nesta rápida "enquete" de ALTEROSA.

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RÁDIOFÔNICA.

— De passagem para o Rio, em 2 de outubro de 1936, atendendo a um gentil convite do então prefeito de Bependi, dr. Antônio Alves Ferreira, vim em companhia do dr. Evaristo Seixas a Belo Horizonte, integrando a embaixada de minha terra no conclave dos Prefeitos realizado aqui naquele ano. Aproveitando a oportunidade, tive o feliz ensejo de conhecer e travar relações com o primeiro diretor artístico da Inconfidência, Fernando Coelho. Foi a primeira pessoa que conheci. Ciente de meus propósitos que era de integrar o "cast" de exclusivos da Rádio Record de São Paulo, convidou-me para permanecer na cidade. Daí o meu ingresso e permanência até hoje na emissora oficial.

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO?

— Admiro e gosto de música em geral. Todavia, sou es-

pecialista em solos de música fina, ao violão. Aliás, nada mais belo que executar peças escolhidas dos grandes mestres da música. Para isso, entretanto, é preciso que todo artista se competente dessa responsabilidade. Embora esta circunstância, tenho tido ocasião de fazer acompanhamentos em diversos instrumentos: solos de bandolim na execução de "chorinhos", valsas, polcas, etc., constituem o meu gênero predileto de música.

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MULTIPLOS GENEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS, DE RADIAUTORES, RADIAUTORES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCUTORES DO NOSSO RÁDIO?

— Em nosso rádio, isto é, na radiofonia das montanhas as figuras mais representativas de radiautores são: Vicente Prates, Edson Bonifácio Costa e Mário Lúcio Brandão. Dos radiadores merecem referência os dos elencos da Guarani e da Inconfidência. Quanto aos cantores em seus diversos gêneros, minhas preferências recaem em Rosita de Sousa, Aimoré Tomagnini, Francisco Vorcaro, José Menezes Filho, Flávio Alencar, Alajor Brasil, Geni Morais, Carmen Silva, José Lino e Otavinho Mata Machado. Somos pobres em humoristas porém, salva-se a popularidade do Compadre Belarmino e sua "troupe", os únicos elementos capazes de fazer humorismo em nosso rádio. Pelo menos são os que se salvaram da hecatombe geral da guerra que lhes é feita pelos radiouvintes. E nesse menor, salva-se também a atuação de Ximango, o grande artista caipira — amigo inseparável do Compadre...

Francamente, tem o nosso rádio sido vítima dos maus locutores. Contudo, há nomes que merecem destaque. Por exemplo: Paulo Lessa, Teófilo Pires, Brandão Reis e Pachequinho, este, mais como animador de programas que propriamente como locutor. Paulo Nunes como comentarista esportivo é muito leal e sensato. Alvaro Celso, afora os "venenos" é o mais popular.

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS, SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL?

Sou suspeito para dizer alguma coisa a esse respeito, porque sob minha responsabilidade está a Escola de Rádio da Inconfidência, inegavelmente, dentro de suas diretrizes, a única no Brasil que tem sabido cumprir fielmente o seu programa, que é formar artistas para o microfone. "As Horas de Calouro" são mais momentos de recreação. Nada além. Não quero com isso contrariar opiniões, nem tão pouco desmerecer o conceito firmado por Rosita de Sousa... E por falar em Rosita de Sousa, lembro-me ainda de fazer menção especial aos programas que essa consagrada artista está apresentando na onda da Inconfidência. Trata-se de "Reverie" irradiado às sextas-feiras, às 22,0 horas. No gênero, é o melhor por ser o mais completo, bem organizado e interessante. Estou acompanhando-o carinhosamente.

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMAS DE AUDITÓRIO?

Rómulo Pais e Pachequinho são os elementos mais capazes de alegrar e comandar com entusiasmo os programas de auditório do rádio mонтanhês. Pena que as emissoras pouco se interessem por eles.

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO?

Dentro das finalidades para as quais o rádio foi criado, uma das particularidades mais difíceis consiste justamente na inovação. Isto porque os gostos variam e nada mais difícil que agradar a todos a um só tempo. Contudo, o rádio tem uma evolução natural, embora lenta. São programas que surgem e desaparecem na mesma proporção. Temos por exemplo, na programação da Inconfidência, seus "shows". Na parte musical, muito bons. Creio, porém, na necessidade de movimentá-los, dando-lhes mais animação, apresentando nos intervalos ligeiros esquetes e cenas leves de humorismo para contrabalançar a seriedade com que são apresentados.

Outra sugestão se refere ao cuidado que os diretores artísticos ou melhor os "controlers" das emissoras, devem ter com relação aos acompanhamentos feitos aos cantores. É comum ouvir-se a interpretação do cantor ao passo que os acompanhamentos se dispersam num grande vazio. Nenhuma outra sugestão tenho no momento para fazer e creio que estas, para começar, bastam.

(Conclui na página 125)

ELIAS SALOMÉ



PILSEN-EXTRA,
a cerveja-líder do Brasil
Um produto **ANTARCTICA**



Em cima — **Busto da Rainha Cristina, da Suécia, do escultor italiano Bernini.**

Ao lado — **A Rainha Cristina, da Suécia, como foi encontrada após 225 anos.**

Como nas lendas encontrados

A Rainha Cristina, da Suécia, possuía, na história das mulheres que se celebrizaram pelo espírito e pelos atrativos físicos, um lugar de fascinante relevo. Era, na realidade, uma mulher de espírito, dotada de qualidades que singularizaram entre as mais importantes personagens femininas da época. Sua correspondência com altas personalidades europeias reflete-lhe o temperamento ardente e a alma aberta ao sol das fortes emoções da vida.

Afirmam os historiadores que a mais forte paixão de sua vida foi pelo inatingível Cardeal Azzolino, famoso príncipe da Igreja Católica de que a bela rainha era fidelíssima adepta, fervor religioso que a obrigou a abandonar o seu país natal em 1654.

Durante vários anos, viajou pela Europa e figurou entre celebridades nas faustosas cortes estrangeiras. E, conquanto a envolvesse a dolorosa saudade da terra natal, estabeleceu residência em Roma, onde viveu como verdadeira rainha, como figura preeminente do mundo cultural, destacando-se pelo bom-gosto, fundando até uma academia literária e adquirindo ricas e custosas coleções de livros raros e objetos de arte.

Desfrutava de considerável conceito nos países papistas, como devota católica e, talvez por isso, quando morreu, na idade de sessenta e três anos, que lhe não haviam esmaecido os traços de beleza.

za, sepultaram-na, com imponente solenidade, na Basílica de São Pedro, em Roma.

A personalidade da célebre rainha tem sido estudada com carinho e natural interesse histórico. Há alguns anos, a misteriosa Greta Garbo foi protagonista de uma película norte-americana sobre a sua augusta compatriota, realizando uma vivida interpretação da vida da soberana, tão rica de episódios românticos e paixões contagiantes... Afirmam que as relações da rainha com os seus conselheiros e os embaixadores estrangeiros, nem sempre eram motivadas, exclusivamente, pelos seus talentos políticos. Possuia muitas qualidades nobres. Tinha admirável disposição e ardente e comunicativo entusiasmo pelo grandioso e pelo Belo. Há, nos museus suecos, incontáveis provas da admiração que príncipes e reis tributavam à fascinante rainha.

E a sua figura, que os historiadores conservaram vivida na nossa imaginação, através do milagre das obras admiráveis que escreveram sobre essa vida sugestiva e errante, — figura que o cinema focalizou e reavivou, — projeta-se, agora, como que sob a magia duma lenda encantada, no panorama universal, colorindo a paisagem torturada do após-guerra e atraindo a curiosidade humana. E' que recentes notícias do velho mundo nos contam que, durante a restauração da Basílica de São Pedro, em Roma, encontraram, no ataúde em que a colocaram há duzentos e vinte e cinco anos, a famosa rainha Cristina, com o rosto coberto por tenuíssima máscara de prata e os traços fisionômicos assombrosamente bem conservados, não apresentando a mínima modificação. O nariz aristocráticamente aquilino e a boca possuindo estranha expressão de desafio. Encontraram-na de coroa tendo ao lado um cetro.

A recente abertura do ataúde da Rainha Cristina foi, segundo a opinião dos entendidos, de grande significação para a investigação iconográfica. O museu Nacional de Belas Artes de Estocolmo possui muitos retratos e esculturas da Rainha Cristina, mas que se apresentam contraditórios quanto aos detalhes fisionômicos. Agora, porém, se verifica que um Busto de Cristina, atribuído ao escultor italiano Bernini, apresenta notável semelhança com as fotografias recentemente tiradas em Roma, para divulgação do sensacional acontecimento.

Lever é o meu sabonete!

— diz a encantadora estréla de

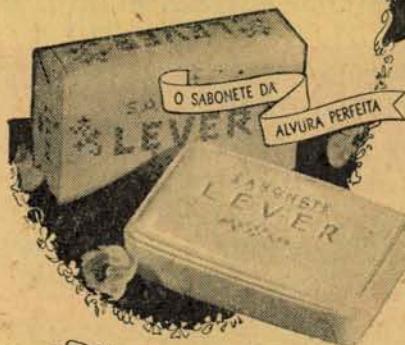
Hollywood-

**DEANNA
DURBIN**

(Universal)



Você desvendará o segredo de beleza das estréias no momento em que sua pele receber as carícias da deliciosa espuma de Lever! Você sentirá, então, a suave fragrância do seu perfume e jamais deixará de usar o sabonete preferido por 9 entre 10 estréias de Hollywood!



LEVER DURA MUITO
porque foi feito especialmente para produzir espuma com rapidez - por isso
GASTA MENOS.



Lever - o sabonete das estréias!

LINTAS LTS 84-0179 A

* * *

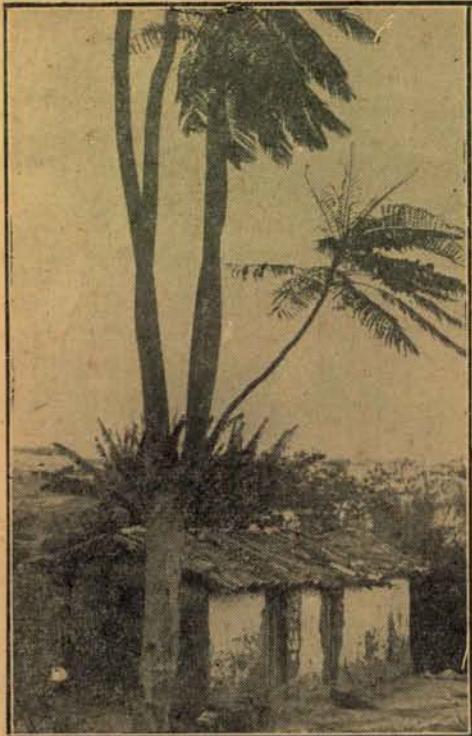
A transpiração axilar se combate, lavando-se a parte com ácido bórico, algumas vezes ao dia, e fazendo-se, em seguida, uma aplicação de talco.

ANTES de serem depiladas as sôbrancelhas deverão ser untadas com vaselina, afim de que a pele não se irrite.

AOS FAZENDEIROS CULTOS E INTELIGENTES

Veja bem essa vaquinha
Feia, doente, magrinha,
Que nem sequer fita o sol;
Vive sem forças, cansada,
Mas já estaria curada
Se tomasse "Benzocreol"!

Efetivamente "Benzocreol" é o verdadeiro amigo e fiel colaborador do Fazendeiro. Sua fórmula abençoada, com os seus efeitos miraculosos, irradia saúde para todos os animais.



Onde ainda há poucas semanas se viam apenas velhos casebres, salpicando aqui e ali a paisagem descampada, notam-se hoje lindos e modernos palacetes, formando um novo e maravilhoso Bairro de que a cidade se orgulhará. Onde ontem se erguia uma árvore altaneira, dando à paisagem o aspecto de selvagem bucolicismo, hoje se levanta um poste de iluminação elétrica, demonstrando a miraculosa transformação por que passou a antiga área da Universidade, entre os Bairros de Lourdes e Santo Agostinho.

SURGE O NOVO BAIRRO DA CAPITAL

LINDOS E MODERNÍSSIMOS PALACETES SUBSTITUEM AS VELHAS CAFUAS QUE DESPONTAVAM NA ANTIGA ÁREA DA UNIVERSIDADE — MAIS DE SEIS-CENTAS RESIDÊNCIAS SERÃO ERGUIDAS NUMA ÁREA DE 400 MIL METROS QUADRADOS, OBEDECENDO A UM PLANO DE URBANISMO E DE ESTÉTICA — NOVAS RUAS ESTÃO SENDO ABERTAS NO CORAÇÃO DA ZONA ELEGANTE DA CIDADE

TERMINOU a guerra, e com ela, novos horizontes se rasgam, em toda parte, ao trabalho do homem.

Belo Horizonte, como todos os centros adiantados do país, passou por uma longa e cruentante crise de habitações, decorrente da situação anormal do mundo, agravada com uma forte crise de transportes e uma longa carência de materiais que determinaram sensível queda na sua média de construções. Agora que a paz voltou ao seio da terra, é de esperar, com a natural melhoria das condições gerais do trabalho e da produção de

paz, que novo e alentador surto de edificações venha a caracterizar as nossas atividades, dotando a bela Capital mineira de novos e pitorescos aspectos no seu painel urbanístico.

Assim é que, dando inicio a este promissor surto de realizações, começa a despontar em Belo Horizonte um novo e maravilhoso bairro residencial, dotado de todas as características capazes de torná-lo, muito breve, o mais aristocrático recanto da cidade. Trata-se da área antigamente destinada à edificação da Cidade Universitária que, por ponderáveis razões de ordem técnica,

foi transferida para outro recanto da Capital. Os terrenos em aprêço, totalizando uma área de mais de 400 mil metros quadrados, acham-se situados no melhor ponto residencial de Belo Horizonte, entre os bairros de Lourdes e Santo Agostinho, num admirável chapadão que se estende em plano muito superior ao centro da cidade, permitindo, deste modo, descontinar-se um admirável panorama, com todas as magníficas perspectivas concedidas pela nossa privilegiada natureza.

De uma visita feita àquele recanto da Capital, a nossa re-

portagem pôde notar interessantes aspectos que demonstram a febril atividade em que se desenvolvem ali os trabalhos de abertura de novas ruas, rapidamente niveladas pelo esforço do operário mineiro, enquanto simultaneamente, lindos e moderníssimos palacetes, dotados de todo o conforto, despontam aqui e acolá, onde ainda há pouco se viam apenas sórdidas cafúas que como por milagre desapareceram da paisagem para dar lugar a um dos mais aristocráticos bairros da nossa Capital e iniciar, valentemente, a solução do nosso problema de habitação.

A LOCALIZAÇÃO DO NOVO BAIRRO

A área utilizável para a construção de prédios, como já dissemos, é de mais de 400 mil metros quadrados. Estende-se da Rua Santa Catarina à Avenida Amazonas. E' limitada ao sul pela Rua Bernardo Guimarães e, ao norte, pela Avenida Contorno. Todo o terreno é de fácil construção e nêle se erguerão mais de 600 prédios. O número de edificações poderia ser bem maior, mas o lotamento dos terrenos obedeceu a um exigente plano de urbanismo e de estética, cabendo a cada lote uma ampla frente de pelo menos 15 metros.

Já foram vendidos até agora 120 lotes, nos quais se erguem edificações exemplares pelo bom gosto e solidez. Jamais em Belo Horizonte se construiram em tão grande número casas tão boas e de tão agradável aspecto.

A VALORIZAÇÃO DOS IMÓVEIS

A valorização dos imóveis, por sua vez, constitui outro atrativo para o emprêgo de capital na referida área. São permanentes as tentadoras perspectivas para os que desejam fazer uma aplicação rendosa e segura de capital. Os preços

desses terrenos que nas hastas públicas iniciais alcançavam cifras variáveis entre 40 e 50 mil cruzeiros, vem atingindo, agora, facilmente, 130-e 140 mil cruzeiros.

Isso, aliás, não é de causar admiração, se se levar em consideração, por exemplo, que, em bairros relativamente secundários da Capital da República, como sejam o Jardim Botânico, Grajaú, Muda e outros, lotes de 300 metros quadrados são vendidos a 280 mil cruzeiros. E' assim certo que, na melhor e

principal zona residencial de Belo Horizonte, terrenos de 450, 672 e 900 metros quadrados, atingirão em breve futuro preço real e seguro superior a 200 mil cruzeiros.

Pela exposição feita, pode-se concluir que grandes perspectivas estão abertas ao desenvolvimento da nossa Capital, com a urbanização, que se processa rapidamente, da área da Universidade, situada entre os dois mais modernos e elegantes bairros da cidade.



Na Rua Santa Catarina, em pleno Bairro de Lourdes, começam os terrenos da antiga área da Universidade, que agora estão sendo vendidos em hasta pública pela Prefeitura. Na área que ai começa e que se estende até a Avenida Amazonas, em pleno Bairro de Santo Agostinho, poderão ser construídas mais de 600 residências, servidas por rápidos e abundantes meios de transportes. As fotos mostram alguns dos belos palacetes já construídos ali, notando-se ainda um bonde da linha Lourdes que serve a toda extensão da área, no lado desse bairro.

Grafologia

Dirção de FEBO

★ ESCRITAS LITERÁRIAS ★

As escritas literárias, de um modo geral, se assemelham. Nelas, predominam as curvas. Comumente não são muito altas. Ora cerradas, ora pastosas, algumas vezes aéreas, mas nunca, filiformes ou leves. Harmoniosamente separadas, são as grafias literárias dotadas dos sinais da memória, da intuição e da ponderação cerebral. O aspecto é regular e ordenado. A ausência da acentuação é frequente. A observação precisa da pontuação é comum. Sem ser mediocre, é sempre bela a escrita literária. Raramente angulosa, é desigual na altura, entre os impulsivos. Sua principal característica é a clareza.

O d minúsculo é sempre ligado à letra seguinte. Esse tipo de grafia dá-nos o romancista, o historiador e o filósofo.

Se a escrita se nos apresenta mais deitada e mais longa, e as hastes inferiores se prolongam, até tocarem a linha inferior, temos os escritores imaginativos; os narradores de viagens, os criadores de contos fantásticos e impossíveis.

O traço comum da escrita literária é o parágrafo vertical. Isso não quer dizer que só a ausência do parágrafo, venha tornar não literária uma determinada grafia. A escrita muito baixa, redonda, cheia, irregular, com maiúsculas de aspecto matemático e parágrafo vertical pesado, dá-nos o compositor musical. Mais longa, deitada, com letras fusiformes, apresenta-nos o musicista executante. Todos esses sinais podem, porém, ser anulados ou reforçados, pela presença de outros, mais ou menos numerosos e característicos.

* * *

★ CORRESPONDÊNCIA ★

DIDI — Capital — Hipersensibilidade, nervosismo, pouco amor à verdade. Traços de temosia, irritabilidade, fantasia, emotividade e pouco equilíbrio nervoso. Temperamento contraditório capricho e falta de senso prático. Gostos vulgares.

VIOLETA — Pratápolis — Minas — Desconfiança, dissimulação, graça, alegria de viver. Intelligência normal, inquietação, e necessidade de movimento. Vontade desigual. Espírito ainda em formação sujeito a modificações. Bondade natural.

MARLITT — Sete Lagos — Minas — Espírito de ordem e método, equilíbrio nervoso, sentimentalidade normal, devoção, afetão e sentimento do lar. Religiosidade, algum desânimo e, às vezes, agressividade. Bon inteligência e cultura geral não especializada.

CAMELIA — Pratápolis — Minas — Letra de pessoa dotada de coração generoso e sentimentos nobres e altruistas. Grande capacidade afetiva, lealdade e sinceridade nas amizades. Gostos finos e poéticos, amor da música e das viagens.

MARJA — Nepomuceno — Minas — Doçura, sensibilidade, afetuosidade bondade. Ausência de egoísmo, reserva e devotamentos refletidos. Modéstia e sensibilidade. Franqueza e lealdade. Predominância dos sentimentos morais. Vontade forte e firme e conciliadora. Atenção e prudência.

RHODES ORDALIA — Itapeva — São Paulo — Instintos parcimoniosos,

simplicidade, apatia, inquietação, e alguma desconfiança. Caráter empreendedor. Temperamento impressionável e apaixonado. Atividade e trabalho conscientioso. Dissimulação, reserva e desconfiança.

LENINE — Conselheiro Lafaiete — Minas — Traços de temosia e amor à controvérsia e à discussão. Bondade natural, generosidade e prodigalidade nos gastos. Expansividade, afetuosidade, atividade e superficialidade. Alguma irreflexão, curiosidade e graça de espírito.

MENINA DOS MEUS OLHOS — Capital — Letra de enormes dimensões, reveladora de orgulho, valdade e gostos aristocráticos. Amor do conforto, do luxo e da vida faustosa. Sob ponto de vista moral revela a escrita em estudo, franqueza, lealdade e nobreza de sentimentos. Intelligência larga e alta. Personalidade nitidamente acentuada.

MAC — São Paulo — Queira renovar a consulta, enviando a verdadeira assinatura e o coupon que dá direito à resposta.

CONDESSA TRES ESTRELINHAS — Cataguases — Minas — Boa inteligência, vontade energica, alguma temosia. Equilíbrio nervoso, sentimentalidade normal. Capacidade de trabalho. Senso da música. Afeição e sentimento do lar.

XISTO-EXILIO — Brumadinho — Minas — Uma inteligência tão viva, merecia uma cultura mais apurada. O gosto literário é sensível, na grafia em estudo. Há traços de imaginação, algum materialismo ironia. A observação é boa. Sinais de habilidade manual e senso da forma. Seria bom escultor. Vontade energica.

ESTRELA D'ALVA — Capital — Sentimentalismo, ciúme e alguma temosia. Traços de desconfiança, hesitação e materialismo. Vontade desigual, valdade e excessivo amor próprio. Grande coração, emotividade e bons sentimentos.

APAIXONADA — Anápolis — Goiás — Grande sensibilidade, capacidade de observação, graça e senso crítico. Amor da discussão, expansividade e, às vezes, agressividade. Sentimento do ritmo, capacidade criadora, especialmente no terreno da música. Espírito de ordem e método. Gostos finos. Um pouco de preguiça.

FEBE — Goiás — Ótima inteligência, boa cultura, alguma pressa. Crises de tristeza, desânimo e melancolia. Lógica, raciocínio e espontaneidade. Equilíbrio harmonioso do cérebro e do coração. Senso prático e tino administrativo. Com prazer, atende-la-ei.

DESPREZADA — Carangola — Minas — Fantasia desregulada, alguma tristeza, cansaço e vaidade pessoal intensa. Orgulho, amor próprio e hesitação. Intelligência normal, vivacidade e graça. Emotividade, nervosismo e hipersensibilidade.

SAUDADE — Capital — Letra de direção excessivamente descendente, reveladora de depressão, cansaço físico ou mental, desencorajamento, timidez. É pessoa que vê obstáculos em quase tudo e não tem a necessária força para vencê-los. Imaginação, fantasia e gostos comuns.

X — Araxá — Minas — Impulsividade, nervosismo, agitação e materialismo. Egoísmo, impaciência e falta de controle emocional. Pouco amor à verdade. Imaginação exaltada e necessidade de movimento.

ESPERANCA — Cuiabá — Mato Grosso — Como são raras, no meu consultório, as letras do tipo da sua! No seu conjunto harmonioso, equilibrado e perfeito, tudo sob ponto de vista grafológico, entusiasma e encanta. Se não fosse o receio de torná-la excessivamente vaidosa, diria-lhe que, até hoje, foi a grafia mais interessante que me veio parar às mãos. O conjunto dos seus traços gráficos revela imaginação fecunda, raro talento intelectual, linguagem clara e sentenciosa, operando por imagens breves e nítidas. Originalidade nas idéias, notável senso artístico, pronunciado senso da forma.

FEBO - SECÇÃO GRAFOLOGICA

Junto a esta maia de 20 linhas, a tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOOME

PSEUDÔNIMO

CIDADE

ESTADO

Firmeza, energia e independência de caráter. Gostos poéticos. Posso, sim, atendê-la no que deseja. Escreva, tratando do assunto, e mandando os necessários dados, para "Caixa de Segredos", aos cuidados de Consuelo San Martin.

MALVA — Pratápolis — Minas — Vaidade, gostos vulgares, instintos parcimoniosos, falta de distinção, apatia e inquietação. Emotividade, nervosismo, rotina e falta de originalidade.

ROSE-MARIE — Capital — Letra de pessoa impulsiva, impaciente, nervosa, autoritária e, às vezes despotica. Traços de muita desconfiança, egoísmo e amor próprio. Crises de desânimo, melancolia e ciúme excessivo. Boa inteligência, pouca cultura, porém. Gênio forte e pouco controle emocional. Grande vivacidade, vontade frágil, mas aparentemente obstinada.

IBITURUNA — Governador Valadares — Minas — Habilidade prática, caráter ardente, combativo e complacente consigo mesmo. Atenção fugida. Espírito vingativo, exclusivista e ciumento. Encolleriza-se facilmente mas depressa se acalma. Enthusiasmo, imaginação e obstinação. Natureza refratária às idéias novas.

SAUDADE — Três Pontas — Minas — Elegância e sobriedade. Ponderação. Sentimentos poéticos, clareza, gostos artísticos. Sensibilidade apurada, sempre com receio de molestar alguém. Vontade bem orientada, sentimentalidade normal, reflexão, vivacidade e capacidade afetiva.

GENI — Sete Lagoas — Minas — Desânimo, melancolia, alguma preguiça. Grafia ainda muito sem personalidade, própria das crianças e dos espíritos em formação. Traços de autoritarismo, desconfiança e desatenção. Gostos vulgares.

*

PRESENÇA DE ESPIRITO

Durante uma série de manobras realizadas no campo McArthur, no Estado de Nova Iorque, um paraque-dista que se lançara do avião verificou que o paraquedas não abria e teve a presença de espírito de se agarrar ao de um dos companheiros que o haviam precedido. Chegaram os dois sãos e salvos em terra firme. Segundos antes de tocar o solo, o paraque-dista abriu-se normalmente.

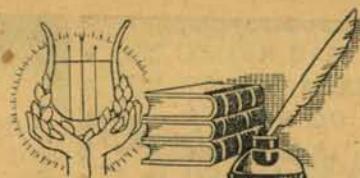
*

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobreveem a prisão de ventre. Você se sente abatido e come que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



A MORTE DA POESIA

ANDAM as modernas Cassandas da arte e da beleza preocupadas com o destino da poesia. Acham os profetas fáceis desta gloriosa idade do mundo que a vida se materializou, de tal maneira, que não há mais lugar, entre os homens de ação, para as almas puras dos poetas.

Não é verdade. Há um erro de observação muito grave nisto tudo. O que ocorre é uma crise de valores, pela simples razão de serem os motivos da poesia tão altos, que só grandes poetas poderiam penetrar-lhes o sentido.

Não foi a poesia que deixou de existir, mas foi a linhagem maravilhosa de seus intérpretes, que se interrompeu, comprometendo as harmonias da inspiração. Em vez de poetas, poetastros.

Por que essa crise? A culpa no Brasil cabe aos imitadores do futurismo — ou que outro nome tenha — alienígena, dos detestáveis modelos super-realistas, dos mal-aventurados desengonços dum anti-arte poética. Cabe à sôe de escândalos do cabotinismo literário.

E' preciso que os críticos nacionais rompam de vez com os compromissos da amizade e do reconhecimento por favores de ordem particular, para que possam colocar acima dêles a defesa da Literatura e da Arte, como se escrevia nos tempos dos Sílvios Romeros. Essa feira de mostrengos que, por complacência, certos espíritos consagrados cometem o crime de elogiar, já passou de época.

Reingressamos na vida normal. Tudo caminha no sentido da nossa civilização. A balbúrdia ocasionada pela guerra já diminuiu. Precisamos reagir, com sentimento brasileiro, contra os imitadores ante-nacionalistas, de que os poetastros são a vanguarda mediocre e pretenciosa. Não, a poesia não morreu, nem poderá morrer nunca. Basta que exista um homem e, diante dêle, um trecho da natureza. O resto virá do toque das antenas invisíveis, do mundo interior, da vida misteriosa e profunda da alma. Nunca, pois, a poesia andou mais inspiradora e fecunda. Está em toda parte. No fundo de todas as coisas.

Banco do Brasil S.A.

O maior estabelecimento de crédito do País
Matriz no RIO DE JANEIRO

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do Brasil e correspondentes em todos os países do mundo.

DEPÓSITOS COM JUROS (sem limite) a. a. . . . 2 %

Depósito inicial mínimo, Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquele quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPÓSITOS POPULARES (Límite de Cr \$10.000,00)

a. a. . . . 4 %

DEPÓSITOS LIMITADOS (Límite de Cr 50.000,00)

a. a. . . . 3 %

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO:

Por 6 meses a. a. . . . 4 %

Por 12 meses a. a. . . . 5 %

DEPÓSITO COM RETIRADA MENSAL, DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:

Por 6 meses a. a. . . . 3 1/2 %

Por 12 meses a. a. . . . 4 1/2 %

DEPÓSITO DE AVISO PREVIO:

Para retirada mediante aviso prévio:

De 30 dias a. a. . . . 3 1/2 %

De 60 dias a. a. . . . 4 %

De 90 dias a. a. . . . 4 1/2 %

Depósito mínimo inicial — Cr \$1.000,00.

LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condições identicas as do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de câmbio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc., e presta assistência financeira direta à agricultura, pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- a) — custeio de entre-safra; aquisição de sementes;
- b) — aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- c) — custeio de criação;
- d) — aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- e) — aquisição de matérias primas;
- f) — reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- g) — reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do País e aproveitamento de seus recursos naturais, ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte - RUA ESPÍRITO SANTO

**"Entre nós está tudo acabado..."
POR QUE?**



LIVRA-AS DOS RESÍDUOS DOS ALIMENTOS E DAS BACTÉRIAS QUE SÃO A MAIOR CAUSA DO MÁU HALITO, DOS DENTES EMBABAÇADOS E AMARELOS, DAS GENGIVAS MOLES E DAS CÁRIES DOLOROSAS. POR ISSO É QUE COLGATE LIMPA REALMENTE OS DENTES, EMBELEZA, CONSERVA AS GENGIVAS FIRMES E SADIAS E O HÁLITO PERFUMADO. COMECE A USAR COLGATE HOJE MESMO!



DEPOIS — GRACAS A COLGATE



Muito se tem falado ultimamente sobre as vitaminas, que já há alguns anos, estão na ordem do dia. Sabe-se que a moléstia que atacava os tripulantes das embarcações que permaneciam longo tempo no mar era consequência da falta de vitamina C. na alimentação. Um fato interessante deu-se na primeira guerra mundial, com uma belonave alemã. Aportando em Newport, em 1915, o navio germânico encontrava-se em condições lamentáveis. Quase a totalidade da tripulação adoecera, sem que o médico pudesse descobrir a origem do mal que atacava os seus pacientes; os feridos permaneciam na enfermaria, sem que os ferimentos cicatrizassem. Divulgada a existência dessa estranha enfermidade, os cientistas locais não se fizeram esperar. A bordo do navio de guerra ninguém pôr descobria a origem do mal. Conta-nos E. Fázeckas, no seu livro "O Romance das Vitaminas" — "Az új Eletelixir Tortenete" — que foi um modesto técnico de alimentação, Alfred W. Cann quem resolveu o problema que parecia insolúvel. McCann sabia que os marinheiros não haviam sofrido priva-

★ VITAMINAS ★



ções: a despensa, à custa da pilhagem — muitas tinham sido as presas do corsário — estava sobrecarregada de presuntos, de doces, de conservas. Faltavam porém alimentos frescos. Atendendo à sugestão de McCann, os médicos submeteram os enfermos a uma dieta quase exclusiva de legumes e frutas frescas, leite e sopa de farelo — como se sabe, o farelo é a parte de maior valor nutritivo do trigo. Dias depois a tripulação restabelecer-se e o navio deixou o porto sem um único enfermo a bordo. Apresentara-se aos cientistas o problema de homens que morriam à fome no meio da maior fartura. Realmente, os alimentos excessivamente cozidos, temperados, ou conservados, perdem grande parte do seu valor nutritivo. Os nossos antepassados desconheciam muitas enfermidades que surgiram com a civilização. Isso porque, embora não congessem de certo as vitaminas e as qualidades dos alimentos, deixavam-se guiar pelo instinto que era então muito mais aguçado no homem. Alimentavam-se de frutas frescas, de raízes, até mesmo de folhas que continham essa substância misteriosa que sómente há poucos anos foi descoberta.

passados desconheciam muitas enfermidades que surgiram com a civilização. Isso porque, embora não congessem de certo as vitaminas e as qualidades dos alimentos, deixavam-se guiar pelo instinto que era então muito mais aguçado no homem. Alimentavam-se de frutas frescas, de raízes, até mesmo de folhas que continham essa substância misteriosa que sómente há poucos anos foi descoberta.

UM novo inseticida está sendo usado em grandes quantidades pelas forças armadas norte-americanas e já evidenciou a sua eficiência.

Trata-se dum líquido quase inodoro, que pode ser vaporizado sobre a roupa ou diretamente na pele,

★ NOVO INSETICIDA ★

No primeiro caso, o seu efeito se faz sentir durante cerca de cinco dias, afastando pulgas, moscas, mosquitos e outros insetos. Aplicado na pele, persiste de uma a seis horas. Este inseticida, denominado "dimethyl phthalate", obtido de um produto empregado na fabricação da resina sintética.

LIVROS NOVOS

(CONCLUSÃO)

parte das memórias de Graciliano Ramos, e é a história de uma criança inquieta, melancólica e pouco feliz. O autor é um dos escritores brasileiros que mais valorizam a forma, exprimindo-se num estilo simples, teso e artístico. "Infância" pertence à coleção "Memórias, Diários e Confissões", e merece ser lido.

CARTILHA DAS MÃES — Dr. Martinho da Rocha — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

A higiene infantil já não pode ser observada hoje com o empirismo de outrora. A medicina moderna tem dispensado grande atenção à criança, considerando a importância que tem no futuro esses primeiros anos de vida. Nesse livro, o autor aborda o assunto com conhecimento e realza uma obra utilíssima, indispensável a todas as mães.

CAMINHOS NA SOMBRA — José Conde — Livraria José Olímpio — Rio.

Reunindo duas novelas verdadeiramente emocionantes, pungentes e humanas, esse livro nos revela um autêntico novelista de estilo admirável e força emocional.

O livro está ottimamente apresentado e com ilustração no texto e na capa de Santa Rosa.

POR CLAREIRAS ONDE ME AQUECI — Honório Guimarães — Belo Horizonte.

Eis um livro em que o autor recompõe a sua vida através das vicissi-

situdes e dos êxitos e num estilo simples mas agradável. São quase duzentas páginas em que os fatos se sucedem constituindo a auto-biografia do sr. Honório Guimarães.

ÁRVORE DA MONTANHA — João Cunha Andrade — Flama — São Paulo.

Poeta modernista, o autor não fugiu de todo às linhas clássicas, e seus trabalhos revelam força criadora e a eterna inquietação da forma. Bons versos, cujo tom humano prende e empolga.

SENHOR RECRUTA! — Marion Hargrove — Editora Vecchi — Rio.

ESSE engracadíssimo romance, que o cinema popularizou, encerra passagens deliciosas da vida de um recruta que o destino torna herói. Excelente, desopilante. Boa apresentação gráfica.

O DELEGADO EM APUROS — Erie Stanlei Gardner — Editora Vecchi — Rio.

VIBRANTE romance policial através de cujo enredo desfilam estranhas emoções em torno de um caso misterioso, criado pela argúcia do autor, o mais apreciado escritor de romances policiais dos Estados Unidos.

CAROLINA BONAPARTE — Marcel Dupont — Editora Vecchi.

ESSA biografia tem o encanto, o interesse e a amenidade de um romance de amor e de intriga, com a vantagem de ser vigorosa verdade histórica, por mais estranha que pareça. Magnífica obra editada num elegante volume,

VIDA DE SCHOPENHAUER — Karl Weissmann — Livraria Cultura Brasileira — Belo Horizonte.

Biografia fiel, não romancizada, em que vida e doutrina, ação e pensamento se fundem num todo harmônioso, constituindo uma obra que se recomenda pela documentação profusa e o estilo admirável. Faltava em nosso patrimônio literário uma obra como esta sobre a poderosa personalidade que entrou para a história da inteligência humana, com o nome de Artur Schopenhauer.

Alia ao valor literário e biográfico, o apoio da apresentação gráfica característica das obras dessa grande editora montanhesa.

HISTÓRIAS DE PRACINHA — Joel Silveira — Edições "Leitura"

Neste segundo volume da excelente coleção "Reportagens e Correspondência", a editora Leitura reúne todas as reportagens e crônicas que Joel Silveira escreveu durante os 8 meses em que esteve junto à Fôrça Expedicionária Brasileira, na Itália, como correspondente de guerra, inclusive muitos trabalhos do grande repórter brasileiro que não puderam ser então publicados, quer pela rigorosa censura que reinava no país, quer por motivo da censura militar aliada.

SANTA — Frederico Gamboa — Editora Vecchi — Rio.

Romance famoso, já consagrado por um filme notável, que se manteve vários meses num cinema da Cine-lândia, do Rio, está vertido para o nosso idioma por Mira Fabion e apresentado numa luxuosa edição com belíssima capa de Ramón España. Belo romance.

REGULADOR XAVIER N. 1-:

Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: -- Dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

REGULADOR XAVIER N. 2-:

Falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: -- Anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiencia ovariana, etc.

O Regulador Xavier é o remedio de confiança da mulher

FESTA DE ARTE E DISTINÇÃO SOCIAL



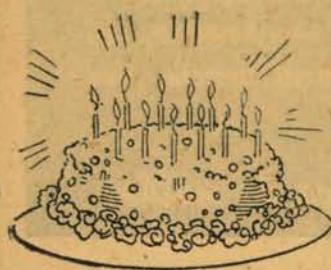
AS FESTIVIDADES QUE ASSINALARAM O 12.^º ANIVERSÁRIO DA MENINA HAIDÉ ROCHA CINTRA — UM ACONTECIMENTO SOCIAL A REUNIÃO NOS SALÕES DO MAJESTIC HOTEL, COM A PRESENÇA DO PREFEITO JUSCELINO KUBITSCHEK.

* * *

REVESTIU-SE das características de um notável acontecimento social, as festividades que assinalaram o 12.^º aniversário da menina Haidé, filha do casal Francisco Augusto de Ulhôa Cintra e D. Maria Dornas da Cintra, de nossa sociedade.

O programa festivo foi dos mais brilhantes, reunindo em torno da estimada aniversariante, que esplendia de graça e elegância juvenil, elementos expressivos do nosso escólo social, inclusive o prefeito Juscelino Kubitschek, o dr. Emiliano de Castro, Delegado Regional do Trabalho, dr. Osvaldo Penido e outras expressivas figuras da nossa sociedade, e grande número de famílias de alta distinção.

(Conclui na pag. 131)



*Quando o senhor deixar de existir,
QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS?*

*Educação dos filhos ... Cr\$...
Manutenção da família ... " "
Aluguel da casa ... " "
Assistência médica ... " "
Hipoteca ... " "
Impostos de transmissão ... "
Despesas eventuais ... "*



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida "PREVIDÊNCIA DO SUL"

PÔRTO ALEGRE

Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE

R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO

Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO

J. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR

Chile 25/27, 4.º

CURITIBA

15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE

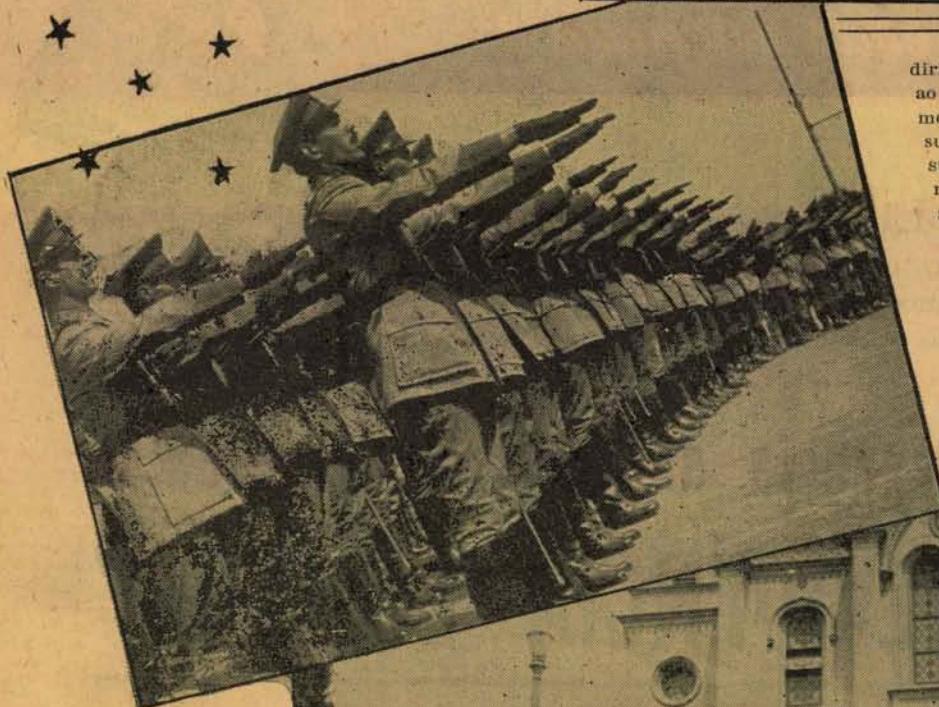
10 de Nov.º, 147, 4.º

A "PREVIDÊNCIA DO SUL" JA' PAGOU A SEGURADOS E BENEFICIÁRIOS MAIS DE 70 MILHÕES DE CRUZEIROS E A SUA CARTEIRA DE SEGUROS DE VIDA EM VIGOR SOBE A MAIS DE 600 MILHÕES.

Expressiva festa CIVICO-MILITAR

GRANDE MULTIDÃO PRESENCIOU AS CERIMÔNIAS — O BRIGADEIRO EDUARDO GOMES PARANINFO DA TURMA.

CONSTITUIU acontecimento de grande significação cívico-militar a cerimônia da declaração de mais uma turma de aspirantes da Reserva, pelo C.P.O.R. de Belo Horizonte, realizada a 15 de setembro último, com a presença do brigadeiro Eduardo Gomes, que foi escolhido paraninfo pelos jovens militares da conceituada entidade.



Iniciou-se a cerimônia com a leitura do boletim diário daquele educandário, feita pelo capitão Edmundo Rego Montedonio, sucedendo-se o juramento e o desfile dos aspirantes em continência ao pavilhão nacional, discursando depois o gal. Tristão de Alencar Araripe que

dirigiu vibrante saudação ao brigadeiro Eduardo Gomes, ressaltando fatos de sua carreira militar e a sua decisiva cooperação no Exército Brasileiro, sendo sua oração aplaudidíssima pela enorme multidão que se comprimia na Praça Raul Soares. A seguir faleceu o orador da turma, aspirante Hélio Pelegrino que, focalizando a personali-

(Conclui na pag. 124)





Diariamente, fazendo exibir dois "shows", às 10 horas e à Meia Noite e Meia, Pampulha está apresentando, entre outros, na presente temporada:

- ★ Roti And Morand, famosos bailarinos cômicos americanos;
- ★ Trio Mesquitinha, o nosso maior conjunto humorístico;
- ★ Marieta Fuchs, notável soprano lírico;

*

COMEMORE O SEU ANIVERSÁRIO
NA PAMPULHA!

Pampulha





NO MUNDO DOS ENIGMAS

• Direção de POLIDORO •

TORNEIO DE OUTUBRO DE 1945

Léxicos adotados: Silva Bastos; Simões da Fonseca, antigo; Seguier; Fonseca e Roquette, os dois volumes; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Monossilábico, de Japiassu; Brevíario e Provérbios, de M. Lanza. Foi retirado da lista o Chompré, raramente utilizado pelos srs. compositores de problemas charadísticos.

Prêmio: uma obra literária, para o primeiro colocado e uma outra para o que conseguir mais de metade das soluções.

* * *

MESOCLÍTICA N.^o 1

HISTÓRIA

Da vida querida, vivida sem dor, amena, serena, de amor.
PRESENTE — 2 na mente de um ente que quis, descnça, criança, lembrança feliz...

Um sonho risonho, suponho rever, docuras, e juras, ternuras, prazer... Passeios, anseios, receios sem par, cismares, cantares, penares, PESAR... — 1

Miragens, imagens, mensagens, PRIMOR, desejos, e beijos, e pejos, temor... Nobreza, franqueza, tristeza, sem fim, ardência prudência, carência de um sim...

Da vida querida, vivida sem dor, amena, serena, tão plena de amor, presente na mente de um ente que quis, descnça, criança, lembrança feliz.

JOTA — B. S. — Capital

LOGOGRIFO N.^o 2 e 3

(Para o Valério Vasco)

Esta "mulher" filistéia — 2-3-8-1-7. Que a seu povo entregou Sansão. Parece "só" ter uma idéia: — 4-10-2. "Afrontar" o Sabidão! — 7, 6, 6, 10, 4, 5, 9, 6.

Mas não é, não, "seu" Valério... Tudo é pura brincadeira, Nem isto é mais mistério, Nem estou dizendo asneira.

Agora, quem é o "tal", — 1, 4, 5, 10.

Se quer SABER, encaminhe

Uma festa verdadeira — 5, 6, 4, 1.

Ou faça como eu: Adivinhe!

FILISTÉIA — Inhaúma

(Para o meu amigo Polidoro)

Veja lá, meu caro amigo, — 3, 6, 7.

Se consegue um feriado, — 4, 5, 5, 2, 3, 4.

E venha passar comigo,

Neste alegre povoado,

Uns dias p'ra descansar.

Na noite de São João

Vai haver uma fogueira, — 1, 7, 3, 6.

Batata assada e balão...

Uma festa verdadeira — 5, 6, 4, 1.

E muita gente, a brincar

A fogueira vai pular.

PANAÇA — Presidente Vargas

ENIGMAS N.^o 4 a 9

(Ao Panaça, agradecendo)

Bem "perto", no coração,

O "homem" guarda com fé,

Uma profunda paixão

Que sempre lhe move o PÉ.

JAM' — B. S. — Capital

(Para o Alvaro de Assis Pinto, agradecendo)

"Certo molusco" do mar

Eu pude ver em meu sonho:

Tinha uma "letra" sem par

Cujo EFEITO foi medonho.

JAIRO — B. S. — Capital

A "mulher" do Sebastião,

Quando quer algum dinheiro

Só quer "nota" de cruzeiro:

Se o marido diz que não,

Toma à força p'ra mostrar

Sua FÔRÇA MUSCULAR.

JAMIL — B. S. — Capital

(Para Lício, com seu "engenho" matar num minuto)

Se na "mulher" que abominas

Colocas, por brincadeira,

Duas vogais pequeninas,

Vê-la-ás na BEBEDEIRA.

ZIGOMAR — B. B. — Capital

(Para o Valério Vasco e Merlim)

No "cálculo" que fiz,

Com muita "agudeza",

Fui muito feliz.

Comprado a dinheiro

O "CÁLICE" custou

Sómente um cruzeiro.

N. R. — Cálice das plantas.

PANAÇA — Presidente Vargas

(Recambiando ao Zigomar, para que este remeta ao

R. Kurban, pois não possuo aquário)

Na alma da "mulher" quero mostrar,

"espinho" e "letra" em "peixe do mar".

RAUL SILVA — Pará de Minas

CASAIS N.º 10 e 11

MULHER de DEFUNTO é viúva,
Companheira de garfo é colher;
Quem quiser viver sossegado
Não tenha sogra e nem mulher. 3.

JECA — B. S. — Capital

(A) Filistéia, em retribuição)

Quando passares p'la CENSURA,
Olha lá, toma cuidado!
Se não souberes a leitura,
Serás, por fim, REPROVADO.

JAMIL — B. S. — Capital

CHARADAS N.º 12 a 14

2-1 — Quem inventa dificuldade para si mesmo,
não tem motivo de queixa de ninguém.

JOSE' SOLHA IGLESIAS — Brumadinho

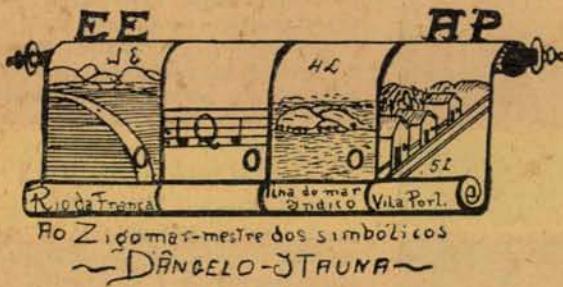
2-1 — Na igreja não é lugar,
De branco "peixe" se mercar.

RAUL SILVA — Pará de Minas

2-2 — Quem guarda rancor por qualquer bagatela,
merece repreensão severa.

JOSE' SOLHA IGLESIAS — Brumadinho

SIMBÓLICO N.º 15



CORRESPONDÊNCIA

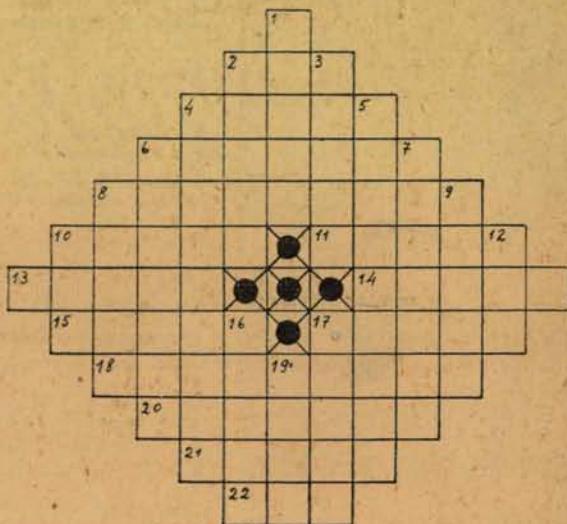
Sr. Manoel Fernandes — Jequitinhonha — As páginas de ALTEROSA estão à sua disposição, sendo necessário, porém, que os trabalhos venham acompanhados das respectivas soluções, para efeito de conferência.

Raul Petrocelli — São Paulo — O conceito do enigma n.º 5, de julho, é "manura", como se publicou e a solução se encontra apenas no Simões. Parece-me tratar-se de algum engano do dicionarista, pois nem o próprio Simões registra, no lugar competente, tal palavra. Veja a palavra "lombo". Agradeço a gentileza da comunicação de ter aceito o convite da "Ilustração de São Paulo" para dirigir a secção de charadas, com o título de "Es-finge".

Anaxagoras, Caçador Paulista, Julião Riminot, Paco, Raif Kurban, Raul Petrocelli, Pele Vermelha, Vico, Solha, Raul Silva e Valério Vasco. Recebidas as listas, inclusive as retificações.

O Torneio de novembro próximo vai ser organizado pelo "eixo" Pará de Minas, Inimutaba, Presidente Vargas, Brumadinho, onde pontificam Raul Silva, Valério Vasco, Vico, Panaça, Flora e José Solha Iglesias. Os prêmios serão oferecidos pelos mesmos distintos e prezados confrades. Este "eixo" não será derrotado, estamos certos disto, pois o seu "espírito vital" é a inteligência e o seu armamento é composto de livros e mais livros. E' um "eixo" inteiramente pacífico. Não se assustem os leitores desta secção.

★ PALAVRAS CRUZADAS ★



Altamira da Costa Barros — Facel-Maceió - AL-Brasil

ALTAMIRA DA COSTA BARROS — Maceió, Alagoas

Horizontais: 2 — Possessão da Inglaterra; 4 — Assento; 6 — Cinturão com pregaria; 8 — Que preserva do fumo; 10 — Rubra; 11 — Bolsa; 13 — Forma; 14 — Homém acanhado; 15 — Gritaria; 17 — Arvore da ilha de Cuba; 18 — Mostrava incôstância; 20 — Capotasto; 21 — Tronco principal que distribue o sangue a todas as partes do corpo; 22 — Tenho som forte e confuso.

Verticais: 1 — Gênero de labiadadas; 2 — Casquinha; 3 — Descante de homens e mulheres; 4 — Inútil; 5 — Arvore silvestre; 6 — Homem jactançoso; 7 — Discutia questão; 8 — Alcatruzes; 9 — Aldeia de índios, no Brasil; 10 — Comédia de Aristófanes; 12 — Sufixo designativo de "impulso"; 16 — Enorme; 17 — Apito; 19 — Citrato de prata.

SIMBÓLICO N.º 16



SIMBÓLICO A PRÊMIO

Para o simbólico de Junius que acima se vê, foi, pelo seu autor, instituído o prêmio constante de um exemplar do livro "Ecce-Homo", de Nietzsche, tradução de Lourival de Queiroz Henkel, que se encontra em nosso poder. As soluções deverão ser enviadas a Luis Serpa, rua Pitangui, 1.632, Floresta, nesta Capital. Prazo até 10 de dezembro próximo. Se houver vários concorrentes, far-se-á sorteo, pela forma de costume.

A ARMA SECRETA DA
MULHER FORMOSA

Michel

O BATON QUE OFERECE
MUITO MAIS QUE OUTROS

★ Para esse assalto aos corações — para esse valor que é confiança em si mesma e em seu próprio atrativo — Michel é a arma poderosa da mulher que o usa.

Além de lhe dar uma cor sedutora,

Michel conserva os lábios suaves e delicados — encantadores com sua beleza natural. E tendo uma base de consistência como de veludo, não oleosa, conserva-se nos lábios durante horas e horas, sem escorrer.

MICHEL COSMETICS, INC
NEW YORK

11 TONS SEDUTORES

MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CYCLAMEN
BRUNETTE • CAPUCINE

45-4-P

EXPRESSIVA FESTA...
(CONCLUSÃO)

dade militar do brigadeiro Eduardo Gomes, prestou também delicada homenagem à sra. general Araripe, madrinha da turma.

Sucedendo ao brilhante discurso do jovem orador, pronunciou o brigadeiro Eduardo Gomes incisiva e vibrante oração em que pôs em relevo o papel da mocidade na consolidação das demoeracias e salientou a importância da Reserva na garantia e segurança do país ante o perigo dos regimes fascistas. Evocou vultos mineiros que se eternizaram na história pátria e saudou os jovens aspirantes como "legítimos herdeiros das melhores tradições de cívismo do nosso povo".

Verdadeira consagração através vibrantes aplausos corou o discurso magnífico do paraninfo da turma.

Acompanhado dos generais Raimundo Sampaio e Tristão Alencar Araripe, respectivamente comandante da 4.^a Região Militar e da Infantaria Divisionária, e do major José Lopes Bragança, comandante do C.P. O.R., alcançou o brigadeiro Eduardo Gomes, com custo, em meio aos aplausos da multidão, o automóvel que o levou à Pampulha para o seu regresso ao Rio.

A BÊNÇAO DAS ESPADAS

No dia seguinte, realizou-se, pela manhã, na Igreja São José, a bênção das espadas dos novos aspirantes, transcorrendo a significativa cerimônia com grande brilhantismo.

A noite, realizou-se, no Automóvel Clube, o baile comemorativo, do qual damos expressiva fotografia noutro local.

★ HOTEL MARQUES ★
DE
EDGARD MARQUES SANTOS



FACHADA DO HOTEL MARQUES

RUA OLIVEIRA MAFRA, 223

CAIXA POSTAL, 12

TELEFONE 13

CAXAMBÚ
SUL DE MINAS

PRÓXIMO AO PARQUE
DAS AGUAS MINERAIS

JUSTA HOMENAGEM A EXPRESSIVA FIGURA DOS NOSSOS MEIOS ECONOMICOS

TEVE lugar em setembro último, constituindo acontecimento de destacado relêvo em nossos meios sociais, a justa homenagem que os retalhistas da Empresa Mineira de Carnes Ltda. prestaram ao dr. Afonso Pena Mascarenhas, por motivo de sua eleição para o cargo de diretor-gerente dessa grande organização da Capital.

Figura de relêvo em nossa sociedade e de larga projeção em nosso mundo econômico, o dr. Afonso Pena Mascarenhas, confirmando a antiga tradição que ilustra a sua família, uma das mais tradicionais na indústria mineira, vem se revelando um administrador de ampla visão, através de sua atuação na diretoria da empresa que vem de elegê-lo agora para aquele alto cargo. O ambiente de franca cordialidade ora reinante entre os retalhistas da Capital e a direção geral daquela grande empresa é, sem dúvida, um dos auspiciosos resultados de sua atuação para uma obra de entendimento de que adveio amplos benefícios não apenas para os interesses de todas as firmas em jogo, como ainda para o público consumidor de Belo Horizonte.

O banquete, que reuniu nada menos de 200 talheiros, teve lugar no Minas Tenis Clube, contando com a presença de altas autoridades como o prefeito Juscelino Kubitscheck, cel. Herculano Assunção, presidente da Cruz Vermelha; sr. Antônio Lobo, superintendente dos Entrepostos Belo Horizonte; dr. Faria Alvim, do Departamento Administrativo do Estado; dr. Cristiano Guimarães, presidente do Ban-



Flagrante tomado durante o banquete

co Comércio e Indústria de Minas; drs. Pedro Aleixo e Milton Campos, líderes da União Democrática Nacional; dr. Mário Meireles, chefe do Patrimônio Municipal; e outras destacadas figuras do nosso mundo econômico e social, e representantes do nossoas entidades de classe, além de numerosos jornalistas.

Saudaram o homenageado os srs. Maurílio de Oliveira, René Gomes de Lima, Pedro Aleixo, cel. Herculano Assunção e Teófilo Pires, falando por último o dr. Afonso Pena Mascarenhas, que pronunciou magnifica oração de agradecimento.

PANORAMA RADIOFÔNICO

(CONCLUSÃO)

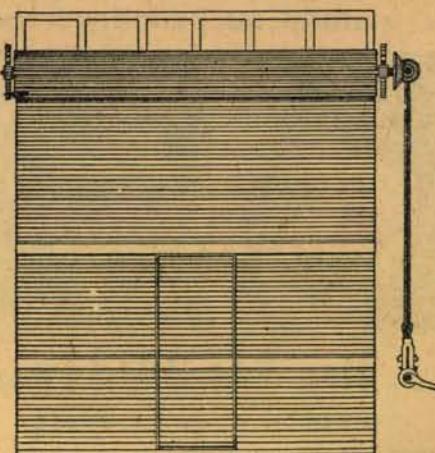
— QUAIS SERÃO SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES?

— Meu trabalho aqui tem sido angariar e preparar elementos para o rádio. Lancei há pouco tempo Vera Lúcia, cantora de canções populares e "Titulares do Ritmo", conjunto vocal considerado um dos melhores do país muito embora tivesse sido lançado há pouco tempo. Constituiu-se de alunos do Instituto "São Rafael", sendo, pois, todos os seus integrantes, cegos. Outra realização que pretendo levar avante com a colaboração de Almir Neves, Celso Brant, Edson B. Costa e Gesualdo Silva, consiste no reaparecimento de "O Microfone", que se apresentará em sua nova fase, com um programa completamente diferente, mais positivo e eficiente.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO Sobre o RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

— Sem dúvida o nosso rádio possui programas culturais de grande valor e aceitação. Existe de tudo. Verdadeira miscelânea. Compete ao ouvinte manifestar a sua impressão. Os programas só são bons quando agradaem a certos radioescutas. Uma vez não estando, do agrado do público a este compete virar o "dial," a procura de uma estação em que possa encontrar o programa que lhe agrade. É o caso da "Hora do Fazendeiro" de PRI-3, por muitos criticado em virtude de seu horário, pouco recomendável. Acontece, porém, não haver nenhuma hora mais própria para o fazendeiro ouvir a irradiação do referido programa. Nós, que vivemos na cidade, deixamos absorver por outras ocupações, esquecendo esses menores. E' somente o que tenho a dizer.

PORTAS DE AÇO



Esta gravura demonstra um tipo de porta de aço, ondulada, ou de grade com engrenagem e movida a manivela manual, fornecida e introduzida no Brasil, há mais de 20 anos, pela grande fábrica que representamos.

SOC. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.

AV. AFONSO PENA, 526 — 10º andar
Sala 1020 — Fone 2-3877 — Endereço
Telegráfico: IMPER — Belo Horizonte

PONTAS DE AÇO COMUM — PORTAS DE GRADES
PARA AÇOUQUES — CAIXILHOS

DESEN
1901

GIACOMO VENDE E PAGA SORTES GRANDES

BÁIA
856

A MÃE DOS BRASILEIROS

Para o bebê, uma aplicação refrescante do Talco Palmolive é a melhor das carícias! Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Use o Talco Palmolive e veja como a cutis fica mais macia, aveludada, e o seu corpo, suavemente perfumado!

TALCO PALMOLIVE



Imperatriz Maria Teresa

A MAIORIDADE de D. Pedro II, que o pai deixara pequenino sob a guarda de José Bonifácio e duma regência, foi proclamada a 22 de julho de 1840. Sua majestade começou, então a governar o imenso Império do Brasil. Fê-lo com acerto e grandeza de alma durante meio século. A 23 de julho, era coroado na Capela Imperial, solenemente.

No dia do primeiro aniversário de sua coroação, a 23 de julho de 1841, assinava-se seu contrato de casamento com uma princesa napolitana, filha do rei das duas Sicilias, Dona Teresa Cristina, mais velha do que ele três anos, a qual chegou ao Rio de Janeiro a bordo da fragata "Constituição" em 1843. "Desde que aquela virtuosa senhora pisou o solo brasileiro — escreve uma historiadora patrícia — só teve um fito: ser útil aos seus subditos, provando que a realeza se acha mais belamente compreendida quando o manto de soberana é bordado pelas lágrimas daqueles que lhe são inferiores". A bondade, a simplicidade, a abnegação da Imperatriz, seu amor pelo Brasil e pelo seu povo fizeram com que lhe fosse dado muito justamente o título de Mãe dos Brasileiros.

Nunca a altura em que se viu colocada a deslumbrou. Nunca esqueceu um só de seus deveres de soberana, de esposa e de mãe de família. Do seu bolso particular socorria os necessitados. Contra ela, no torvelinho das paixões políticas, nunca se ergueu uma voz desrespeitosa ou acusadora. A república exiliou-a de sua pátria adotiva, do convívio das pessoas que estimava, levando-a a morrer em terra estranha. Resignada e triste, jamais se lhe ouviu uma queixa cu uma palavrada de revolta.

Pouco tempo a doce velhinha durou longe do Brasil. A República foi proclamada a 15 de novembro de 1889; ela faleceu na cidade do Porto em janeiro de 1890.

Logo que o telégrafo anunciou a triste nova, grandes e pequenos, nobres e plebeus, choraram sentidas lágrimas por aquela que desprezava as tramas políticas, os enredos da corte, para fazer simplesmente pairar a sua soberania no grandioso papel da mulher que fêz do seu coração a sua espada de combate, como mãe, esposa, mártir, patriota e amiga.

Quando lhe fôr dito que a marca que a senhora deseja não há no mercado, não é de boa qualidade ou custa mais caro que um produto similar desconhecido, não se iluda: o seu fornecedor não deseja servi-la lealmente. O industrial que anuncia, comprova a sua confiança no produto que fabrica e merece a sua preferência.



Óleo PALMOLIVE
conserva o seu penteado



FEITO de óleos minerais super-refinados e importados dos Estados Unidos, o Óleo Palmolive é o único que resiste a todos os testes para manter o ondulado "permanente" dos cabelos. Porque é um óleo finíssimo, evita que os cabelos se ressequem. O Óleo Palmolive ajuda a conservar a saúde e o vigor dos cabelos. Suavemente perfumado.

AMACIA
E PERFUMA
OS CABELOS

**ÓLEO
PALMOLIVE**



9 carteiras de seguros

— defesa contra qualquer imprevisto !

Tendo, já pago mais de 200 milhões de cruzeiros em indenizações, a SATMA oferece-lhe a oportunidade de uma defesa eficiente contra os golpes da fatalidade. Examine as carteiras e os processos de trabalho da SATMA.

AS 9 CARTEIRAS DA SATMA:

*Acidentes do Trabalho • Acidentes Pessoais • Incêndio
• Transportes • Automóveis • Responsabilidade Civil •
Fidelidade e Fiança • Aeronáutico • Animais.*

SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMÉRICA DO SUL
RIO DE JANEIRO



L.A.T.

INDICADOR da Cidade

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS

Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS
DRS. JONAS BARCELLOS CORRÉA, JOSE' DO VALE FERREIRA,
RUBEM ROMEIRO PERÉT, MANOEL FRANÇA CAMPOS.
Escritório: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fone:
2-2919

DR. OSCAR MATOS

Moléstias internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sa-
la, 317 — Fone 2-1065 — Residên-
cia: Rua Outono, 287 — Fone 2-5639

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das mol-
estias do estomago, intestinos, fí-
gado, pancreas e vesícula biliar.
Consultório: Ed. Cruzeiro — Av.
Afonso Pena, 774 — 5.º andar —
Salas 504-506 — De 1 às 3.30.
Residência: Rua Guarani, 268 —
Fone: 2-6087.

RAIOS X

DR. JOSÉ LINS

RUA SÃO PAULO, 692

DR. J. ROBERTO DA CRUZ

Cirurgião-dentista

Tratamento das afecções buco-
dentárias e maxilo-faciais. Tumores,
quistos, granulomas, necroses
dos maxilares, estomatites, sinusites
e fistulas crônicas e recentes
de origem dentária, extrações, etc.
Fisioterapia.

Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6
horas — Ed. Rex — Salas 607 e
608 — Hora Marca: Tel. 2-7976
— Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

A HOMEOPATIA

EM
BELO HORIZONTE

Consultório e residência: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo
telefone: 2-3212

MADAME ROLAND

CONTINUAÇÃO

— Sempre foi assim — responde Mme. Roland, com dignidade e pronunciamento. E' porque eu também lhes quero bem...

Uma enorme e hostil multidão apiinha-se à porta de Mme. Roland. Ouvem-se gritos sediciosos e urros de maldição. E' a escumalha das ruas, excitada, ululante, turba ignara e cruel, que ainda ontem aclamava freneticamente os girondinos. E Mme. Roland, que fôra ainda há pouco gloriosa, festejada, poderosa, respeitada, — a estremecida alma da Gironda — ouve diante de sua porta os gritos:

— Morra! Morra! Para a guilhotina!...

DR. WILSON ATAB

Medico especialista — Cursos de Medicina Alópatica e Medicina Homeopática, pela Universidade do Rio de Janeiro — Do Serv. Clin. do Prof. Galhardo, do Rio — Membro do Inst. Hahnem do Brasil.

Sente-se por um instante enfraquecer, ferida que fôra pela ingratidão dos seus semelhantes, que a golpearam na sua sinceridade política e na sua alma sensível de mulher.

Foi encerrada na prisão. No seu cativeiro, ela tem livros, lê e escreve. E, embora possa às vezes julgar-se na tranquilidade de seu gabinete de trabalho, não deixa um instante de pensar no destino de seus amigos. Escreve cartas de despedida a seu marido e a sua filha, e, se tem alguns momentos de desfalecimento, logo seu espírito reage.

Um dia, recebeu a visita de sua amiga Henriette Cannet, que lhe propôs trocar de roupa e tomar o seu lugar na prisão. Era viúva, dizia, e sem filhos, podia sacrificar-se. Mme. Roland, comovidíssima, não aceitou o oferecimento, e a amiga não conseguiu demovê-la na dignidade de sua recusa.

gulu demovê-la na dignidade de sua recusa.

A 8 de novembro, Mme. Roland comparece ao Tribunal. A sessão foi rapidíssima. Na véspera, ela havia recusado os serviços de seu advogado, para que ele, também, defendendo-a, não fosse vítima do ódio dos inimigos dos girondinos. Não permitiram que Mme. Roland apresentasse sua defesa. Não consentiram sequer que ela lesse alguns argumentos que escrevera numa noite de vigília. Cobriram-na de perguntas incisivas, cuja resposta não era esperada. Interrumpiam-na sempre que ela tentava expor seu pensamento ou refutar uma acusação. Foi perturbada, humilhada. Exasperaram-na, para que ela perdesse a sua prodigiosa presença de espírito. Era evidente que desejavam impedi-la de falar, porque temiam o poder fascinante de sua palavra. E, como previra, Mme. Roland saía da Tribunal condenada à morte. Os revolucionários, senhores da situação, bêbedos de sangue, na sua tirania não possuíam outro recurso senão a guilhotina, dominados pelo medo que tinham uns dos outros.

*

Madrugada triste de bruma intensa. Céu cinzento. O vento glacial enregela as carnes. Por volta das quatro horas e meia, as carroças dos condenados, num cortejo sinistro, seguem para a Praça da Revolução. Na última delas, firme, serena, altaiva, ia uma mulher vestida de branco, bela ainda. Era Mme. Roland.

Ao companheiro de infortúnio, Lamarche, ex-diretor da fabricação do papel-moeda, inteiramente esmagado pelo desespero e pelo terror da morte horrível sob a lâmina da guilhotina, Mme. Roland tentou erguer-lhe o ânimo com palavras de exortação. E' geral o espanto, vendo-a portar-se com tanta coragem, tanta dignidade e firmeza. Na Praça da Revolução, ao subir ao cadafalso, defronta-se com a estátua da Liberdade, que então se erguia quase no lugar onde hoje se encontra o Obelisco, e exclama com voz vibrante, sem qualquer tremor, com aquela sua voz quente e sonora, que reverbera pela praça e cai como um anátema sobre a cabeça daquele povo bestial:

— Liberdade, como se tem zombado de ti! Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!

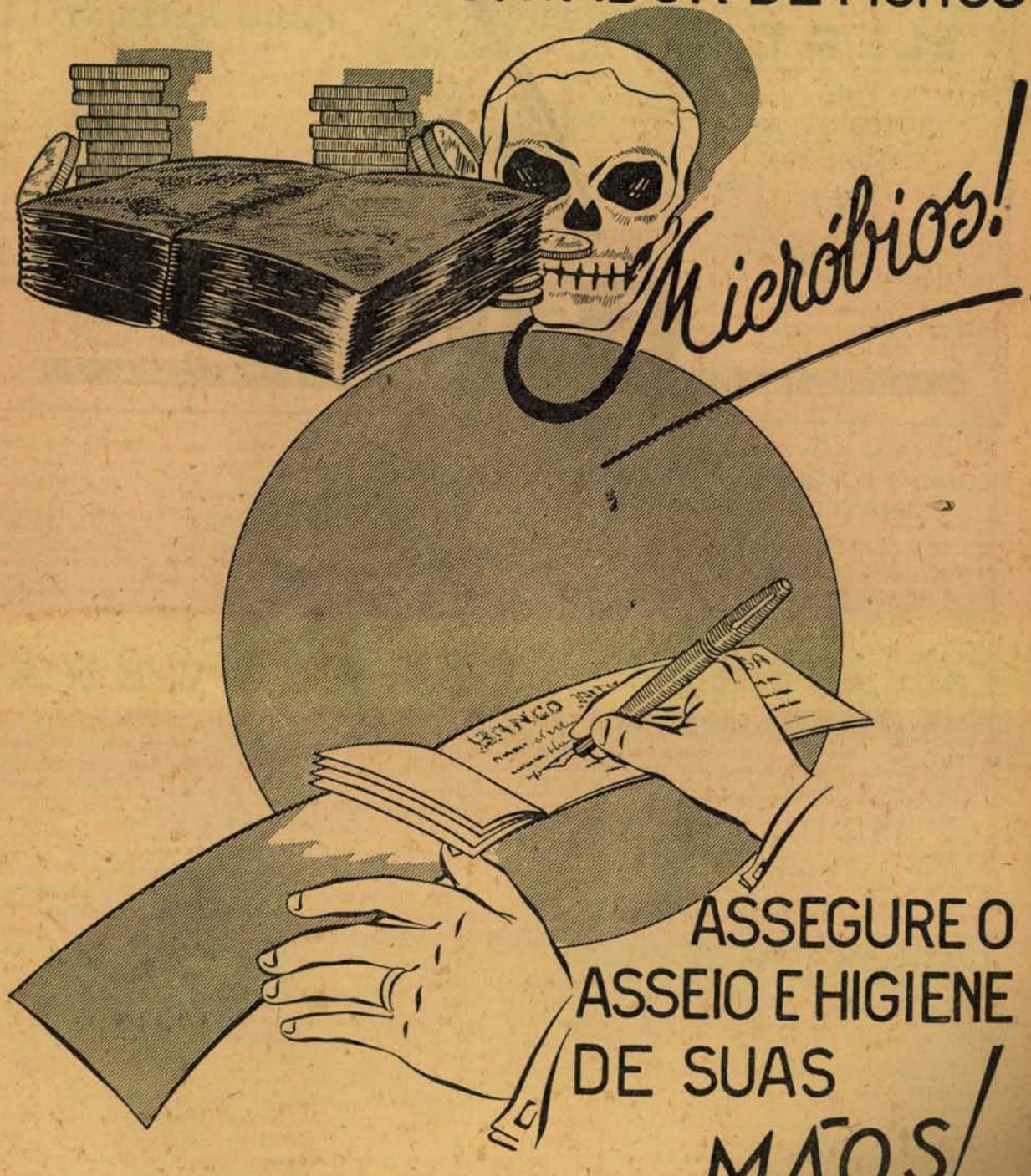
E, com a mesma firmeza, subiu os degraus do cadafalso.

Oito dias depois, em Bourg-Baudoin, pequena aldeia perto de Ruão, encontrava-se, numa vereda, um homem idoso, encostado numa árvore. Parecia adormecido mas estava morto. Tinha o peito perfurado por duas estocadas. Do bolso, tiraram-lhe um bilhete, do seguinte teor:

"Quem quer que sejas, tu me en-

(Conclui na pag. 134)

O DINHEIRO É PORTADOR DE MUITOS



PAGUE SEMPRE COM CHEQUE

ELSAT

Para
AUTOMOVEIS
CAMINHÕES
ÔNIBUS

ACUMULADORES
ELÉTRICOS
PARA TODOS OS FINS
PRODUTO



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

RADIO SATURNIA

Para radio e luz em
fazendas, sítios, etc.

Modes 6 volts

Alta Amperagem

TEMOS UM TIPO ESPECIAL DE

BATERIA PARA CADA FIM.

RUA CURITIBA, 631
TELEFONE - 2-7560
CAIXA POSTAL, 580

SEIMI

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

TELEGRAMAS "SEIMI"
BELO HORIZONTE
M GERAIS - BRASIL

COMO E PORQUE SE DEVE PRATICAR GINÁSTICA RESPIRATÓRIA

(CONCLUSÃO)

Não existe outro processo para combater essa insuficiência que a prática metódica da ginástica respiratória, da qual existem inúmeras classes, tipos e variedades distintas, que possuem idêntica finalidade: ativar a respieração.

São poucas, pouquíssimas, as mulheres que sabem respirar. E está comprovado que da totalidade de alvéolos pulmonares aptos para funcionar, sómente uma pequena parte entra em função na maioria das pessoas pela ridícula quantidade de ar que é inspirado e expirado em cada movimento respiratório. Desta maneira, conclui-se lógicamente que o sangue se oxigena mal. E como o oxigênio é o primeiro alimento, e respirar é viver, não se deve estranhar que a insuficiência respiratória seja a causa principal de uma infinitidão de males.

Toda pessoa — principalmente as mulheres — deve praticar a ginástica respiratória. Não é necessário fazer preparativos complicados. Basta postar-se num jardim ou de frente de uma janela aberta, e inspirar profundamente pelo nariz e expirar pela boca, acompanhando o duplo movimento respiratório com dois distintos movimentos dos braços distendidos: — na inspiração, suspendendo-os da cintura à altura dos ombros, aos quais ficarão nivelados; na expiração, suspensando-os, até se unirem, sobre a cabeça, depois abaixando-os, à proporção que o ar for expelido. Não se deve olvidar no entanto que para se obter todos os reais benefícios da ginástica respiratória, ela deve ser tipo abdominal.

OUTRO FATOR NOCIVO

O uso de cintos demasiado justos tem sido uma das causas principais da inflamação respiratória na mulher e, sobretudo, da sua deficiente função respiratória.

O ar puro é o estimulante da respiração. Daí a necessidade de se praticar a ginástica respiratória num sítio mais arejado possível. Na cidade, o ar, por mais puro que pareça, é sempre impuro.

* * *



DESENHOS COMERCIAIS TÉCNICOS E ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE



Toda vez que haja excursões, deve-se aproveitá-las para oxigenar no campo, longe do ambiente citadino, os pulmões que, embora lavados sempre pela ginástica respiratória, necessitam de vez em vez ares puros...

A ginástica respiratória limpa os brônquios, remove o ar confinado nos minúsculos alvéolos e expelle as impurezas. Para os pulmões representa saúde. Não sómente para os pulmões, mas para todo o organismo, pois o oxigênio é levado até o mais recôndito ponto das células. Por isso, respirar bem significa mais saúde, mais beleza, mais juventude, que são o sonho de todas as mulheres...

BARBACENA

QUEM visita a magestosa cidade mineira da Mantiqueira recebe sempre uma impressão cada vez mais agradável, quer pelas incomparáveis belezas naturais de que Barbacena é dotada, quer pelo seu magnífico progresso material e cultural.

Sob a clarividente administração do ilustre Prefeito Dr. J. F. Bias Fortes, a cujo desvelo a formosa cidade mineira deve muito de seu aformoseamento e muito de seu conforto moderno, Barbacena cresce vertiginosamente, desdobrando-se em realizações de toda ordem que a tornam hoje uma das mais completas cidades de nosso Estado.

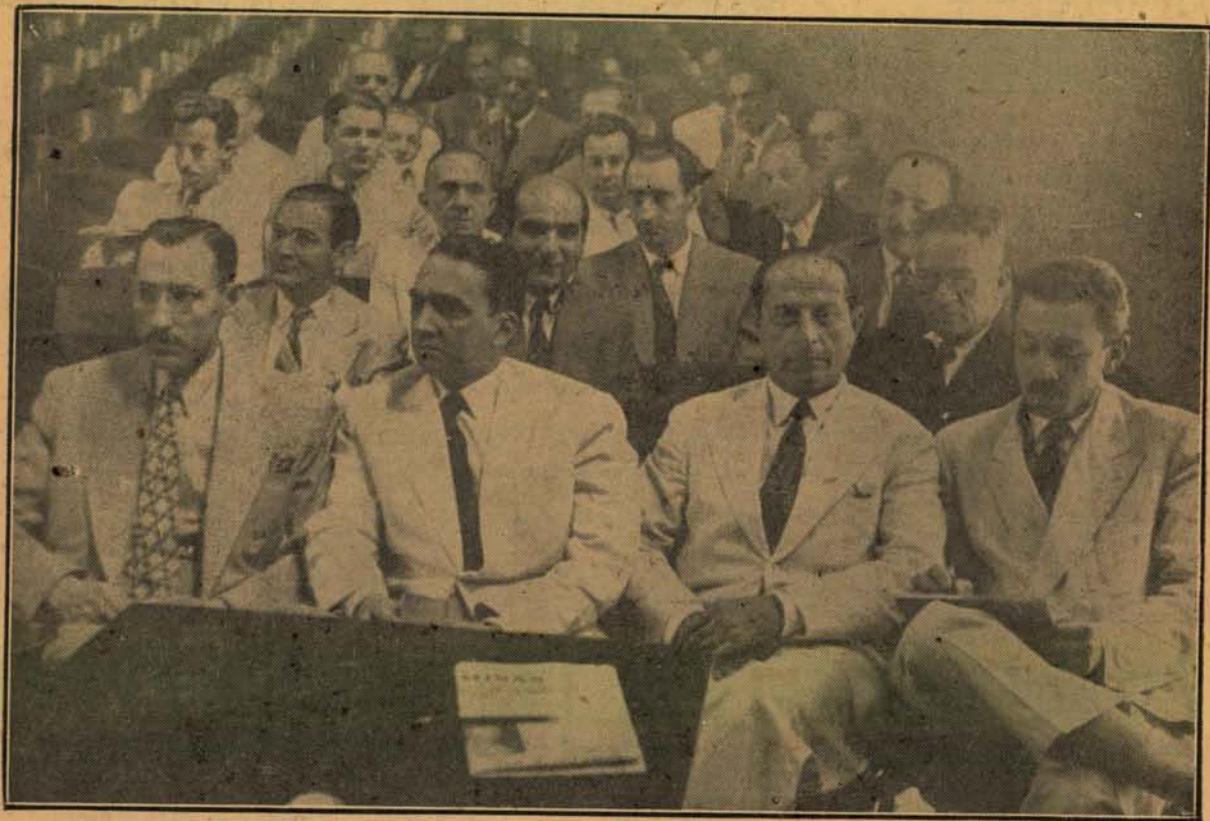
Seu comércio, moderno e variado, apresenta estabelecimentos de primeira ordem, capazes de rivalizar com os mais adiantados da Capital. Seus estabelecimentos de ensino, quer públicos, quer particulares, abrigam milhares de jovens e dão ao Município um índice de cultura poucas vezes igualados em qualquer comuna brasileira. Sua indústria, próspera e progressista, conta com uma grande e variada produção, formando uma apreciável riqueza da cidade. Magníficos jardins e belas praças, ruas bem calçadas e arborizadas, excelentes serviços de água, esgotos e iluminação, e ótimos hotéis e casas de diversões, completam o aparelhamento dessa grande cidade que, hoje, constitui, sem favor, uma esplêndida afirmação da capacidade realizadora de nossa gente.

*

Quanto mais negamos um crime, mais a consciência nos obriga a pensar nêle. — MÁRIO.

MAIS UM GRANDE SORTEIO DAS CONSOLIDADAS

CONTEMPLADA COM 300 MIL CRUZEIROS A APÓLICE
N. 2.125.466 DA SÉRIE "C" — OUTROS PRÊMIOS



Flagrante tirado por ocasião do sorteio

Cr\$ 300.000,00	2.125.466
Cr\$ 50.000,00	2.358.849
Cr\$ 50.000,00	2.914.291

PREMIOS DE CR. 20.000,00
2.021.650 2.272.181 2.393.039

PREMIOS DE CR\$ 10.000,00

2.032.479 2.136.428 2.292.345 2.354.802 2.367.313 2.592.945

PREMIOS DE CR\$ 5.000,00

2.097.252	2.134.624	2.160.361	2.252.519	2.543.109	2.591.914	2.650.370	2.666.417
2.796.163	2.840.735						

PREMIOS DE CR\$ 2.000,00

2.071.214	2.231.309	2.350.276	2.423.854	2.435.223	2.522.101	2.618.483	2.642.366
2.701.087	2.737.328	2.781.302	2.782.669	2.923.236	2.977.295	2.999.416	

PREMIOS DE CR\$ 1.000,00

2.001.949	2.018.170	2.021.316	2.025.997	2.046.330	2.051.851	2.064.234	2.065.488
2.070.250	2.073.044	2.078.513	2.082.453	2.091.040	2.140.740	2.143.185	2.152.127
	2.156.798	2.165.147	2.177.346	2.207.423	2.213.357		
2.215.274	2.243.879	2.273.578	2.283.213	2.290.805	2.305.293	2.305.810	2.305.949
2.321.346	2.331.212	2.334.618	2.365.130	2.370.849	2.373.982	2.376.477	2.411.024
2.418.964	2.423.086	2.438.721	2.447.063	2.452.777	2.458.967	2.460.276	2.464.621
2.464.683	2.466.292	2.486.964	2.488.741	2.490.816	2.536.295	2.538.672	2.545.636
2.565.920	2.573.919	2.576.419	2.597.342	2.613.325	2.625.139	2.634.594	2.643.169
2.671.872	2.694.711	2.698.477	2.727.360	2.730.037	2.730.111	2.740.486	2.742.298
2.745.575	2.752.058	2.755.053	2.762.291	2.769.997	2.782.267	2.783.938	2.792.113
2.796.052	2.803.750	2.804.823	2.811.142	2.816.367	2.853.713	2.862.248	2.871.710
2.880.262	2.896.255	2.903.029	2.903.866	2.904.749	2.912.371	2.941.515	2.941.538
2.944.430	2.952.352	2.980.909	2.987.377	2.992.206	2.993.154	2.999.051	

A Economia
É UM HÁBITO



QUE SE DEVE CULTIVAR DESDE OS PRIMEIROS ANOS

ABRA PARA SEUS FILHOS UMA CADERNETA NA

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649
FONE 2-0151
BELO - HORIZONTE

As grandes virtudes do homem são devidas, geralmente, à educação que ele recebe no lar. É uma das maiores virtudes, pelos benefícios que encerra para o indivíduo e para a coletividade, é, sem dúvida, o sentimento de economia, que torna o homem prudente e o acoberta contra as incertezas da vida. Faça seus filhos praticarem o hábito salutar da economia, desde os mais tenros anos.

RETIRADAS POR MEIO DE CHEQUES • ÓTIMOS JUROS • GARANTIA DO GOVÉRNO DO ESTADO

BRAZÓPOLIS

O PROGRESSISTA MUNICÍPIO MINEIRO



Avenida Coronel Francisco Braz

DOTADO de clima salubrissimo, numa altitude de 800 metros e apresentando agradável aspecto topográfico, Brazópolis prossegue na sua marcha ascensional para brilhante porvir.

A frente de sua administração se encontra o ilustre prefeito dr. Ataliba de Moraes, que há doze

anos vêm orientando com eficiência e equilíbrio admiráveis o destino desse município.

Contando com diversos estabelecimentos bancários, Brazópolis possui, também, como expressivo índice de seu progresso, vinte e sete escolas primárias, municipais e estaduais, sendo dignos de especial registro o Ginásio Brazópolis e a Escola Normal de Economia Doméstica Nossa Senhora da Aparecida, cujos corpos docentes têm revelado comprovada eficiência.

O município, que é servido pela Ribeira Mineira de Viação, da qual possui cinco estações, conta com ótimas vias de comunicações rodoviárias ligando-o a São Paulo, ao Rio e aos municípios circunvizinhos.

O adiantamento industrial de Brazópolis se reflete através de 33 fábricas especializadas em cerâmica, olaria, móveis, aguardente, feculárias, selarias, malas para viagem, ferrarias, etc.

Sua agricultura se desenvolve regularmente e os principais produtos dos municípios são: café, cana de açúcar, fumo, feijão, e batatinhas.

Aliando à salubridade do seu clima e à beleza de suas paisagens uma vida social apreciável, Brazópolis evolui dia a dia, numa eloquente reafirmação do espírito progressista de sua laboriosa população.



Rua Benedito Valadares, vendo-se ao fundo a matriz de Brazópolis.

MADAME ROLAND

(CONCLUSÃO)

contraste aqui, respeita os meus restos. São restos de um homem que morreu como tinha vivido, virtuoso e honesto. Abandonei o meu refúgio no momento em que soube que iam decapitar minha mulher, e não queria mais permanecer numa terra coberta de crimes!"

Era Mr. Roland, o desgraçado marido de Manon-Philippon, que confirmava assim esta frase de sua esposa:

— Meu marido não me sobreviverá.

*

Os girondinos, que formavam um partido poderoso e constituído de homens de talento e de valor, que tanta influência receberam do espírito e do coração de Mme. Roland, subiram o cadafalso cantando a Marseilles. Desapareceram de maneira tão trágica porque foram vítimas da sua própria fé, vítimas, em suma, dessa "espécie de concorrência política", que não perdoa, não tolera, não vacila no caminho da perseguição, da intolerância e do crime. Teria sido talvez porque pregaram em demasia a rebeldia como um dever cívico que, por sua vez, não puderam manter-se no poder, quando foram atacados pelos mesmos princípios por que se

bateram. A espada das revoluções, sempre forjada na tempeira das paixões e da violência, possuía dois gumes. A Gironda, em última análise, era um partido que, como a sua heróica inspiradora, "pensava com o coração". E não estaria ai, entre a Gironda e Mme. Roland, a razão comum da fatalidade que atingiu a ambos?

Ao ser transportada, na carreta, para o lugar do suplício, talvez que por um momento passassem pela mente de Mme. Roland aquelas palavras que ela mesma escrevera, quando, desiludida e farta de tantas misérias:

"As mulheres não foram feitas para participar de todas as ocupações dos homens. Elas devem-se inteiramente às virtudes, aos cuidados domésticos, e não sabem pô-los de lado sem interessar ruinosamente a sua felicidade."

AGRIPINO GRIECO OUVE "ANA MARIA"

O ESCRITOR Agripino Grieco, ilustre ensaísta, e o maior dos nossos críticos literários contemporâneos, dá seu depoimento sobre a maior novela do rádio brasileiro, "ANA MARIA", história de amor e renúncia, de sofrimento e de emoção, retratando a vida de uma pequena cidade provinciana.

Escrevendo no rodapé d'O Jornal do Rio de Janeiro, sobre o rádio, na sexta-feira, 10 de agosto, Agripino Grieco fez sobre ANA MARIA, a novela incomparável, diversas observações, das quais, extraímos os seguintes excertos:

"...a maioria do nosso povo não quer outra coisa além do samba e dos bebês de ANA MARIA".

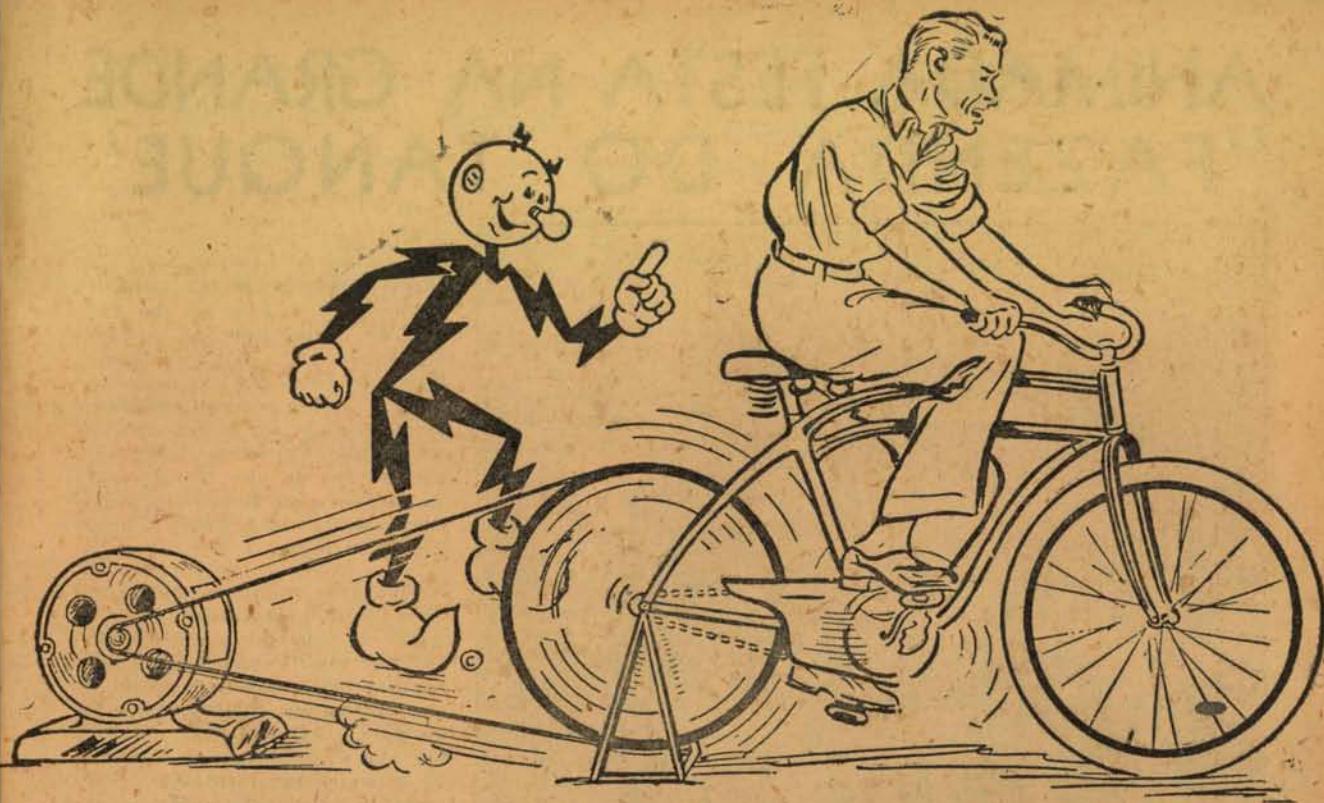
"Impressionante o sucesso da história de ANA MARIA e os seus bebês. Dezenas de noites e êsses diálogos provincianos não fatigam".

"ANA MARIA" é irradiada em Belo Horizonte pela Rádio Guarani, das 17.30 às 17.45 horas, de segunda a sexta-feira.

**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combatte as: Feridas, Espinhas, Manchas, Eczemas, Úlceras, Reumatismos





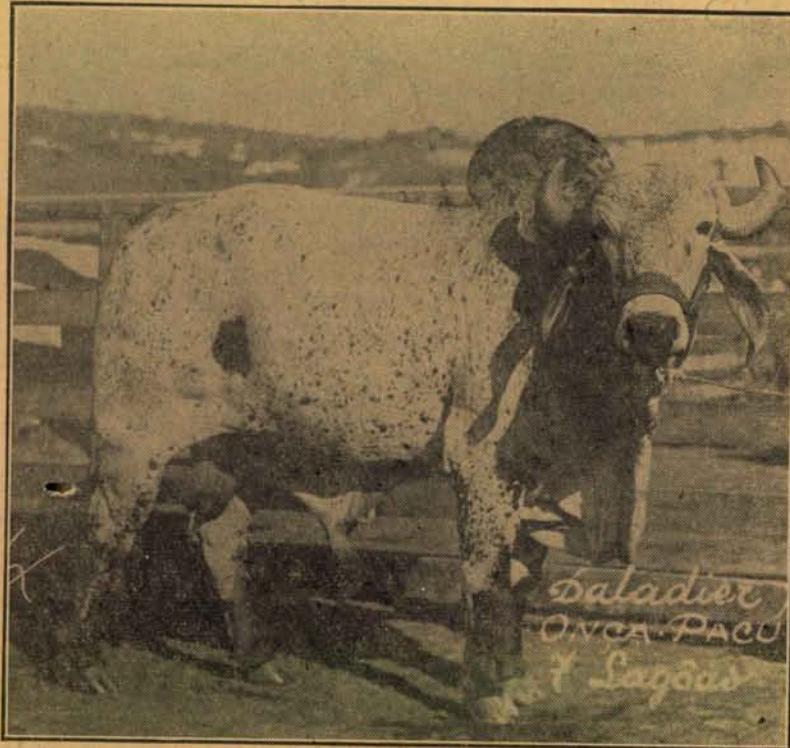
JÁ FEZ ESTA EXPERIÊNCIA?

— A melhor maneira de se dar valor a qualquer coisa, é se tentar fazê-la.

Há vários anos atrás, se construiu uma bicicleta fixa para fazer funcionar um gerador elétrico. De uma feita, 213 pessoas acionaram os pedais da bicicleta até ficarem extenuadas e o seu trabalho conjugado produziu, apenas, $2\frac{1}{2}$ "kilowatts-hora" de electricidade! Não há ser humano que possa produzir um "kilowatt-hora" num dia, com o auxílio de seus músculos! Vê-se, assim, que sou o auxiliar mais barato que se pode obter — diz seu Kilowatt, o criado elétrico.

COMPANHIA FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS
TELEFONE, 2-1200

ANIMADA FESTA NA GRANDE "FAZENDA DO TANQUE"



DALADIER, o famoso reprodutor Gir da Fazenda Onça do Pacú e um dos mais famosos do país, pai do bezerro "Pacú".



CALIBROSA, a campeã absoluta da raça Gir na última Exposição de Curvelo, é a mãe do bezerro "Pacú".

Conselheiro Lafaiete — (Da nossa correspondente Dalmatia Lannes) — A Fazenda do Tanque, de propriedade do adiantado criador sr. William Daniel Boelsuns, viveu um dia movimentado e festivo, com o churrasco oferecido pelo seu proprietário ao sr. Plínio Francisco Rodrigues, por motivo de sua transferência da gerência do Banco de Minas Gerais nesta cidade, para a agência de Formiga.

Figura de relevo nos meios sociais desta cidade, onde soube impor-se pelos seus aprimorados dotes de espírito e coração, o ilustre bancário reune em torno de sua pessoa um vasto círculo de amigos e admiradores, motivo por que a festividade da Fazenda do Tanque transformou-se, como seria de se esperar, num verdadeiro acontecimento social, contando com a presença de grande número de personalidades destacadass dos meios econômicos locais. Entre as figuras de maior relevo que encontramos nesta festividade, para a qual ALTEROSA mereceu um convite especial e esteve representada, pudemos anotar, além do homenageado e do anfitrião, os srs. Eu-
rico Berutti, contador da agência do Banco de Minas Gerais; João Batista de Almeida Moreira e Rmundo dos Santos Carvalho, respectivamente gerente e conta-
do Banco de Crédito Real de Minas Gerais; Antônio Augusto "O Carvalho e Moacir Godinho, respectivamente gerente e conta-
do Banco da Lavoura de Minas Gerais; José Torres de Abreu e Antônio Lobo da Silveira, gerente e contador do Banco Industrial Brasileiro; dr. Caio Leite Guimarães, gerente do Banco Industrial de Minas Gerais; dr. Diógenes, do Banco de Crédito e Comércio de Minas Gerais; José Albino Lana, gerente da Caixa Econômica Federal de Minas Gerais; além de outras expressivas figuras do mundo econômico de Lafaiete e senhoras e senhorinhas da nossa sociedade local.

Dando início ao churrasco, sr. William Daniel Boelsuns, pela Rádio, todos os presentes assentaram em uma segunda a colocada à sombra das árvores frutiferas.

Como transcorreu o divertido churrasco oferecido ao bancário Plínio Francisco Rodrigues, pelo sr. William Daniel Boelsuns, proprietário do adiantado centro selecionador de bovinos das raças Indubrasil e Gir, e equinos da raça Manga-larga — Motivou a homenagem a transferência do gerente do Banco de Minas Gerais para Formiga — Um acontecimento social na aprazível estância de criação em Conselheiro Lafaiete

pomar de sua fazenda. A seguir, foi servido o lauto repasto, constante de churrasco e leitão assada, além de outros saborosos pratos acompanhados de amplo serviço de bebidas finas.

Findo o repasto, usou da palavra o sr. Boelsuns, que pronunciou aplaudida alocução saudando a figura do homenageado e disserendo brilhantemente sobre a honrosa profissão de bancário, pois que ele também já fez parte dessa numerosa classe que engrandece a nossa Pátria. A oração do sr. Boelsuns foi vivamente aplaudida por todos.

Em seguida discursaram outros bancários presentes, falando sobre a figura do anfitrião e do homenageado, inclusive a sra. Diva de Almeida Ramos, funcionária da Caixa Econômica Federal.

Terminando, usou da palavra ainda a representante de ALTEROSA, que apresentou ao homenageado a expressão do apôlio e da simpatia com que esta revista aderia às provas de aprêço à sua pessoa.

Como provedor da festa, atuou o sr. José Torres de Abreu, gerente do Banco Industrial Brasileiro, a cujo bom humor se deve muito do êxito de que se revestiu.

O homenageado agradeceu, em palavras emocionadas, as inequívocas provas de simpatia que lhe foram dispensadas, especialmente parte do sr. William Daniel suns, a quem ele testemunhou a sua admiração pelo dinamismo realizador com que se vem ando, ao serviço do engrandecimento econômico do Estado, seleção de raças bovinas e equinas em sua grande fazenda.

As festividades da Fazenda do Tanque transcorreram, assim, em um ambiente de sadia animação, constituindo, sem dúvida, um acontecimento social de relevo. Pela sua organização e pelo seu vitorioso transcurso, satisfez às expectativas gerais e coroou de pleno êxito o seu objetivo maior que era tributar ao sr. Plínio Francisco Rodrigues, uma justa e homenagem que ele guardará em sua lembrança demonstração do apoio em Conselheiro



CARTA DOS ESTADOS UNIDOS

(CONTINUAÇÃO)

hoje energia intra-atômica controlada, e uma energia descontrolada de nada nos serviria. Só uma energia controlada é que se presta a fins de indústria humana. A bomba atômica representa o primeiro passo real do caminho da energia intra-atômica controlada. Se é possível utilizar esse tremendo potencial energético para obras de destruição em larga escala, certamente é possível também empregá-lo para obras de construção, como o futuro virá provar.

O átomo consta de uma partícula central, chamada **proton**, carregada de eletricidade positiva (+); e de partículas periféricas, chamadas **electrons**, carregadas de eletricidade negativa (-). Os electrons giram com estupenda velocidade, milhões de voltas por segundo, em torno do seu centro, fazendo lembrar sistemas solares em miniatura, onde o sol é representado pelo **proton** e os planetas pelos **electrons**. Há átomos com poucos electrons, e outros com muitos. O átomo mais simples é o do hidrogênio (H), que possui apenas um único **electron** a circundar o **proton**. Átomo muito complexo é o do elemento chamado urânia, com nada menos de 92 electrons. Até agora a ciência só conhecia 92 elementos; mas as descobertas do Dr. Lawrence e de outros acrescentaram a essa lista mais dois novos elementos, até hoje desconhecidos, aos quais puseram os nomes de neptônio (n.º 93) e plutônio (n.º 94). O plutônio revelou-se, ultimamente, como possuindo 94 electrons, sendo, portanto, o elemento mais completo que até hoje conhecemos. Os **electrons** giram em todos os sentidos imagináveis em torno de seu único proton, e isto sem colidirem uns com os outros.

Todo o segredo está em arrancar êsses electrons de seu proton, o que equivale a libertar o estupendo potencial energético encerrado nesse sistema solar ultramicroscópico. O Dr. Lawrence descobriu que o radium atuando sobre o berilo, produz raios especiais, chamados **neutron**, que não possuem eletricidade de espécie alguma, raios neutros, portanto. O raio neutron é extraordinariamente penetrante, excedendo o do radium. Tentou-se empregar êsses raios como projéteis para bombardear e despedaçar os átomos de urânia, e, ultimamente, os átomos do novo elemento plutônio. Por largo tempo foi impossível conseguir a explosão dos átomos por meio de **neutron**, porque a velocidade dos raios **neutron** é tal que passa pelo complexo atômico do urânia e plutônio sem deixar vestígio — "excesso de velocidade". A solução do problema estaria em retardar o movimento natural dos "projéteis" de **neutron**.

Há anos, o célebre cientista judeu-alemão, Dr. Albert Einstein, atualmente na Universidade de Princeton, New Jersey, sugeriu ao Presidente Roosevelt a idéia de nomear uma comissão de especialistas para desvendar, enfim, o segredo íntimo da energia atômica, e desde então dezenas de cientistas americanos estão trabalhando neste sentido.

Os cientistas germânicos estavam realizando trabalhos paralelos. Houve verdadeira "corrida atômica", tremendo certame intelectual e técnico para arrancar à Natureza um dos seus mais preciosos segredos. Praticamente, o problema consiste em retardar a excessiva velocidade dos raios **neutron** afim de os transformar, assim, em projéteis idôneos e próprios para o bombardeio intra-atômico, ou seja

para a desintegração atômica. Por diversos anos, desde o rompimento da última guerra, em 1939, tiveram os cientistas alemães diversos laboratórios na Noruega, nos quais esperavam descobrir o método de retardar a velocidade do **neutron** mediante "água pesada", isto é, água com o duplo de hidrogênio, ou seja H_2O , em vez de H_4O .

Entretanto, não logrou a ciência alemã o seu intento, ainda que, em teoria, seja possível retardar por meio de "água pesada", ou hidrogenada a excessiva velocidade do **neutron**. O Dr. Lawrence substituiu a água hidrogenada por parafina, que também atua como retardante. O resto é segredo profissional.

Mas, o **neutron** produzido pela atuação do radium sobre o berilo não resolvia praticamente o problema da bomba atômica, ainda que esse processo pudesse ser utilizado para fins de laboratório. Era necessário que esse processo de desintegração atômica fosse total, que todos os bilhões de átomos de urânia ou plutônio explodissem instantaneamente e assim lançassem ao espaço todo o potencial das suas energias latentes. E foi esta, afinal, a grande descoberta realizada nos laboratórios da Universidade de Califórnia, em Berkley. Parece que a própria desintegração atômica do urânia ou plutônio produz no mesmo instante enorme potencial de **neutron**, que, por sua vez, completa a explosão dos restantes átomos, libertando assim, totalmente, a energia intra-atômica e produzindo os espantosos fenômenos verificados em Hiroshima, e, posteriormente, também em Nagasaki.

O que, pois, em última análise, causam a tremenda devastação, arrasando, em poucos segundos, cidades inteiras, é a subitânea libertação das energias encerradas no interior de qualquer átomo, no caso presente, átomos de urânia e plutônio, que pelo fato de terem êstes maior número de **electrons** têm maior potencial energético.

Experiências feitas, nos Estados Unidos, com bombas atômicas referem que uma dessas explosões reduziu uma maciça torre de aço, não a destroços nem a pó, como no caso de bombas comuns, mas a gás; quer dizer que, praticamente, aniquilou num instante toneladas de aço, volatilizando-as num instante a fumo subtil — tão enorme é o potencial energético contido nos átomos.

Possivelmente, equivale essa desintegração atômica a uma "desmaterialização" da chamada matéria, substância essa que, provavelmente, não é senão energia concentrada, e não matéria no sentido comum da palavra. Desmaterializar a matéria não quer dizer aniquilá-la, uma vez que nada é aniquilável, mas quer dizer reduzi-la a um estado tão subtil que, praticamente, é para nós inexiste-

A máquina construída pelo Dr. Ernesto Orlando Lawrence, chamada **ciclotron**, destinada a romper o átomo, pesa nada menos de 225 toneladas. O **ciclotron** transforma, por meio de desintegração e reintegração atômica, um elemento em outro. Assim, conseguiu-se transformar platina em irídio, bismuto em polônio e em chumbo. O sonho dos alquimistas medievais, que procuravam fazer ouro artificial ou sintético, tinha um fundo real, mas tentavam realizar por artes mágicas, o que só é possível pela magia da ciência. E' fora de dúvida que estamos em vésperas de uma completa desvalorização dos elementos chamados preciosos como o ouro, a prata, a platina, etc., uma vez que, pela desintegração atômica é possível produzir ar-

(Conclui na página 142)

EMPRÉSTIMO MINEIRO DE CONSOLIDAÇÃO

PAGOS, NA SECRETARIA DE FINANÇAS, OS 300 MIL CRUZEIROS DA APÓLICE PREMIADA, N.º 2.125.466, DO SORTEIO DE AGOSTO



Flagrante do ato da entrega do prêmio na Secretaria de Finanças

REALIZOU-SE, em setembro último, na sala onde funciona o Departamento da Despesa Variável, da Secretaria de Finanças, o pagamento da apólice n.º 2.125.466, da Série C do Empréstimo Mineiro de Consolidação que, no sorteio realizado a 31 de agosto último, foi premiada com a importância de 300 mil cruzeiros.

O Empréstimo Mineiro de Consolidação, instituído pelo governo de Minas, caracteriza-se pela eficiência com que vem cumprindo as suas obrigações, conquistando, portanto, de maneira inequívoca, a confiança pública. Timbrando pela pontualidade na satisfação dos seus compromissos a Secretaria das Finanças, dirigida sob a reconhecida capacidade do dr. Edison Alvarés da Silva, atesta, praticamente o equilíbrio econômico do Estado, criando para as Consolidadas, um sólido prestígio que se reflete nas suas cotações. E justamente o prestígio de que gozam essas apólices em todas as camadas sociais é um índice precioso do seu valor inconteste. Composto de 3 séries cada uma com 2 sorteios anuais, conferindo um prêmio maior de Cr\$ 1.000.000,00 o Empréstimo Mineiro de Consolidação proporciona um lícito enriquecimento, sem jogo e especulações.

A APÓLICE PREMIADA PERTENCE AO BANCO BELO HORIZONTE S. A.

A apólice premiada pertence ao Banco Belo Horizonte S. A., conceituado estabelecimento de crédito desta Capital.

tal, com sede à rua Goiás. Este Banco possui numerosas apólices de diferentes séries, concorrendo sempre aos prêmios estipulados no grande sorteio.

O PAGAMENTO

A solenidade do pagamento da apólice premiada no sorteio de agosto último foi assistida por inúmeras pessoas, entre as quais destacamos o dr. Geraldo Maximiano, chefe do gabinete do Secretário das Finanças; dr. José Madureira Horta, superintendente do Departamento da Contabilidade; Benedito Tertuliano, Chefe da 1.ª Secção do Departamento da Despesa Variável e que representou, no ato, o sr. Francisco Martins, superintendente do Departamento da Despesa Variável, além de autoridades e representantes da imprensa desta Capital.

O pagamento da apólice foi efetuado pelo sr. Benedito Tertuliano ao sr. Rómulo Leonel Seta, contador do Banco Belo Horizonte, a cujas mãos foi passado o cheque n.º 010014, da Secretaria das Finanças contra o Banco da Lavoura S. A.

Logo após a solenidade, de que estampamos acima um flagrante, vendo-se o representante do Banco Belo Horizonte no momento em que assinava o recibo do pagamento da apólice premiada, os presentes felicitaram o beneficiário, bem como os representantes da Secretaria das Finanças.

★ SOCIAIS ★



Ele

BRILHA SEMPRE ! ***

Nos esportes, na vida social, no trabalho ou em casa, ele **brilha sempre**. E dá provas de sobejó bom gosto pois completa seu apuro usando Brylcreem que torna os cabelos sadios e juvenis e os mantém sempre penteados. Brylcreem dá brilho, fixa sem emplastar, permite repenteear, tonifica a raiz do cabelo, evitando a caspa e a queda do cabelo. É produto científico e positivo. Sua colocação nos barbeiros de 1.º e suas 5 embalagens diferentes, põem-no ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



Sr. Vitrúvio Magalhães e exma esposa
d. Isaura Esteves, da sociedade de Corumbá

*

ATÉ NA ESTRATOSFERA

UM novo instrumento descoberto pela ciência permitirá, dentro em breve, voar na estratosfera sem o aparélio de oxigênio nem vestimentas especiais. Trata-se de um instrumento capaz de manter a pressão de ar uniforme no interior do avião a uma altitude de 40 mil pés. O aparélio é posto em ação pelos motores do avião e fornece o volume de ar necessário, mantendo ao mesmo tempo a ventilação, e regulando automaticamente a pressão do ar. Destina-se aos grandes aviões de passageiros que voltarão a realizar viagens brevemente, com todos os aperfeiçoamentos que a indústria bélica monopolizou nestes últimos anos.

>>> **EMULSÃO DE SCOTT**



Fortifica, nutre e
revigora. A maneira mais fácil
e segura de fortalecer o óleo de figado de
bacalhau.

SEMPRE houve, há e haverá, entre intelectuais, esses comentários humorísticos e algo maldosos, que o povo sempre fértil em comparações e "blagues", cognomina de "veneno". A geração passada teve os seus envenenadores espirituais e espirituosos. A atual os possui e parece que em maior número... E, assim, as gerações subsequentes os possuirão em número crescente, allás obedecendo à evolução natural das coisas...

Mas, como estávamos dizendo... o "veneno" era uma realidade na época passada, e se disseminava, com mais força destrutiva, entre os "medalhões", para usarmos uma linguagem de cronistas de "foot-ball"...

Estava o grande e gordo Emílio de Menezes ouvindo a notícia da enfermidade de um colega de jornal, mal considerado pela sua conduta leviana e em virtude de acontecimentos que haviam provocado escândalo.

— Sabem? — dizia o Guimarães Passos, que sempre vivia agarrado ao Emílio e ao Bilac — fulano está mal. Não há, mesmo, esperanças de salvação...

— E que tem êle? — indaga, displicente, o nosso grande Bilac, que naturalmente estava compondo um daqueles poemas de tercetos infernais...

Foi aí que o Emílio expeliu o "veneno" mortal. Simulando surpresa, olhou ainda Bilac e retrucou:

— Você ainda pergunta o que tem êle? Só pode ser febre... fe-

*

★ SOCIAIS ★



ROGÉRIO AUGUSTO, filho do casal D. Leonice Pereira Perez e Sr. Maximino Perez, residente em Belo Horizonte.

EMILIANAS JOÃO SERRANO

bre de mal caráter, homem! Só febre de mal caráter, aposto!...

*

NUMA outra roda de intelectuais — essa agora de "críticos" — alguém dizia, definindo a crítica de José Veríssimo:

— O José Veríssimo trata os novos com tanta má vontade!

O Emílio de Menezes, que estava na roda, envenenou:

— Ora, então vocês não sabem que o José Veríssimo é um crítico que rouba no peso?

*

DIZEM que o brilhante poeta Luís Murat era bastante valioso da sua elegância: capricha-

va no penteado, escovava de hora em hora a roupa, e os sapatos que usava tinham que estar alumianados... Mas — sempre esse "mas" — perturbando a vida de um homem — quando os cabelos brancos surgiram, Luis Murat passou a pintar os bigodes, que eram ouriçados. Ora, por esse tempo, irrompeu, no Rio, a praga dos cartões postais, que eram espalhados para colher autógrafos.

E foi num desses cartões-postais, onde se via o auto retrato de Rubens, que Emílio de Menezes escreveu assim: Rubens pintou o próprio retrato. Que é que tem que a gente também se pinte?"

E assinou no retrato: "Luis Murat". Perceberam bem a ironia do Emílio? Ora, por certo.

Hoje, pode não ter muita graça, mas naquela época o Luis devia ter achado muita graça mesmo...



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Alterosa

Publicação mensal da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

*

Dir.-gerente: MIRANDA E CASTRO
Dir.-redator-chefe: MÁRIO MATOS

*

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 —
Fone 2-0652 — Caixa Postal, 279 —
End. Teleg.: ALTEROSA — BELO
HORIZONTE — Est. de Minas Gerais

*

VENDA AVULSA EM TODO O BRASIL
Número comum . . . Cr \$3,00
Número especial . . . Cr \$5,00
NÚMERO ATRAZADO: MAIS Cr\$ 1,00

Os números especiais são editados
em agosto e dezembro, comemorando,
respectivamente, o aniversário da re-
vista e o Natal.

*

ASSINATURAS

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . .	Cr \$20,00
1 ano (12 números) . . .	Cr \$40,00
2 anos (24 números) . . .	Cr \$70,00

*

SUCURSAL NO RIO — Diretor: Nelson de Castro — Rua Visconde de Santa Izabel, 515 — Fone 38-5684

*

PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO
Empresa Editora Publicidade Ltda.
Rio: Av. Presidente Wilson, 198 - 3.º
andar — Telefone 42-9264.

São Paulo: Rua Libero Badaró, 488
— 7.º andar. Direção de Nelson
da Cunha Melo

*

SECRETÁRIO-FUNDADOR: Teódulo
Pereira.

SECRETÁRIO: Jorge Azevedo.

COLABORAÇÃO: Alberto Renart, Alphonso de Guimaraens Filho, Adelmar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, A. J. Hermenegildo Filho, Antônio Silveira, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Bahia de Vasconcelos, Benedito Merlin, Bastos Portela, Cláudio de Sousa, Carlos Maranhão, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edgardo Resende, Edmundo Costa, Edison Pinheiro, Evágrio Rodrigues, Francisco Armond, Geraldo Dutra de Moraes, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira, J. M. de Andrade Sobrinho, Luis de Bessa, Luis Otávio, Luis Horta Lisboa, Luis de Paula Lopes, Lourdes G. Silva, Malba Tahan, Maria Antônia Sampaião, Maria Emilia C. Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Muriel Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Oscar Mendes, Olga Obry, Paulo Dantas, Pedro Ribeiro da França, Paulo Peregrino, Roberto Gil, Raul de Azevedo, Vanderlei Vilela e Wilson Pereira Barbosa.

FOTOGRAFIA — Amavel Costa, Francisco Martins e Stúdio Constantino. IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brener Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araujo.

DESENHOS — Alberto Lima, Antônio Rocha, Érico, Fábio Borges, Moura e Rodolfo.

*

INSPECTORES — A serviço desta revista percorrem presentemente os municípios mineiros as srtas. Elza Lannes, Dalmatine Lannes e Zuleica Campos Couto.

*

A redação não envolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, aínda que não tenham sido publicados.

*

"COCK-TAIL" A' IMPRENSA



Flagrante durante o "cock-tail" oferecido pela ARCESP à imprensa e rádio

AS comemorações do "Dia do Viajante", nesta Capital, escolhida pela

"Arcessp" para centro de concentração da numerosa classe, revestir-se-ão, por certo, de grande brilho. Numerosas caravanas do Rio, São Paulo e do interior do Estado, virão tomar parte do magnífico programa de festas e estudar os mais diversos problemas relacionados com o interesse da classe e que estejam à espera de solução.

A comissão organizadora dos festejos está sob a direção do sr. Ramon Taboada, delegado e procurador geral em Minas da Associação Brasileira de Viajantes e Representantes Comerciais, e figura conceituada nos meios comerciais e sociais da cidade.

Homenageando a imprensa e o rádio da Capital, o sr. Ramon Taboada ofereceu em setembro último, no 5.º andar do Edifício Lutécia, um "cock-tail", a que compareceram vários jornalistas e figuras representativas da conceituada associação promotora das festividades.

* * *

★ PENSAMENTOS ★

Quanto mais conheço os homens,
mais estimo os animais. — A. HER-
CULANO.

*

O instinto na mulher equivale à
perspicácia nos grandes homens. —
BALZAC.

A sociedade é composta de duas classes: os que têm mais jantares do que apetite e os que têm mais apetite do que jantares. — CHAMFORT.

E' affligrir-se duas vezes affligrir-se
antes do tempo. — BOSSUET.

CARTA DOS ESTADOS UNIDOS

(CONCLUSÃO)

pela desintegração atômica é pos-
sível produzir artificialmente
qualquer elemento. Que será do
lastro-ouro que serve de padrão
a riqueza das nações?

O Dr. R. J. Oppenheimer, da
Universidade de Califórnia, um
dos construtores da primeira
bomba atômica, é de parecer que
o segredo da mesma, em breve,
deixará de ser segredo. Se o re-
cém-nascido bebé, diz ele, foi en-
tregue aos primeiros cuidados de
cientistas americanos, nem por
isto deixará a utilização da ener-
gia intra-atômica de ser, em bre-
ve, bem comum da indústria hu-
mana.

Da "Indústria", como esperamos, e não apenas das operações
belicás. Mas, se a humanidade es-
tiver disposta a abusar em larga
escala desse invento, será facil
destruir-se a si mesma em breve
espaço de tempo.

Nunca foi tão imperioso como
hoje o triunfo do espírito de Cristo,
proclamando a hegemonia be-
nífica do espírito sobre o despo-
tismo malefício da inteligência
humana divorciada do espírito de
Deus. A inteligência emancipada
do espírito é algo profundamen-
te luciferino e satânico. Não se-
ria justo sustar o surto da intel-
ligência humana, e querer cercear
os estupendos progressos da té-
cnica — mais é indispensável in-
crementar paralelamente o do-
mínio do espírito, porque, afinal
de contas, o que nos torna bons
e felizes não são as conquistas da
inteligência, mas, sim, os triun-
fos do espírito.

Se a inteligência luciferina pro-
cura destruir a humanidade, o es-
pírito divino tem de preservá-la
desse catástrofe.

Universidade de California (San
Francisco), agosto de 1945.

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



Um sorriso saudável é o resultado da saúde geral do organismo. Um creme dental de Kolynos na escova proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bactérias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausência de água na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro.

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica, tinhos centímetro de Kolynos na escova ge todos os recantos da boca as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.



ILUMINE seu sorriso
usando o CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ª feiras
às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos*.



DISTINÇÃO..
CONFORTO..

NUMA CAMISA BEM FEITA

Uma camisa bem feita é de fato um complemento incispensável à sobriedade de um traje masculino. As camisas da GUANABARA lhe proporcionam o máximo de distinção e conforto, nos mais modernos modelos. Sempre, aos preços mais razoáveis.

Lembre-se de que, com um cartão de crédito da GUANABARA, cante-se toda a família.

Guanabara

Pavares Ltd